

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)

CÉLIA TAMARA COELHO

**O SUJEITO IDOSO: A (RES)SIGNIFICAÇÃO DE POSICIONAMENTOS
SOBRE O ENVELHECIMENTO, A SEXUALIDADE E A MORTE SOB
UMA ÓTICA BAKHTINIANA**

MARINGÁ

2021

CÉLIA TAMARA COELHO

**O SUJEITO IDOSO: A (RES)SIGNIFICAÇÃO DE POSICIONAMENTOS
SOBRE O ENVELHECIMENTO, A SEXUALIDADE E A MORTE SOB
UMA ÓTICA BAKHTINIANA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo.

MARINGÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C672s	Coêlho, Célia Tamara O sujeito idoso : a (res)significação de posicionamentos sobre o envelhecimento, a sexualidade e a morte sob uma ótica bakhtiniana / Célia Tamara Coêlho. -- Maringá, PR, 2021. 263 f.: il. color., figs., tabs. Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021. 1. Sujeito idoso. 2. Sujeito bakhtiniano. 3. Mangá. 4. Cronotopo. I. Romualdo, Edson Carlos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. CDD 23.ed. 400
-------	---

CÉLIA TÂMARA COELHO

O SUJEITO IDOSO: A (RES)SIGNIFICAÇÃO DE POSICIONAMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO, A SEXUALIDADE E A MORTE SOB UMA ÓTICA BAKHTINIANA.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em **29 de abril de 2021**.

BANCA EXAMINADORA

Maringá, **29 de abril de 2021**.



Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Presidente da Banca – Orientador (UEM-PLE)



Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de
Oliveira
Membro do Corpo Docente (UEM-PLE)



Prof. Dr. Flávia Zanutto
Membro do Corpo Docente (UEM)



Prof. Dr. Adriana Delmira Mendes Polato
Membro Convidado (UNESPAR-Campo Mourão-
PR)



Profª Dra Juliana da Silveira
Membro Convidado (UNISUL-Palhoças-SC)

Dedico a tese aos meus pais, ao
meu irmão, e aos meus alunos
presentes de Deus na minha vida.

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr Edson Carlos Romualdo, por ter me guiado pelos caminhos sinuosos da pesquisa, por ter acreditado no meu trabalho e pela oportunidade de conviver com uma pessoa que nos ensina a lutar contra os obstáculos do caminho e, sobretudo, pela dedicação incansável durante todo esse percurso.

Aos professores Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira e Dra. Cláudia Valéria Doná Hila pelas contribuições realizadas durante a minha qualificação.

Aos membros da banca de defesa pelos aportes e questionamentos imprescindíveis para a realização desta pesquisa. Professores Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira, Dra. Flávia Zanutto, Dra. Adriana Delmira Mendes Polato e Dra. Juliana da Silveira.

Aos amigos e amigas que me acompanharam nessas horas de luta e superação de obstáculos.

Aos professores do PLE que contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

À Universidade da Terceira Idade (UNATI-UEM) que me acolheu no momento de realização da minha pesquisa.

Aos meus alunos que se dispuseram a participar do curso de leitura dos mangás e me proporcionaram momentos inesquecíveis que marcaram para sempre a minha vida.

“Tudo posso naquele que me fortalece...”

(FILIPENSES, 4:13)

COELHO, Célia Tamara. **O SUJEITO IDOSO: A (RES)SIGNIFICAÇÃO DE POSICIONAMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO, A SEXUALIDADE E A MORTE SOB UMA ÓTICA BAKHTINIANA**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

RESUMO

A visão da sociedade atual sobre a velhice aponta para duas direções contraditórias, pois ao mesmo tempo que potencializa a longevidade, vendendo o sonho do não-envelhecimento, atribui ao idoso as ideias de cristalização de posicionamentos e de inaptidão para assumir papéis sociais de um sujeito ativo em vários âmbitos. Essa dualidade nos levou a voltar nosso olhar para o sujeito da terceira idade e definir como objetivo geral de nossa pesquisa analisar como o idoso, enquanto sujeito dialógico, que interage ativamente na construção de sua identidade linguístico-discursiva, pode ressignificar seus posicionamentos ideológico e axiológico a respeito de três temáticas que lhe são caras: o envelhecimento, a sexualidade e a morte. Para tanto, realizamos um curso de leitura de mangás na UNATI – Universidade da Terceira Idade, campus UEM, no qual os alunos puderam experienciar as ideologias presentes nas narrativas dos mangás lidos e estar em contato com as peculiaridades dos temas da pesquisa. O *corpus* de análise constitui-se das falas dos idosos obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas em três momentos distintos: antes, durante e após o curso de leitura dos mangás. A pesquisa, de base metodológica qualitativa, fundamenta-se nos pressupostos teóricos bakhtinianos, principalmente sobre o sujeito, propondo para a compreensão deste conceito a noção de cronotopo. A análise das falas dos idosos demonstra a movência do sujeito em relação às temáticas abordadas, quando em relação com o outro bakhtiniano (principalmente o mangá, o colega de curso e o professor), ressignificando total e/ou parcialmente seus posicionamentos; porém há um número menor de casos em que não observamos nenhuma ressignificação. Verificamos também que o cronotopo exerce função identitária do sujeito idoso, uma vez que possibilita a ele posicionar-se em um tempo-espço linguístico-discursivo, conferindo-lhe responsividade/responsabilidade não somente pelo que diz, mas também como diz.

Palavras-chave: sujeito idoso; sujeito bakhtiniano; mangá; cronotopo.

COELHO, Célia Tamara. **THE ELDERLY SUBJECT: THE (RE)SIGNIFICATION OF POSITIONINGS ON AGING, SEXUALITY, AND DEATH THROUGH A BAKHTINIAN OPTIC.** 2021. Thesis (Doctorate in Language Arts) – State University of Maringá, Maringá, 2021.

ABSTRACT

Society's current view on old age points towards two contradicting directions, because at the same time it potentializes longevity, selling the dream of not aging, it attributes the elderly with ideas of positionings frozen in time and ineptitude to take on the social roles of an active subject on various fronts. This duality led us to look at the elderly subject and define analyzing the elderly while a dialogical subject who actively interacts with the building of their linguistic and discursive identity, can resignify their ideological and axiological thinking about three themes that are close to them – aging, sexuality, and death – as our research's general goal. To achieve that, we offered a manga reading course at UNATI – University Open to Senior Citizens, UEM campus, in which the students were able to experience the ideologies present in the read mangas' narratives and get into contact with the peculiarities of the research's theme. The analysis corpus is the elderly's speech gathered through semi-structured interviews done at three different moments in time: before, during, and after the manga reading course. The research, based on a qualitative methodology, is supported by Bakhtin's theoretical assumptions, especially about the subject, proposing the notion of chronotope to understand this concept. The analysis of the elderly's speech demonstrates the subject's mobility regarding the themes we approached, when related to the Bakhtinian other (especially the manga, the course colleague, and the teacher), totally and/or partially resignifying their positionings; however, there is a smaller number of cases where we did not observe any resignification. We also verified that the chronotope has an identifying function for the elderly subject since it allows them to position themselves in a linguistic and discursive space-time, conceding them responsiveness/responsibility not only for what they say but how they say it.

Keywords: elderly subject; Bakhtinian subject; manga; chronotope.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Loveless.....	50
FIGURA 2: LevelE.....	51
FIGURA 3: Feridas.....	52
FIGURA 4: Chobits.....	53
FIGURA 5: Dawn.....	54
FIGURA 6: Zetsuen no Tempest (Tempestade)	55
FIGURA 7: Made in Heaven.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cronograma dos conteúdos de leitura dos mangás	42
Quadro 2: Categorias de análise.....	67
Quadro 3: Síntese dos componentes iniciais da teoria bakhtiniana.....	82
Quadro 4: Resumo dos componentes iniciais do sujeito dialógico.....	102
Quadro 5: Caracterização dos aspectos axiológicos e do ato responsável	130
Quadro 6: Tipos de cronotopo.....	137
Quadro 7: Visão bakhtiniana de cronotopo.....	143
Quadro 8: Conhecimento prévio sobre os mangás.....	145
Quadro 9: Escolha dos mangás.....	156
Quadro 10: Concepções de envelhecimento antes da leitura dos mangás.....	167
Quadro 11: Síntese das concepções de envelhecimento antes da leitura dos mangás.....	171
Quadro 12: Visões sobre a sexualidade antes da leitura dos mangás.....	172
Quadro 13: Síntese das concepções sobre a sexualidade antes da leitura dos mangás.....	176
Quadro 14: Concepções sobre a morte antes da leitura dos mangás.....	177
Quadro 15: Síntese das concepções sobre a morte antes da leitura dos mangás	179
Quadro 16: Concepções sobre o conceito de ideologia.....	181
Quadro 17: Assuntos abordados no mangá Loveless.....	185
Quadro 18: Assuntos abordados no mangá Chobits.....	191
Quadro 19: Assuntos abordados no mangá Feridas.....	195
Quadro 20: Assuntos abordados no mangá Made in Heaven.....	199

Quadro 21: Assuntos abordados no mangá Dawn.....	203
Quadro 22: Ideologias identificadas nos personagens do mangá Loveless.....	208
Quadro 23: : Ideologias identificadas nos personagens do mangá Dawn.....	212
Quadro 24: : Ideologias identificadas nos personagens do mangá Chobits.....	214
Quadro 25: : Ideologias identificadas nos personagens do mangá Made in Heaven.....	216
Quadro 26: Ideologias identificadas nos personagens do mangá Feridas.....	219
Quadro 27: Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Loveless.....	222
Quadro 28: Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Chobits.....	224
Quadro 29: Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Made in Heaven.....	226
Quadro 30: Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Feridas.....	228
Quadro 31: Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Dawn.....	230
Quadro 32: Discussões sobre os temas envelhecimento, sexualidade e morte durante a leitura dos mangás.....	233
Quadro 33: Síntese das percepções dos sujeitos idosos em relação às temáticas – envelhecimento, sexualidade e morte - durante a leitura dos mangás.....	239
Quadro 34: Discussões sobre o tema sexualidade após a leitura dos mangás.....	244
Quadro 35: Concepções sobre a sexualidade após o curso de leitura.....	247
Quadro 36: Discussões sobre o tema envelhecimento após a leitura dos.....	248
Quadro 37: Concepções sobre a envelhecimento após o curso de leitura.....	250
Quadro 38: Discussões sobre o tema morte após a leitura dos mangás.....	252
Quadro 39: Concepções sobre a morte após o curso de leitura.....	255

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PLE – Programa de Pós graduação da Universidade Estadual de Maringá
HQ – História em Quadrinhos
COSPLAY – Costume Play
ONU – Organização das Nações Unidas
UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UNESCO- Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Aspectos metodológicos.....	25
1.1 Apresentação do tipo de pesquisa.....	25
1.2 O contexto da pesquisa: a UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade.....	30
1.2.1 O locus da Pesquisa: a UNATI da UEM.....	34
1.2.2 Os sujeitos da pesquisa.....	34
1.3 Os instrumentos da pesquisa.....	38
1.3.1 O curso de leitura dos mangás.....	39
1.3.1.1 O material de leitura do curso: o mangá.....	44
1.4 As entrevistas semiestruturadas.....	57
1.5 Categorias de análise.....	65
1.6 Desafios da Pesquisa.....	68
2. O sujeito pelo viés da teoria bakhtiniana da linguagem: uma nova proposta arquitetônica.....	71
2.1 Reflexões preliminares para a constituição do sujeito dialógico.....	71
2.2 O sujeito dialógico.....	84
2.2.1 O sujeito dialógico visto em uma perspectiva axiológica e responsável do ato.....	105
2.2.2 Uma (re)organização do sujeito bakhtiniano pelo viés do cronotopo.....	133
3. O sujeito idoso e a (res)significação de posicionamentos	144
3.1 Momento I: discussões preliminares.....	144
3.2 Momento II: as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte durante o curso de leitura dos mangás.....	183
3.3 Momento III: o (res)significar do sujeito pós leitura dos mangás.....	243
Considerações Finais.....	257
Referências.....	259

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vincula-se à elaboração da tese de doutorado do curso de Letras, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob a orientação do Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo. Salientamos, também, que a nossa participação no projeto interinstitucional de pesquisa “Gêneros discursivos, material didático e novas tecnologias” (Processo n. 4410/2016), sob a coordenação do referido professor, desde o ano de 2016, nos auxiliou a tecer o movimento de análise da constituição ideológica do sujeito idoso a partir da visão do sujeito dialógico bakhtiniano.

A atual configuração da pirâmide etária brasileira evidencia o aumento progressivo da população idosa, seja pela redução da taxa de fecundidade, seja pelo aumento da longevidade (SANTOS, 2002). Diante desse fato, tanto no meio acadêmico, quanto no meio social e governamental, essa parcela da população brasileira passou a receber mais estudos e políticas públicas que buscam compreender a gerontologia e os aspectos biopsicossociais relacionados a esse grupo. Assim, o sujeito idoso passa a ser alvo de pesquisas que focam em questões como qualidade de vida, sua percepção por si mesmo e pela sociedade, problemáticas relacionadas ao estereótipo de ser velho (ARANHA, 2003). A preocupação com a longevidade acaba, também, por se constituir em componente de estudo, tendo por base o desenvolvimento de ações que impactem na maneira como vemos e agimos com os idosos, levando-nos a refletir sobre como gostaríamos de envelhecer.

Guerra & Caldas (2010) salientam que as diversas facetas do ser velho, na sociedade capitalista, implicam impactos na vida cotidiana tanto a curto, médio como a longo prazo. Considerar o idoso como um inconveniente, como muitas vezes é apresentado nos meios de comunicação, reforça, ainda mais, esse imaginário ideológico disponível e de certa maneira legitimado. As representações sociais sobre a pessoa idosa revelam um tipo de realidade apoiada em padrões de condutas e de pensamentos reconhecidos como verdades organizadas em um espaço-tempo fundamentadas por sistemas de interpretações capazes de (re)criar, (re)transmitir e (re)apresentar os fenômenos tidos como verdades, contribuindo para o estabelecimento de uma realidade acerca do envelhecer.

A problemática do envelhecimento embasa-se em contextos sociais, culturais e históricos, os quais consideram o sujeito idoso pelo viés do preconceito e do

desmerecimento, uma vez que o desqualificam ao caracterizá-lo com adjetivos como “decadente”, “dependente” e “descartável”. O envelhecer fica condicionado ao olhar do outro, expresso pelas formas ideológicas preconcebidas que acabam por influenciar como construímos a nossa visão deste processo natural da vida.

O panorama negativo amplo reverbera em aspectos inerentes ao viver, norteados os princípios sobre ser velho, sobre a morte, bem como a maneira de encarar os assuntos próprios às temáticas referentes ao amor e a sexualidade desta faixa etária. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, no que tange a propiciar qualidade de vida ao idoso, os países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, conforme Moragas (1997), não possuem um sistema previdenciário e de saúde eficazes para atender a essa parcela da população. Todos estes aspectos contribuem para aflorar um juízo de valor aversivo ao velho, que valoriza a beleza e a fugacidade da juventude.

A imagem construída da velhice, segundo Pascual (2002), ao mesmo tempo que potencializa a longevidade por vender o sonho do não-envelhecer, coloca o idoso como inapto a assumir papéis sociais de um sujeito ativo, encarcerando-o a visões de assexualidade, debilidade e final de ciclo, cuja única opção é a morte.

Estas considerações sobre o sujeito da terceira idade nos levaram a questionar se seria possível observar a movência do sujeito, a ressignificação de seus posicionamentos ideológico e axiológico a respeito de determinadas temáticas que lhe são caras, que os cercam e os determinam socialmente, tais como o envelhecimento, a sexualidade, a morte e seus desdobramentos. Mas como observar o sujeito da terceira idade em diálogo (no sentido bakhtiniano) com o outro, com distintos posicionamentos a respeito de tais temáticas? Pareceu-nos que uma pesquisa desta natureza deveria ser feita em um ambiente controlado, onde pudéssemos gerar dados concretos para estudo, por exemplo em um curso que propiciasse a discussão desses temas.

Desta forma, propomos um curso para a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), localizada no Campus da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os idosos inscritos foram instigados a lerem diversos mangás, com a finalidade de que pudéssemos verificar como as ideologias presentes nas narrativas poderiam ressignificar este sujeito.

A opção pelo mangá como objeto de mediação simbólica originou-se do nosso contato inicial com este gênero quando efetuamos um levantamento das suas características históricas e ideológicas para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tal estudo possibilitou-nos

considerar essas narrativas como um fenômeno de massa que aborda assuntos que se relacionam com o existir humano de uma maneira peculiar, na medida em que diferentemente das histórias em quadrinhos ocidentais, suas personagens seguem o fluxo natural da vida: nascem, crescem, envelhecem e morrem. Esse fato, a nosso ver, permite ao público idoso identificar-se mais com as personagens, já que podem projetar-se em situações verossímeis da sua vida cotidiana a partir da leitura do texto. Outro motivo refere-se à possibilidade de os idosos poderem posicionarem-se diante das ideologias advindas dessas narrativas, desafiando-os a superarem o conformismo diante das dificuldades impostas pela sociedade, no que tange a ser idoso no mundo, e atuarem participativamente na construção da sua identidade dialógica atravessada pelas vozes sociais que compõem suas falas, revelando as posições linguísticas-discursivas que adotam diante dos assuntos abordados.

Para nós, a parte inteligível e sensível agregada ao significado presente nas narrativas dos mangás acabaria por redirecionar a maneira como os sujeitos idosos relacionam-se com esse tipo de texto, uma vez que não poderiam, simplesmente, lerem o óbvio. Ao repaginarem suas formas de interpretação das ideologias dispersas nos mangás, os idosos entenderiam como o seu funcionamento encontra-se diluído nas situações, na cenografia, nas falas e nas vestimentas das personagens, nas onomatopeias, nas sarjetas, ou seja, nos elementos composicionais e estruturais verbais e não-verbais desse tipo de texto. Além disto, há o fato de que a sociedade japonesa posiciona-se de forma distinta às ideologias presentes na mentalidade ocidental, no que se refere às concepções sobre o papel social dos idosos, bem como em relação à sexualidade e à morte nesta faixa etária. Ao posicionar-se de forma contrária a ideia de decadência sugerida e aceita na vertente ocidentalizada, a vertente oriental, por sua vez, possibilitaria a esse sujeito ressignificar-se pelo fato de atribuir-lhe uma posição de pessoas sábias, atuantes em seus contextos sociais, capazes de superarem as adversidades da idade e sexualmente ativas. Tudo isso é retratado nas histórias do mangá de uma maneira a propiciar uma alternativa aos modelos de representação da terceira idade vigente no nosso entorno.

Dessas considerações e questionamentos nasceu nossa tese de que é possível ao sujeito da terceira idade, apesar dos estereótipos sociais que fazem parte da constituição do idoso em nossa sociedade, ao confrontar-se dialogicamente com o outro, ressignificar seus posicionamentos ideológico e axiológico sobre determinadas temáticas, como o envelhecer, a sexualidade e a morte.

O envelhecimento abordado como um processo natural do existir humano sob a ótica do sujeito bakhtiniano nos possibilita analisar a sua materialidade linguístico-discursiva e interacional por meio da construção da consciência individual a partir do contato sócio-histórico situado com a consciência e a legitimação do outro, a coletividade. A pesquisa proposta não se propõe a realizar um levantamento de como o aspecto ético e estético aplicado aos idosos, nas sociedades ocidentais presentes nas narrativas dos mangás, tais como a brasileira, propicia um reverberar no próprio discurso preconceituoso ou não, emitido e emanado na/da fala dos idosos do grupo envolvido.

Partimos do princípio de que o sujeito idoso toma decisões dialeticamente fundamentadas em sua memória sociológica, nas experiências vivenciadas, nas situações do seu dia a dia e, dessa forma, agrega emoções, esperanças, frustrações, alegrias etc, no momento em que interpreta as ideologias veiculadas pelos mangás.

As tensões entre os aspectos sociais, estéticos e éticos advindos dos posicionamentos que o sujeito idoso realiza durante a leitura dos mangás, marca o dialogismo e as vozes sociais que emanam da sua fala. A consequência desse fato reside em considerarmos verificar os aspectos imanentes à percepção e à recepção do sujeito idoso pelo viés bakhtiniano de sujeito dialógico que se encontra atrelada à significação, à forma, como também à axiologia da fala dos idosos construída em momentos de interação com as temáticas originadas dos mangás lidos e com as vozes de um outro. Ao concebemos o outro como componente fundamental na construção do eu enquanto sujeito, também direcionamos a análise para pensar em dois momentos distintos: 1) o outro enquanto vozes ideológicas espalhadas na regulação do eu, absorvidas ao longo do seu contato interacional, que de certa maneira inserem os sujeitos em determinadas gerações delimitadas em um tempo-espaco passado (cronotopo); 2) o outro em mim pela interação imediata com as ideologias dos mangás lidos e dos membros do grupo da pesquisa que remodelam os posicionamento dos sujeitos, uma vez que impactam diretamente em seu cronotopo e nos aspectos axiológicos e dialógicos dos discursos que mobilizam.

Dessa forma, o objetivo geral de nosso trabalho é analisar como o idoso enquanto sujeito dialógico, que interage ativamente na construção de sua identidade linguístico-discursiva, pode ressignificar seus posicionamentos ideológico e axiológico quando em contato com a pluralidade de vozes sociais tanto formadas pelas ideologias presentes nas revistas de mangá, quanto pela interação com os outros membros do curso. Para

atingirmos esse objetivo, traçamos como objetivos específicos:

- Examinar se as ideologias presentes nas narrativas dos mangás lidos, bem como a interação com os membros do curso podem gerar modificações na maneira como os idosos posicionam-se diante das temáticas apresentadas;
- Analisar a constituição valorativa dos sujeitos idosos antes, durante e após o curso de leitura.
- Reconfigurar a caracterização do sujeito dialógico, considerando também o cronotopo na sua constituição.

A preferência por trabalhar com esse público-alvo recai no fato de considerarmos que, ainda hoje, as pesquisas no campo da linguagem com tal público são incipientes e as que existem em Letras direcionam, em grande parte, seus estudos a explorar os discursos da sociedade em relação aos idosos em diferentes perspectivas.

Na Linguística do Brasil, um dos estudos pioneiros na abordagem do idoso em sua relação com a linguagem é o de Pretti: *A Linguagem dos Idosos* (1991). Entre os aspectos mostrados pelo autor, ao estudar a linguagem dos idosos acima de 80 anos em seu contexto social e suas dificuldades de interação, recortamos sua afirmação de que tais sujeitos utilizam frequentemente expressões como “na minha época”, “no meu tempo” e “naquele tempo”, que remetem à memória e ao apego às glórias e às vivências do passado. Vemos, dessa forma, um retrato do idoso que coloca como seu período produtivo, em variadas situações, não o momento atual, mas um outro – da juventude e da maturidade, no qual se constituiu como ser ativo socialmente. Essa visão sobre si mesmo, se unida aos estereótipos sociais sobre a terceira idade, acabam por construir uma ideia de que o sujeito idoso é um sujeito “acabado”, em sua completude, com opiniões, modos de vida e valores já constituídos e imutáveis. Esse ponto de vista vai de encontro às teorias bakhtinianas sobre a língua(gem) e o sujeito, pois este é sempre visto na sua incompletude, no aspecto dialógico de suas relações sociais.

Realizamos, também uma busca no site de dissertações e teses da Capes¹, a fim de verificarmos a existência de pesquisas que abordassem o idoso como objeto de estudo. Constatamos que a busca combinando as palavras idoso, envelhecimento, sexualidade e

¹ Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 25 abr. 2019.

morte tinha como resultado milhares de trabalhos, e que estes perpassam várias áreas do conhecimento. Entretanto, quando combinamos essas palavras com Bakhtin, não encontramos nenhuma pesquisa. Esse fato nos revela a originalidade de nossa proposta, na medida em que situamos nossos estudos em uma temática não explorada pelo viés teórico proposto. Diante desse fato, nos dirigimos ao site do Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE², da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pois, como aluna do PLE, sabíamos que o idoso era objeto de pesquisas no programa, e realizamos buscas nos três domínios que apresentam as defesas dos pós-graduandos. O primeiro refere-se ao mestrado com área de concentração em Ensino-aprendizagem em língua materna. Realizamos a busca inicial com a palavra idoso, não obtivemos trabalhos. Nossa outra busca foi com a palavra envelhecimento, e também não obtivemos nenhum resultado. A última busca, realizamos com a palavra UNATI e terceira idade e também não encontramos trabalhos. Nosso segundo movimento, no site do PLE-UEM, foi voltarmos a nossa atenção para o mestrado, com área de concentração em estudos linguísticos e literários. Dentro dessa área, utilizando as mesmas palavras para busca, encontramos dois trabalhos sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa, que tem como base a teoria da Análise do Discurso Foucaultiana.

A primeira dissertação, intitulada *Objetivação e subjetivação do sujeito idoso pelas lentes contemporâneas*, de autoria de Daniela Polla, defendida em 2013, situa o sujeito idoso sob o viés discursivo, pretendendo verificar a sua objetivação e subjetivação em textos de circulação social. As práticas discursivas escolhidas embasam-se em um discurso do “novo” velho que reverberam na sociedade. A segunda dissertação, *Práticas discursivas de objetivação/subjetivação do/sobre o idoso na internet*, de autoria de Ivy Mariel Valsecchi, defendida em 2019, aborda o sujeito idoso de maneira discursiva, visando analisar, em textos de circulação social na internet (blogs), a objetivação/subjetivação do sujeito idoso. O foco volta-se para o discurso dos próprios idosos e de profissionais em relação a discursos que apontam para o envelhecimento saudável. Ambas as dissertações situam-se na análise discursiva embasada, como dissemos, pelos pressupostos teóricos foucaultianos e consideram o sujeito em suas relações de poder e assujeitamento. A nossa pesquisa incide nos ideais bakhtinianos de sujeito dialógico, percipiente de escolhas e que é responsável/responsivo pelo que diz.

² Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas_ple.htm>. Acesso em: 27 abr. 2019.

Partimos de uma visão sobre o idoso que lhe configura, enquanto constituído na e pela língua(gem), portanto nossa pesquisa difere dessas dissertações, pois o lugar atribuído ao sujeito idoso é distinto.

Em nosso terceiro movimento de busca no site do PLE, incidimos sobre o programa de doutorado em Estudos Linguísticos e Literários. Novamente, realizamos a busca com as mesmas palavras e encontramos dois trabalhos que tratam do sujeito idoso: a tese de doutorado *Multiletramentos e (re)inclusão social: convergências entre o cânone shakespeariano e a telenovela na formação crítica do leitor da terceira idade via tradução*, de Líliam Cristina Marins, defendida em 2014, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vera Helena Gomes Wielewicki, e *Subjetivação do discurso do idoso em contextos de estudos da UNATI-UEM*, de autoria de Adéli Bortolon Bazza, defendida em 2016, sob orientação do professor Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa. Ambas as pesquisas, assim como a nossa, são desenvolvidas na UNATI-UEM. A pesquisa de Marins (2014) aborda a terceira idade a partir da oferta de uma disciplina, intitulada “Literatura em língua inglesa e multimodalidades: Shakespeare e a telenovela” em uma perspectiva crítica de formação dos leitores idosos. Como pressuposto teórico utiliza a leitura multimodal embasada na tríade multiletramento/agência/(re)inclusão. Os dados da pesquisa evidenciam a modificação da posição crítica dos leitores idosos. Essa pesquisa aproximase da nossa, ao também, ofertar um curso para alunos da terceira idade como suporte de geração de dados da pesquisa, mas diferencia-se quanto aos objetivos e a base teórica. Já a pesquisa de Bazza (2016) parte de uma análise discursiva de base foucaultiana sobre o discurso do idoso sobre si mesmo. O trabalho aponta para a análise do discurso do sujeito em razão da sujeição-subjetivação, levando em consideração as regularidades linguísticos-discursivas embasadas no cuidado do corpo. O escopo da análise realizada na pesquisa embasa-se na verificação dos dispositivos foucaultianos de aliança e de sexualidade presentes nos discursos dos idosos. Quando comparamos com a nossa pesquisa, percebemos que temos em comum o lócus (a UNATI-UEM) e o sujeito (o idoso), mas nossos objetivos e referencial teórico diferem-se, totalmente, visto que Bazza (2016) focaliza os cuidados com o corpo a partir dos estudos de Foucault, enquanto nós olhamos para a possibilidade de o sujeito idoso (res)significar sua fala sobre envelhecimento, sexualidade e morte, quando em contato com os outros, na perspectiva bakhtiniana. Considerando os trabalhos já realizados, nossa pesquisa apresenta-se como mais uma contribuição ao percurso do PLE na abordagem do sujeito idoso; no entanto,

percebemos que nosso estudo sobre o idoso, abordado sob o viés da teoria bakhtiniana, tal qual ele se apresenta, constitui-se um fator de inovação dentro das pesquisas sobre esse tema.

Como nossa pesquisa embasa-se nos estudos bakhtinianos do sujeito norteados pelo ângulo marxista, partimos do princípio de que a linguagem é um artefato ideológico e, portanto, pensamos o idoso enquanto sujeito dialógico que interage ativamente na construção de sua identidade linguístico-discursiva.

Acreditamos que, ao escolher trabalhar com os pressupostos teóricos do sujeito dialógico, Bakhtin/Volochínov (2014a)³ pontua que a base de constituição desse sujeito surge da interação social, uma vez que para tecer o discurso, o indivíduo precisa apropriar-se das formas linguísticas-discursivas valorizadas em seu entorno. A leitura de diversos gêneros, assim como o mangá, a nosso ver, serve ao intuito de permitir que o homem se estabeleça como sujeito, já que se envereda por caminhos que afloram as maneiras reconhecidas de categorização de uma realidade negociada, histórica, imersa em ideologias aceitas. Pensar, agir, falar, vestir etc, não são simplesmente, mecanismos subjetivos dispersos dentro de uma psique isolada de uma pessoa que atua no mundo, mas são parte de uma trama dialógica e axiológica delineada por meio da interação do eu consigo mesmo, com o outro e com o meio social.

Para tanto, nossa proposta pauta-se na análise das falas dos idosos originadas em três entrevistas semiestruturadas, realizadas no início, no meio e no final do curso, e nas discussões em torno das temáticas dos mangás selecionados – envelhecimento, sexualidade e morte, entre outras que se inter-relacionam com essas⁴. Dessa forma podemos tecer os movimentos analíticos que comprovem o quanto sua composição enquanto sujeito dialógico e axiológico é afetado pelo outro, bem como as ressignificações que possam acontecer quanto às temáticas selecionadas.

Bakhtin/Volochínov (2014a) utiliza a linguagem como um artefato simbólico que tanto caracteriza como transforma a realidade, considerando-a como parte intrínseca do sujeito. O nível de consciência sobre a imersão dentro de estruturas ideológicas

³ A opção pela edição da editora Hucitec (2014a), refere-se ao fato da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* ser atribuída a autoria de Valentin Volochínov. Dessa maneira, optamos por referenciar, em nossa tese, como Bakhtin/Volochínov (2014a), a fim de atualizá-la, em conformidade com as pesquisas vigentes e atribuídas ao Círculo de Bakhtin.

⁴ As temáticas que se relacionam às três recortadas por nós para estudo são: estereótipos sociais e preconceitos; tecnologia relacionada à questão da longevidade e da vida cotidiana; ficção científica imersa nas perspectivas de vida extraterrena e ao aspecto fantástico; crise existencial humana e relações de poder.

dominantes pode, a nosso ver, expressar-se por meio das falas produzidas pelos idosos como mecanismo de formação de uma personalidade individual amalgamada a outra coletiva, a qual nos conta como esse sujeito compreende os significados emanados da leitura dos mangás e os utiliza para caracterizar-se enquanto ser humano.

O aspecto teórico da pesquisa, dessa maneira, visa remodelar a ideia de sujeito dialógico de Bakhtin e seu Círculo discutida e estudada por pesquisadores como Sobral (2005, 2009, 2015, 2017,2019) e Brait (2002, 2005, 2017). Ressaltamos que além de considerar os aspectos dialógicos e axiológicos como componentes intrínsecos ao estatuto do sujeito, propomos que sua caracterização considere também as seguintes proposições: 1) a interface cronotópica é componente fundamental para caracterizar o sujeito bakhtiniano, uma vez que o tempo e o espaço precisam ser pensados além do viés literário, concebendo-o como parte integrante do estatuto do sujeito ontológico e dialógico; 2) a identidade linguística-discursiva é afetada em níveis distintos devido não somente ao grau de interação realizado, mas também à forma como esse sujeito idoso interpreta, reorganiza, reclassifica e modifica as vozes do outro, a partir das suas escolhas lexicais, semânticas e fraseológicas, bem como dos seus pontos de vista emitidos pela influência ideológica que lhe confere uma visão de acabamento/inacabamento expedida da própria relação dialógica da língua(gem).

Quanto à metodologia analítica, porposta para a realização da pesquisa, seguimos a proposta de pesquisa descritivo-analítica de cunho qualitativo. Os estudos qualitativos, segundo Kuhn (2017) possibilitam aos pesquisadores engressarem na análise dos dados da pesquisa, levando em consideração os processo de geração de dados, e não apenas seus resultados obtidos. Para tanto, esse tipo de metodologia privilegia a realidade contextualizada, a qual permite que seja feito uma análise dos dados que envolva fatores da ordem ideológica, atitudinal e conceitual.

Estruturalmente, nosso trabalho organiza-se em três seções. A primeira seção, “Aspectos metodológicos”, possui a finalidade de substanciar a forma como a pesquisa foi encaminhada, apresentado os aspectos metodológicos da geração e análise dos dados. Nesse momento, caracterizamos o método, os instrumentos, o contexto e os sujeitos da pesquisa, as categorias de análise e os desafios da pesquisa.

A base teórica da pesquisa explicita-se na segunda seção: “O sujeito pelo viés da teoria bakhtiniana da linguagem: uma nova proposta arquitetônica”. Nessa seção, ponderamos sobre como os componentes dialógicos e axiológicos atualizam a identidade

do sujeito em diferentes formas. Trazemos para discussão a importância do cronotopo configurar-se como uma característica do sujeito dialógico, na medida em que explicita a visão de mundo de um determinado momento histórico, em espaços sociais particularizados.

A terceira seção, “A resignificação de temáticas pelo sujeito idoso”, apresenta a realização da proposta da tese, já que procura analisar se há um processo de resignificação, pelos sujeitos da pesquisa em seus posicionamentos ideológicos e axiológicos. Procuramos mostrar pelas análises não só como as falas dos idosos elucidam suas escolhas, posições sociais, revelando a geração a qual pertencem, mas também como elas possibilitam perceber se há modificações em seu discurso diante da atualização que as experiências de língua(gem) lhe asseguram frente às temáticas discutidas.

1. Aspectos Metodológicos

1.1 Apresentação do tipo da pesquisa

Para a geração de dados da pesquisa desenvolvemos um curso de leitura de mangás, dividido em 32 encontros de 2 horas cada, totalizando 64 horas ofertadas à UNATI-UEM de 2015 a 2016. As aulas foram gravadas com consentimento dos participantes da pesquisa e disponibilizadas para constituir-se em acervo desse estudo. A motivação para a escolha do tipo de pesquisa qualitativa deve-se ao fato de que essa investigação “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2014, p.79).

A pesquisa qualitativa surge dos esforços contestatórios da Escola de Frankfurt ao pensamento positivista com a publicação do livro *Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn (2017). Ancora-se na análise exploratória-descritiva, voltando-se para o entendimento do problema proposto, de modo a considerar aspectos como: 1) desenvolvimento em uma situação natural, a qual privilegia a realidade de forma complexa e contextualizada, já que depende do tema da pesquisa, do pesquisador e de seus participantes. Por não se constituir em um mero apanhado de informações estatísticas, possibilita levar em consideração dados psicológicos, atitudinais, ideológicos etc., que compõem os sujeitos envolvidos. 2) preocupação com o processo de geração de dados e não com seu simples resultado. Ao acentuar o significado dos motivos do fenômeno estudado, interpõe o aspecto humano ao mero apanhado objetivo-causal, desvendando questões particulares situadas na relação entre o sujeito e o objeto da análise.

Salientamos que a utilização da pesquisa qualitativa para o estudo referente à modificação do sujeito idoso diante da leitura dos conteúdos ideológicos e axiológicos, presentes nas histórias dos mangás, torna-se válida, na medida em que possibilita realizar a representação das crenças, dos valores, das percepções e opiniões desse público de uma maneira a ressaltar, sistematicamente, a lógica do estatuto do sujeito sob viés da teoria bakhtiniana. Partimos, portanto, do pressuposto de que, para a construção de sentidos, precisamos nos pautar em metodologias, como no caso, da abordagem qualitativa, que partilhem do posicionamento de que a experiência humana para ser compreendida deve situar-se nos aspectos interativos que circundam os seus participantes – contexto social, histórico e cultural – elementos cruciais para a compreensão e interpretação do fenômeno

estudado.

Ao inserir-se na base antropológica e sociológica das ciências humanas e sociais, a pesquisa qualitativa oportuniza delinear e teorizar a complexidade dos temas ligados a esfera do existir humano. Segundo Denzin & Lincoln (2011) é perfeitamente, aproveitada para realizar uma exploração complexa de um determinado grupo ou população, identificando variáveis que emergem das vozes desses indivíduos que não podem simplesmente serem representadas e discutidas por estatísticas. A nosso ver, aproveitamos essa abordagem, na pesquisa, com a finalidade de minimizar as relações de poder pelo simples fato de proporcionar aos participantes expressarem-se de forma a considerar suas singularidades, uma vez que optamos por efetuar dialogicamente e axiologicamente a construção do estatuto do sujeito idoso.

Ao modular a tese sob essa perspectiva, partimos dos pressupostos de que o sujeito, ao relacionar-se com os participantes da pesquisa e com as ideologias, no nosso caso com os temas presentes nas histórias dos mangás, passa a ressignificar o seu ponto de vista, levando em consideração três aspectos: 1) modifica totalmente; 2) modifica parcialmente; 3) não modifica. A investigação inscreve-se na descrição analítica-exploratória dessa questão, a fim de explicitar o nosso objeto de análise, o sujeito idoso em seu viés linguístico-discursivo-axiológico e ideológico sob a ótica bakhtiniana. Ao balizar a pesquisa nessa perspectiva, delineamos que além dos componentes dialógicos, axiológicos, consideramos o cronotopo como fonte identitária, já que marca, na fala dos idosos, uma posição característica de uma geração. E partir dessa compreensão, ancoramos a oferta do curso de leitura aos idosos, tendo como base explicitar, investigar e analisar as transformações ocasionadas pelo contato com as ideologias presentes nas narrativas dos mangás, que poderiam ou não se manifestar nos posicionamentos dos idosos diante dos temas envelhecimento, sexualidade e morte e suas nuances oriundas das discussões dessas temáticas.

Ao quebramos com a visão quantitativa monoteica de análise e validação dos dados obtidos durante a realização tanto da entrevista semiestruturada quanto da intervenção pedagógica com os idosos, buscamos não esclarecer apenas as relações causais do fato estudado. Também, pretendemos compreender a realidade particular da constituição do sujeito idoso a partir do contato com as ideológicas expostas durante a leitura dos mangás, ressaltando tanto a sua complexidade quanto a mutua influência que esses mecanismos desempenham na construção da sua identidade. Minayo (2001) pontua

que uma abordagem qualitativa dos fatos não reduz o conhecimento da realidade social a mera equiparação dos dados apreendidos como em uma perspectiva quantitativa, que considera a realidade como componente externo aos sujeitos da pesquisa, apresentando-a de modo objetivo e invariável. A intervenção qualitativa ou ideográfica, segundo a pesquisadora, possibilita uma análise compreensiva do fenômeno estudado, pois considera tantos aspectos objetivos (significados que podem ser entendidos por meio da realização de observações e da análise dos fatos – os motivos e os porquês de sua ocorrência), quanto subjetivos (significados que se relacionam às intencionalidades – motivos para fazer, pensar, modificar, reproduzir etc.).

Compartilhamos os pressupostos teóricos de Gaskell (2002) ao afirmar que pensar em uma análise subjetiva dos fenômenos sociais requer levar em consideração aspectos históricos, sociais e ideológicos que compõem os indivíduos envolvidos, uma vez que o foco dessa abordagem é a pessoa em interação com os componentes que a cercam – contexto social e outros participantes da pesquisa. Rey (2002) discorre sobre a importância da delimitação dos critérios de análise das pesquisas qualitativas, a fim de minimizar a crítica realizada a essa abordagem de haver por parte dos pesquisadores falta de controle dos dados obtidos. O autor acredita que, ao elaborar pesquisas de cunho qualitativo, há três fatores que precisam ser aplicados para que a análise dos dados possa ter confiabilidade. O primeiro item, refere-se à garantia de representatividade dos significados obtidos durante a entrevista. O segundo aspecto visa possibilitar ao entrevistado sentir-se à vontade para expor o seu ponto de vista. A terceira e último critério, consiste na legitimidade dos dados processados conseguida por meio da submissão avaliativa e interpretativa dialogada dos resultados da pesquisa.

Ao nosso ver, esses procedimentos proporcionam cientificidade à pesquisa, na medida em que visam não somente controlar os resultados do estudo, mas permitem um aprofundamento das questões advindas das hipóteses a serem confirmadas e/ou refutadas (GERGEN & GERGEN, 2000). Além disso, é importante considerarmos a finalidade social da pesquisa, já que ela tem o compromisso de promover a transformação pela reflexão crítica da realidade estudada por meio da compreensão social do fenômeno. Assim, com a utilização da pesquisa qualitativa busca-se garantir o desenvolvimento da autonomia, da ação emancipatória que se pretende desencadear nos participantes do estudo.

Pontuamos que a opção pela pesquisa de cunho qualitativo-exploratório e

descritivo-analítico permitiu que realizássemos investigações sobre um público diferenciado – o idoso, e sua relação com a leitura enquanto artefato social, histórico e ideológico de construção da identidade de um sujeito dialógico e axiológico, que precisa ser apto a desvendar as distintas semioses que compõem os gêneros circundantes a sua existência e atuação na sociedade.

Outro aspecto inerente à busca de explicitação da constituição dialógica do sujeito idoso, delineia-se a partir da compreensão das redes de significação configuradas por meio dos domínios temáticos expressos nas narrativas dos mangás, uma vez que evocam papéis e lugares discursivos diferenciados em relação às temáticas – envelhecimento, sexualidade e morte. Os participantes da pesquisa precisaram interpretar e compreender os elementos estéticos e éticos que constroem a sua identidade refletida e refratada na conduta das personagens das histórias dos mangás.

Os idosos foram orientados a escolherem os elementos que tivessem significado e excluïrem os que não configuravam como parte integrante do jogo do fazer sentidos, levando em consideração que a atividade de referenciação é negociada entre os interlocutores. Ao evocarem experiências pela leitura dos mangás, os idosos interligaram as coordenadas temporais e espaciais das narrativas às coordenadas de tempo-espço que lhes caracterizam enquanto geração e indivíduos atuantes em seu meio social. Esse fato implica, necessariamente, mudança na percepção do leitor idoso durante o processo de leitura dos mangás, seja para estabilizar conceitos, seja para rejeitá-los.

Durante a mediação pedagógica, os idosos foram direcionados a refletirem sobre os efeitos variantes da interpretação, em conformidade do “eu” com o “outro”, articulando os elementos verbais e não-verbais que explicitam os significados dos textos (SOBRAL, 2015, 2017).

Partimos do pressuposto de que as interações obtidas a partir do processo de interpretar as ideologias revelam os valores éticos validados socialmente e delineiam a noção de sujeito atrelada aos componentes dialógicos, axiológicos e cronotópicos presentes em suas falas. Tal noção emana a historicidade e a cultura não apenas como uma mera categorização do mundo pelo conteúdo dos gêneros que se inscrevem em sua realidade social, mas enquanto forma de relação do homem com a língua(gem).

Pensar o sujeito não como mero ser biológico, ou mesmo psicológico, mas como um indivíduo que se constrói enquanto sujeito na/pela ideologia torna-se o foco da pesquisa. Ressaltamos que quando dizemos que o sujeito é construído por elementos

sociais, ideológicos e históricos, nos referimos ao fato de que, ao pensarmos na delimitação do sujeito bakhtiniano não individualizado, mas construído a partir das interações que formam a sua consciência sociológica, a sua memória interfere, até mesmo, na sua representação de si tanto em nível interno (consciência que tenho de mim) quanto em nível externo (como o outro me vê e eu vejo o outro). Todos esses fatos são mediados pelo uso que o homem faz da língua(gem), enquanto artefato social, cultural e ideológico e que, de certa maneira, torna opaco o que posso considerar que veio de mim sem a interferência do outro. Mas, por outro lado, ao consideramos a visão dialógica de sujeito, nunca vamos poder dizer que tudo o que eu digo e penso parte somente de mim, uma vez que a constituição da minha consciência sociológica é estabelecida pelos processos de interação que o eu desempenha em seu meio social e que são medidos na/pela língua(gem).

Ao deslocarem seu processo cognitivo de leitura de uma descrição tradicional dos elementos que estabelecem o significado para a descrição social-funcional da construção do fazer-sentido, os idosos foram direcionados há estabelecerem uma interação entre leitor-texto-informação (MARCHEZAN, 2016). Esse fato culmina com a necessidade do estudo sobre o plano de expressão e de conteúdo das narrativas para que pudessem compreender as ideologias que emanam desse tipo de texto. Outra implicação da escolha do método refere-se a considerar como prioridade o diálogo em sua forma oral, que depende das condições de socialização. Portanto, a evolução da consciência sociológica dos sujeitos depende da evolução da língua(gem) em suas estruturas gramaticais e ideológicas expressas em suas falas.

Ao enveredarmos pelo método qualitativo de investigação do sujeito idoso, acreditamos que a base material determina a estratificação da sociedade, bem como sua estrutura social, política, histórica e cultural, distribuindo aos indivíduos/sujeitos hierarquicamente em papéis sociais. Apesar da individualidade dos discursos dos idosos, sabemos que na verdade essa ideia de particular/individual emana da sua interação social e das ideologias que subjazem seu existir. Falar implica, necessariamente, um lugar, um momento histórico repleto de condições sociais que perpassam a sua enunciação.

Ressaltamos que todo o movimento de constituição do sujeito dialógico encontra-se envolvido no processo de interação negociada com o outro. Falar implica escolhas, movimentos de ação interpretativa e, inclusive, a nosso ver, expressa, ainda, visões de mundo pautadas no cronotopo de constituição do sujeito ao longo de suas experiências

linguísticas-discursivas adquiridas na/pela situação comunicativa.

Os mecanismos de intervenção metodológicas foram dispostos a facilitarem as interações entre os participantes da pesquisa explicitando como a língua(gem) configura-se como uma fonte interpessoal e formadora do eu. Delinear o sujeito idoso implica pensar no sujeito dialógico geral, quais são os elementos que o caracterizam e como a análise destes mecanismos o revelem enquanto eu particular imerso em vários nós.

A fim de elucidar os passos desse estudo subdivimos essa seção em cinco aspectos explicitados a seguir: 1) o contexto e seus participantes; 2) os instrumentos de pesquisa: fases e etapas; 3) categorias de análise; 4) desafios da pesquisa.

1.2 O contexto da pesquisa: a UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

Pensar na longevidade no século XXI torna-se uma obrigação tanto de ordem pública quanto particular, tendo em vista o aumento significativo da população idosa, fato que acaba por gerar a necessidade de investimentos a fim de garantir-lhe qualidade de vida. A Universidade à Terceira Idade (UNATI) – Campus UEM surge nesse cenário de modificação de conceitos em relação ao papel dos idosos na sociedade contemporânea. As atividades dessa unidade iniciaram em 2009, tendo como aporte teórico e metodológico as concepções de educação permanente e educação não-formal, embasadas nas mentalidades de mudança do conceito de velhice impulsionadas pelos estudos de Pierre Vellas sobre a educação para a terceira idade na França.

A reconfiguração da pirâmide etária da sociedade capitalista francesa a partir da década de 70 fez com que emergisse a necessidade de pensar em soluções práticas para assegurar que a população idosa não sofresse com o isolamento, advindo de ser considerada descartável, fato natural para um meio capitalista que legitima a exclusão (VELLAS, 2009). Leituras realizadas em Cachione (2003) e Taam (2008, 2009 e 2012) nos permitem pontuar que a abertura da Universidade de Toulouse, na França, para as pessoas idosas, marca um ressignificar da sua imagem por meio da utilização de seus dramas pessoais – problemas de saúde, depressão, isolamento – transformados em ações educacionais, visando não somente garantir assistência, como também considerar aspectos sociais, políticos e ideológicos do sujeito idoso.

Pensar no envelhecimento como um processo natural da vida, assim como a infância, a adolescência e a maturidade requer um novo olhar para o significado de ser

velho. Não podemos considerar somente o campo biológico, mas os aspectos sociais, culturais e psicológicos que tal conceito mobiliza (TAAN, 2009). Dessa maneira, a superação do negativismo em relação a associação com termos como decadência, dependência e não produtividade em torno das representações e dos significados atribuídos ao processo de envelhecer revela, de certo modo, uma reorganização psicossocial das maneiras de agir, pensar, bem como a reestruturação da identidade dos idosos (PALMA, 2000).

O surgimento da UNATI, além de propiciar o desenvolvimento de pesquisas sobre longevidade, abre a possibilidade de se pensar sobre o papel dos idosos na sociedade atual, tendo como foco um remodelamento de como são vistos e de como inseri-los no meio produtivo, na medida em que em envelhecer é um fato inevitável. Dizemos isso, uma vez que a partir da ampliação da concepção de velhice, o idoso passa a ter papel ativo nas pesquisas e na educação a eles oferecida.

Cachione (2003) afirma que, na década de 80, a UNATI passa a basear o seu programa para a terceira idade em três eixos – participação, autonomia e integração – na qual não importa a escolaridade, classe econômica dos seus participantes. O programa oferecido também é bem flexível quanto aos horários e locais de sua realização, conferindo-lhe um baixo custo de operacionalização. Os materiais utilizados durante os cursos são oferecidos gratuitamente, a fim de assegurar acessibilidade e permanência a seus alunos. Outro ponto de flexibilização operacional é permitir que os professores, os universitários e a sociedade em geral ministrem cursos para esse segmento. Convém ressaltar que as turmas são formadas de maneira multisseriada, levando em conta a interação social e não o nível de escolarização dos participantes.

Finato (2003) pontua que ressignificar o que a sociedade considera ser “velho” e deixar de estigmatizar esse nicho por meio da educação é a maneira mais eficiente para conseguir realmente a mudança do nível de discernimento do papel dos idosos, bem como construir a sua identidade na sociedade atual. A reflexão do autor sobre o processo libertário da educação, no que tange a desmitificar estereótipos sobre o idoso nas dimensões culturais, ideológicas, históricas, políticas, sociais, educacionais etc, a partir da implementação da UNATI, faz com que voltemos a pensar nas concepções teórico-metodológicas da sua criação e discutamos sobre educação permanente e educação não-formal.

A educação permanente surge pela primeira vez na França em 1955 com a

ampliação da escolarização obrigatória, sendo incorporada às iniciativas da UNESCO, no final da década de sessenta, como aporte que compreenda a qualificação humana pelo viés da teoria do capital humano, que pressupõe visualizar a educação como principal mecanismo de promoção da produtividade econômica e consequentemente geradora de meios para o desenvolvimento do país (GADOTTI, 1988). O autor afirma que pensar no conceito de educação permanente atrelado ao oferecimento de cursos pelas UNATI(s) requer considerar que o processo de aprender ocorra ao longo de toda a vida do indivíduo, não podendo ser restrito a uma fase pré-determinada delimitada em um espaço e tempo puramente escolar.

Palma (2000) enfatiza que a sociedade atual exige um novo homem com mais competências e que seja versátil a atender a demanda de superar os seus limites constantemente e, acima de tudo, torna-se sempre produtivo em seu meio social. Pensarmos essa afirmação em relação ao papel e a identidade dos idosos, na atual conjuntura capitalista brasileira, nos permite discorrer sobre dois vieses que embasam o surgimento das UNATI(s), em conformidade com Taam (2012): 1) os ideais frenianos de educação para adultos; 2) a superação do modelo puramente assistencialista de intervenção governamental – SESC e SENAC. A autora explicita que a política educacional brasileira privilegia com maior ênfase a educação básica regular e que a terceira idade constitui-se em uma parcela das vítimas de toda uma história de exclusão referente a negligências à educação adulta como mecanismo essencial a promoção de uma sociedade cidadã e democrática.

A lei federal 8.842/94 marca o desenvolvimento da política nacional do idoso e delimita medidas e diretrizes plausíveis em nível municipal, estadual e federal, tendo por base os seguintes princípios: 1) a participação cidadã dos idosos precisa ser assegurada tanto pela família quanto pela sociedade e pelo Estado em geral; 2) envelhecer é um processo que deve ser entendido por todos, inclusive com disseminação ampla de informações a esse respeito; 3) a pessoa idosa não pode sofrer qualquer tipo de discriminação; 4) para aplicação da política nacional dos idosos, os diferentes contextos – social, econômico e cultural – deverão ser verificados. No entanto, somente no ano de 2003, surge o Estatuto do Idoso, lei 10.741, a qual legitima o sujeito idoso como pessoa acima de 60 anos, delimitando prioridade de atendimento e de serviços, sendo mais um marco legal para a superação dos desafios do processo de envelhecimento. Essa lei também cria penalidades para infrações cometidas contra a terceira idade.

Os marcos legislativos em relação a esse segmento, no âmbito brasileiro, embasam-se nas políticas internacionais promovidas pela UNESCO e ONU em relação a pessoa idosa, tomando como pressuposto a construção social da sua identidade pessoal e profissional, a qual precisa levar em consideração as implicações do que a sociedade entende por idoso e quais são as idades legais para a aposentadoria. Assim, como a adolescência é criada de acordo com as expectativas sociais, a velhice também é fruto do que é considerado produtivo e improdutivo para o capitalismo. A superação dessa visão negativista torna-se uma das prioridades para efetivar-se o valor da educação permanente enquanto bem simbólico de categorização da realidade, ao mesmo tempo em que é considerada artefato que evoca modificação e ruptura com as imposições ideológicas negativistas a esta parcela da população.

A educação não-formal, na conjectura da UNATI, outra característica ideológica da sua criação, passa a expressar a necessidade da continuidade da aquisição dos conhecimentos culturais. Por isso, os cursos não podem estar amarrados às formas conteudistas das disciplinas, ou mesmo dos programas curriculares escolares. Dessa maneira, a organização dos cursos ofertados, nessa perspectiva, adere a uma ação social que preze pelo fomento das relações pessoais ao invés da forma tradicional referente ao processo de ensinar e aprender. Ao transpô-las ao contexto e viabilidade da educação para o idoso, as aulas passam a possibilitar e oportunizar a convivência entre gerações distintas, bem como trazerem discussões e pesquisas sobre o processo de envelhecimento que não fiquem limitadas ao espaço da UNATI, mas que façam parte de um educar para além dos modismos e instantaneidades do ser em detrimento do parecer.

A nosso ver, a mudança da maneira como cada pessoa encara a velhice deve partir de ações coletivas introduzidas por programas dessa natureza, à medida em que possibilitam ao sujeito idoso ter sua voz, suas peculiaridades e sua sabedoria compartilhadas de forma digna. Envelhecer é, como já dissemos, algo inevitável e como tratamos os idosos demonstra como ensinamos a juventude a lidar com o presente e produzir um futuro que respeite as distintas fases da vida humana.

1.2.1. O lócus da pesquisa: a UNATI da UEM

A UNATI – UEM, órgão suplementar da reitoria da Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi criada pela resolução número 034-2009/COU. Sua estruturação apauta-se na iniciativa de integrar os idosos à comunidade científica da UEM, à medida em que visa promover pesquisas, tendo por base o sujeito idoso em perspectivas interdisciplinares e transdisciplinar. A resolução 034/2009 garante o respaldo legal para que alunos e professores possam inserir seus trabalhos nesse lócus.

Nos anos de 2015 e 2016 a unidade da UNATI–UEM contava com aproximadamente 300 alunos e oferecia cerca de 40 cursos organizados em seis eixos temáticos: 1) arte e cultura; 2) processo e procedimentos comunicativos; 3) saúde física e mental; 4) meio físico e social; 5) direito e cidadania; e 6) humanidades⁵. O curso de leitura dos mangás foi ofertado entre os anos de 2015 a 2016, como dissemos anteriormente, e suas aulas foram realizadas às quartas-feiras das 14:00 às 16:00, no bloco C, sala disponível para UNATI, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A UNATI-UEN conta com a estrutura da Universidade Estadual de Maringá, portanto seus cursos são ministrados aproveitando esse espaço.

1.2.2 Os sujeitos da pesquisa

O grupo da análise é composto por cinco idosos, com faixa etária entre 68 a 78 anos, cuja base profissional situa-se desde profissões liberais (professores, bancários, comerciantes) até donas de casa, com escolaridade que varia entre Ensino Fundamental II até o Ensino Superior. Acreditamos que o tamanho da amostra não interfere no tipo de conhecimento que se pretende atingir, já que a ênfase do estudo se encontra na compreensão tácita vinculada à intencionalidade da pesquisa e não meramente no conhecimento proposicional da sua explanação.

A amostra da pesquisa constitui-se, inicialmente, de nove idosos. Entretanto, dificuldades de locomoção e problemas de saúde fizeram com que, ao término do curso, tivéssemos, somente, cinco pessoas participando do estudo. Para caracterização do nosso sujeito de pesquisa disponibilizamos abaixo uma descrição social desses idosos que

⁵ O curso de leitura dos mangás foi ofertado aos alunos da UNATI-UEN, dentro do eixo temático humanidades.

conseguimos por meio de uma roda de conversa que realizamos no primeiro encontro.

Nesse contato inicial, introduzimos o mangá em seus aspectos sociais e históricos e verificamos as expectativas e o conhecimento prévio dos idosos sobre esse objeto de leitura e sobre o que esperavam do curso. Foi solicitado aos idosos que eles relatassem sua origem, idade, profissão e escolaridade, instigando-os a contar um pouco sobre a sua história de vida. A atividade serviu de base para que delineássemos o perfil dos participantes da pesquisa.

Essa conversa inicial possibilitou que os idosos realizassem uma caracterização de si próprios, tendo como foco os elementos solicitados. Para preservar a identidade dos idosos, sua caracterização será apresentada por nomes fictícios. Após cada caracterização, apresentamos um fragmento de suas falas, recortado do momento em que abordaram as expectativas sobre o curso de leitura dos mangás. Esse recorte possibilita perceber a posição social que assumem e as suas crenças em relação ao curso. Abaixo apresentamos o levantamento social dos idosos envolvidos na pesquisa.

Maria, senhora de 76 anos, dona de casa, casada, de descendência japonesa e com o Ensino Fundamental completo. Em relação às suas expectativas no que se refere ao curso de leitura, ela relata que as aulas de mangá irão lhe permitir relembrar a sua infância no Japão e os momentos de prazer pela leitura. “Quando criança, né? Lia muito mangá... A família nossa dizia que ler mangá facilitava aprender nihongo brincando... O kanji, o hiragana e o katakana... Escrita japonesa muito difícil, né? Bem... Também gostava dos romances que tinha, das aventuras, né? Sonhava e me divertia, né? Muito bom, mesmo, né? Aqui, Brasil não li mais. Filhos e marido tomavam muito tempo, né? E me esqueci o quando era divertido, né? O curso expectativa muito boa, de ler mangás e lembrar dos bons momentos da infância, né?”⁶

João, homem, 78 anos, casado, feirante, descendente de japonês, com Ensino Fundamental incompleto. “Bem... Mangá importante, né? Aprende a vivê, o que é certo... Fazê, dizê e escrevê, né? Penso ser bom... Lia muito, né? Na infância... Aqui Brasil, não, né? Precisa trabalhar... Revista de aventura ...quero, né? Voltar ler esse mangá Higuru no Hon, vai ter, né? Leitura desse... Ah, novos ... Têm coisas, diferente, né?

⁶ Procuramos fazer as transcrições das falas seguindo os padrões estruturais das frases do português escrito. As pausas curtas foram indicadas por vírgulas e as mais longas por três pontos.

Vamos ver, né? Como é...”

Cristina, senhora, 68 anos, solteira, nunca foi casada formalmente (ênfase dada pela idosa), descendente de japonês, sem filhos (ênfase dada pela idosa), professora da Educação Básica, licenciada em História pela UEM, com especialização em Didática e Metodologia, lecionou 30 anos com dois padrões. Ministrou aulas das seguintes disciplinas – História, OSPB e Educação Moral e Cívica (ressalta que as duas últimas matérias foram extintas). Considera-se muito ativa ainda no meio acadêmico, tanto no nível da Educação Básica quanto na Superior. A idosa fez questão de ler o texto que nos havia preparado. “Quero começar a minha fala parabenizando a iniciativa do curso de leitura do mangá por disponibilizar a oportunidade de socialização do processo de ler enquanto artefato social... Nasci no Brasil... Desde pequena meus pais incentivavam a leitura dos mangás como mecanismo facilitador do processo de ensino-aprendizagem do japonês. A leitura do mangá me permitia um maior contato com a cultura japonesa... Naquela época, não sei se havia a oportunidade de leitura de mangá em português. Os mangás que líamos foram trazidos do Japão e eram utilizados também para que pudéssemos saber como nos comportar e pensar como japoneses, sem perder de onde viemos. Lembro que meus pais e minha batiã sempre acharam a sociedade brasileira liberal quanto ao papel das mulheres e em relação ao sexo antes do casamento. Lá haviam modelos, que nós descendentes devíamos seguir. Usei mangás e HQ normais durante as minhas aulas de história, instigando meus alunos a problematizarem sobre as ideologias presentes nessas narrativas.... Considero uma ferramenta didática excelente para o desenvolvimento da pessoa. Quanto a minha expectativa em relação às aulas são altas, quero discutir os temas ideológicos, ver como está o mangá, se houve mudanças, o que as pessoas estão lendo...”

Marcos, senhor, 72 anos, casado, bancário, com 3 filhos, gosta de desafios e de superar-se a cada dia, com Ensino Superior incompleto em Direito e Ciências Contábeis, brasileiro e amante da leitura. “Nunca li mangá... Nem sei o que é isso.... Perguntei pras meninas, na matrícula e pra (nome da esposa foi omitido, porque ela também participa do estudo), ela disse que seria ler uma história em quadrinhos diferente ((risos)). Gostei da ideia. Pesquisei na internet e tem muita coisa legal. Estou disposto a aprender muito... (nesse momento demonstra tristeza)... Pena que meu cérebro às vezes não funciona

direito...”Esse aluno em meados de 2002 foi diagnosticado com Alzheimer e passou a receber tratamento especializado. Esta informação foi disponibilizada pela sua esposa.

Alessandra, senhora de 71 anos, casada (com o Marcos; a aluna fez questão de mencionar), com 3 filhos, aposentada autônoma, com curso superior completo em Psicologia, brasileira, entretanto nunca exerceu essa profissão. Em relação ao curso possui expectativas muito boas que são demonstradas na fala a seguir. “Todos os cursos da UNATI são muito bons pra mim... Sempre aprendo muito e compartilho a minha visão de mundo. Nunca li mangá, mas já ouvi falar e já vi algo pelo meus netos que leem muito. A minha filha não gosta muito, pois diz que as histórias são muito violentas.... Eu acho que é uma febre entre a juventude e que não podemos proibir, mas supervisionar o que as crianças estão lendo... Até pra eu entender o que é esse tal de mangá, vim fazer o curso, quero conhecer as suas histórias e ver se ele é mesmo tudo aquilo que falam. Quando criança lia muito história em quadrinhos... Quando fui crescendo, as revistinhas foram sendo substituídas por livros... E hoje a leitura é uma das minhas paixões...”

Os relatos foram produzidos e gravados, no primeiro dia de aula, e revelam as expectativas do nosso público-alvo em relação as aulas de leitura dos mangás. Também, expressam um pouco da sua trajetória de vida, fato relevante para a análise posterior das falas dos idosos em relação às temáticas ideológicas propostas ao longo do curso de leitura de mangás, pois nos oferecem um entendimento do porquê de alguns dos posicionamentos demonstrados ao longo da pesquisa. Acreditamos que esse diálogo inicial proporcionou interação entre os participantes da pesquisa, visto que houve o estabelecimento de laços de amizade, cumplicidade e respeito, os quais serviram de base para a formação de uma percepção individual e grupal.

Por meio dos relatos, pudemos perceber que a maioria já teve contato com as revistas de mangás, pelo menos na infância, sendo um objeto de leitura recorrente nesse período das suas vidas. Relativamente, também podemos dizer que são pessoas que gostam de ler, ou possuem hábitos de leitura. Convém ressaltar que não estamos realizando uma análise das falas dos idosos, mas simplesmente um levantamento do perfil social dos nossos alunos.

Quanto à expectativa em relação ao curso de leitura, todos os alunos buscavam conhecer mais sobre esse objeto, o mangá. Pontuamos que, a princípio, os idosos

demonstram objetivos distintos em relação ao porquê de se matricular, tais como: 1) (re)lembrar a infância e a cultura japonesa, já que vários são descendentes; 2) sanar a curiosidade em relação a essa narrativa exótica e aos estereótipos que a cercam; 3) socializar, conhecer novas pessoas e fazer amizades. Também percebemos diversidade quanto ao grau de escolaridade e as profissões dos idosos envolvidos na pesquisa. A nosso ver, os distintos papéis sociais desempenhados por essas pessoas, bem como a sua experiência de vida contribuíram para tecer a diversidade de opiniões, agregando contribuições únicas que enriqueceram substancialmente as aulas do curso de leitura dos mangás.

1.3. Os instrumentos da pesquisa

Utilizamos as aulas de leitura dos mangás e as entrevistas semiestruturadas como fonte de levantamentos de dados, pois as consideramos instrumentos válidos para coletar as percepções dos idosos diante dos temas abordados. Como dissemos anteriormente, ofertamos um curso de leitura de mangás aos alunos da UNATI-UEM para que pudéssemos analisar como acontece a construção dialógica do sujeito idoso. Desenvolvemos o curso com 32 encontros de 2 horas cada, totalizando 64 horas. A base da pesquisa centra-se na perspectiva exploratória-descritiva-analítica de cunho qualitativo, no que tange a verificação da existência de movência ou não dos posicionamentos dos idosos em relação aos temas – envelhecimento, sexualidade e morte. Salientamos que todos os encontros foram gravados, a fim de que pudessem ser utilizados para compor o corpus de análise da pesquisa com consentimento dos participantes do curso. Abaixo descrevemos brevemente a organização dos encontros do curso de leitura dos mangás.

Primeiramente, realizamos a análise dos elementos pertinentes à construção do significado disposto na materialidade do texto, levando em consideração as intencionalidades do produtor do texto. Esta etapa compreendeu 16 encontros e teve como embasamento teórico-metodológico a gramática do designer visual proposta por Kress e Van Leeuwen (2010), bem como estudos da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday e Mathiessen (2013), especificamente, as metas funções.

Na sequência, desenvolvemos oficinas com os discentes, num total também de 16 encontros, a fim de verificar como o ato de ler organizava-se a partir da capacidade

responsiva em relação a leitura de textos multimodais e a formação da inteligibilidade dialógica e axiológica por meio da manipulação das distintas semioses que compõem a narrativa desses textos, imersas em uma materialidade ideológica.

Para apresentação dos instrumentos de pesquisa, subdividimos essa seção em duas subseções intituladas: 1) as aulas de leitura de mangás; 2) as entrevistas semiestruturadas. No primeiro item, marcamos a sensibilização realizada junto aos idosos sobre os elementos linguísticos e não-linguísticos que envolvem a leitura dos mangás situados em seu contexto socio-histórico de produção e comercialização. Antecipamos a importância do curso de leitura, no que tange a despertar o potencial interpretativo dos idosos pela aquisição de conhecimentos que contribuíram diretamente para que cada aluno pudesse realizar as suas considerações sobre as ideologias discutidas. No segundo item, situamos os aspectos investigativos da pesquisa, pontuando o roteiro preliminar dos questionamentos realizados aos idosos. Aproveitamos, também, para delimitar os pressupostos teóricos dessa modalidade de entrevista e descrever os passos metodológicos de sua execução.

1.3.1 O curso de leitura de mangás

O objetivo principal do curso de leitura foi, como dissemos, o de colocar os alunos da terceira idade em contato com as narrativas dos mangás e suas concepções ideológicas peculiares, bem como com os procedimentos de leitura singulares dessas histórias, abordando desde o contexto histórico da criação desse gênero, quanto às suas características imagéticas, ideológicas, discursivas e textuais. Procuramos também, pelo curso de leitura, fomentar a produção de enunciados dos idosos que nos mostrassem seus posicionamentos ideológicos, axiológicos e sua ancoragem responsiva sobre os temas por meio da abordagem de questões tidas como tabus para esse público – envelhecimento, sexualidade e morte – para que pudéssemos verificar o objetivo geral de pesquisa. Acreditamos que o curso possibilitaria uma expressão mais livre de tais posicionamentos, já que os alunos poderiam manifestar de forma espontânea suas opiniões, crenças, visões de mundo etc, sobre os assuntos discutidos.

Salientamos que a presente pesquisa não se propõe a realizar um manual de leitura do Mangá, ou mesmo verificar os processos de interpretação da linguagem multimodal dessas narrativas, mas de analisar como o contato com as formas ideológicas apresentadas

pelas histórias lidas ressignifica o sujeito idoso tanto em sua atuação imediata em seu contexto social, quanto nas formas de se reconhecer no mundo e interagir com ele.

Levamos 20 revistas de *Mangás* com os mais variados temas para que os alunos pudessem escolher quais revistas queriam ler. Por se tratar de uma intervenção delimitada por um período de um ano (2015/2016), os alunos somente leram o primeiro volume das revistas selecionadas. Os idosos escolheram como repertório de estudo sete revistas, cujos temas pautam-se em três eixos: 1) envelhecimento; 2) sexualidade; 3) morte. Ressaltamos que dessas temáticas houve, durante a fala dos idosos, o desdobramento para mais seis subtemáticas – relações de poder e crises existências humanas, estereótipos sociais/preconceitos, tecnologia atrelada a questões de longevidade e da vida cotidiana, ficção científica sob o viés da vida extraterrena, bem como aos aspectos fantásticos, ligados ao esoterismo. Ressaltamos, também que todas essas questões foram comentadas por eles durante o curso de leitura e no momento da realização das entrevistas semiestruturadas.

A liberdade de escolha das revistas de mangás, proporcionada aos idosos, visou estabelecer o primeiro contato deles com o esse tipo de texto. Estudar a composição dialógica, axiológica e cronotópica do sujeito idoso implica pensar sobre como as projeções dialógicas que o ato de ler proporciona (sentimentos, valores, impressões, alusões, memória etc) fazem parte da fala dos sujeitos. Esse fato explicita, também os movimentos ideológicos constitutivos de uma língua(gem) que equilibra o ritual entre o homem natural e o cultural, na medida em que os textos se configuram como um lugar estratégico de autorrepresentação do mundo social e da imagem de si, de um eu que se espelha naquilo que lê. Percebemos que o viver humano reverbera nos temas dos mangás, uma vez que em suas histórias emergem situações do existir expressos pelas narrativas e pelos personagens, que são concebidos pelos leitores por meio do interagir com os componentes dialógico, axiológicos e cronotópicos dispostos nas linguagens verbal e não-verbal. Pudemos verificar, todavia, que a fala dos idosos encontrou-se marcada, também pelo componente histórico-cultural-ideológico, nomeado por Bakhtin (2017) de cronotopo, como marco linguístico-discursivo que caracteriza uma determinada geração.

Ao trabalharmos com assuntos verossímeis abordados nas revistas dos mangás, pudemos desenvolver ponderações sobre os simulacros entre a verdade enraizada culturalmente e a aparência de que o que eu falo pertence a mim. As representações ideológicas diluídas nas falas das personagens puderam ser percebidas pelos idosos ora

como contrapontos de suas próprias representações, ora como objetos legitimadores de forma integral e/ou parcial da maneira como o “eu” pensa e atua no mundo de forma universal. Consideramos que o curso propiciou aos idosos refletirem sobre a relação tríade entre o sujeito, o outro e as vozes sociais que se manifestam nele mesmo, ou nos discursos dos outros (personagens, companheiros de curso e professora), fazendo-os entender que nos enunciados proferidos (narrativa dos mangás, como também dentro de seu próprio enunciado e no enunciado dos outros membros da pesquisa) as ideologias legitimadas direcionam a construção da consciência sociológica do “eu”, no nosso caso, do sujeito idoso.

A realidade social, portanto, ressoa e edifica-se a partir da tomada de consciência do “eu”, pois este faz escolhas, percebe e posiciona-se diante daquilo que lê. Em ambos os discursos, tanto o da vida quanto o da arte, a individualidade manifesta-se a partir das normas e dos valores impostos pelas ideologias válidas, bem como pela liberdade do projeto discursivo do “eu”, tendo como foco a maneira como este eu adere total ou parcialmente a determinados posicionamentos ideológicos, ou ainda não adere a realidade global que o circunda, refutando-a a partir de critérios que estabelece em comparação com valores capturados e diluídos em sua identidade linguístico-discursiva. Com a leitura dos mangás, os idosos puderam aprender sua forma peculiar de leitura, estudar sua história, discutir sobre temas do seu cotidiano e compará-los com as normativas da sociedade ocidental, fazendo um contraponto com a cultura oriental, além de trocar experiências de vida e de leitura sobre o seu posicionamento a respeito dos assuntos abordados nas narrativas.

As aulas de duas horas eram disponibilizadas uma vez por semana, com a liberdade de solicitação aos alunos de, se fosse necessário, expandi-las ou realocadas a uma carga horária maior, caso houvesse o interesse mútuo dos envolvidos. Essa flexibilidade pedagógica, durante a execução do curso, foi primordial para o andamento da proposta, pois como tratamos com o público idoso, algumas vezes tivemos que utilizar desse artifício para atender as eventuais faltas ocasionadas por problemas de saúde. Dessa maneira, como trabalhamos com um grupo pequeno e unido de idosos, o curso pode seguir em seu processo normal, com as devidas adaptações ocasionadas pelos problemas externos citados.

Apresentamos a seguir um quadro com o cronograma básico dos conteúdos ministrados no curso.

Quadro 1 – Cronograma dos conteúdos do curso de leitura dos mangás.

Item	Finalidade
Aspectos socio-históricos do mangá.	Aspectos históricos, culturais e sociais da criação e circulação dos mangás. Contexto de produção, circulação e suporte.
Peculiaridades da leitura do mangá.	Balões; sarjeta; cores e sua ausência; cenários; perspectiva; ritmo e sequenciação; personagens; narrador; sequência de leitura.
A construção de sentido das narrativas.	Aspectos linguísticos e não-linguísticos; ideologias e suas representações sociais.

Fonte: a pesquisadora.

Os conteúdos foram escolhidos e dispostos com a finalidade de propiciar aos idosos o contato com o processo de leitura do mangá, a partir do cerceamento pelas intencionalidades dos seus agentes produtores e disponibilizado ao longo das narrativas em três níveis distintos de processamento: 1) estruturação semântica e pragmática; 2) coerência dos elementos multimodais dispostos em redes de significação que delimitam a construção de significados literais e metafóricos; 3) estrutura de entrelaçamento dos distintos modos semióticos que compõem o texto para que haja a explicitação das formas ideológicas presentes nessas narrativas.

Nossa práxis docente baseou-se nos pressupostos metodológicos de Vygostky (2007), por considerarmos os idosos como sujeitos ativos dentro do contexto educacional e por acreditarmos que as atividades pedagógicas desenvolvidas precisavam estar amalgamadas, em um primeiro momento, ao contexto imediato dos alunos, considerando suas vivências pessoais. Posteriormente, à discussão preliminar dos conteúdos, estes foram apresentados em sua tonalidade científica e, novamente, rediscutidos para que os sujeitos pudessem (re)orientar as suas percepções sobre os assuntos abordados.

A combinação sujeito-linguagem-sociedade-mangá, no curso de leitura, teve por intenção desenvolver estratégias de leitura para que os idosos pudessem interpretar as questões ideológicas presentes em cada revista. Partimos do princípio de que a tomada de consciência que cada indivíduo precisa fazer para interpretar os conteúdos que lhe são disponibilizados, ao longo da leitura dos mangás, advém da sua interação com fatores externos. Esses fatores implicam o outro, as formas ideológicas aceitas e não aceitas pelos sujeitos, os valores que atribuem aos fatos discutidos, bem como a maneira como (re)organizam as suas falas, tendo em vista questões tempo-espaciais que os caracterizam enquanto pertencentes a uma geração. Todos esses aspectos se inter cruzam internamente

para constituir a identidade de cada eu. Desse modo, a atribuição do sentido precisa ser apreendida como uma síntese constituída entre o objeto de leitura, o contexto de produção do material e a vivência pessoal e coletiva dos leitores que assumem uma opinião sobre os acontecimentos estudados. O conhecimento de aspectos básicos, no que tange a leitura e construção do sentido, a partir dos elementos que compõem as narrativas dos mangás, auxiliou na desenvoltura dos alunos para atribuírem valores ao lido.

No que tange a explicitar sobre a relação do sujeito idoso e as formas ideológicas presentes nesse gênero discursivo, usamos o protocolo verbal⁷ (KLEIMAN, 2013), com o intuito de possibilitar a verbalização dos pensamentos e das impressões desse público, à medida em que a leitura acontecia. O curso propiciou aos idosos refletirem sobre as figuras que aparentemente, nos *Mangás*, são da ordem do artificial e que proporcionam uma reduplicação dos conflitos existenciais humanos, já que suas histórias são verossímeis com a realidade circundante de seus leitores. Dizemos isso porque, por mais que haja o fantástico nessas narrativas, e até mesmo o mítico, a essência dos conflitos entre as personagens, o enredo, o cenário etc, de certa maneira, pautam-se em valores, em condutas, em hábitos e em pensamentos que de certa forma permitem a identificação dos idosos com essas narrativas. Salientamos que essa identificação nem sempre é total ou mesmo existente, na medida em que alguns idosos puderam rejeitar as ideologias apresentadas nos mangás ou readequá-las à sua própria realidade. Mas entendemos que mesmo essa negação provoca uma afirmação dos valores que esses alunos já trazem consigo e, conseqüentemente, um reorganizar interno oriundo dos questionamentos e dos motivos que os levaram a posicionar-se contrários, ou não à abordagem dos mangás.

Por se tratar de alunos que já possuem proficiência leitora, as hipóteses levantadas explicitam-se a partir das interações entre o conhecimento de mundo que os alunos já apresentam enraizado em seu repertório de vida, bem como nos valores sócio-culturais disseminados pelo *Mangá* em questão, a mediação do docente e a interação estabelecida entre os membros do grupo. Partimos dos pressupostos bakhtinianos de que toda a

⁷ Adaptamos o método do protocolo verbal de Kleiman (2013), uma vez que mediamos ativamente o processo de leitura do sujeito idoso. Dessa maneira, a realização da leitura foi assessorada pela professora, com a finalidade de verificar e observar como os sentidos eram construídos pelos alunos a partir da verbalização das interpretações e das análises realizadas por eles ao longo das atividades. Os idosos foram instigados a autorrelatarem suas experiências de leitura, impressões e como chegaram à determinada opinião sobre as temáticas abordadas. Como não partimos do fato de uma mera observação passiva referente a tomada de consciência sociológica dos idosos a respeito dos assuntos da narrativa dos mangás, buscamos entender como a interação do eu com o outro (texto e outros membros do grupo) afeta, reprocessa, ou não a maneira como são construídos os sentidos que os idosos atribuem ao longo da narrativa dos mangás.

língua(gem) é ideológica e de que as atualizações dos sujeitos acontecem não somente pelo contato com as novas formas de concepção da realidade transmitida por meio de padrões de pensar e de agir provenientes das personagens dos mangás lidos, como também pelas atualizações que o contato com outras visões de mundo provoca na organização interna das informações transmitidas durante e pós-interação.

Ao considerarmos os pressupostos bakhtinianos, precisamos estabelecer como parâmetro da pesquisa a constituição dialógica do sujeito regida por fatores tanto universais quanto singulares, os quais pautam-se em conceber a enunciação como produto da interação entre a língua(gem), o contexto e seus participantes. Esse fato permite o entrelace entre sujeito e contexto social, já que estabelece um estudo levando em consideração a heterogeneidade de cada discurso dos idosos, fonte de partida da verificação do dialogismo, da axiologia como aspectos gerais da sua constituição. Podemos, também levantar e analisar questões em relação à recorrência do cronotopo como fonte de tessitura da sua identidade, na medida em que marca a composição linguística-discursiva de uma geração.

1.3.1.1. O material de leitura do curso: o mangá

O moderno mangá, no formato como conhecemos hoje, nasce das adaptações e das influências das Histórias em Quadrinhos (HQs) ocidentais, durante a expansão política, econômica e cultural da Era Meiji⁸ e dos períodos subsequentes, ocasionados pela abertura dos portos japoneses à cultura ocidental. Esse gênero deriva do *emanokimono*⁹, forma narrativa abundante no século XI e XII de representação da realidade local (LUYTEN, 2001). Sua disseminação deve-se ao fato de que a maioria da população japonesa era analfabeta em relação ao alfabeto Kanji¹⁰, e o mangá, dessa

⁸ Período que corresponde de 1868 a 1912 referente a abertura dos portos japoneses ao mercado norte-americano. Esse período estabelece o fim da idade feudal, marcando a entrada do Japão na era capitalista. Avanços tecnológicos e científicos são atribuídos a esse marco histórico que culminaram por remodelar a sociedade nipônica, no que tange a padrões de comportamento e de pensamentos aceitos socialmente. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/japao/era-meiji/>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

⁹ **Emanokimono** é um formulário narrativo horizontal, surgido no Japão durante os séculos XI e XVI, que combina texto e imagens e descreve batalhas, romances, relatos populares e histórias sobrenaturais. Pode ser visto como um precursor do mangá moderno. Disponível em: <<http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Emakimono>>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹⁰ O Kenji é um dos três tipos de alfabetos oficiais japoneses, composto de ideogramas (desenhos) para representar palavras, e até mesmo frases. Convém ressaltar que além do som, explora também as ideias contidas nos signos. Os outros alfabetos são: o Hiragana e o Katakana, cada um com 48 caracteres.

forma, precisou utilizar os desenhos de traços simples e estilizados de influência chinesa, segundo a pesquisadora, para substituir os ideogramas desse alfabeto. Tal procedimento visou facilitar a transmissão e interação dos leitores com as personagens pelo reconhecimento dos arquétipos emocionais¹¹ veiculados por esse tipo de HQ.

A crescente ocidentalização da sociedade japonesa acarretou profunda modificação em sua antiga estrutura social, uma vez que se constituiu como alicerce para a implementação de uma sociedade altamente capitalista. Dessa forma, muitos desenhistas de mangá, diante das pressões internas ocasionadas pelo surgimento de uma nova classe, o proletariado, optaram por ingressar no desenvolvimento de um novo tipo de charge e de cartum que abordassem todos esses problemas sociais. Além disso, é preciso considerar a disseminação dos ideais da Revolução Russa de 1917, da qual aflorou o marxismo. No Japão, essa revolução eclodiu nas décadas de 20 e 30, possibilitando que a produção dos quadrinhos tomasse um novo rumo, indo dos temas destinados ao mero entretenimento às temáticas mais complexas, como as relações desumanas de trabalho, o capitalismo e a crise existencial da vida pós-moderna, tabus sobre sexualidade etc (LUYTEN, 2001).

O mercado dominante dos quadrinhos japoneses, até então, destinava-se ao universo adulto. Contudo em 1924, há o lançamento com sucesso do Mangá “Dango Kushisuke Manyuki”¹² (As aventuras de Dango Kushisuke) (MOLINE, 2004). A partir desse mangá, a literatura infantil japonesa, antes restrita a coleções de livros que tratavam de aspectos históricos do país, passa a voltar-se a um mercado infanto-juvenil, cujas histórias serviram de alicerce para o desenvolvimento com sucesso das revistas modernas de mangá destinadas a esse público.

Moline (2004) ainda ratifica que os quadrinhos norte-americanos não conseguiram cativar o público japonês, já que a distinção dos costumes, da cultura, e mesmo da abordagem temática criaram uma barreira de identificação dos leitores japoneses quanto aos heróis do ocidente. No entanto, não podemos esquecer de que os mangás aproveitaram fundamentos das HQs ocidentais, tais como: relações entre as imagens, cena e palavras, a fim de fomentar uma arte popular de entretenimento por meio

¹¹ Arquétipos emocionais, segundo Wolf (1992), são utilizados para a caracterizar os estereótipos ideológicos em relações aos hábitos e pensamentos aceitáveis em uma determinada sociedade. Esses valores sejam impostos ou não, transformam-se em verdades que influenciam a maneira como os sujeitos relacionam-se consigo mesmos, com os outros e com o ambiente a seu redor.

¹² “**Dango Kushisuke Manyuki**” é uma história humorística das aventuras de um samurai.

da niponização desses elementos, tornando os quadrinhos orientais um veículo narrativo com sua própria identidade.

As mudanças sociais no Japão, com o advento da Era Showa¹³ pela subida do imperador Hirohito ao poder, estiveram ao lado de acontecimentos marcantes, como as guerras mundiais. Essas mudanças no contexto social, histórico, político, ideológico e econômico redirecionaram a visão de mundo às necessidades e aos valores, bem como, aos costumes do povo japonês. Em 1929, acontece o “Crack da Bolsa de Valores de Nova York”, efeito colateral da Primeira Guerra Mundial, trazendo uma crise transcontinental que propicia o surgimento da necessidade de novos modelos de heróis, que servissem de inspiração para o enfrentamento da vida cotidiana no período pós-guerra.

Tanto os quadrinhos norte-americanos quanto japoneses tiveram que se adequarem, a fim de compensar a insegurança social generalizada. Essa época é considerada o auge das HQs de aventura, de heróis imbatíveis diante do mal, de ficção científica e propagandísticas direcionadas às doutrinas militares e suas ideologias de dominação e manipulação das massas.

Os desenhistas de mangá, conhecidos como mangakás, buscaram fomentar personagens para que, por meio da sua bravura, do caráter inquebrantável diante das adversidades e do otimismo, transmitissem aos leitores algum tipo de esperança e alento diante dos tempos difíceis. Surge em 1931 “Norakuro”¹⁴ de Sussho Tagawa (GRAVETT, 2006), expoente da moralidade, acentuando os valores tradicionais de lealdade, bravura e força para os leitores. Também perpassam as temáticas relacionadas ao escapismo, conseguidas por meio da disseminação da fantasia, nos quadrinhos.

A partir da década de 80 e 90, os mangás despontam no cenário mundial por meio das adaptações comercializadas disseminados, principalmente pelos animes, desenhos animados japoneses (LUYTEN, 2001). Entre os mais famosos estão:

¹³ Período do governo do imperador Hirohito (1926 – 1989) que é marcado pelo totalitarismo, guerras mundiais e invasão à China. Depois da derrota japonesa à intervenção norte-americana em seu território, estabelece a abertura política, econômica e social para o mundo ocidental. O pós-guerra levou esse governo a enfrentar a crise e colocar o Japão na era intitulada de “milagre econômico” pela superação dos conflitos internos e desenvolvimento tecnológico e científico. Esse período é a base para o modelo histórico-cultural e econômico do Japão na atualidade.

¹⁴ Segundo Gravett (2006), Norakuro é um mangá cômico, cujo personagem principal é um cachorro que presta serviço militar na brigada de cães ferozes. Contudo, seus esforços para alcançar o sucesso não eram bem sucedidos. Convém lembrar que seu nome literalmente significa “negra sorte”.

Cavaleiros do Zodíaco¹⁵ e Dragon Ball¹⁶. O primeiro contato dos leitores com esse tipo de história provou uma febre no mercado de entretenimento, visto que, posteriormente, houve o desenvolvimento de eventos relacionados diretamente com esse universo, tais como: cosplay¹⁷. Há também o surgimento de lojas de mangás que ofereciam cursos de desenho e vendiam especificamente esse produto, bem como animes songs, brinquedos etc.

O aparecimento da figura dos heróis da cultura de massa ocidental no cenário quadrinizado dissemina a visão mítica dos heróis e heroínas, como também as figuras fetichistas, servindo de base para a explosão de ícones como o super-man, o homem-aranha etc. Os mangás, por sua vez, redefiniram essa imagem de protagonista imortal e totalmente bom, perfeito, já que suas personagens podem ter ou não superpoderes. Ao refletirem a dualidade da existência humana, passam a explorar as angústias, os medos e as incertezas, ou seja, os sentimentos próprios do viver. O desdobramento das personagens do mangá em donas de casa, adolescentes, idosos, médicos, etc, instaura um novo perfil de herói a ser comercializado e consumido dentro do mercado da HQs. Esse fato peculiar aproximou os leitores a esse gênero, uma vez que se identificavam com seus dramas reais em cada página desse tipo de HQ.

Podemos perceber que essas transformações no que tange a representação dos ícones referentes aos modelos de heróis provocadas pelos mangás influenciaram a reorganização dos arquétipos de heróis das revistas ocidentais, bem como dos seus desdobramentos nas telas dos cinemas. Vejamos o caso do homem-aranha, em suas versões HQs e fílmica: a personagem Peter Parker, o homem-aranha, passa a vivenciar crises existências de ansiedade, angústias e, até mesmo, depressão diante dos problemas amorosos. Sofre com problemas para pagar o aluguel e ter amigos, ou mesmo afirmar-se em seu trabalho. Tudo para tornar mais atrativo esse protagonista, aos olhos dos leitores.

¹⁵Cavaleiros do Zodíaco é um mangá escrito por Masami Kurumada. Seu enredo é baseado na história do órfão Seiya que é forçado a despertar seus poderes como cavaleiro. Baseado no mito dos deuses gregos, a história desenvolve-se em como as características nitidamente humanas desses cavaleiros interfere, diretamente, no transcurso da vida cotidiana das outras personagens. O poder, nesse caso, encontra-se susceptível às transformações de pensamentos e de ações de governantes, cujo caráter é maleável às influências do momento.

¹⁶ Dragon Ball, originalmente, é uma franquia de mangás criada por Akira Toriyama com 519 capítulos, distribuídos em 42 revistas. Narra as aventuras de Goku desde seu nascimento e morte em batalha para defender o planeta Terra das ameaças dos extraterrestres. Esse mangá conta histórias paralelas à história principal de Goku referentes a sua descendência, filhos, netos, avós etc.

¹⁷ Abreviação de *costume play* que, quando traduzida, significa “representação de personagem a caráter”. Utilizado no português como empréstimo linguístico da palavra fantasia, refere-se à atividade lúdica dos leitores de mangás se vestirem a imagem de seus personagens favoritos.

Acreditamos que a legitimação desse tipo de história em quadrinhos por leitores ocidentais acontece devido a sua identificação com os arquétipos do herói das personagens dos mangás que, diferentemente das histórias em quadrinhos ocidentais, são pessoas comuns, que possuem características nitidamente humanas, como o dualismo existencial (não são totalmente boas ou más) e uma vida verossímil com a realidade, já que suas existências são marcadas por um ciclo temporal definido (nascem, crescem e morrem). Além disso, as personagens transmitem valores morais e éticos de uma sociedade, na qual honra, persistência e autoconhecimento são considerados formas de garantir o equilíbrio entre as relações sociais.

O mangá não é um mecanismo tão ingênuo quanto parece, já que por trás das personagens com traços femininos, de olhos grandes otimizando a ideia de pureza, até mesmo de certa maneira infantilizados, consegue abranger a questão do manejo das massas de uma maneira sutil, quase imperceptível. Os estereótipos sociais vinculados a essas narrativas aderem as formas de pensar e de agir da sociedade japonesa, expressando diversos pontos de vista ideológicos que apoiam as dominação simbólica de um estado autoritário, no qual os valores aceitos são difundidos pedagogicamente. Os temas não são os convencionais, os típicos das HQs americanas – histórias de aventura, mescladas com romance, alguma complicação e por fim o desfecho esperado de que sempre o perfil de bondade supera a escuridão da maldade. Longe disso, os mangás representam a vida real e nem sempre os ideais de bondade superam os aspectos negativos encontrados ao longo do caminho. Tanto que o final desse tipo de HQs sugere não ser o usualmente encontrado nas HQs ocidentais. Esse fato cativa os leitores que projetam sua vida imperfeita nas páginas dos mangás. Histórias de “felizes para sempre”, protagonistas de caráter reto e puro não são a sua vertente ideológica.

Entre as diversas temáticas dos mangás, encontramos os dramas pessoais envoltos em ataques alienígenas; a passagem do tempo e seus impactos nos corpos e mentes das pessoas que tentam a todo custo se manterem jovens; a mitologia grega em uma perspectiva de vivenciar as características nitidamente humanas – inveja, egoísmo, luxúria, amor, ira etc. Além disso, encontramos histórias de Samurais que lutam com crises existenciais por massacrarem vilarejos inteiros pelos ideais do clã que servem; sem falar que toda essa matança pode trazer à tona reflexões sobre o amor platônico e o carnal. As tramas podem ainda envolver adições a drogas, ao sexo, às relações tóxicas e tantas outras temáticas que permitem aos leitores do mundo refletirem sobre as questões

existências humanas. Os mangás servem para representar a verossimilhança entre a vida vivida e a vida narrada.

Existe, também, uma divisão de gênero e faixa etária, inclusive essa classificação vem escrita nas traduções espalhadas pelo mundo. Assim temos, segundo Luyten (2001), a seguinte organização: 1) Shoujo são romances românticos destinados a jovens mulheres, tais como: *Sailor Moon*, *Ao haru Ride* etc; 2) Shounen são destinados ao público masculino jovem, apresentando narrativas de ação e, algumas vezes, aspectos fantásticos, por exemplo: *Cavaleiros do Zodiaco*, *Naruto* etc; 3) Seinen consiste em narrativas com temática adulta destinadas ao público masculino: *Piano no Mori*, *Tokyo Ghoul* etc; 4) Josei são narrativas adultas para mulheres maduras: *Hotaru no Hikari*, *Gokusen*; 5) Gender Blender apresenta narrativas, nas quais a personagem principal desdobra seu gênero, ou seja, se nasce homem, em algumas situações se veste de mulher e vice e versa, uma menina se veste de homem para conseguir algo como status ou vingança. Nessas narrativas, as personagens são motivadas por fatores de pressão social, pois em seu cotidiano precisam levar uma vida dupla para poderem atender e/ou fazer algo que é considerado inapropriado para o seu gênero, como exemplo temos os seguintes mangás: *A Princesa e o Cavaleiro*, *Hana Kimi*; 6) Shounen e Shoujo ai são revistas que abarcam a temática homossexual: *Loveless*; 7) Yaoi (homens)/Yuri (mulheres) são narrativas que expressam envolvimento amoroso entre pessoas do mesmo sexo, a única distinção do gênero “ai” é que nas histórias apresentadas, nesses mangás, o sexo acontece de forma explícita; 8) Hentai, mangás com temas eróticos que explicitam técnicas sexuais para homens e mulheres maiores de idade.

O ato de romper com as expectativas convencionais de uma HQ faz com que o mangá abranja um público não limitado a seu território de origem. Discorrer sobre temáticas tidas como tabus – homossexualidade, vida extraterrena, envelhecimento, dentre outras – não o configuram, simplesmente, como um objeto exótico, mas como uma ferramenta ideológica de verossimilhança do viver humano. Os leitores de todas as idades são cativados por essas histórias, uma vez que conseguem identificar nas narrativas os dramas, as frustrações, as alegrias e as incertezas que perpassam o ser humano.

A seguir, retomamos, de forma pontual, algumas particularidades apresentadas dos mangás que acreditamos serem concernentes ao motivo de sua aceitação pelo público tanto oriental quanto ocidental e ao fato de terem se constituído em um fenômeno de massa:

- 1) dualismo existencial das suas personagens (não são totalmente boas ou más);
- 2) vida verossímil das personagens com a realidade, já que sua existência possui um ciclo temporal definido (nascem, crescem e morrem);
- 3) classificação em faixa etária e gênero que possibilita a aproximação com as necessidades temáticas de cada público-alvo de forma mais efetiva;
- 4) desdobramentos em filmes, brinquedos, feiras e animes que mobiliza cada vez mais adeptos.

Além desses fatores, é necessário considerarmos a realização de pesquisas com os leitores para a verificação de como anda o interesse deles pelo desdobramento da história. Tais pesquisas realizadas pelos produtores dos mangás movimentam o universo dos leitores, permitindo uma maior interação entre os mangakás e o seu público-alvo.

Apresentamos a seguir as sete revistas de mangás escolhidas pelos participantes como material de leitura para o curso.

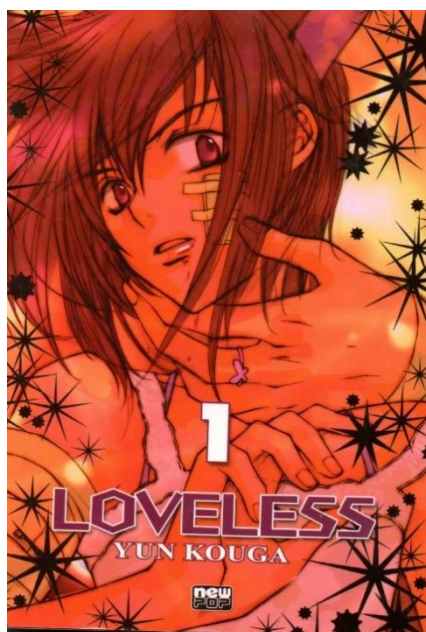


Figura 1 – Loveless.

- KOUGA, Yun. Loveless. São Paulo: New Pop Editora, 2014 (Volume 1). Trabalha a temática da homossexualidade, bissexualidade, como também a questão da morte e juventude; Sinopse: A história centra-se em um adolescente de 12 anos chamado Aoyagi Ritsuka que sofre de um distúrbio psicológico que o

faz esquecer de todos os acontecimentos vividos nos últimos 10 anos. Esse fato não afeta, somente, a sua memória, mas principalmente a sua personalidade, uma vez que sem lembranças do passado, Ritsuka se dispersa, tentando ser outra pessoa. Inclusive passa a querer viver a vida de seu irmão assassinato Semei, adolescente popular que todos amavam e homossexual. Ao longo da mudança de escola para poder ter chance de um novo recomeço Ritsuka conhece Soube, amigo e amante de seu falecido irmão. Nessa trama, a qual aborda dramas pessoais, boys love (shone ai). Tendo como pano de fundo relacionamentos humanos e busca pela própria identidade. Loveless é um mangá destinado a maiores de 18 anos e abarca temáticas polêmicas envoltas em um ambiente que mescla o despertar da sexualidade como indicativo de quebra da inocência da infância e o despertar para temas como assassinato, identidade, homossexualidade, bissexualidade. Classificação Aoi Mangá “boys-love”, possui 12 revistas.



Figura 2 – LevelE.

- TOGASHI, Yoshihiro. LevelE. São Paulo: JBC, 2013 (Volume 1). Revista de humor negro com estética de ficção científica que apresenta relacionamentos humanos e não-humanos (alienígenas) delimitando a crise existencial entre o ser e parecer e as disputas pelo poder, ausência de envelhecimento. Sinopse: a narrativa deste mangá envolve um ambiente de ficção científica, na qual a

existência de vida extraterrena deixou de ser uma possibilidade e virou uma realidade. Mas, a grande maioria dos terráqueos desconhece essa questão, já que as dezenas de raças alienígenas que habitam a Terra disfarçadamente possuem aparência humana. O príncipe Baka di El Droga do planeta Droga estava a caminho de uma conferência intergaláctica quando sua nave foi atacada e ele teve que fazer uma parada de emergência na Terra. Durante o incidente o príncipe perde a memória e acaba se escondendo na residência de Tsutsui Yukitaka, um estudante do colegial. Esse fato perturba a pacata vida de Tsutsui que, agora, convive de forma cômica com conspirações intergalácticas, disputas de distintas raças alienígenas pelo poder, abduções e com uma amizade nada convencional que evidencia que os aliens possuem características mais humanas do que imaginam. Esse mangá destina-se ao público shonen, com classificação para maiores de 14 anos e divide-se em 6 livros.

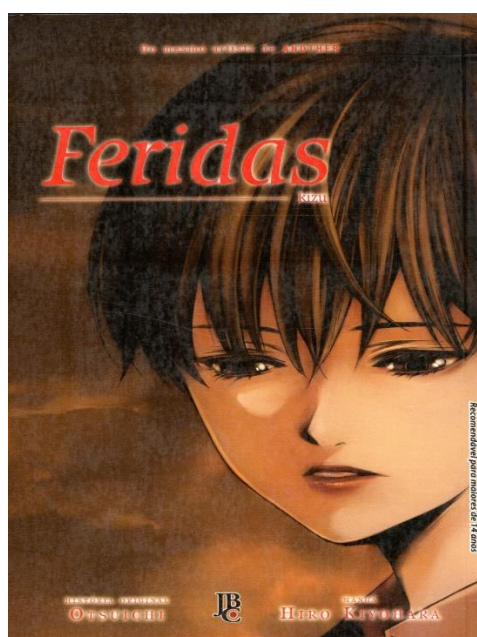


Figura 3 – Feridas.

- KIYOHARA, Hiro. Feridas. São Paulo: JBC, 2015 (Volume único). Explicita uma reflexão sobre a questão de como os sujeitos são afetados pelos padrões de “normalidade” estereotipados pela sociedade, discutindo questões de assassinato e suicídio de maneira implícita na história. Sinopse: a história centra-se em dois protagonistas, duas crianças com problemas familiares que frequentam uma classe

especial. Keigo e Asato. Os protagonistas mostram como os adultos podem ser cruéis e infligirem sofrimentos físicos e psicológicos nos infantes. Asato descobre que possui o superpoder de transferir os distintos tipos de feridas, tais como bullying, maus tratos, abandono, doenças que são aplicados às outras pessoas para o seu próprio corpo, como também para o corpo de qualquer outra pessoa que ele queira. Esse fato acaba por gerar que os meninos planejem e executem uma vingança contra o pai de Keigo, pois transferem todos os males infringidos em outras pessoa para ele. Entretanto, esse plano tem uma reviravolta surpreendente. O público alvo desse mangá on-shot (único volume) destina-se a maiores de 14 anos e seu tipo é shonen mangá;



Figura 4 – Chobits.

- CLAMP. Chobits. São Paulo: JBC, 2015 (Volume 1). Evidencia os efeitos do desenvolvimento industrial e tecnológico em relação a vida humana, no que tange relacionamento amoroso com máquinas, juventude e envelhecimento, papel da mulher dentro da sociedade japonesa. Sinopse: O mangá centra-se em contar a história da vida humana atrelada ao surgimento dos persocons, computadores com formato humano, que auxiliam a vida cotidiana e realizam tarefas, tais como: limpar a casa, fazer trabalhos escolares, suprimir a vida amorosa etc. Hideki

Motosuya um estudante de cursinho que mora em Tóquio e trabalha em um restaurante, sonha em fazer faculdade, bem como possuir as últimas novidades eletrônicas: os persocons, robôs modernos com aparência humana. Ao sair de seu trabalho, tarde da noite, Hideki encontra uma persocon jogada no lixo. Depois desse fato, a narrativa pauta-se em desvendar a origem da persocon e como ela (Chii) apresenta sentimentos tipicamente humanos e como Hideki vai se apaixonando pela robô. O mangá possui 8 volumes, classificado como shojo mangá, dirigi-se a maiores de 16 anos;



Figura 5 – Dawn.

- UEDA, SHINSHU. Dawn. Mirandópolis – SP: Editora Sampa, 2004 (Volume1). Revista de terror e drama que por meio do fantástico abrange a dualidade humana do sujeito não sendo visto como um indivíduo, totalmente, bom ou mau, permeado por catástrofes relacionadas a doenças que surgiram na idade média. Sinopse: O mangá discorre sobre o ressurgimento da peste negra, no século XXI, doença característica dos séculos das trevas, conhecida pela sua alta mortandade no período feudal. Com os avanços científicos essa enfermidade sofre modificações significativas, uma vez que não se manifesta diretamente, pois as pessoas

infectadas não desenvolvem a doença como antigamente, com sintomas visíveis. As transformações acontecem na personalidade dos indivíduos que acabam aparentemente vivendo vidas normais, mas que na verdade mascaram um instinto assassino e sádico diante do novo panorama institucional. Há a ausência dos valores familiares e religiosos que legitimam a sexualidade, a morte e o envelhecimento, tendo de uma perspectiva de reorganização de hábitos e condutas. Há personagem principal entrelaçasse em uma crise existencial diante dos fatos que vivência e acaba sem se dar conta transformando-se em um zombie. Esse mangá apresenta a realidade de duas maneira: 1) a realidade dos fatos que acontecem na história de uma maneira geral; 2) a realidade experienciada pela personagem que tenta negar as transformações que estão acontecendo com ele. Esse mangá é dividido em 6 volumes, classifica-se como shonen mangá, sendo destinado a maiores de 16 anos;

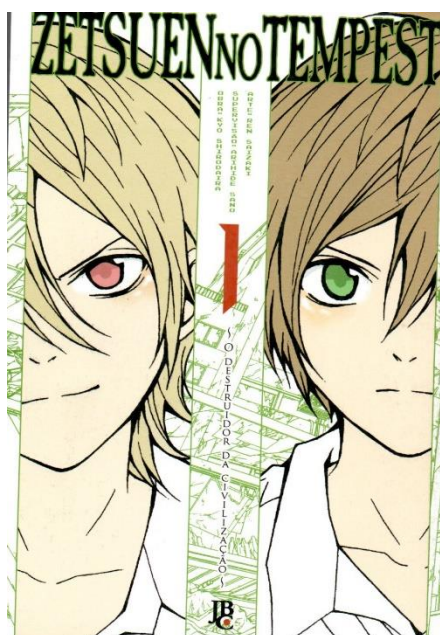


Figura 6 – Zetsuen no Tempest (Tempestade).

- SHIRODAIRA, Kyo; SANO, Arihide; SAIZAKI, Ren. Zetsuen no Tempest (Tempestade de Shakespeare-adaptação). São Paulo: JBC, 2015. Retrata brigas pelo poder envoltas a situações mágicas e de necromancia; Sinopse: A história dilui-se em 10 volumes e baseia-se na peça teatral de Shakespeare a

“Tempestade”. Nessa versão, os protagonistas (Mahiro e Yoshino) que se unem para tentar impedir a destruição da humanidade. Apesar da narrativa centrar-se em clichês, tais como: triângulo amoroso, vingança, mortes, poder; esse mangá possibilita que o leitor reflita sobre a dualidade intrínseca à personalidade humana, já que coexistem sentimentos e ações boas e ruins. Classificação mais 16 anos, shonen mangá;

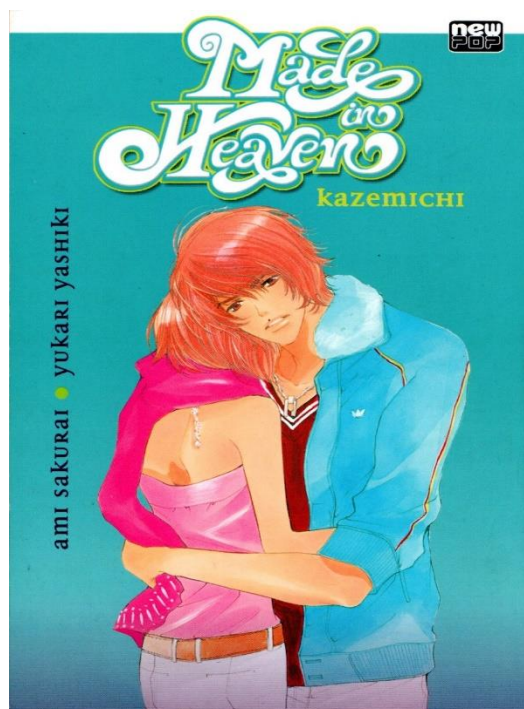


Figura 7 – Made in Heaven.

- SAKURAI, Ami; Yashiki, Yukari. Made in Heaven. São Paulo: New Pop Editora, 2012 (Volume único). Discute a utilização de recursos médicos e tecnológicos para o desenvolvimento da imortalidade. Sinopse: O mangá instiga o leitor a pensar sobre a seguinte pergunta: O que é ser humano? A personagem principal Reiji sofre um acidente e na teoria lhe é decretado morte. Mas, os avanços da medicina e da robótica garantem que ele tenha uma nova chance de viver como um “quase” humano, uma vez que a maioria das partes do seu corpo foi substituída por partes mecânicas de aparência normal. O procedimento é ilegal e esse fato interfere na durabilidade das peças implantadas, pois os médicos não possuem autorização para a realização do experimento e acabam por limitar o tempo de vida de Reiji. Durante o curto período de tempo da nova vida o protagonista

conhece o grande amor da sua vida, mas esse romance possui tempo de validade determinado, ou até que as partes robóticas parem de funcionar, ou até que a namorada dele descubra que ele é mais robô do que humano. Classificação 14 anos, shojo mangá.

A liberdade de escolha proporcionada aos idosos visou estabelecer o primeiro contato com o esse tipo de texto de forma a instigar de uma maneira espontânea e significativa a participação desse público. Estudar a composição dialógica do sujeito idoso implica pensar sobre como as projeções dialéticas que o ato de ler proporciona (sentimentos, valores, impressões, alusões, memória), explicitando os movimentos ideológicos constitutivos de uma linguagem que equilibra o ritual entre o homem natural e o cultural, na medida em que os textos configuram-se como um lugar estratégico de autorrepresentação do mundo social e da imagem de si espelhada nas narrativas.

Nesta seção, procurarmos discorrer, de forma breve, sobre as características peculiares do mangá que o fomentaram a ser um fenômeno exótico de massa, que extrapola o seu contexto imediato de produção – a sociedade japonesa – e estende-se à sociedade ocidental. A nosso ver, os aspectos levantados demonstram as razões de termos escolhido os mangás para o trabalho com os alunos do curso de leitura.

1.4 As entrevistas semiestruturadas

Apesar de termos registrado todas as aulas em vídeo, as entrevistas semiestruturadas tiveram por objetivo oferecer uma delimitação mais precisa sobre os posicionamentos dos idosos diante dos assuntos abordados. Assim, são as entrevistas que balizam o encaminhamento de nossas análises, pois demonstram três momentos distintos da pesquisa: o antes, o durante e o depois do curso de leitura.

Segundo Haguete (2001), a entrevista configura-se como uma modalidade de investigação, a qual permite aos sujeitos da pesquisa darem sentido a fatos da realidade que os cercam por meio da reflexão dialogada de temas que fazem parte ou não de seu cotidiano.

A entrevista nos possibilitou alcançar informações acerca do objeto da pesquisa, no que tange a explorar o universo da identidade do sujeito idoso por meio de uma perspectiva qualitativa. Dessa maneira, pudemos analisar e ponderar sobre

posicionamentos atitudinais, sentimentais e valores subjacentes ao comportamento linguístico-discursivo, ou mesmo ao registro qualitativo dos significados construídos pelos idosos.

Bauer e Gaskell (2002) explicitam que a entrevista é uma técnica flexível de coletas de dados, e a entrevista semiestruturada proporciona benefícios que auxiliam o investigador, tais como:

- Instiga a obtenção de informações linguística-discursivas contextualizadas;
- Favorece, devido ao seu formato, esclarecimentos de perguntas-respostas específicos, pela inserção de roteiros não previstos, acabando por garantir maior personalidade e espontaneidade às respostas;
- Previne possíveis erros, na medida em que sua flexibilidade pode antecipar hipóteses, bem como readequá-las para as reais necessidades da investigação.

Por se tratar de uma técnica que valoriza a relação intersubjetiva entre entrevistador e entrevistado, a entrevista semiestruturada permite estabelecer uma melhor compreensão das vivências pessoais dos agentes envolvidos sobre a situação a ser analisada. Ribeiro (2008) aponta que, além dos aspectos linguísticos, essa modalidade capta as formas não linguísticas explícitas e implícitas envolvidas durante a interação.

Outra questão refere-se às limitações dessa modalidade de pesquisa, segundo Gil (1999), no que tange a três aspectos. O primeiro, insere-se no fato de que em alguns momentos o entrevistado pode estar sem a motivação necessária para contestar as perguntas. A outra questão, deve-se a incompreensão da parte do entrevistado do significado dos questionamentos efetuados. Há, também a circunstância de inaptidão para responder, seja por falta, ou inadequação do vocabulário, seja por fatores psicológicos/psiquiátricos que podem influenciar tanto a sua percepção de como o indivíduo compreende o que lhe é solicitado quanto na maneira como formula a sua resposta. É o caso de pensarmos, se algum sujeito da pesquisa pode estar momentaneamente, ou não, sob alguma influência externa que possa perturbar como o entrevistado percebe a realidade que circunscreve a pergunta, impactando diretamente na concepção da resposta. E especificamente, no nosso caso, por trabalharmos com idosos,

precisamos levar em conta a existência de doenças pré-existentes – como o Alzheimer¹⁸ ou outras enfermidades – que possam limitar a sua atuação.

Outro ponto fundamental, na condução da pesquisa e na realização de entrevistas semiestruturadas, é o termo de consentimento. Hossne e Vieira (1997) salientam o aspecto ético da conduta do pesquisador em relação a utilização do termo de consentimento livre e esclarecido. O estudioso ressalta que não basta, simplesmente, o consentir do sujeito da pesquisa; é primordial o respeito a suas limitações, já que a qualquer momento este pode desistir de realizar a entrevista, ou mesmo solicitar modificações na estrutura, no conteúdo e nas etapas de sua realização. Por se tratar de um mecanismo teórico-metodológico negociado, deve situar-se em aspectos humanos que preservem a dignidade, a identidade, o físico e o cognitivo dos envolvidos. Além disso, é preciso explicitar os fatos que cercam o desenvolvimento da pesquisa: 1) os objetivos; 2) os riscos que envolvem a sua participação; 3) as fases e etapas da sua realização. Todos esses critérios devem ser seguidos para que se possa estabelecer um ambiente seguro e estável para obter uma maior compreensão sobre o fenômeno estudado.

A adequada introdução dos procedimentos do estudo procura criar uma atmosfera de cordialidade e de simpatia entre os sujeitos envolvidos e facilitar a interação. A entrevista semiestruturada, ao pautar-se na fala dos participantes, agrega à análise da realidade humana a possibilidade de investigar como as pessoas compreendem o mundo e externalizam suas concepções a respeito dos assuntos abordados. Richardson (1999) evidencia que, na entrevista semiestruturada, o roteiro parte de pontos-chaves para comprovar ou refutar as hipóteses da pesquisa, o que acarreta um norte ao estudo. Essa é a riqueza dessa modalidade de investigação, na medida em que permite avançar e retroceder, como também adequar as perguntas para que os esclarecimentos sobre o fenômeno estudado sejam alcançados.

Rose e Arnold (2006) esclarecem que para que haja maior aproveitamento, durante a coleta de dados com as entrevistas, é preciso que o pesquisador estabeleça algumas estratégias discriminadas a seguir:

¹⁸ O Alzheimer é uma doença neurodegenerativa progressiva que se manifesta como uma deterioração cognitiva, impactando diretamente na memória e no comportamento dos indivíduos acometidos. No caso dos alunos assistidos pelo curso de leitura de mangás, pelo menos um apresenta laudo dessa doença.

- Silêncio: possibilita ao entrevistador realizar inserções, no momento adequado, para produzir reações de reflexão, questionar, no que tange a formulação das repostas pelos entrevistados;
- Animação e elaboração: saber ouvir e interpretar as falas dos sujeitos da pesquisa, a fim de, não somente motivá-los a expressarem-se, como também readequar as perguntas às novas necessidades que vão surgindo, ao longo do diálogo estabelecido;
- Reafirmação e repetição: consiste na obtenção de informações por intermédio da repetição de informações dos entrevistados estipulado pela reformulação direta das perguntas;
- Recapitulação: essa tática configura-se em proporcionar uma linha cronológica de trajetórias da vida dos sujeitos da pesquisa que influenciam na sua maneira de pensar sobre as temáticas abordadas;
- Esclarecimento: oportuniza o detalhamento de determinado momento do relato;
- Alteração do tema: mudança na direção das perguntas diante de necessidade da abertura de novas indagações a respeito do assunto abordado;
- Pós-entrevista: prolongamento do diálogo mesmo depois da entrevista ter terminado. Dessa maneira, o entrevistador pode solicitar dados complementares depois do seu término.

Ao basearmos a nossa pesquisa em premissas qualitativas envoltas a execução de uma entrevista semiestruturada sedimentamos a nossa base de dados na ação humana expressa pela fala. As táticas descritas acima serviram para compor as atitudes do entrevistador, a fim de garantirem que os dados fossem coletados de forma eficiente. Entretanto, há outros pontos que merecem a atenção do pesquisador, que se referem ao armazenamento e ao processamento da informação coletada.

Gill (1999) explicita que para que haja maior aproveitamento das respostas dos entrevistados, estas precisam ser gravadas. A gravação dos fatos, segundo o pesquisador, possibilita que a ação do tempo seja praticamente nula, pois o que está gravado não sofre influência direta da memória dos envolvidos, e consequentemente, seu conteúdo pode ser

verificado quantas vezes forem necessárias para que sejam esclarecidos fatores inerentes ao estudo. A preservação das informações colhidas está a cargo da qualidade da gravação e de seu armazenamento. No nosso caso, gravamos as aulas e as entrevistas e as armazenamos tanto em mídia física quanto em mídia virtual (drive). Salientamos que as gravações foram autorizadas pelos participantes da pesquisa.

A utilização desse suporte viabilizou materializar as transformações ocorridas nas falas dos idosos, tendo como linha cronológica de ações o antes do curso de leitura, o durante o curso e o pós-curso. O tratamento da informação colhido por esse instrumento de análise considerou a experiência humana representada pela fala desse público a partir da (re)construção e/ou modificações dos padrões de conduta e pensamento desses sujeitos. Cada questionamento proposto, na entrevista semiestruturada, procura revelar a maneira como os alunos reagiram, absorveram, utilizaram e aprimoraram as informações obtidas e discutidas.

Conhecer o funcionamento da arquitetura do sujeito idoso, tendo por base os fundamentos bakhtinianos do existir humano, implica considerar a língua(gem) como um artefato social. Para tanto, os procedimentos de análise buscam interpretar o discurso dos idosos, tendo como escopo a interação verbal e não verbal, o tom do discurso, o léxico escolhido, as valorações axiológicas, a própria construção e exposição da fala desse público que o revelam enquanto sujeito.

As entrevistas foram organizadas em três momentos distintos, cujo intuito era buscar verificar a participação dos idosos, no curso, e como representam linguisticamente e discursivamente os valores éticos, a moral, os hábitos e a forma de pensar emanados das histórias dos mangás. Sabemos que, normalmente, as entrevistas são realizadas em formato individualizado, contudo devido a peculiaridade dos idosos, bem como a complexidade dos temas de base – envelhecimento, sexualidade e morte – optamos por realizá-las de maneira coletiva, como um roda de conversa. A fim, de manter um ambiente científico, as intervenções da professora foram mínimas, deixando que os idosos discutissem entre si. Esse fato, nos possibilitou verificar a interação entre os participantes da pesquisa, auxiliando-nos a tecer as possíveis modificações em suas estruturas dialógicas, axiológicas e cronotópicas em relação dos temas abordados.

No primeiro momento, as indagações procuram revelar a essência da sua composição inicial, no que tange a encontrar o significado imediato que esses sujeitos atribuem aos temas estudados antes da intervenção do curso. Acreditamos que esses

primeiros enunciados mostram o papel das crenças e das experiências sociais acumuladas ao longo da sua existência e que são diluídas na maneira de esses sujeitos individualizarem as estruturas ideológicas aceitas socialmente, e de torná-las formas particularizadas do seu ser no mundo social. Como centramos nossos esforços em uma investigação da construção da identidade do sujeito idoso em uma perspectiva bakhtiniana, partimos do pressuposto de que a língua(gem) caracteriza a espécie humana, sendo criada pela interação com as formas simbólicas valorizadas que incitam o estabelecimento da consciência intencional dos indivíduos embasada em situações concretas do viver. As perguntas que compõem a entrevista semiestruturada, nesse primeiro momento, são apresentadas abaixo.

- 1) Você já conhece o mangá? Sabe lê-lo? Quais são as características que aproximam e afastam os mangás das HQ ocidentais?
- 2) No momento de escolher o seu mangá, você se baseou no título e na capa? Achou o título importante e/ou a capa? Eles evocaram alguma expectativa do que você poderia encontrar na história? Qual?
- 3) Em relação às temáticas (morte, envelhecimento, sexualidade etc) qual a sua opinião sobre esse assunto antes de ler a revista de mangá?
- 4) Como você conceituaria a palavra ideologia?

O segundo momento é delineado pela interação entre os membros da pesquisa, constituído pelos idosos, pela professora e pelas ideologias apresentadas nos mangás lidos. Partimos do princípio de que a capacidade de adaptação advinda do interagir com os textos lidos e com os membros da pesquisa possibilita ao eu relacionar os novos fatos apresentados às suas experiências e (res)significar-se. Sobral (2015) salienta que os fatos sociais são fatos de linguagem, na medida em que interferem nas condições concretas dos conhecimentos disponíveis e utilizados pelas pessoas para atuarem em sociedade. A principal finalidade deste módulo é pesquisar sobre como o mundo exterior – que nomeamos de mundo das ideologias presentes na sociedade e que influenciam o mundo interior do eu – interfere em como realizamos julgamentos, fazemos escolhas linguística-discursivas para expressar sentimentos e emoções diante dos fatos da vida. As perguntas, que se direcionam a analisar as intervenções das ideologias do outro em mim, apresentam-se descritas abaixo.

- 1) Cada história de Mangá possui um assunto principal abordado (fato narrativo que se apresenta ao leitor). Qual é o assunto da sua revista de Mangá? Como ele é apresentado?
- 2) Além do assunto principal existem outros subassuntos. Exemplo: O assunto principal de uma das revistas dos mangás pode ser a morte. E essa questão pode aparecer esmiuçada em outros assuntos, disponibilizados nas cenas enunciativas, tais como: a morte por suicídio; a morte natural; o assassinato etc. Em sua revista de Mangá, há algum subassunto? Quais você percebeu ao longo da leitura? Como eles são apresentados ideologicamente? Divergem ou convergem em relação a suas crenças pessoais?
- 3) Fale sobre as personagens principais do seu Mangá (nome, descrição física e psicológica, papel social). Podemos dizer que cada uma representa simbolicamente alguma ideologia? Qual? Comente.
- 4) Os personagens do seu mangá apresentam, no decorrer da história, alguma atitude diferente daquilo que esperamos inicialmente deles, em função de sua profissão ou apresentação inicial? Quais são as características que se aproximam com as suas convicções e quais são as características que se afastam delas? Comente.
- 5) Cada personagem nos apresenta uma maneira de pensar, de agir e de ser. Descreva a conduta das personagens em uma situação que você considerou marcante. Como que você percebeu essa conduta? Por que escolheu essa cena? Essas condutas aproximam ou se afastam de suas convicções pessoais?
- 6) Os assuntos ideológicos abordados (morte, envelhecimento, sexualidade etc.) representam visões de mundo sobre as realidades verossímeis narradas nas histórias. Como essas visões de mundo da sociedade japonesa divergem ou convergem em relação às visões de mundo ocidentais para o mesmo fato abordado? Ou ainda, como essas categorizações assemelham-se ou divergem das suas crenças e valores sociais?

Intitulamos o terceiro momento de fechamento, pois realizamos indagações com o intuito de investigar como as palavras do outro atuam na construção da nossa identidade linguística-discursiva por meio da verificação das atualizações realizadas no sujeito. Sabemos que essas atualizações estão vinculadas a: 1) absorver as ideologias como um

todo; 2) absorvê-las parcialmente; 3) refutá-las e construir uma nova visão do objeto; 4) inscrever o sujeito em nichos sociais específicos a determinadas épocas e espaços sociais chamados de gerações, mas que sempre são atualizados pelo contato com novas formas de pensar e de agir. Para tanto, realizamos o seguinte questionamento com os idosos.

- 1) As discussões ocasionadas, durante a realização do curso de mangá, sobre as temáticas (envelhecimento, sexualidade e morte etc.) modificaram a sua visão particular sobre esses assuntos de alguma maneira? Comente.

A opção pela entrevista semiestruturada face a face permitiu investigarmos a construção do sujeito idoso, ressaltando os conceitos bakhtinianos de sua continuidade (identidade) em relação aos campos de sua ruptura, questões históricas, ideológicas e sociais apresentadas durante as narrativas dos *Mangás* selecionados, a fim de demonstrar as transformações – amotivo-volitivas e linguístico-discursivas - desse público, realizadas durante o ato de interpretar os fenômenos ideológicos estudados.

O diálogo com os idosos sinalizado por meio desse mecanismo investigativo qualitativo explicita como esse nicho específico compartilha suas experiências de leitura dos mangás de forma livre e espontânea, comentando aspectos selecionados pelo pesquisador, para que sejam mostrados aspectos linguístico-discursivos referentes a constituição do estatuto ideológico do sujeito idoso. Trivinos (1987) pontua que esse tipo de entrevista garante embasamento teórico analítico, já que direciona os questionamentos, mesmo que com uma relativa flexibilidade, a um roteiro de perguntas, as quais contém indagações para investigar o fenômeno social estudado de forma que as intervenções realizadas pelo pesquisador possam demonstrar a troca de informações e as interações de uma maneira a conhecer uma determinada realidade por meio da análise da fala dos entrevistados.

A valorização da minha palavra pelo viés da palavra do outro durante o processo de realização da entrevista semiestruturada possibilitou que os atores sociais – entrevistados e entrevistador – procurassem dar sentido a realidade que os cerca, visto que as experiências intersubjetivas tecidas ao longo dessa prática puderam garantir o estabelecimento de significados a partir da compreensão dos valores, das opiniões dos

sujeitos leitores idosos oriundos das temáticas pontuadas, com as emoções que surgem a cada virada de página que a leitura evidência.

Salientamos que os procedimentos incitados com os idosos para a promoção das entrevistas foram os seguintes: 1) apresentação e escolha livre dos mangás a serem lidos; 2) discussão preliminar dos temas antes da leitura; 3) discussão durante a leitura das ideologias; 4) finalização com diálogos direcionados para que os idosos pudessem perceber e expressar as modificações, ou não em sua maneira de pensar determinado fato social.

Os procedimentos metodológicos usados, no curso e nas entrevistas, inscrevem-se dentro de uma perspectiva dialógica da língua(gem) que perpassa a construção de um sujeito situado em mecanismos axiológicos, cronotópicos e ideológicos que influenciam a sua capacidade responsiva (BAKHTIN, 2011). Os idosos foram instigados a perceberem que a decomposição de categorias de análise ideológica dos textos multimodais perpassa, também, elementos referentes à interação do “eu” com o “outro”, as chamadas vozes sociais que emanam os valores ideológicos aceitos. A configuração espacial e temporal arranjada pelos elementos dos textos determina como a construção do significado será feita, ao mesmo tempo em que atualiza tanto aquilo que é lido quanto aquele que o lê (BATEMAN, 2011). Essa atualização do sujeito idoso acontece, a nosso ver, pela interpretação das informações ideológicas disponibilizadas na trama narrativa das histórias dos mangás, utilizando seu conhecimento de mundo adquirido ao longo da sua interação negociada com os participantes tanto da cena enunciativa disponibilizadas pelas histórias dos mangás quanto pela interação com os membros do grupo.

A análise da fala dos idosos nos apontou para a problemática do sentido, no viés bakhtiniano, na medida em que os componentes expressivos da constituição do sujeito são balizados tanto pelo componente dito (material linguístico-discursivo) quanto pelo não-dito (tom do discurso). Dessa maneira, pudemos perceber que ao marcar a interação entre os participantes da pesquisa explicitamos que a verdadeira substância da língua(gem) é composta pelo fenômeno social da interação verbal.

1.5 Categorias de análise

Para a definição de categorias de análise nos pautamos no resgate do objetivo principal do estudo: analisar as modificações linguísticas-discursivas ocorridas, ou não, na fala dos idosos pelo contato com os componentes ideológicos presentes nos mangás

lidos, bem como com as ideologias expressas pelos participantes da pesquisa. Como vimos afirmando, a teoria do sujeito aderida por nós para caracterizar os procedimentos analíticos das falas dos idosos é a de sujeito dialógico bakhtiniano. Os procedimentos de exploração do material transcrito pautam-se, em conformidade com os modelos impostos pela escolha do método qualitativo, em instrumentos como as aulas de leitura dos mangás e as entrevistas semiestruturadas. Fatos estes que determinam os componentes necessários para o desenvolvimento do estudo.

Ribeiro (2008) pontua que o percurso analítico deve ter como meta a organização exploratório-descritiva-analítica do fenômeno estudado, tendo como escopo pensar na problemática da pesquisa da seguinte maneira: 1) reconhecer que o conhecimento é relativo e não uma unidade acabada de um fato; 2) romper com a dicotomia entre os aspectos teóricos e práticos da pesquisa, pois, para que o estudo qualitativo seja fidedigno, torna-se primordial o estabelecimento da inter-relação entre a parte objetiva da pesquisa (onde se quer chegar a partir de uma problemática embasada em pressupostos teórico-metodológicos) e sua parte subjetiva (quais mecanismos situados nos sujeitos da pesquisa e na sua intersubjetividade interferem no processo de descoberta do fato e como interferem); 3) manter a ética, pois, ao trabalhar com sujeito reais, o pesquisador precisa preservar a identidade dos participantes da pesquisa, sendo, portanto vetado qualquer forma de prejuízo, ou mesmo discriminação, diante das opiniões, crenças e pensamentos expressos pelos participantes.

Considerando essas premissas, pensamos em quais princípios do sujeito bakhtiniano precisaríamos investigar para compor a nossa tese. Dessa maneira, decidimos agrupar a análise em três eixos investigativos: 1) eixo dialógico; 2) eixo axiológico; 3) eixo do cronotopo. Dessa forma, nos posicionamos frente à construção da identidade dos sujeitos de maneira a considerar que o principal componente de sua identidade é a língua(gem).

Ao decidirmos quais itens consideramos pertinentes para a análise das falas dos idosos, queremos esclarecer a nossa vertente teórica em relação aos componentes arquitetônicos que representam o sujeito bakhtinianos em seus componentes linguístico-discursivo e sociais. Diante dos questionamentos de como a interação com as formas ideológicas dos mangás lidos e com as representações ideológicas dos participantes do grupo do curso de leitura dos mangás configuram a identidade linguístico-discursiva e social do sujeito idoso, ressaltamos que os itens pontuados, a nosso ver, delimitam com

eficácia a composição e a categorização da noção de sujeito que defendemos. Além do fato de que propicia ao pesquisador analisar os enunciados proferidos pelos idosos a partir de uma perspectiva de que a língua(gem) constitui o ser humano, tanto em seus aspectos materiais (existência) quanto em seus aspectos cognitivos-afetivos (consciência), atrelando um item, até então inédito à conjectura do sujeito de Bakhtin, o cronotopo.

Salientamos que pensar os componentes a serem analisados na fala dos idosos requer ponderar que a visão de mundo, na qual os indivíduos são constituídos, emerge da interação ativa do eu com a tríade eu-ideologia-outro, no que se refere a estipular pensamentos, atos e posicionamentos adquiridos e (re)modelados, esculpindo, assim, a sua trajetória de vida. O conjunto de componentes expressivos subjacentes a cada eixo da análise encontra-se particularizado no quadro abaixo.

Quadro 2– Categorias de análise.

Eixo	Itens a serem analisados
Eixo dialógico	• Alteridade • Responsividade • Vozes sociais
Eixo axiológico	• Entoação • Horizonte espacial • Juízo de valor (responsabilidade e papéis sociais, ideologia)
Eixo do cronotopo	• Espaço/tempo • Sentido • Exotopia (acabamento e inacabamento)

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima, dividido em eixos de análise, possibilita investigarmos o sujeito idoso sob a ótica tanto da sua representatividade quanto da sua categorização, tendo por foco a língua(gem). O primeiro eixo da pesquisa estuda a construção da consciência do eu por meio da interação com a consciência coletiva do outro e com os fatos ideológicos que circundam a sua existência e deixam marcas linguísticas-discursivas na sua fala. O segundo eixo averigua a apreensão da percepção da realidade do eu por meio de componentes linguísticos-discursivos que marcam a tonalidade da sua fala, bem como os valores e os papéis sociais que os sujeitos assumem diante dos posicionamentos que aderem ou rejeitam durante o seu interagir social. Por último, o terceiro eixo pauta-se na

verificação de como a natureza humana comunicacional emerge da sua inserção em teias de significação que marcam, necessariamente, uma geração em seu tempo-espço social, psicológico e afetivo que se manifesta diretamente na fala dos indivíduos e em como estes interpretam as informações discutidas, incidindo, diretamente em aspectos valorativos do eu. Entendemos que essa divisão auxilia o nosso trabalho de análise e de verificação dos componentes citados anteriormente, uma vez que pudemos delinear as nuances que compõem o sujeito idoso em seu percurso enquanto entidade dialógica, axiológica e cronotópica, estabelecendo, assim, os mecanismos que o constituem enquanto sujeito bakhtiniano.

1.6 Desafios da Pesquisa

A popularidade das HQ causou uma espécie de desconfiança, segundo Rama (2004), quanto aos efeitos que elas poderiam causar em seus leitores, como, por exemplo, o afastamento de crianças e jovens do mundo da leitura e dos livros clássicos. Por possuírem uma base de divulgação comercial, as HQ poderiam não contribuir para o amadurecimento cultural e moral de seus leitores. Tal fato provocou restrições à utilização dos quadrinhos pela escola, uma vez que criou um estereótipo pejorativo quanto aos benefícios pedagógicos desse gênero discursivo. Esse fato fez com que a sociedade, de uma maneira geral, tivesse preconceitos em relação a leitura desse gênero, e conseqüentemente, ele fosse visto como um produto marginal. Outra questão refere-se à compreensão por parte de algumas pessoas de que HQ é leitura de criança e, dessa maneira, não serviria para o desenvolvimento da proficiência leitora em adultos, bem como não poderiam contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo-afetivo.

Diante das reflexões acima sobre a aceitabilidade das HQ na sociedade ocidental, o mangá, a princípio e, digamos, que até os dias atuais, causa polêmica em relação aos conteúdos por ele veiculados, bem como a forma de expressão das suas personagens. Como é um produto exótico de importação, a tendência é o desconhecimento do público de maior idade, no que tange às suas características. Há também, certo desinteresse por sua leitura, já que é, por vezes, considerada inapropriada, ou mesmo infantilizada pelos leitores ocidentais (LUTYEN, 2001). A polêmica atribuída ao mangá, conforme a autora encontra-se atrelada a duas questões: 1) o conteúdo e as personagens são erotizadas e violentos; 2) os assuntos abordados são considerados tabus para a população, pois tratam,

em algumas histórias, de homossexualismo, bissexualidade e ocultismo etc. Essas suposições a respeito dos mangás fizeram com que esse tipo de HQ ficasse longe das atividades programáticas escolares e seu acesso restrito à forma de entretenimento. No Brasil, sua popularização acontece, como já dissemos, devido aos animes.

A proposta de curso de leitura de mangás para os idosos da UNATI – UEM esbarrou, a princípio, na falta de conhecimento dos idosos do objeto mangá. Recebemos da secretaria da UNATI várias falas de que os idosos acreditavam que o curso seria de desenho. Quando soubemos do fato, esclarecemos para a responsável quais seriam os objetivos do curso e fomos em um dia marcado para conversar com os possíveis alunos interessados em se matricular, no nosso curso, para sanar as suas dúvidas.

No que tange, a ministrar aulas para idosos da UNATI, um desafio consistiu na escolha da metodologia de ensino, pois a sala era multisseriada, com alunos de diferentes níveis de desenvolvimento escolar. Além disso, também é preciso considerar o fato de lidarmos com um público em que um dos sujeitos era portador da doença de Alzheimer. Esse fato, em particular, nos fez refletir sobre o processo educacional como um todo, de forma a abarcar todas as necessidades dos nossos alunos.

A questão da mobilidade e da saúde dos idosos envolvidos, na pesquisa, também influenciaram na dinâmica e na organização do curso de leitura de mangás. No começo da pesquisa, como relatado anteriormente, tínhamos 9 alunos e os empecilhos relatados, anteriormente, fizeram reduzir a nossa turma para 5 idosos atendidos. Ao refletirmos sobre esse problema, buscamos motivar os alunos a participarem do curso flexibilizando os dias da semana de sua oferta, bem como os horários de realização das atividades. Percebemos que mesmo em uma aula de duas horas de duração, tínhamos que realizar uma pausa a cada uma hora de classe para que os idosos pudessem comer e descansar um pouco, já que a sua atenção em relação às atividades propostas ficava prejudicada.

Outro ponto a ser superado foi a timidez, a vergonha dos idosos em discutir sobre as temáticas propostas: envelhecimento, sexualidade e morte. Diante desse fato, procuramos deixá-los à vontade para falarem seus pontos de vista da maneira mais natural possível. Pontuamos que obstáculos existiram, mas a superação deles aconteceu, corriqueiramente, durante o curso. Para tanto, sempre buscamos ver no outro – o “idoso” – como poderíamos melhorar a nossa prática docente de maneira a torná-la mais humanizada, respeitando, acima de tudo, os limites dos alunos.

A fim de tornar a atmosfera do curso mais acolhedora, realizamos também a

conversa deixando claro que cada idoso seria livre para realizar as suas opiniões de acordo com as suas convicções sem qualquer julgamento de valor, uma vez que o ambiente do curso sempre propiciou uma atmosfera de acolhimento das ideias pessoais de cada participante. O ambiente de respeito aos diferentes posicionamentos sempre foi disseminado para que os idosos se sentissem à vontade para realizar seus comentários.

2. O sujeito pelo viés da teoria bakhtiniana da linguagem: uma nova proposta arquitetônica

2.1 Reflexões preliminares para a constituição do sujeito dialógico

Delinear o estatuto arquitetônico do sujeito bakhtiniano não é uma tarefa fácil para os pesquisadores, na medida em que tanto Bakhtin quanto os estudos do Círculo não explicitam essa questão abertamente. Brait (2002, 2005, 2017), Sobral (2005, 2009, 2015, 2017, 2019) pontuam que pensar as características do sujeito em Bakhtin requer considerar a língua(gem) como base de formulação de sua constituição. Essa prerrogativa implica perceber que para os indivíduos existirem socialmente precisam estar inscritos em situações de uso da língua(gem) em seus cotidianos sociais, culturais e históricos e, portanto, o enunciado que proferem serve para atestar-lhes sua identidade.

Assim, nos dispomos inicialmente a explicitar as noções de língua(gem), enunciação, signo e ideologia, tendo por embasamento a teoria marxista da linguagem expressa pelo Círculo de Bakhtin. Delimitamos nossa reflexão a respeito dessas categorias iniciais, pois, para tecer o estatuto do sujeito bakhtiniano que pretendemos neste trabalho, precisamos entender as suas definições e aplicações e ao mesmo tempo atualizá-lo. Essa remodelação torna-se necessária, pois consideramos que os estudos do sujeito bakhtiniano, até o momento, recaem nas seguintes concepções: dialogismo e axiologia, não considerando, portanto, o componente cronotópico. Nossa pesquisa pauta-se em analisar as transformações ocasionadas no sujeito idoso pelo contato com as narrativas dos mangás e com as opiniões dos membros do grupo do curso de leitura. Para tanto, precisamos delimitar quais são esses componentes do sujeito para Bakhtin, e como vamos estudá-los. Começamos, dessa maneira, pelas noções preliminares expostas acima, tratando as atividades linguísticas-discursivas como fonte da vida humana que se concretiza por meio dos enunciados proferidos e lidos pelos indivíduos.

No texto *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) discorre sobre uma noção de sujeito atrelada à fala que se materializa em um enunciado situado em uma atividade social de interação. O conceito de enunciado vincula-se ao acontecimento social que representa, na medida em que a experiência-evento personificada pela língua(gem) decorre de um processo social e histórico, evidenciando uma inter-relação entre sujeitos. Este fato pressupõe considerar uma concepção de sujeito não individualista/subjetiva, ou

mesmo objetiva/abstrata, mas imersa em conceitos como dialogismo, axiologia e cronotopo, sendo, portanto, construída pela intersubjetividade expressa pelas situações de comunicação vividas e vivenciadas pelos indivíduos durante a sua existência.

Para podermos delinear o conceito de intersubjetividade proposto pela corrente bakhtiniana, primeiramente realizaremos um diálogo entre os dois fundamentos linguísticos antecessores: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Além desse contraponto, precisamos também delinear os conceitos de língua(gem) e seus entropostos signo, palavra e ideologia, a fim de explicitar como a interação verbal resolve o problema da unicidade e pluralidade da significação do sujeito. Todos esses conceitos colaboram para o estabelecimento da assertiva de Bakhtin a respeito de como a atividade mental linguística-discursiva do eu é atravessada pela atividade do nós, caracterizando a intersubjetividade como fator de constituição do sujeito.

A primeira compreensão da linguagem, a do subjetivismo individualista, embasa-se na fala (língua) como um fenômeno linguístico racional de criação individual. A língua torna-se análoga às manifestações ideológicas, tais como as artísticas e estéticas. Como não é considerada um produto acabado da expressão psicológica do homem, a língua vive em constantes transformações e reduz-se à mera expressão interior da interpretação do ser no mundo. O foco não é a linguagem, mas o receptor do ato linguístico e como ele usa e transforma a língua(gem) a seu favor.

Em contrapartida, o objetivismo abstrato saussuriano focaliza o sistema linguístico sob a ótica de um conjunto geral de normas que regem a criação da fala humana. Essa corrente racionalista convenciona a língua como um artefato arbitrário, na medida em que a relevância recai na relação signo a signo permeado por um modelo de regras e envolvida na sua própria lógica interna de existência. Ao desconsiderar a relação signo com a realidade cotidiana, nega a influência dos aspectos ideológicos, artísticos e cognitivos do sujeito que fala, deixando-o preso às convenções de um modelo linguístico unificado.

Uma das consequências do pensamento bakhtiniano sobre a linguagem e sua materialização na fala/língua dos indivíduos foi romper com os ideais tanto do subjetivismo/idealista quanto do estruturalismo objetivo/abstrato. Apesar da teoria bakhtiniana não negar os componentes linguísticos estruturantes propostos por Saussure, significante (parte acústica) e significado (parte semântica), bem como que a parte interna do pensar de cada eu influencia na forma como o discurso é produzido, introduz

pensarmos na parte social da língua/linguagem enquanto objeto simbólico, cultural e histórico que se manifesta na fala por meio das vozes sociais, partes exteriores ao sujeito falante, consideradas formas ideológicas legitimadas pelo viver humano.

O conceito de língua(gem) em Bakhtin adere a noção de interação entre os interlocutores, marcando aquele que diz algo, para alguém, a partir do interpretar e perceber a fala de um outro. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014a)¹⁹, a língua(gem) – concebida e conceituada em sua realidade concreta – é construída pelo seu uso diário em situações cotidianas que não só afirmam convicções ideológicas aceitas socialmente, como também causam a sua própria evolução pelo contraste entre a minha subjetividade e a parte coletiva inerente em mim, personificada na minha fala pelas vozes que ecoam em mim, construindo, dessa maneira, os aspectos intersubjetivos. Nessa perspectiva, a língua(gem) evolui historicamente pelo contato, pelo reverberar, pela turbulência estabelecidos entre os falantes.

A filosofia da linguagem bakhtiniana utiliza a língua(gem) como mecanismo constituinte e constituidor do sujeito amalgamando-o com o contexto social, definindo o caráter da expressividade introspectiva a partir da expressão exterior, tendo duas orientações. A primeira serve ao propósito de permitir que o indivíduo relacione os signos exteriores com os signos interiores e lhes atribua sentido por meio da compreensão psicológica imediata. A segunda possibilidade requer uma compreensão dos modelos de pensar e de agir instituídos como verdades e aceitos socialmente de uma maneira a contemplar a forma objetiva e concreta da enunciação em sua instância ideológica. Esse envolvimento entre a parte individual de como cada eu interpreta e usa a língua(gem) em distintos contextos e situações, bem com seu entrelace com a parte externa, caracterizada pelo outro que constitui e atravessa a minha fala, até as normas linguísticas que regem o discurso da interação verbal, compõem o conceito de intersubjetividade como um dos pilares da teoria bakhtiniana do sujeito. Compreender como o eu não vive sem o outro, e principalmente, interage verbalmente com este, construindo o mundo a seu redor e (re)modelando a sua própria essência, faz toda a diferença ao pensarmos o sujeito proposto pela filosofia marxista bakhtiniana.

Acreditamos que a compreensão dessa filosofia da linguagem revela como tanto

¹⁹ Sabemos que a autoria da obra *Marxismo e Filosofia da linguagem* em 2018 foi atribuída a Volochínov pela Editora 34. Entretanto, quando ocorreu a configuração dos capítulos teóricos da tese, usamos a obra em uma coautoria de Bakhtin/Volochínov (2014a) distribuída pela HUCITED Editora.

o signo quanto a enunciação para Bakhtin são de natureza social, fato que nos possibilita pensar em como a língua(gem) determina a consciência individual e coletiva humana e é determinada pela ideologia que a circunscreve. Para tanto, o signo é visto em seu aspecto ideológico, conferindo a palavra sua indissociabilidade com as condições de comunicação, palco de conflitos, assertivas, dominação e adaptação etc. Outro ponto plausível de discussão refere-se ao conceito de enunciação configurado na esfera marxista da linguagem, uma vez que toda a interação verbal precisa para manifestar-se, além dos interlocutores, de um contexto histórico-social que apoia ou refuta o formato ideológico vigente. O enunciado, por sua vez, situa-se na fala que o eu emana para comunicar-se, categorizar o mundo a seu redor, emitir opiniões, manipular o outro etc, marcando a interação verbal como ferramenta de sua identidade.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2014a), no capítulo intitulado “Estudos das ideologias e filosofia da linguagem”, explicita que seu estudo sobre a linguagem se estabelece em uma base marxista, na qual a interação verbal, a significação, a evolução da língua, a compreensão, como também o papel e a natureza social da enunciação interposto pelo discurso do outro encontram-se alicerçados em modelos aceitos e utilizados cotidianamente. O conceito de ideologia

[...] faz parte de uma realidade (natural ou social) com todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo [...] também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico remete um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014a, p. 31).

O signo, portanto, constitui-se em uma entidade de significação estruturada de maneira semiótica, psicológica, social e cultural que emerge de uma necessidade, não somente comunicativa, mas da criatividade, da criticidade, ou seja, precede a ele toda uma rede complexa do existir humano imersa em verdades mutáveis recorrentes do viver em sociedade. Ao colocar o signo como um fator ideológico, Bakhtin/Volochínov (2014a), marca também a consciência individual como um artefato ideológico, uma vez que a lógica da sua criação é estabelecida pela lógica da comunicação situada na interação semiótica das relações sociais.

Na concepção marxista o pensamento não existe sem a orientação social, uma vez

que tanto para a validação das estruturas pré-existentes de estereótipos que regulam o viver em sociedade como surgimento de pensar e de agir, encontrando-se, não somente subordinado as necessidades singulares, mas uma necessidade coletiva. Dessa maneira, os fenômenos ideológicos não podem ser considerados enquanto uma materialidade específica da criação humana causal, na medida em que o componente primordial da ideologia – o signo – é compreensível, somente, em consonância com outro signo. A assertiva anterior nos possibilita traçar uma mudança de perspectiva da ideologia situada apenas na consciência dos indivíduos, visto que os fatos ideológicos a partir da filosofia da linguagem marxista passam a ser representados e suportam uma função simbólica que se manifesta por meio do discurso repleto das considerações e interpretações do eu sobre o mundo, mas sem descartar que esse mesmo mundo e o outro fora de mim interferem decisivamente na minha constituição.

Bakhtin/Volochínov (2014a) ainda pontuam que os aspectos ideológicos não podem ser vistos, simplesmente, por meio da infraestrutura, composta pelos materiais e meios de produção e, até mesmo, pelos próprios trabalhadores/indivíduos, já que a realidade é construída pelas leis da comunicação semiótica determinada pela normatização social, econômica, histórica, política e cultural, portanto, considerada uma superestrutura. As instituições, governo, escola, família, dentre outras são as responsáveis por ditar padrões de pensamento e hábitos que implicam em uma não neutralidade da língua(gem). Essas estruturas impactam diretamente na comunicação humana ordinária, e esse fenômeno acontece de forma consciente para essa filosofia.

Cabe-nos então refletir sobre como a infraestrutura penetra de forma a possibilitar que a superestrutura não seja um mero reflexo da realidade emanada, mas algo que almeja a sua mudança. O signo, fator ideológico, tem na palavra um domínio que lhe permite, pela interação com as várias vertentes da realidade, proporcionar uma relativa organização social aos indivíduos, tendo por base o diálogo, forma de interação que dita o papel social desempenhado por cada um na esfera da comunicação humana.

Apesar do conhecimento sobre as formas de manipulação ideológica, as pessoas estão longe de possuírem o pleno domínio da língua(gem), enquanto artefato de manifestação da sua individualidade. O interagir com o outro e com o meio social em diferentes graus de manipulação concebe, a nosso ver, que cada esquema comunicativo recrie a sua maneira a enunciação (parte composta pelo discurso/fala e condições de sua produção), orientando-se em conformidade com as especificidades do ato linguístico-

discursivo.

A construção do ser humano reflete-se no signo social bakhtiniano que não deixou de considerar a sua vertente linguística. Contudo, mesmo afirmando a primazia da interação verbal sobre a subjetividade interior, Bakhtin/Volochínov (2014a) levantam, com a sua filosofia da linguagem marxista, três problemas inerentes a questão da ideologia, vista não como uma manifestação da consciência pura de si mesma, necessitando ser vista como um fenômeno ideológico e axiológico, situado em um cronotopo.

O primeiro aporte diz respeito a mensuração objetiva da vivência interior e sua integração com a vivência exterior. O pensador esclarece que o psiquismo humano encontra-se totalmente subordinado ao material semiótico (língua/linguagem) exemplificado pelo signo ideológico vivenciado nas interações verbais cotidianas. A existência de cada pessoa define-se no limiar entre o que eu considero como verdade e como a interpreto por meio da ideologia aceita no mundo exterior. Isso não quer dizer que o eu tenha que necessariamente reproduzir o vivido em sua integridade, já que a transgressão do que o outro considera como verdade é uma parte inerente da arte de viver e transformar a sociedade, como também a sociedade me transforma. A identidade, portanto, não é definida pelo psiquismo, mas pelo sentido, capacidade de compreender e atuar no mundo. Para a corrente bakhtiniana, o sentido não pode ser considerado, simplesmente, como capacidade de relacionar ou apreender a funcionalidade dos signos. É preciso relacioná-los com fatores da ordem do social, do histórico e do cultural. As discussões do Círculo de Bakhtin encerram-se nesse ponto, deixando em aberto como os pesquisadores de sua teoria poderiam realizar a análise entre as relações do eu interior com o outro exterior. Acreditamos que a mensuração ocorre na análise da fala dos indivíduos e sua integração com a fala do outro. No próximo tópico iremos trabalhar sobre os conceitos de dialogismo fatos que esclarecerão como o discurso do outro manifesta-se em mim.

O segundo aporte parte do pressuposto da decodificação como um processo que não pode ser confundido como identificação. De acordo com a visão bakhtiniana, somente o sinal pode ser identificado, visto que seu conteúdo não se modifica, não é ideológico, pertencendo ao mundo técnico. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, vemos que:

[...] o elemento que torna forma linguística de um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica, da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação de forma linguística não é reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014a, p.97).

A operacionalidade prática das pessoas em relação ao manuseio da língua(gem) ocorre da sua indissociabilidade em relação ao seu conteúdo ideológico ou vivencial, pois os participantes exploram os limites, as nuances e esbarram na possibilidade de transgredir as normas linguísticas-discursivas estabelecidas. Desse aspecto decorre duas questões: 1) Qual é o limite para a liberdade estabelecida entre aquilo que o eu pode modificar linguisticamente e discursivamente? 2) Como delimitar a fronteira entre o psiquismo subjetivo individual e a ideologia em sentido restrito, já que esta se apresenta como realidade semiótica?

Ainda em *Marxismo e filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2014a) discutem, ainda mais, os problemas levantados, pontuando que os conceitos de “psiquismo”, “de ideológico” e “de individual” constituem-se no cerne das questões referentes ao conceito de língua(gem). Para a corrente bakhtiniana, “[...] todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência, em meu psiquismo, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014a, p.60). Tendo por prerrogativa essa conjectura, o viés bakhtiniano salienta que o pensamento do eu pertence ao sistema ideológico e encontra-se subordinado às suas leis, vinculando-se, também, ao seu psiquismo. Conclui-se que é indissociável a interação entre ideologia, individualismo e psiquismo, pois compreender significa relacionar um signo interior qualquer no seu contexto ideológico correspondente.

O signo interior, portanto, é agregado a um sistema de apreciação e de normas éticas que é balizado pelas formas ideológicas aceitas socialmente. Ressaltamos que a compreensão de cada signo acontece pela interação entre o signo interior e o signo exterior, em um evento sociológico, linguístico-discursivo que se encontra em uma simbiose, na qual a consciência interior agrega um valor, uma emoção, assimilando seu conteúdo linguístico e extralinguístico. Salientamos que iremos discutir de maneira mais aprofundada os aspectos axiológicos, valores atribuídos pelo eu ao conteúdo por ele vinculado em sua fala, como também ao conteúdo recebido do outro, nas seções posteriores

dessa mesma seção.

Utilizar o signo, ou ainda, a palavra deflagra um consenso mútuo entre aquele que fala e aquele que ouve, sendo um processo organizado pelo viés social sem deixar de ter as particularidades do eu, mas que, necessariamente, resulta sempre de um nós. Interagir é o foco principal da teoria marxista da linguagem, mas nem sempre esse processo implica igualdade, respeito, ou ainda é algo democrático, na medida em que poderemos falar em “ideologias”, nos referindo as distintas manifestações culturais, formas de pensar e de agir que nos caracterizam pertencentes a um determinado grupo social e não a outro. Não podemos negar que há, no marxismo da linguagem, uma ideologia dominante e uma ideologia dos dominados, e é natural que essa forma econômica, política e social se manifeste na língua(gem) como um mecanismo constituinte da estrutura da sociedade.

O terceiro aporte da problemática bakhtiniana refere-se a psicologia do corpo social descrita por Plekhanov, a qual legitima a inter-relação entre as estruturas sociopolíticas e a ideologia, uma vez que, para pensarmos em como os aspectos ideológicos configuram a identidade dos indivíduos, precisamos compreender as manifestações ideológicas em sua materialização enquanto componente da interação verbal presente nas artes, na ciência, na matemática, na tecnologia, na vida como um todo dos seres humanos. A manifestação da ideologia não é pelo – o signo – ganha plenitude na palavra, no gesto, na escolha dos tons de claro e escuro, na melodia, dentre outras formas de interação social que determinam como vivemos e como interagimos com o contexto social e com o outro.

A regulação social expressa na autorrepresentação de mim, como também na autorregulação do outro em mim evidencia-se por meio do ser refletido e refratado no signo, uma vez que a palavra – fonte da expressão, de comunicação e de interação – manifesta e acumula as transformações e os deslocamentos dos sentidos ocorridos ao longo de seu uso social em distintos lugares, tempos e situações cotidianas. Pensar, então, em uma psicologia do corpo de cunho marxista requer considerar que o conteúdo corresponde a temas que são atualizados, porque os indivíduos utilizam a palavra não, simplesmente, em seus aspectos de dicionário, mas a experimentam e recriam seus significados constantemente por meio da interação verbal. Entender que o signo bakhtiniano entrelaça-se com a estrutura sociopolítica significa aderir ao fato de que a ideologia existe no signo e que se verbaliza na palavra. Como o seu constituinte básico, a palavra reverbera socialmente, tendo como expoente o discurso revelador do

experimental do eu dos padrões linguísticos-discursivos aceitos.

A palavra, no marxismo da linguagem, origina-se por inúmeros fios ideológicos, servindo de suporte para todo o tipo de relações humanas. As experiências das pessoas são concretizadas pelas memórias, pelas obras de arte, pelo discurso com o vizinho etc. Revelam, dessa maneira, cada época de sua criação, como também o repertório do grupo social que as profetizou, quais estereótipos encontram-se aderidos à base socioideológica e política da produção capitalista que legitimam ou refutam. A realidade apoia-se no discurso produzido no dia a dia, mas ao mesmo tempo esse discurso transcreve e interpreta, em diferentes níveis, as ideologias difusas no viver humano. A introspecção interior não vive sem um sistema de normas éticas e estéticas que legitimem a palavra do eu e que lhe sejam exteriores. Essa extraterritorialidade característica do psiquismo constitui-se no elo entre a parte individual da minha fala e o componente social em mim, as ideologias que definem a minha consciência linguístico-discursiva. Portanto,

Na realidade, não são as palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de conteúdo ou de sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014a, p. 98)

Como a existência humana subordina-se ao uso da língua(gem), essa praticidade é inseparável da ideologia, já que as condições de enunciação determinam como há a (re)organização dos aspectos semióticos em seu componente linguístico-discursivo. A adaptação do mundo interior às possibilidades da expressão social encontram-se direcionadas a um interlocutor, fora de mim, que pode ser real ou fictício, criando, assim, uma interação entre o meu mundo interior e o mundo exterior a mim, pois:

A palavra se dirige a um interlocutor: ela se estabelece em função da pessoa desse interlocutor; variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, marido, mãe etc). Não pode haver interlocutor abstrato não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vivemos a cidade e o mundo através do prisma do meio social concreto que nos engloba. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014a, p.116).

A atividade mental é comandada por um centro organizador do pensamento situado fora do eu chamado de ideologia, fonte do conhecimento acumulado ao longo do tempo, que marca as relações sociais estabelecidas nas esferas política, econômica, cultural etc, sendo expressa por meio dos distintos gêneros discursivos que circulam no nosso cotidiano social. Podemos, dessa maneira, pontuar que o mundo interior constitui-se da interpretação que cada indivíduo realiza dos componentes ideológicos dispersos na situação imediata da comunicação.

A palavra, categorização das verdades estabelecidas, em consonância com as verdades aceitas por um eu que se encontra cercado por um nós social, que nem sempre compartilha da verdade do nós, determina estruturalmente a enunciação, na medida em que parte de um eu em interação com o nós. A teoria bakhtiniana da linguagem parte do pressuposto de que toda atividade mental é social e que sua objetivação concretiza-se fora do indivíduo, na palavra, que se transforma em discurso.

Bakhtin/Volochínov (2014a) nos fazem perceber que com seus apontamentos, a simples tomada de consciência é um fato ideológico, visto que se origina do perceber, do sentir, da interpretação dos aspectos linguísticos e não linguísticos envoltos nas artes, na religião, na política, na conversa casual com os amigos etc. O mundo interior do eu adapta-se a expressar os sistemas ideológicos por meio da sua materialização objetiva, tendo na palavra a fonte de sua expressão comunicativa.

A tomada de consciência do eu encontra-se, necessariamente, atrelada a atividade mental do nós orientada socialmente pela situação imediata comunicacional, pelos papéis sociais atribuídos a seus participantes. Para Bakhtin/Volochínov (2014a), a atividade mental do nós constitui-se como a responsável pelo estabelecimento de distintos níveis de modelagem ideológica na consciência interior, visto que a percepção estrutura-se dentro de um contexto apreciativo social, a qual possibilita a antecipação dos possíveis ouvintes, bem como determina as interpretações plausíveis.

Como o pensamento individual não existe fora da expressão potencial social e ideológica do nós, a própria personalidade é um produto da inter-relação social de um itinerário pautado na objetivação externa, nomeada de enunciação. Os sistemas ideológicos, segundo o marxismo da linguagem, pautam-se em dois níveis de tomada de consciência. O primeiro, intitulado nível inferior, refere-se a realização mais rudimentar da interpretação do eu sob as formas ideológicas do cotidiano, já que por meio de hipóteses, de deduções e de generalizações imanentes acontece a equilibrção e

acomodação de novos conteúdos experienciados. O segundo, intitulado nível superior, o eu já possui o conhecimento sobre os conteúdos ideológicos dispersos no seu cotidiano social e a partir dessas informações orienta a sua criatividade, criticidade e autonomia.

Ao discorrermos sobre os aspectos acima mencionados – língua(gem), enunciação, signo, palavra e ideologia, tendo por base a concepção marxista, proposta pela teoria bakhtiniana, pudemos constatar que:

- A situação de comunicação é um fato social e, portanto, ideológico; neste sentido tanto a interação concreta entre os indivíduos quanto a situação extralinguística²⁰ imediata e global mais ampla determinam a existência material do sujeito dialógico;
- As modelagens da enunciação oriundas do contato da consciência interior com a consciência exterior revelam por meio das falas das pessoas como estas (re)organizam os conteúdos ideológicos para refletirem e refratarem os estereótipos presentes em seus cotidianos;
- A língua(gem) evolui continuamente pela interação com seus interlocutores. Portanto, as transformações ocasionadas ao longo dos anos é fruto não das leis da psicologia individual humana, mas são regidas essencialmente por leis sociológicas de uso da língua(gem);
- A criatividade do uso da língua(gem) que emana de seus falantes encontra-se perpassada pelos valores ideológicos disseminados em seu cotidiano social que ao mesmo tempo consolidam formas estereotipadas de pensar e de agir aceitas, como também impulsionam modificações na própria estrutura social e na organização linguística-discursiva dos falantes; esta necessidade consciente vem do extralinguístico do nós que se entrelaça ao consciente do eu, gerando interpretações e utilizações adequadas a cada situação comunicacional.

Ao discorrermos sobre uma perspectiva da filosofia da linguagem marxista embasada nos estudos bakhtinianos, explicitamos que o signo – expressão da

²⁰ As situações extralinguísticas referem-se ao conhecimento de mundo dos interlocutores, suas experiências adquiridas ao longo do seu viver em sociedade e que são acionadas durante as situações comunicacionais.

comunicação humana transformado em fala – agrega valores ideológicos que reafirmam ou não condutas e formas de pensar aceitas socialmente. A interação existente entre os aspectos da consciência interior e da consciência exterior que constitui o sujeito dialógico de forma a engajá-lo na utilização particularizada objetiva da língua(gem) de modo a marcar-se como sujeito dialógico.

A seguir, realizamos em forma de quadro uma recapitulação breve dos componentes discutidos nessa seção e fundamentais para compreendermos o sujeito dialógico, nos seguintes componentes: língua(gem), enunciação, signo e ideologia.

Quadro 3 – Síntese dos componentes iniciais da teoria bakhtiniana.

Componente preliminar	Definição
Linguagem	• Gerenciadora da manifestação, categorização e (re)modelamento social; • Representativa da singularidade de todas as atividades humanas por meio dos gêneros discursivos; • Definidora da própria condição humana da realidade; • Fator ideológico constituinte do eu.
Língua	• Manifestação linguística-discursiva do ato comunicativo, que, necessariamente, insere-se em um contexto e se dirige para um outro alguém.; • Interação verbal/não-verbal, organizada pela necessidade de expressão de um fato, de uma opinião, de um relato etc, adjacente ao pensamento-ação do eu que se dirige a um outro; • Criadora da personalidade, já que os falantes assumem papéis sociais durante a interação; • Acontecimento social, marcado pela interação, distanciando-se de um conjunto de normas gramáticas; • Materialidade específica da criação ideológica e não da causalidade mecanicista, e/ou mesmo da forma positivista imutável do ato comunicativo.
Signo	• Instrumento de manifestação das particularidades do eu, pela palavra que compõe a sua fala; • Ato peculiar do SER de nomear a realidade a sua volta por meio de componentes que caracterizam a palavra. • Significação da realidade em sua forma linguística-discursiva, social e ideológica; • Compreensão de cada signo passa por fatores internos e externos do indivíduo e depende da situação que acontece a interação social;

	• Fator ideológico unido a consciência sociológica.
Enunciação	• Realidade da linguagem, que é construída por uma parte linguístico-discursiva e outra parte que corresponde ao contexto da comunicação; • Unidade de troca verbal e não-verbal determinada pela alternância dos sujeitos falantes; • Fator de especificidade, no uso da língua(gem), que relaciona identidade e sentido.
Ideologia	• Categorização e interpretação da realidade, que se manifesta de forma linguística-discursiva por meio da cultura, da história e do cotidiano social; • Interação entre a consciência coletiva e a consciência singular. • Constituinte da consciência dialógica que une tanto a parte singular do eu quanto a parte social; • Fator da intersubjetividade, marcando as relações entre um eu e um nós.

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima caracteriza os principais conceitos abordados ao longo dessa seção. Serve de base para traçar os aspectos ontológicos do sujeito bakhtiniano, já que nos permitem compreender como a base da concepção da identidade humana instaura-se na língua(gem). Podemos perceber que, a partir da interação verbal e não-verbal, os indivíduos, não apenas, entram em contato com a sua realidade social, mas também a transformam, se transformam e transformam o outro. Acreditamos que essa modificação não significa, necessariamente, aceitação ao modelo ideológico imposto, mas isso pode ocorrer. Entretanto, o sujeito é dialógico, possuindo a competência de concordar totalmente, concordar parcialmente, e/ou ainda discordar dos estereótipos sociais que lhe são apresentados no decorrer de sua existência. Fator este importante para a nossa pesquisa. Convém ressaltar que os conceitos explicitados, neste tópico, nos apontam para (re)pensar o sujeito do Círculo de Bakhtin. Adiantamos que consideramos que o sujeito para esse pensador e seu Círculo é dialógico e axiológico. Contudo, no decorrer deste trabalho, pretendemos expandir esse sujeito, no que tange a refletirmos sobre o seu componente cronotópico. Tal expansão tem por finalidade auxiliar na abordagem do sujeito idoso de nossa pesquisa.

2.2 O sujeito dialógico

Em um primeiro momento, discutimos os conceitos de dialogismo, responsividade, alteridade. Sabemos que o conceito de axiologia e reponsabilidade, também, fazem parte do sujeito dialógico, contudo resolvemos separar a discussão desses componentes e adicioná-los na subseção “O sujeito dialógico visto em uma perspectiva axiológica e responsável do ato”.

O dialogismo refere-se, não somente, a considerar o diálogo face a face entre os membros da comunicação, mas também, e nesse caso, sua principal concepção emanada da teoria marxista da linguagem centra-se em perceber a interação verbal como o pilar para a compreensão das relações sociais, e portanto, chave para a construção do estatuto da identidade do sujeito. O sujeito dialógico é um sujeito social, na medida em que toda a parte verbal do nosso comportamento (quer se trate da linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente, já que em sua constituição identitária o outro lhe serve de base (BAKHTIN, 2011)

De uma maneira geral, estudos destinados a respeito do princípio dialógico bakhtiniano pontuam o dialogismo a partir de duas premissas. A primeira, refere-se ao diálogo estabelecido pela interação entre os interlocutores. Já a segunda, parte do fato do diálogo entre os textos. O sujeito, nessa concepção dialógica, agrega à língua(gem) o papel fundamental para a sua condição de existência, e por conseguinte a construção do sentido, não parte unicamente do eu, uma vez que este interatua com o outro, e também com o contexto social em que se realiza a interação. Dessa maneira, a interação entre os interlocutores (eu e o outro) perpassa um folheto social, histórico e cultural, no qual o fazer sentido é dialogado, e não simplesmente, constituído a partir apenas de uma materialidade linguística-discursiva neutra e dispersa socialmente.

O papel dos interlocutores, no que se refere a configuração do sujeito dialógico insere a interação verbal no cerne do estabelecimento das relações sociais, e por conseguinte nos faz pensar que essa interação do eu-outro rege-se por meio das desigualdades impostas pela forma organizacional ideológica da sociedade capitalista. A interação não significa igualdade entre as partes envolvidas (eu-outro), mas sim luta de poder demarcada por expectativas que o eu pode ou não atender em relação a um outro; bem como o outro, pode ou não atender as expectativas de um eu. Partindo, dessa

interação, demarcamos como ponto central do dialogismo, o fato deste considerar a atividade mental e comunicacional do eu é modelada por um nós.

Na perspectiva da teoria bakhtiniana, o sujeito e sentido são indissociáveis, para tanto o reconhecimento de que o eu emerge de um outro, deve-se ao fato do projeto de ação comunicacional dos indivíduos possuir uma previsão adaptativa possível das reações e das contingências imanentes entre os interlocutores. O ato comunicacional configura-se como uma resposta ativa referente a um processo de compreensão/interpretação que o eu mobiliza diante dos fatores histórico-sociais acumulados em sua memória linguística-discursiva e social. Para tanto, o locutor realiza uma projeção de seu interlocutor a partir da delimitação dos papéis sociais que lhe são atribuídos em um tempo-espaço balizados pela intencionalidade da comunicação.

A caracterização do interlocutor pelo sujeito bakhtiniano torna-se imprescindível para a sua própria condição de existência, na medida em que os espaços de dialogicidade originam-se de escolhas reflexivas advindas de um eu-outro que precisa ponderar sobre os seguintes aspectos, quando estabelece situações de comunicação: 1) posição social; 2) formação intelectual; 3) graus de intimidade etc, que esse outro ocupa na elaboração da sua fala. Esses critérios possibilitam ao eu traçar estratégias comunicacionais eficientes para poder convencer, manipular, constatar etc, seus interlocutores por meio da utilização dos gêneros discursivos. O conceito de gênero discursivo aparece em *Estética da Criação Verbal* (2011) denominado pelo Círculo como formas relativamente estáveis de utilização da língua(gem), servindo de suporte para expressão comunicacional das atividades humanas.

A manifestação da experimentação do ato comunicacional pelo sujeito considera uma resposta ativa há enunciados já proferidos anteriormente, como também àqueles que são produzidos durante a interação. O sujeito singular, portanto configura-se a partir de ação consciente dirigida a um interlocutor físico, ou não, um outro que marca, dita e arquiteta o dizer do eu. No capítulo “*Gêneros do discurso*”, Bakhtin (2011) quebra com a hierarquia saussuriana passiva entre os personagens envolvidos na enunciação, representados pelas figuras de o falante e o ouvinte. Quando o pesquisador propõe a capacidade responsiva do eu, evidencia o papel ativo de todos os implicados no ato comunicativo, visto dessa maneira, como um ato criativo, pois envolve do sujeito um

[...] “perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), complementa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nesse ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente reposta em voz real alta”. (BAKHTIN, 2011, p.271).

Ressaltamos que a capacidade responsiva pode ou não ocorrer imediatamente a comunicação, uma vez que como mecanismo acional do sujeito, esta pode ter seu efeito retardado, o que Bakhtin (2011) nomeia de responsividade silenciosa. Nesse tipo de resposta seu efeito é personificado em enunciado posteriores a situação inicial de interlocução, que implicam, necessariamente, em escolhas cognitivas-afetivas-sociais de uso da língua(gem). Outra questão inerente a esse tipo de responsividade, situa-se na própria opção do sujeito em manter-se em silêncio em relação ao enunciado proferido pelo outro. Esse silêncio não implica em uma não-resposta, já que evidencia um posicionamento, uma atitude responsiva dialógica de abster-se, no momento da comunicação, de proferir uma resposta verbal. Nessa perspectiva, o silêncio é uma forma de interação. Salientamos que apesar de toda teoria bakhtiniana discorrer sobre língua(gem) verbal, acreditamos que a atitude responsiva não é uma característica unicamente desse tipo de enunciado, uma vez que todo o texto, oral, escrito visual, sonoro etc, provoca no eu uma resposta.

Ao balizar o enunciado como unidade da comunicação discursiva determinada pela alternância dos interlocutores, o Círculo de Bakhtin explicita as réplicas do diálogo não como cópias de uma realidade ideológica circunscrita a uma verdade social aceitável, mas como instância singular de um eu, o qual transforma a língua(gem) e a si mesmo no e pelo ato de (re)criar os enunciados que compartilha socialmente. O sujeito singular, instância dialógica, nasce da apropriação de um eu, o qual experiencia a vida na e pela língua(gem) a partir de enunciados irrepetíveis situados em determinados contextos sociais.

Pensar em responsividade implica perceber os enunciados em sua peculiaridade

de conclusibilidade, na medida em que podemos responder a ele. Bakhtin (2011) salienta que essa resposta não significa necessariamente conformismo diante do exposto, já que pode implicar aceitação ou não do que se propõe com o enunciado. Dessa maneira, não basta que o enunciado seja compreendido a nível de língua, mas que seja reconhecível o seu acabamento enquanto instância comunicacional.

No texto, *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) baliza o conceito de acabamento por meio da utilização dos gêneros discursivos para promover o ato comunicativo, na medida em que explicita um posicionamento do sujeito, no que se refere a: 1) propiciar experiências linguístico-discursivas-sociais ao eu; 2) construção do todo do enunciado, tendo como base as relações entre o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim como partes dialógicas da interação verbal. O pesquisador, ainda, pontua que a compreensão responsiva ao amalgamar-se à noção de acabamento subjaz a organizar o todo linguístico-discursivo-social do enunciado como um objeto da criação estética²¹, que possibilita aos interlocutores uma simultaneidade de visões a respeito do conteúdo veiculado. Mas, se o enunciado para ser respondido precisa ser acabado, conclusivo: como ao mesmo tempo este fornece ao sujeito diferentes pontos de vistas plausíveis ao fato que aborda?

Em *Estética da criação Verbal*, Bakhtin (2011) discorre que todo enunciado é atualizado pela interação verbal, portanto possui uma parte inacabada intrínseca, uma vez que a ideia de acabamento formula-se como princípio organizador estético de caráter potencial. Essa visão potencial do todo do ato comunicativo possibilita uma visão relativizada individual do eu que existe, somente, a partir de um nós associado a sua essência vivencial e interpretativa de sua realidade social. Portanto, a compreensão responsiva é determinada por três fatores ligados ao enunciado, conforme ressalta Bakhtin (2011): 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

A exauribilidade do objeto e do sentido, segundo o pesquisador, pode ser de duas formas: total ou parcial. Normalmente, situações factuais do cotidiano social possuem exauribilidade total, visto que são pautadas em gêneros do cotidiano: conversas, solicitações, recados etc. Nesse caso, o componente criativo está ausente quase por completo, pois tem por referência respostas mais estereotipadas. Não podemos dizer que

²¹ Salientamos que além da criação estética, a responsividade provoca uma visão ética do ato comunicacional que será discutido na seção 2.2.1.

o aspecto criativo é nulo, na medida em que todo ato comunicativo implica em um posicionar, em um escolher e, em vista disso, apresenta marcas de autorias características, no que tange ao uso da língua(gem). O que podemos salientar é que o ato composicional criativo da comunicação humana possui distintos níveis que se encontram em conformidade com a sua finalidade, com o seu contexto imediato e com os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Os ideias bakhtinianos discorrem ainda que quando analisamos o campo da criação científica e literária nos deparamos com uma exauribilidade relativa, uma vez que o acabamento do tema/conteúdo exposto é mínimo, já que estes gêneros discursivos, por sua complexidade, demandam que as discussões originadas dos assuntos abordados tenham um acabamento momentâneo e possam em outras ocasiões serem, novamente, retomadas. Entretanto, essa exauribilidade mínima constitui-se em um componente para propiciar o acabamento necessário para o estabelecimento da capacidade responsiva. Isso não significa que uma conversa do cotidiano não possa ter o seu tema retomado, mas reforça a questão de que os conceitos de acabamento e inacabamento dos enunciados revelam a própria condição de existência do eu, fonte do levantamento de diferentes pontos de vista das vozes sociais.

O projeto de discurso ou a vontade do falante abrange três aspectos: 1) escolher o que falar, como dizer e como relacionar o seu enunciado com enunciados antecessores ao ato comunicativo; 2) delinear os limites da sua exauribilidade semântica; 3) escolher o gênero discursivo que será utilizado para balizar o acontecimento. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) relata que esse componente da responsividade é entendido a partir da construção social da realidade sob a égide de uma investigação sociológica da língua(gem). A circunstância concreta da comunicação discursiva emana de uma singularidade do SER respaldada em processos de organização social, que criam estruturas de consciência individual e formas de percepção que temos de nós mesmos, da vida a nosso redor e dos outros que são partes de nós. Dessa maneira, o dizer é modelado por aspectos que o eu experimenta a partir da interação com fatores sociais, históricos, culturais, ideológicos que se vinculam a um nós-eu-outro por meio do vivenciar a língua(gem).

No que se refere as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, estas emergem das escolhas realizadas pelos sujeitos em conformidade com a finalidade da comunicação. Vivemos em uma sociedade que se organiza por meio da língua(gem). Portanto, os indivíduos precisam possuir conhecimentos de qual gênero, a fim de que

possam ser eficazes na utilização de estruturas linguísticas-discursivas que afloram a maneira como o eu organiza e orienta as situações do seu cotidiano social. Aproveitamos, nesse momento, a leitura realizada de Bazerman (2015), a fim de adaptá-la à teoria bakhtiniana de sujeito para podemos explicitar a opção dos indivíduos por um determinado gênero discursivo. Dessa maneira, o pesquisador nos possibilita refletir sobre sete aspectos orientativos em relação ao arranjo estabelecido no eu para consolidação de sua estrutura linguística-discursiva negociada, e consequentemente a sua capacidade responsiva:

- Grupo de referência: opção por determinados campos sociais para os quais o eu procura: valor, filiação, identidade, semelhança a sua trajetória de vida; o eu busca responder tanto ao que percebe como parte do contrato interacional vigente entre os interlocutores quanto aquilo que internaliza como sendo sua própria busca pessoal a partir da intersubjetividade com o outro e com o meio social;
- Papel e conjunto de papéis: situações específicas de interação interpessoal que o eu assume como parte do seu posicionamento social;
- Conflito de papéis e ambivalência: desafios que o eu enfrenta diante dos múltiplos papéis sociais que desempenha em relação aos vários status que lhe são atribuídos por ele mesmo e pelos outros durante o ato comunicativo;
- Mediação e resolução de conflitos: refere-se à padronização de condutas e de pensamentos diante do conflito da interação verbal. Ao eu soma-se diversas facetas de sua personalidade linguística-discursiva que se inicia pelo contato com as ideologias vigentes socialmente, e com o outro. Esses fatos organizam sua forma de mediar a tomada de consciência sobre o ato comunicativo enquanto instância intersubjetiva que expressa a sua existência como sujeito;
- Estrutura de oportunidades: percepção do eu, no que tange a utilização de virtualidades linguísticas-discursivas para que satisfaça a suas necessidades, a seus desejos, com a finalidade de que possa representar e categorizar seus pensamentos e comportamentos de forma comunicativa;

- Anomia: para compensarmos os conflitos e as contradições geradas pelas interação verbal e não-verbal que realizamos em nossos cotidianos, nos vemos submetidos, em alguns momentos, a nos distanciarmos do nosso grupo de referência e optarmos por escolhas não convencionais, distintas dos padrões ideológicos vigentes;
- Recrutamento e socialização: por meio da interação os sujeitos são atraídos para determinados grupos sociais e passam a familiarizarem-se com as normativas, os valores, a divisão de papéis imputados por esses nichos sociais.

As reflexões propostas por Bazerman (2015) nos permitem pensar o componente do acabamento como correspondente para propiciar a resposta do eu em uma materialidade linguística-discursiva a partir da junção de diferentes pontos de vista, expressos pela pluralidade de vozes que povoam a criação da consciência dialógica do sujeito. Para constituir-se enquanto sujeito dialógico, ao eu cabe experienciar a vida pela língua(gem). Adquirindo posicionamentos, participando de grupos de referência, lutando para fazer valer a sua opinião e existir nos cenários da vida cotidiana. Entretanto, o eu é particularmente um ser inacabado, já que para sempre precisa estar em constante remodelamento para adequar-se ao fluxo das suas necessidades sociais. O adequar, para o Círculo de Bakhtin, não se refere a consentir totalmente, já que o sujeito é livre para escolher seu posicionamento diante das demandas advindas com o seu atuar e agir em um mundo ideológico. Ao sujeito cabe, portanto, assumir uma postura transgrediente dos valores aceitos, ou não, uma vez que posicionar-se depende da finalidade da comunicação, bem como dos interesses envolvidos. Fazer o seu existir concatenado as verdades que escolhe esteticamente serem suas vertentes comunicacionais, ressaltando que este componente estético (acabamento) imbrica nos componentes éticos, relacionados ao mundo da vida, como também aos componentes cognitivos, relacionados ao mundo interno psíquico, na medida em que os sujeitos precisam organizar esses elementos para compor sua fala que é validada por um outro.

Acreditamos que a reflexão acima nos auxiliou a expandir a visão a respeito de como a capacidade responsiva dos sujeitos entrelaça-se nas escolhas e nos posicionamentos linguísticos-discursivos que o eu realiza ao longo de sua trajetória de existência. Evidenciamos que o diálogo para o Círculo de Bakhtin configura-se por meio

da interação solidária e coletiva entre o eu-outro de forma ativa, permitindo ao eu estabelecer sua identidade individual amalgamada ao seu contexto social. Como a língua(gem) é um processo que determina a vida social do eu, a alteridade bakhtiniana intervém na construção da identidade dos sujeitos, já que é marcada pelo movimento do eu para o outro, e consequentemente liga a individualidade do eu a coletividade histórica, social e cultural que perpassa o viver em sociedade. A identidade do eu configura-se pela apropriação das vozes sociais que ordena o todo estético, propiciando ao sujeito adquirir credibilidade em sua fala, por uma voz de alteridade que agrega valor ao dito.

Sabemos que as respostas produzidas pelo eu precisam possuir confiabilidade, a fim de permitirem que os outros sejam capazes de reconhecer a sua existência pelo próprio reconhecimento da língua(gem) enquanto fenômeno social. Para tanto, em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) pontua que o conceito de alteridade constitui-se em um componente de identidade do sujeito, na medida em que estabelece uma força que legitima a sua fala pelo discernimento das posições que o eu defende a partir da sua correlação com as posições assumidas pelos outros. Ao apreciarmos a alteridade como fundamento do sujeito bakhtiniano, nos deparamos a pensar as relações dialógicas do existir humano adjacentes ao conceito de vozes sociais que perpassam a construção linguística-discursiva do eu, bem como a aspectos avaliativos que subjazem a sua atuação em papéis sociais que o eu assume ou rejeita ao longo da interação verbal.

A tomada de consciência do eu acontece da necessidade de adaptação interna das normas e valores ideológicos vigentes em seu cotidiano social e que são legitimados pelos outros sujeitos. O eu, durante a realização de seu enunciado, não apenas reproduz o que já existe, mas também (re)organiza os enunciados já ditos, a partir da sua peculiar interpretação e interação com o outro. A alteridade como componente da identidade permite que o eu posicione-se diante do ato comunicacional, que se norteia externamente ao indivíduo de uma forma a propiciar: 1) reforçar ou rejeitar papéis sociais, assumindo um posicionamento sobre o que se diz e o que o outro lhe diz; 2) ao avaliar os próprios enunciados como os enunciados dos outros, o eu assume suas capacidades axiológicas como fonte de organização da sua identidade; 3) as vozes sociais que perpassam os seus enunciados proferidos revelam a sua visão de mundo a respeito de determinada temática, situação que lhe é apresentada em seu cotidiano comunicacional.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2015) pondera que o aspecto do outro-em-mim pertence a uma característica do discurso do eu, uma vez que a partir

do entrelace de distintas vozes sociais gera, a este eu, uma autoconsciência linguístico-discursiva, expressa no seu projeto enunciativo. A arquitetônica do sujeito bakhtiniano é configurada a partir da língua(gem), portanto o ato comunicacional parte da interação com o aspecto externo, com a ideologia, com os valores aceitos, as vozes sociais que validam o viver e são (re)organizadas sob uma ótica avaliativa e interpretativa do(s) dizer(es) no mundo.

As vozes sociais para Bakhtin (2015) incidem na capacidade do eu em alterar-se de forma constantemente, de (re)adaptar-se por meio da apreensão do discurso do outro, tendo em vista o cruzamento da consciência coletiva com a sua autoconsciência. Ao lermos Bakhtin pudemos perceber que quando os sujeitos articulam seus discursos com outros já existentes, estabelecem a noção de inconclusibilidade/inacabamento do dito por meio da ideia de extraposição ou excedente de visão, chave para tecermos o conceito de vozes sociais e sua importância constitutiva como alicerce para a identidade do sujeito. Para possuir credibilidade o sujeito considera sua opinião sobre determinado aspecto de seu cotidiano e externaliza a sua fala, projetando um ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesmo, concebido pela interação entre o eu e o outro, marcada por um espaço e tempo, bem como por uma finalidade estabelecida durante a comunicação. Nesse ponto, podemos pensar na alteridade constituída como sendo uma condição do existir, já que a credibilidade da minha fala depende do entrecruzamento com as vozes representativas das relações contraditórias sociais, das formas de pensar e de agir, mesmo que não seja, simplesmente, para reproduzi-las, mas também para refutá-las. O discurso do outro revela a imagem do eu pela acentuação dos diversos papéis sociais que o sujeito adquire, ao longo da interação verbal, que necessariamente, esculpe o processo referente às interações sociais.

O enfoque sociológico e dialógico, no que tange à concepção das vozes sociais da língua(gem) bakhtiniana revela as formas da citação da palavra alheia como principal fonte estruturante dos enunciados, uma vez que estabelece um sujeito situado e participativo. Utilizar de maneira criativa as vozes do outro demanda uma troca entre as intencionalidades do eu produtor e aquilo que pode ser legitimado por um outro fora de mim. A voz social implica em uma inconclusibilidade do eu, ou seja seu constante inacabamento estende-se para própria expressão de sua fala, na medida em que possibilita a este reconfigurar, constantemente, os papéis sociais que são estabelecidos e (re)modelá-los às necessidades imanentes de sua prática comunicacional.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) esclarece que os processos de citação caracterizam-se como elementos estruturantes da comunicação, fato reiterado nos estudos do Círculo sobre a natureza estilística do romance. Visualizar a língua(gem) como um processo interativo estável entre os falantes, proporciona ponderarmos sobre o papel da voz do outro na organização dos componentes históricos, culturais e sociais que estabelecem a identidade linguística-discursiva do eu. O Círculo apresenta duas orientações, no que tange a apropriar-se das vozes sociais, esses estilos são conhecidos como: linear e pictórico.

O estilo linear considera a citação da voz alheia de forma a manter a sua plenitude, a fim de expressar o ponto de vista do outro de maneira integral. Já o estilo pictórico consegue atenuar a estrutura do discurso do outro pela implementação de comentários e reproduções parciais da fala alheia, expressando a individualidade interpretativa do eu em relação aos fatos. Brait (2017) salienta que essa tendência oferece ao eu ornamentar o discurso do outro pela tonalidade do humor, do ódio, da contestação, da valoração etc. Ainda, em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) atribui a cada um desses padrões um tipo de discurso que os representa. Para o estilo linear, temos o discurso direto e para o estilo pictórico temos o discurso indireto e indireto livre²².

Quando o eu toma, mesmo que parcialmente ou de forma total o discurso do outro, o faz a partir da legitimação que a fala do outro lhe proporciona, como também escolhe estar em consonância, ou não com o sistema ideológico aceito socialmente. A maneira como tece sua fala evidencia sua consciência sociológica perante um outro externo, que confere ao eu credibilidade ou não, pelo fato de apoiar, discordar total, ou parcialmente da fala de um eu, marcado, necessariamente, pela sua inter-relação com um nós. O sujeito bakhtiniano é concebido pela sua relação com a língua(gem) mediada pelo olhar do outro. Portanto, o registro do discurso do outro advém da interpretação do eu, mesmo que balizada por um outro, exterior a sua consciência individual. O eu não se encontra sozinho para compor a sua fala, uma vez que precisa manifestar o conhecimento adquirido, ao longo de sua existência, mesmo sendo em nível de senso comum ou em nível apropriação de conhecimentos científicos advindos da fala do outro para poder ter a sua identidade legitimada socialmente.

²² Não nos deteremos na discussão pormenorizada dos estilos linear e pictórico. Apenas os mencionamos aqui, pois utilizaremos os tipos discurso (direto e indireto) na recuperação das vozes sociais no momento da análise.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) esclarece o enigma em relação a apreensão do discurso do outro, na medida em que a identidade do sujeito é forjada e negociada fora do eu, já que é internalizada pelos indivíduos em uma trama que considera tanto a estabilidade do sistema linguístico-discursivo quanto a instabilidade do intercâmbio verbal e não verbal mediada pela interface dialógica. Os tipos de discursos citados manifestam os esquemas padronizados e legitimados, exercendo uma função reguladora, a qual estimula e/ou inibe as formas de pensar e de agir socialmente. O fundo perceptivo da compreensão valorativa da realidade é matizado pela junção da consciência interior com a consciência social. Segundo o Círculo a compreensão ativa envolve os seguintes critérios: 1) recolocação da enunciado do outro no contexto do comentário efetivo do eu de forma integral (discurso direto/estilo linear); 2) na situação interna/externa fundindo esses dois mundos, demonstrando uma alusão ao discurso do outro, ou mesmo uma paráfrase (discurso indireto/estilo pictórico). Nesse tipo de citação, há por parte do eu, uma análise simultânea da fala do outro e sua coloração pelas interpretações particulares de um eu.

A dialogicidade do sujeito bakhtiniano, segundo Sobral (2009), abarca pensar que a objetivação do pensamento é realizada por meio da subjetivação da palavra. Portanto, quando o eu utiliza os enunciados de um outro subjacente a construção da realidade da significação, implica no estabelecimento de uma relação dialética e dialógica entre a sua experiência verbal, o meio social e os “outros”. Clot (2016) parte do pressuposto sobre a teoria bakhtiniana de que a língua(gem) não é, simplesmente, interiorizada pelo eu, mas sim assimilada por meio da vivência, dos enunciados que o eu projeta no meio social. A função da voz do outro, dos enunciados, das vozes sociais em si, é de propiciar ao eu construir sua consciência linguística-discursiva na interface entre a palavra do outro e a própria palavra.

Em *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*, Bakhtin (2014b) pontua que para agirmos no mundo, nos apropriamos de enunciados pré-construídos estabilizados em nossa memória histórico-cultural, os quais regulam as nossas relações com os objetos e entre as pessoas, preservando as nossas tradições. Os sujeitos usufruem dos diversos gêneros discursivos que se encontram dispersos no cotidiano social, bem como das vozes dos outros para compor o seu repertório linguístico-discursivo. A percepção da estruturação da consciência sociológica do eu parte do pressuposto da percepção da consciência coletiva, já que abarca as formas linguísticas-discursivas de

representação e de categorização do mundo e dos seres que habitam, como também expressa a capacidade imaginativa e criativa do eu extrapolada a sua realidade guiada pelo outro.

A orientação da consciência sociológica do sujeito perpassa, necessariamente, a interface mediada pela consciência social, na qual estabelece uma consciência normatizadora e reguladora da atividade comunicativa humana. Bakhtin (2014b) pontua que toda a constituição da realidade é concebida a partir de uma infinidade de consciências, cuja verdade baseia-se em acontecimentos e surge na convergência interacional dos discursos circulantes no cotidiano social. O sujeito bakhtiniano, portanto, instaura-se por meio de um processo dialógico orientado a partir das condições sócio-históricas da existência do eu, da sua inter-relação com o outro e com aspectos do seu ambiente, que, necessariamente, são fatores adjuntos a organização do seu caráter responsivo e da alteridade inerentes a sua comunicação. Não podemos deixar de mencionar também, o papel da organização social do eu, enquanto consciência individual, como agente interatuante com as vozes sociais e as axiologias circundantes²³, evocando, assim uma consciência intersubjetiva. Para atuar comunicacionalmente, ao eu requer existir enquanto ser palpável e enquanto entidade linguística-discursiva validada e que valida de forma ideológica e operacional, bem como axiológica os modos de reação e utilização da língua(gem) enquanto artefato de desenvolvimento da sua identidade.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) esclarece que o dialogismo conjuga-se a toda forma de criação humana implicando, necessariamente, a tomada de um posicionamento, de um papel social atribuído pelo outro ou configurado pelo próprio sujeito que subjaz a considerar o horizonte espacial, a entoação e o juízo de valor fatores adjacentes a formação do sujeito, e portanto representantes de sua carga axiológica.

Como o sujeito é a língua(gem), desde o seu diálogo cotidiano, a apreciação e a escrita de uma obra de arte, o Círculo de Bakhtin o coloca como membro de uma sociedade explicitada por uma cultura e história que englobam os valores ideológicos comuns para os seus membros. Esses valores que o sujeito estabelece em relação ao uso da língua(gem) possibilitam pensarmos a interação verbal dentro de parâmetros que considerem o conceito de esfera ou campo da comunicação discursiva proposto por Bakhtin (2011), que se encontra permeado a noção de axiologia. Adquirimos o repertório

²³ Os fatores axiológicos são discutidos na subseção 2.2.1 e relacionamos ao caráter responsável do SER.

linguístico-discursivo pela vivência experienciada propiciada pelo uso da língua(gem) a partir das esferas que categorizam as atividades humanas, conhecidas como campos sociais da comunicação (igrejas, escolas, família, Estado etc), responsáveis por compor a nossa consciência sociológica. Ao interagimos dialogicamente, dentro dessas esferas, produzimos percepções sobre a realidade a partir das projeções intersubjetivas de pontos de vistas, os quais delineiam-se, tendo em consideração as seguintes questões: 1) a situação social mais imediata; 2) a consciência sociológica do eu; 3) o sentido dos enunciados.

Para o Círculo de Bakhtin, a primeira questão em relação ao interagir dialógico dos sujeitos, perpassa que a situação social da comunicação humana imediata é constituída pelo horizonte social comum aos interlocutores, conhecido como unidade do lugar visível. As situações comunicacionais cotidianas do eu são definidas pelo meio social mais amplo, o qual é regulamentado pelas especificidades das esferas de produção ideológica e por outro lado pela convivência social, que sucintam necessidades em um sujeito articulador da sua realidade. A experiência comunicativa acontece em razão da onipresença social da língua(gem) intrínseca as relações do cotidiano dos sujeitos e autenticada pelas necessidades de comunicação – categorizar, relatar, manipular etc. Essa simbiose entre as necessidades do eu e as necessidades do outro/social impacta, diretamente, no estabelecimento da ideologia do cotidiano, e por conseguinte, marca o horizonte ideológico de cada época (cronotopo). Esse acervo preestabelecido, conhecido como memória histórica-social, criado a partir dos discursos alheios e das experiências adquiridas pelo eu, durante a sua atuação social, configura-se como elemento norteador da sua identidade. Ser sujeito, nessa perspectiva, implica ser, não apenas, um reproduzidor dos dizeres do outro, mas (re)inventor da imagem de si e da imagem do outro. A concepção de sujeito configura-se dentro de uma perspectiva engendrada no entrelace entre a parte linguística-discursiva e o contexto social, permeado pelo acabamento avaliativo e não pelo potencial de ecoar o que já existe.

A segunda questão levantada expressa a consciência individual formada a partir de experiências vividas no meio social. Ao pararmos para refletir sobre essa questão, nos deparamos que a autoconsciência do eu desprende-se dos valores adquiridos sobre as situações do cotidiano que compõem a memória coletiva dos fatos vividos, e/ou experienciados, articulada a memória individual. Para se chegar a manifestação individual do pensamento e sua verbalização, o eu passa, necessariamente, por processar os valores

ideológicos vigentes, tendo como referencial um outro que está fora de si. Convém salientar que o diferencial da teoria bakhtiniana de sujeito situa-se em considerar o encadeamento das informações enquanto aspecto dialogicamente orientado, na medida em que, para manifestar a sua autenticidade linguística-discursiva, o eu regula-se pelo excedente de sua visão, tendo como centro norteador um outro/social. Tudo o que o eu diz, sabe, projeta etc, a respeito de um outro, e sobre si mesmo é expresso pelos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos, ao longo de sua atuação em horizontes comunicativos entrelaçados as ideologias específica de uma época. A finalidade da comunicação encontra-se permeada por um projeto comunicativo dialogado para poder agregar um valor àquilo que o eu fala, houve, assiste e lê.

Ao pararmos para pensar sobre o sujeito em uma perspectiva marxista da linguagem, assumimos que o seu papel participativo interposto pela palavra do outro roteiriza o destino do eu, sendo portanto uma concepção definidora da compreensão participativa transgrediente do todo acabado da vida humana. A autenticidade comunicativa requer de um eu a apropriação dos componentes expressos no discurso alheio como legado linguístico-discursivo de moldes que viabilizam a sua própria condição de existência. A palavra alheia, entendida como vozes sociais, estabelece a necessidade de legitimar-se frente a um nós apropriando-se de partes da vida dos outros como fonte estruturante de seus próprios enunciados. A presença do outro, nos enunciados, marca a dialogicidade da interação verbal, na medida em que instaura a composição manifesta de uma reação-reposta á palavra do outro, seja de caráter explícito ou não.

A especificidade sociocomposicional da voz do outro resgata a dimensão fundante da alteridade, princípio da identidade do eu, afiliando a sua consciência a oportunidade da concordar total, parcial, ou ainda discordar do discurso do outro, conferindo-lhe ironia, exaltação, incerteza, receio, deleite etc. O eu, durante a construção da sua imagem enquanto sujeito participativo necessita comprovar a autoria daquilo que fala, como sendo um processo de apropriação interpretativa das ideologias circulantes, e consequentemente das vozes do outro. Falar implica adquirir um posicionamento, além de dispor de credibilidade para ser ouvido, ao mesmo tempo, que possibilita realizar avaliações a respeito do próprio discurso como do discurso do outro. A consciência do eu instaura-se, portanto na interface entre dois mundos, o sensível e o inteligível, partes constituintes de um sujeito ativo e relacional.

Em *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*, Bakhtin (2014b) esclarece que entender o sujeito dialógico implica considerá-lo a partir da conjuntura social e histórica concreta, filiada a elementos discursivos e não-discursivos. Para compor o arquivo de tendências dominantes de empoderamento do discurso do outro, o eu precisa além de percebê-las, interpretá-las e usá-las da melhor maneira como repertório constituinte da posição que toma para compor a sua fala. O caráter situado do sujeito estabelece que o ato comunicativo humano arquiteta-se da junção entre o aspecto sensível e o inteligível, partes de um todo social que se desdobram nas particularidades identitárias do eu.

O mundo sensível refere-se ao enfoque intuitivo que se liga a vivência experienciada do eu criador e acional. É considerado pelo Círculo de Bakhtin como o mundo dado, no qual o ato comunicativo acontece mediado por um tempo e espaço. Já o mundo inteligível é concebido como fonte de organização do vivido, sendo apreciado como a possibilidade de reprodução e/ou transformação da materialização dos aspectos da unicidade e da continuidade dos atos que foram apreendidos pelo eu durante a sua fase sensível de experimentação. Viver, no mundo social, requer do eu estar à disposição de regras de convivência deliberadas por protocolos ideológicos e gramaticais validados pela égide do estar e atuar no mundo social, de interpretá-lo e de agir nele.

A consciência do eu é forjada pela junção desses dois mundos: o sensível, processo de realização concreta do ato comunicacional em seu aqui e agora; o inteligível, parte que permite a organização do conteúdo do ato intersubjetivamente pelo eu. Sinalizar o fato de que o eu é regido por uma consciência coletiva, na qual a sua individualização é configurada pelo diálogo com o outro, fator simbólico das ideologias dispersas socialmente, nos faz refletir sob o terceiro aspecto: a construção social do sentido. Sabemos que a concepção do sentido abrange, também os componentes axiológicos. Entretanto, em um primeiro momento, preferimos considerá-lo, preliminarmente, a partir dos conceitos dialógicos demarcado pelo viés da alteridade e da responsividade. Ressaltamos que o sentido é abordado nas subseções 2.2.1 e 2.2.2.

A realização concreta da comunicação, segundo os preceitos do Círculo de Bakhtin, notabiliza a conexão entre as dimensões sensível e inteligível, uma vez que o resultado material da interação envolve a forma e o conteúdo, explicitando a diferença entre significação e tema. O processo de comunicação do sujeito é originado da manifestação irrepetível da composição entre as particularidades de quem fala, como fala

e quando fala, e ainda para quem fala, atrelados a partes repetíveis que acabam sendo ajustadas às necessidades arquitetônicas do sujeito bakhtiniano. A formulação da interação verbal como componente imprescindível da dialogicidade do sujeito, no que tange a organizar e a realizar o ato comunicativo, concebe a unidade entre o sentido da apropriação dos mundos (sensível e inteligível), como elemento contribuinte para suprimir a ruptura entre conteúdo e processo do ato comunicativo. Portanto, para a teoria bakhtiniana, todo ato comunicacional incorpora conteúdo e forma, significação e tema, produção teórica e concretude, ser e categorizar o mundo, repetibilidade e irrepetibilidade.

O problema da definição da constituição do significado abrange a deliberarmos sobre as demandas adjacentes às concepções relativas as distinções entre tema e significação estudadas pelo Círculo. As formulações pormenorizadas a respeito do sujeito bakhtiniano assinalam para atentarmos em relação a problemática da polissemia da palavra e sua reconciliação com a sua unicidade. Bakhtin (2011) sinaliza em como resolver esse desafio a partir dos conceitos tema e significação.

A relação inerente entre significação e tema tece a trajetória prática da composição do sentido, na medida em que considera as coerções sociais, bem como a maneira individual como cada sujeito reage a elas. Percebemos que a construção do significado perpassa do enfoque social para o pessoal sinalizando a operacionalidade do sujeito bakhtiniano. O Círculo caracteriza a significação, tendo em vista os fundamentos reiteráveis do sistema linguístico. O tema, por sua vez, refere-se à manifestação concreta da comunicação, e por consequência, expressa os elementos singulares e irrepetíveis expressos em contextos sócio-históricos que o sujeito utiliza para marcar a sua identidade tanto linguística-discursiva quanto social. Compreender o funcionamento e a finalidade desses dois mecanismos, permite-nos levar em consideração o caráter ativo do papel do sujeito, o qual reinventa-se na e pela língua(gem).

Compreender o tema implica constatar que o processo comunicativo possui uma parte de cunho interpretativo, no qual enunciador e coenunciador dialogam pela inserção do enunciado em um plano pessoal. Entretanto, para que o ato comunicativo seja efetivo é preciso entender o enunciado como centro organizador da identidade do sujeito que configura-se socialmente.

Dahlet (2013) atribui três posicionamentos inerentes ao sujeito dialógico bakhtiniano: 1) natureza social da interação verbal; 2) o signo constitui-se como

componente da ação semiótica; 3) a identidade do sujeito é estabelecida pelo contato com o seu componente exterior, chamado de extraterritorialidade²⁴. A partir da reflexão desses três componentes, delineamos o fio condutor rumo a constituição do sujeito dialógico e seu vínculo com a língua(gem), e conseqüentemente, com o estabelecimento do sentido, uma vez que as interações sociais comunicativas permitem a autorregulação do comportamento e do pensamento dos indivíduos.

A formação da organização cognitiva das pessoas perpassa, necessariamente, o manuseio eficiente da língua(gem) e sua participação em sistemas ideológicos que lhe permitam o desenvolvimento de eus sociais, bem como possibilitam a construção de um mundo interior e exterior repleto de significados alicerçados nas atividades humanas mediadas pelos gêneros discursivos. O sujeito dialógico, portanto, sujeito de interações estabelece a sua identidade pelo intercâmbio com as vozes sociais que circulam em seus cotidianos e a partir desse contato, tece sua fala.

A relação dialética e dialógica entre o psicológico e o social evidencia uma preocupação nos estudos bakhtinianos em estabelecer como a produção de sentido, nos leva a enveredar pela noção de vozes sociais e de dialogismo. No texto, *Problemas na poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2015) centra-se na busca da explicação sobre o sentido por meio da compreensão do uso da língua(gem) em seus componentes éticos e estéticos, colocando no cerne dessa seção a constituição do sujeito interligado a um outro, exterior a mim. Para tecer a filosofia marxista da linguagem, Bakhtin/Volochínov (2014a) salienta o dialogismo como componente fundamental da sua estrutura. Para entendermos como essa afirmação interfere na construção do estatuto do sujeito, precisamos pontuar sobre como o outro, ao mesmo tempo direciona a minha fala, e encontra-se amalgamado a ela como uma voz perceptível ou não, mas que se encontra posta em mim.

Delineamos que esse sujeito dialógico compõem-se de todo um sentido construído pelo o uso da língua(gem) inserida em uma base social, cultural, ideológica e histórica. Entretanto, uma pergunta desponta inerente a constituição desse sujeito: como acontece a unicidade do uso da língua(gem) dentro do mundo interior dos indivíduos, já que a interação social é um dos pilares centrais das forças do mundo exterior que se

²⁴ No livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014a), a consciência sociológica para Bakhtin/Volochínov é caracterizado sob a ótica da extraterritorialidade, na medida em que a compreensão da vida humana por meio de práticas de linguagens situadas fora do “eu”, nomeadas de fatores sociais, ideológicos, históricos, culturais etc, interagem com as representações e categorizações subjetivas do eu, em relação a maneira como expressamos e apresentamos o mundo a nosso entorno de uma maneira intersubjetiva (junção da parte interior com a parte exterior da consciência do eu).

manifestam na construção do estatuto linguístico-discursivo do eu?

Para respondermos a indagação acima precisamos antes delinear os fatores que influenciam a composição do eu segundo os preceitos bakhtinianos de sujeito dialógico. Ao considerar a língua(gem) como componente fundamental da ontologia do sujeito, a filosofia marxista delineia uma operacionalidade do SER pautada na acepção de tema e significação. O nosso ver, a compreensão desses conceitos esclarece o entrecruzamento entre a unicidade do SER e sua extensão social, na medida em que possibilita desvendar a constituição do sujeito dialógico. No texto, *Para a filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin (2017) considera o pensamento participativo de criação referente ao discurso dos indivíduos, em um entrelace entre a aquisição e manifestação da consciência linguístico-discursiva vivencial e uma consciência linguística-discursiva social.

Refletir sobre esse fato revela a complexidade da construção dialógica desse tipo de sujeito, uma vez que o dito do eu não pode ser reiterado, pois situa-se delimitado pelas particularidades de uso da língua(gem). Os temas do discurso do eu, nessa perspectiva, configuram-se como um fator decisivo referente a composição da realização-experimentação-ação do ato em si discursivo, tornando-se, portanto, a realização da adaptação do sistema de signos, das palavras às condições de sua produção.

A construção do sentido encontra-se entrelaçado em caminhos externos ao sujeito que se encontram tanto nos sistemas ideológicos quanto no sistema linguístico-discursivo. A uma base pré-estabelecida da significação, cada palavra já traz em si uma carga semântica arquitetada intrínseca. Entretanto, quando a palavra entra em contato com a situação imediata da comunicação recebe colorações advindas do conhecimento de mundo de seus falantes, sem perder o valor que já apresenta. O que acontece, durante a interação verbal, é a atualização dos sentidos dos signos e das palavras encontradas em um contexto social da comunicação.

A formação dos sujeitos acontece pela incorporação de dispositivos e regularidades da língua(gem) assentados nos domínios da ciência, religião, da família, da escola, do Estado etc. Não podemos nos esquecer que esses domínios são redimensionados em razão das trajetórias individuais dos eus, e também pelas posições ocupadas por eles, ao longo das interações comunicacionais. A operacionalidade das condições sociais entrelaçada a agilidade da prática comunicacional cotidiana escreve o sentido um uma instância social. Como o sujeito bakhtiniano é um ser social e o sentido é fruto de avaliações advindas das condições externas que são rearranjadas internamente

pela interpretação do eu balizadas, sempre, por um nós de cunho ideológico.

As condições sócio-históricas específicas que o sujeito apodera-se para realizar a comunicação recaem sob a percepção dos aspectos intrínsecos ideológicos e linguísticos-discursivos engendrados em esquemas representativos do viver, que além de reproduzirem, de categorizarem, criam novas possibilidades comunicativas pela modificação da estrutura já estabelecida em decorrência das pressões internas e externas que o eu sofre socialmente. Um eu não faz a diferença em impelir as modificações nas estruturas existentes, sejam linguísticas-discursivas quanto sociais, mas um eu atrelado a um nós, consegue engendrar um sentido prático, plantar uma mudança, ao mesmo tempo em que pode seguir o protocolo estabelecido socialmente, adequando-o as nuances de suas necessidades individuais e sociais. Nessa seção, explicitamos a situação inicial da produção do sentido para o círculo, tecendo as distinções entre significação e tema. Entretanto, o estabelecimento do sentido possui um viés axiológico, um valor social, o qual assinala a própria existência da identidade do sujeito enquanto artefato, também social. Convém ressaltar que discutiremos sentido aprofundando o conceito de axiologia na seguinte seção.

As discussões acima nos propiciaram a estabelecer os primeiros pilares do sujeito bakhtiniano, compreendendo a própria questão de identidade, e quais parâmetros constituem a sua arquitetônica. Abaixo disponibilizamos a tabela para recapitular os conceitos trabalhados.

Quadro 4 – Resumo dos componentes iniciais do sujeito dialógico.

Componente	Definição
Dialogismo	• Relação direta com a realidade, acontecendo a partir da língua(gem) mediada pelos discursos e conseguida pela inter-relação entre os textos/discursos/fala; • Princípio constitutivo da língua(gem); • Mediador entre o homem e a realidade por meio do discurso.
Vozes sociais	• Discurso do outros, vozes alheias ao eu; • Presente em todos os domínios das esferas ideológicas, uma vez que se configura na malha linguística-discursiva que reflete e refrata a identidade social, histórica e cultural dos indivíduos.
Responsividade	• Capacidade de resposta do sujeito dialógico a outros textos, discursos que pode ter seu efeito imediato, retardado ou silenciado;

	• Marca compreensiva da exteriorização entre os aspectos individuais e sociais referentes a construção do sentido e a atuação do eu nas esferas sociais.
Alteridade	• Mecanismo linguístico-discursivo que valida a fala do eu, recorrendo a voz do outro para compor a sua tessitura social; • Instrumento da interação verbal que baliza a criação da consciência intersubjetiva do eu, na medida em que possibilita a regulação da consciência intersubjetiva do eu pelo aproveitamento total, parcial e ou mesmo a negação da resposta a voz alheia que o compõe.

Fonte: a pesquisadora.

A reflexão sobre o sujeito dialógico bakhtiniano nos viabiliza conceber que a identidade dos sujeitos é um processo linguístico-discursivo de apropriação da língua(gem) tanto em nível teórico do seu funcionamento quanto em nível prático para a sua utilização. Os mecanismos subjacentes ao dialogismo citados nessa seção - vozes sociais, responsividade, alteridade e o dialogismo - marcam a relação dos sujeitos com a realidade ideológica circundante expressa em seus contextos sociais. Atestar que a existência do sujeito só é possível pelo discurso explícita que a compreensão para o estabelecimento do sentido das coisas do mundo quanto do ser humano é permeado pela interação do homem com a língua(gem).

Os discursos, falas, textos precisam para serem materializados que os sujeitos em relação dialógica atribuam sentido, como também apropriem-se total, parcial, ou até mesmo refutem as vozes do outro dispersas nas esferas sociais que frequenta. O Círculo de Bakhtin considera o sujeito concreto, irrepetível em seus enunciados, contudo esse fato não esmiúça uma individualidade soberana, e sim esclarece a interdependência entre a autoconsciência e a consciência coletiva.

A incompletude do SER projeta-se no sentido de evidenciar um sujeito inacabado que precisa do outro para existir, mas que ao mesmo tempo coloca seu ponto de vista no discurso. Ao balizar a língua(gem) como componente fundamental da estrutura do sujeito, o círculo de Bakhtin postula a interação entre mente e mundo de forma a aclarar o papel das diversas vozes sociais para compor a concretude da manifestação particularizada na fala do eu. Podemos afirmar que o “eu” incorpora vários “outros”, sendo, portanto, uma aglomeração de vozes ideológicas que evidenciam que o homem emerge da interação contínua, da operacionalidade consciente com os fatores linguísticos e discursivos que o compõem.

As reflexões, nessa seção, conduzem a desvendar o sujeito dialógico pautado em uma concepção dialógica enquanto questão que emoldura a forma e conteúdo do discurso. Verificamos, também, a necessidade de desenvolvimento de uma visão desse sujeito abrangente a aspectos de axiologia, sentido, acabamento e inacabamento, tendo como escopo uma tendência a considerá-lo escrito na e pela língua(gem) e não o contrário.

A não individualidade do sujeito bakhtiniano ancora-se no turbilhão do coletivo, da visão exotópica²⁵, na qual o conteúdo e a forma do discurso do eu associam-se as manifestações concretas da sua existência enquanto um ser de possibilidades e não de certezas. A relatividade desse sujeito diante de seu agir verbal ,no mundo, pressupõe, conforme Sobral (2015), em desvendar os postulados bakhtinianos sobre esse fato, a partir do entrelace entre o mundo vivido no ato estético da criação dos discursos que afloram o agir ético de indivíduos corporificados pela e na língua(gem).

Insistimos na questão de considerar o aspecto das vozes sociais como parte inerente do discurso e não característica do sujeito, uma vez que o sujeito falante é único e sempre o mesmo, mas o que se modifica são as posições ideológicas assumidas ao longo dos discursos que profere em seu cotidiano proveniente do interagir com as vozes sociais que o circundam. Também, não podemos dizer que a constância discursiva faz parte de uma das suas características, porque a interação verbal permite-lhe modificar constantemente os seus valores ideológicos.

Salientamos também que a apresentação do conceito de sentido pautou-se em discutir seu referencial inicial no tocante à construção da identidade do sujeito em Bakhtin (2011). Explicitamos que o sentido em seu componente dialógico delimitado por questões de responsividade e alteridade, é marcado pela inter-relação da autoconsciência de um eu e sua interação com a consciência coletiva de um nós. Sabemos que o sentido delimita o sujeito para o Círculo, já que o inscreve no circuito de agente ativo no enredo da vida em sociedade. Não obstante, para a sua total compreensão precisamos explorar nas subseções posteriores a este, as marcas valorativas e seus entrecruzamentos em um tempo-espço, apoiando a tese de um sujeito dialógico e participativo pensante e percipiente que toma as marcas axiológicas e cronotópicas para a sua composição.

²⁵ Visão que se encontra fora dos domínios da consciência individual.

2.2.1 O sujeito dialógico visto em uma perspectiva axiológica e responsável do ato

A construção do sujeito para o Círculo de Bakhtin implica, como já visto, anteriormente, conceber um sujeito participativo e de escolhas, que apodera-se da língua(gem) tanto para ser compreendido quanto para compreender a si mesmo, o outro e o mundo que habita e atua. O sujeito e sua faceta operacional dialógica adapta-se às necessidades sociais experienciando a realidade a partir da língua(gem), tendo por escopo a compreensão responsiva do ato comunicacional. Ao pensar e conceituar esse componente, o Círculo, em harmonia com uma perspectiva axiológica, a qual salienta a conexão entre o existir-evento do ato comunicacional e a valoração apreciativa do eu, direcionada aos discursos do outro, bem como as formas ideológicas manifestas nas maneiras de pensar e de agir do eu, apodera-se em um sujeito que constrói a sua existência por meio do conviver em sociedade.

Inscrever o sujeito em uma ética quanto ao uso da língua(gem) implica considerar que a formação da realidade tanto prática quanto imaginada²⁶ partem do pressuposto de estarem inseridas em sistemas normativos de regulação do viver balizados por padrões morais que ditam as condutas e os modos de pensar que são vistos como certos ou errados. A moral é o fator externo que se encontra na interface do excedente da visão²⁷ do eu, sendo o ponto de ancoragem para as mobilizações interpretativas e acionais de um sujeito particular que utiliza a língua(gem) em suas dimensões éticas. O ser ético para o círculo consiste em um ser percipiente e/ou pensante, cuja existência acontece simultaneamente a situação concreta comunicacional, social e histórica, e portanto pode atuar no mundo em conformidade com os valores por ele interpretados, mas sempre balizados por um outro adverso a si próprio.

No texto, *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) difunde a proposta do ato/atividade/evento vinculado a uma consciência real que age de forma responsável, na qual o sujeito participante e transgrediente²⁸ responde intencional e

²⁶ O conceito de realidade imaginada utilizado por nós deriva dos estudos de Volochínov (2019). Consideramos que os gêneros literários de uma maneira geral expressam uma realidade imaginada a partir da verossimilhança.

²⁷ O excedente de visão é abordado como componente do cronotopo na subseção 2.2.2.

²⁸ O conceito de transgrediente para o Círculo diz respeito ao fato de que o sujeito pode não aderir ao papel predefinido pela sua existência nas esferas sociais que frequenta. Dessa maneira, Bakhtin (2017) afirma que, para a organização do eu enquanto instância física, ele pode aderir ao não-álibi de sua existência, já que possui a permissão de arriscar-se a discordar dos valores ideológicos aceitos, e consequentemente

singularmente às pressões advindas da realidade mediada pela língua(gem). O Círculo destaca o caráter ordenador da língua(gem), uma vez que todo o pensamento e ações humanas entrelaçam-se a um sistema linguístico-discursivo e ideológico que representa, categoriza e reinventa a existência pela intervenção de um eu, não enquanto ser único e sozinho, no palco comunicacional, mas inter-relacionado a um nós social. A língua(gem) dissemina a cultura, já que propicia mecanismos para construir cooperações, sentido, conhecimento perpassado por um tempo-espaço²⁹ do ontem, do agora e do amanhã. Sedimenta as relações de crenças, valores que permitem aos sujeitos compreenderem, analisarem e apreciarem o que lhe é posto por si mesmo e pelos outros.

A filosofia bakhtiniana esmiúça como a identidade dos sujeitos é erguida a partir da conciliação entre os aspectos ontológicos (mundo dado) e os processos epistemológicos (apreensão do mundo), tecendo a distinção preliminar entre ato, atividade e evento. Todos esses conceitos são a base para entender o sujeito dialógico em uma perspectiva de sujeito avaliado e avaliador da realidade que o cerca. Os estudos do Círculo em relação ao ato ético, como fonte de distinção entre a singularidade do SER (ato concreto) e suas generalizações repetíveis (ato atividade) configuram para além dos aspectos estéticos do ato, já que abarcam o seu viés ético. Desse fato, os estudos do Círculo nos abrem a questionar: 1) como o caráter ético é manifestado no sujeito bakhtiniano? 2) quais são as implicações na composição da identidade do sujeito em considerar a viabilidade axiológica do ato dentro de sua característica responsável?

Para traçar o fundo da responsabilidade do ato comunicacional, Bakhtin (2017) estabelece um comparativo para designar o ato concreto com a filosofia aristotélica de potência. O ato é visto a partir do seu processo delineado por meio da compreensão de seus componentes axiológicos e pela sua prerrogativa responsável. Pensar no ato responsável engloba perceber e analisar a ação humana de produzir sentido balizada além de uma premissa singular, também é constituída por uma substância abstrata, repetível advinda do seu conteúdo, nomeado pelo pesquisador de ato atividade. O evento, por sua vez, situado em um dado lugar e tempo finda-se tanto no processo quanto no conteúdo dos atos, e dessa forma incorpora tanto o fator singular quanto universal da comunicação humana. A peculiaridade do evento sinaliza-se em colocar o sujeito no mundo, tornando

reformular a sua própria existência, como também causar pressões que podem propiciar mudanças na sociedade.

²⁹ As questões inerentes aos conceitos de tempo e espaço em Bakhtin são discutidas na subseção 2.2.2 desta seção.

um ser-evento que age, participa, transforma, re(escreve) sua trajetória, porque o evento é um diálogo, é um silêncio, é um remodelar a existência pela capacidade volitivo-emotiva do eu em analisar seus próprios atos, os atos dos outros e inscrever a sua história a partir da apreensão da cultura e da memória de sua experiência mediada por valores ideológicos, os quais implicam em um posicionamento do sujeito bakhtiniano.

Salientamos que quando nos pusemos a discutir sobre os conceitos de ato concreto, ato atividade e evento, lembramos das questões inerentes à construção de sentido associadas aos fatores de significado e tema, advindos dos estudos bakhtinianos, mencionados na seção anterior. Temos a consciência de que vários dos assuntos abordados anteriormente encontram-se intrínsecos ao sujeito dialógico bakhtiniano e, conseqüentemente estão amalgamados às demandas axiológicas que perpassam o estabelecimento da natureza responsável da comunicação humana. A complexidade das obras e dos assuntos abordados pelo Círculo, nos fazem a cada explanação remodelar o nosso ponto de vistas sobre os objetos discutidos na seção teóricas e em suas subseções, bem como retomá-los para compor o nosso estudo.

A aplicabilidade da ética bakhtiniana envolve examinar o critério da responsabilidade do ato comunicacional concreto com ênfase a conjectura de que a singularidade do eu sempre precede dos enunciados já existentes, das vozes que já circulam socialmente. O gerenciamento entre conteúdo e processo dos atos encontra-se sedimentado por meio das particularidades do mundo sensível (mundo dado, social concreto) com o mundo inteligível (o postulado, o apreendido, interpretado pelo eu), tendo em vista o horizonte social, o juízo de valor e a entoação adjuntos a carga comunicacional do eu, a fim de responder de maneira responsável aos atos que gera quanto aos atos que vem de um outro.

A situacionalidade do ato comunicacional prepondera, além da ordem física de sua execução, uma vez que para o Círculo a comunicação concreta depende, também do componente mental, ou seja da singularidade do eu, estruturado a partir do componente social, seja em seu viés reproducionista, seja em seu viés transformador e adaptador, que o conhecimento linguístico-discursivo lhe proporciona. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) apresenta questões inerentes ao autor-criador, pautando-se na relação axiológica do eu com o mundo social que habita. A finalidade desse elemento emotivo-volitivo, na composição da identidade humana, possibilita apreciar como os trajetos de sentido são estabelecidos, tendo em decorrência a interação do eu-outro em um processo

que resulta na proximidade, na crítica, na alegria, no sarcasmo etc diante dos fatos permeados na e pela língua(gem). Emoções as quais povoam o sentido, e consequentemente pertencem ao paradoxo existencial do eu. Somos o eu do passado que vive o presente e reverbera o futuro, tudo sob o viés de um outro fora de si interposto pela língua(gem).

O ato responsável bakhtiniano resulta de uma participação ativa do sujeito, no que tange a usar e entender a língua(gem) para mediar e construir a realidade. Para tanto, *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) exemplifica que a responsabilidade agrega analisar o ato em seus elementos que consideram o conteúdo, o processo de sua realização e a valoração/avaliação do sujeito com respeito a seu próprio ato, bem como aos atos do outro. Todos esses fatores são demarcados sob uma ótica que considera as possibilidades de transgressão do valor ideológico aceito socialmente, já que a concepção de sujeito do círculo, alicerça-se na língua(gem), não somente palco de transmissão dos valores do mundo, mas abre a conjectura para a transformações da ordem apresentada como vertente de uma verdade postulada absoluta. Para tanto, o Círculo traça o pensamento participativo articulado a vertente dialógica, levando em consideração estabelecer um contraponto com a teoria kantiana e neo-kantiana de sujeito transcendental.

Em *Questões de literatura e Estética: a teoria do romance*, Bakhtin (2014b) assume que o fazer estético encontra-se entrelaçado entre dois mundos: a realidade prática vivida e o mundo de concretização estética do agir humano. Essas duas vertentes são regidas por pilares éticos da ação humana orientada pela língua(gem). Ciência, ficção e vida se fundem em uma sinfonia de múltiplas vozes e valores comandados pelo eu, e por conseguinte rearranjados a sua trajetória de vida. Cabe ao eu, durante a sua passagem social, aderir a uma variedade de performances cabíveis em cada momento da interação verbal e não verbal. Podemos possuir, ao longo da nossa existência social, distintos papéis sociais, por exemplo donas de casa, professoras, mães, alunas, idosos etc. Cada uma dessas funções/classificações trazem uma bagagem de representatividade simbólica que implica uma conduta, uma atribuição de um valor social que caracteriza a importância ou não dessa nomeação e suas consequências para os indivíduos que a recebem. Os estudos do Círculo ao abordarem o fato da literatura, das artes em geral, seja erudita ou popular apoderarem-se dos domínios da cultura e expressam a realidade social que as perpassa por meio de atos comunicativos de caráter cognitivo-ético-estético. Esse fato nos

possibilita analisar a composição do sujeito, tendo como pilar a materialidade constitutiva dialógica da língua(gem). Ressaltamos que além da tríade mencionada acima, o Círculo, também considera como um outro pilar a mediação da atmosfera axiológica outorgante do processo dinâmico das valorações e das emoções suscitadas pelo uso da língua(gem).

Pensar na prerrogativa apresentada anteriormente, tendo como escopo o sujeito bakhtiniano, nos possibilitou traçar, ao longo dos seções anteriores, como a identidade dos indivíduos se entrelaça à concepção de língua(gem) estabelecida pelos estudos do Círculo. No que tange, aos componentes éticos e estéticos, o Círculo delineia o itinerário com os seguintes textos: 1) Arte e responsividade; 2) O autor e o herói na atividade estética; 3) Para uma filosofia do ato responsável. Essas pesquisas norteiam as discussões fundamentadas pela perspectiva bakhtiniana, no que se refere a projetar o artefato estético e o ético apoiados em firmamentos sociais, culturais e históricos como um dos componentes da construção da identidade do eu. A estética é vista em um embasamento filosófico que se enquadra, perfeitamente à cultura humana. Portanto, o Círculo nega seus aspectos metafísicos, até então postulados, e inova ao impetrar a sua ligação intrínseca com o viver social. Dessa constatação, o ato estético está encadeado a uma rede valorativa axiológica dispersa no mundo da vida e interpretada, e até mesmo, modificada pelas pressões e necessidades advindas das mudanças dos paradigmas sociais, seja pelas descobertas científicas, tecnológicas e filosóficas, ou mesmo pelas pressões existenciais humanas. A arte em sua manifestação estética encontra-se de modo indissociável a um constructo arquitetônico (a forma do conteúdo), bem como ao constructo composicional e material. Todos esses aspectos localizam-se em um sistema axiológico de valores que combinados a parte cognitiva do sujeito possibilitam a este, a partir do recorte, da transposição e do acabamento do conteúdo a ser trabalhado, gerar corporificação a materialidade linguístico-discursiva pelo uso responsável e responsivo da língua(gem).

Como o sujeito, durante a sua passagem pela vida, ao dizer algo, precisa torna-se mediador das significações sociais possíveis (nível de significação) e dos enunciados que emite em um dado contexto (nível tema), os estudos do Círculo convergem para um sujeito que indefere os princípios transcendentais kantianos, bem como as teorias filosóficas de um sujeito psychologizante, ou mesmo o famoso sujeito cartesiano. A crítica bakhtiniana ao sujeito kantiano integra-se a questão do imperativo categórico subjacente a concepção de atuação ética do sujeito. Esses fatos são percorridos, ao longo dessa subseção, de forma mais específica. Quanto aos assuntos da não convergência com o

sujeito psychologizante e cartesiano foram discutidas, no momento em que apresentamos o ponto de vista do Círculo, em relação as teorias a respeito da língua(gem), nomeadas de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato. O sujeito psychologizante parte do pressuposto de que a sua existência enquanto entidade física e linguístico-discursiva emana de si próprio, da interpretação do eu, sem levar em consideração os aspectos sociais que decorrem de sua vivência. Há uma aderência ao conceito subjetivista idealista da língua(gem) como referência. Já o sujeito cartesiano é atravessado pelas ideologias como aparato normativo superior a vontade do eu, e conseqüentemente, sucumbe às pressões externas para apreciar e utilizar a língua(gem) como manifestação coletiva, desprezando a essência interna do sujeito, aderindo, assim, a vertente do objetivismo abstrato para caracterizar a sua representação. Toda essa pesquisa sedimentada nos ensinamentos bakhtinianos e aderente, nas obras do Círculo, nos fazem constatar que a visão de sujeito dialógico adentra-se em considerar a interação entre a parte interior do eu com a sua parte externa ideologizante advinda de um outro. A não separação dessas duas metades do sujeito possibilita ao Círculo inovar, no que tange a amalgamar a identidade do sujeito ao entendimento e utilização da língua(gem) como um constructo tanto singular quanto coletivo. Existir prescinde da interação verbal e não verbal de um sujeito situado, participativo e transgrediente que nunca está só na arena social e que divide esse espetáculo não de maneira simétrica entre seus participantes.

Dentro dessa perspectiva, a alteridade implica um dos conceitos-chaves, na medida em que o reconhecimento de uma responsabilidade pelo dito inerente a toda ação comunicativa é produzido de forma intencional, pois baliza-se nos valores ideológicos, culturais e históricos que caracterizam como os indivíduos relacionam-se consigo mesmos, com o outros membros do grupo social e com os fatores de ordem natural do ambiente. Ao modelar a sua consciência comunicacional, o eu parte do interagir como um todo ideológico, palco da (re)afirmação ou transformação dos ideias que delimitam a sua identidade. A partir desse contato, o eu passa a ter um posicionamento valorativo, e estar em consonância e/ou discordância do status quo vigente, estando, portanto alinhado ao jogo dialógico de sua existência. A esse posicionamento valorativo, o Círculo de Bakhtin nomeia de componente axiológico. Ressaltamos que os estudos da Bakhtin, em nenhum momento, desprezam as partes repetíveis e genéricas da língua(gem), tanto que na seção anterior apresentamos a noção de tema e significação para delimitar inicialmente a noção de sentido, e por conseguinte, acentuar o caráter duplo de um sujeito não cingido,

mas que convive dialogicamente com essas duas facetas: o eu singular e o eu coletivo. A trama dialógica do sujeito bakhtiniano esbarra na compreensão do lugar destinado à alteridade do sujeito como sua assinatura ao que diz. Cabe realizarmos a seguinte indagação: esse nós que suporta o eu, localiza as dissociações internas do sujeito ou significa a tendência a inspiração de um sujeito global e universal?

O Círculo responde essa indagação ao considerar que os sujeitos edificam-se em discursos, que reverberam as vozes sociais de projetos de ações verbais e não verbais que incluam a possibilidade de ajustes de condutas linguístico-discursivas, retratando as inconstâncias, a reciprocidade da situação comunicacional. O sujeito dialógico entra em conflito com o sujeito coisa kantiano, visto que para Bakhtin (2017) o sujeito não pode existir fora do seu discurso. Ao desvincular-se do sujeito kantiano que é produto do que é pensado, as ideias marxistas da linguagem enunciam um sujeito composto por diversas vozes que é construído pelo fluir dialógico de um eu multifacetado em vários nós.

Para uma filosofia do ato responsável, Bakhtin (2017) reacende as discussões sobre a unicidade do SER, colocando no palco questões a respeito da experiência e da representação do ato comunicativo, mas de uma forma a negar o imperativo categórico proposto por Kant. A principal diferença, entre essas duas teorias, reside na maneira como cada pensador percebe a base ética de constituição do sujeito. Kant afirma que o indivíduo estrutura-se por meio da síntese entre a sensibilidade e a razão, prevalecendo o aspecto racional sobre a emoção. Por conseguinte, os atos comunicativos humanos são subordinados a julgamentos canalizados por padrões ideológicos aceitos universalmente e delimitados dentro de tempo-espaco-cultura definidos. Atuar, discursivamente no mundo, para essa conjectura, requer um sujeito transcendental que organize seu pensamento, sua fala, considerando as delimitações impostas pela seguinte frase: “como se”. As escolhas, desse sujeito, respaldam-se, independentemente, da situacionalidade da enunciação e do sujeito. A base organizacional reside nas instituições e no que circula como aceito socialmente, independentemente da vontade do falante. Os indivíduos são reprodutores e subordinados a fatores ideológicos, considerados a partir de sentidos preexistentes, ou seja a explicação do ato encontra-se demarcada pela condição de mero acontecimento, cujo sentido está dado a priori.

A filosofia do ato ético para o Círculo reconhece um sujeito de possibilidades que se afasta da essencialidade kantiana, uma vez que o eu não produz o sentido de seus atos, já que precisa da interação verbal e não-verbal para adquiri-lo. O imperativo categórico

kantiano é suprimido pela formulação do princípio do “não-álibi”, mecanismo que assegura a cada fala a unicidade do SER, pois evidencia que a interpretação não é indiferente a forma como cada sujeito internaliza os valores ideológicos do seu meio social. Conjecturar essa unicidade instituída, na responsabilidade do eu, requer atrelá-la aos postulados de responsividade, visto que além de responsabilizar-se pelos próprios atos, o indivíduo responde à alguém ou a algo, ponderado por um compromisso ético particularizado na interface entre a autoconsciência do eu e a consciência coletiva. A deliberação a respeito da noção de não-álibi contribui para a conjectura da sua relação com a unicidade do eu, tendo o propósito de demarcar a condição de possibilidade em relação a disposição do eu ao aderir total, parcial, e até mesmo discordar dos estereótipos provenientes da dinâmica da vida representados e categorizados pela língua(gem). Outro aspecto inerente ao não-álibi reporta a um sujeito participativo que pode assumir distintos papéis sociais, em conformidade com a conveniência comunicativa que estabelece quando atua socialmente.

A consciência participativa de um sujeito que age no mundo pela língua(gem) adentra para uma singularidade entre a ação (em seu panorama tido como experiência e realização) e seu sentido, na qual o valor atribuído pelos sujeitos envolvidos no ato, deriva do entrelace entre as combinações particulares que dependem das vontades dos interlocutores, bem como de fatores de ordem universal e das normativas que não são pertinentes aos pormenores dos agentes envolvidos. A unidade da consciência real do eu que age de maneira responsável “não deve ser concebida como permanência conteudista de um princípio, do direito, da lei e menos ainda do ser” (BAKHTIN, 2017, p.17). Portanto, a experiência vivida do eu é orientada pela atitude compartilhada do sujeito diante dos fatos ideológicos que encaminham e arquitetam a realidade mediada pela língua(gem). A palavra arquitetônica configura-se como um dos pilares fundamentais para assimilar a teoria bakhtiniana. No texto, *Arte e Responsabilidade*³⁰, Bakhtin (2011) caracteriza esse conceito como unidade interna de sentido, sendo a relação autoral estipulada pelo eu quando comunica-se oral, verbal, musical, audiovisual etc. A identidade do sujeito nessa conjectura vincula-se a faceta que une ciência, arte e vida.

O agir da cognição teórica sobre a intuição estética do “eu”, conforme argumenta Bakhtin (2017) impacta diretamente tanto no conteúdo do que é dito quanto na

³⁰ O texto *Arte e Responsabilidade* é encontrado na versão de *Estética da Criação Verbal* de 2011 impresso pela editora WMF Martins Fontes, p. XXXIII.

constituição do SER (interlocutores do ato). Falar algo para alguém requer responsabilidade pelo que dizemos e como dizemos e para isso, precisamos realizar escolhas, apreciações, nos posicionar no discurso, assumindo papéis que dependem do contexto comunicacional amplo (situação, tempo, espaço, intenção, modos de dizer etc).

A ênfase ao aspecto ativo do sujeito situado e não relacional emoldura o sentido, uma vez que permite ao eu assumir uma visão negociada submetida às pressões históricas-sociais emanadas do momento comunicacional. Ao eu cabe-lhe agir, em conformidade com os seus interesses, e pelo caráter dialógico e axiológico da língua(gem) assegura que o seu atuar, no mundo, seja fundamentado a considerar os fatores engajados a sua consciência e a sua motivação. Dessa maneira,

Nenhum conteúdo poderia ser realizado, nenhuma ideia poderia ser realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e seu tom emocional-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa. Viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva. O verdadeiro pensamento que age é o pensamento emotivo-volitivo, é o pensamento que entoa e tal entonação penetra de maneira essencial em todos os momentos conteudísticos do pensamento. O tom emotivo-volitivo envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir evento singular. É este mesmo tom emotivo-volitivo que orienta o existir singular, que orienta e afirma realmente o conteúdo-sentido. A experiência real de um vivido possível é precisamente a sua inserção, a sua colocação em comunhão com o existir-evento-singular (BAKHTIN, 2017, p.87).

O ato estético da criação dos discursos é visto como um fato que garante a momentaneidade do acabamento do SER. Dizemos isso, já que cada situação de comunicação responde a instantaneidade das necessidades interacionais de um sujeito que se expressa pela rearticulação das verdades ideológicas postuladas em versões éticas relativizadas nas particularidades da fala dos indivíduos. Para o sujeito dialógico a versão ética de sua existência não está delimitada pela noção do politicamente correto, seja em sua própria cultura, ou ainda em relação a outras culturas distintas da sua, já que é um conjunto de escolhas que geram consequências. Os efeitos dessa concepção para o sujeito são por um lado uma liberdade relativa de eleger seu caminho linguístico-discursivo, entretanto essa alteridade lhe garante expressar uma assinatura àquilo que fala, escreve, pinta, esculpe etc. Todo esse processo engendra a construção da imagem do eu para si,

como também do eu para o outro mediada pelo outro-em-mim.

O marxismo da linguagem estabelece considerar a estrutura da enunciação e da atividade mental configurada socialmente, inacabada postulada sobre uma base sociológica da modelagem estilística da fala, implicando diretamente em como atribuímos sentido aos discursos que emitimos e que recebemos. Dahet (2013) salienta que a sujeito para Bakhtin abrange um duplo deslocamento em relação ao sujeito reificado kantiano, uma vez que o alicerce da consciência individual encontra-se na palavra, portanto ela é sempre verbal³¹, e o segundo aspecto é que essa consciência ampara-se no coletivo.

Traçamos reflexões preliminares, na seção anterior, sobre a consciência do sujeito dialógico, já que esse aspecto permite o distanciamento com o pensamento cartesiano do “penso, logo existo”, uma vez que desloca a necessidade interna do sentido para uma visão de sujeito de consciências, cuja necessidade está externa a si, mas que dialoga com a sua essência individual. A substituição de um sujeito pensante por um sujeito de consciência, segundo Dahet (2013), conjectura, dentro da visão bakhtiniana, afirmarmos que os indivíduos são regidos pela interação entre forças internas e externas que são acomodadas, visando o equilíbrio que se subjugua a vontade do SER coletivo representado pelas escolhas do eu. Dessa forma,

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira em sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são momentos do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um conteúdo-sentido quando o fato de sua presença em minha consciência real de ser um humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização – estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o histórico-individual (factual), são dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável. (BAKHTIN, 2017, p.44).

O conteúdo do ato e sua realização-experimentação única moldam a alteridade como uma questão que tanto pode levar a alienação dos indivíduos quanto ser uma força

³¹ A nossa pesquisa considera que a interação verbal bakhtiniana acontece também de forma não-verbal. Dessa maneira, em vários momentos do nosso estudo, assumimos a postura de mencionar outras formas de linguagem, além da verbal.

que lhes concebe o poder do conhecimento linguístico-discursivo para o uso da língua(gem) em seu próprio benefício, ou seja como aparato ideológico transformador. A fala do sujeito, portanto, revela-se como um produto da inter-relação social com a maneira peculiar de cada pessoa reage, interpreta, percebe o mundo a seu redor, expressas em distintas tonalidades discursivas, e em conformidade com a visão de mundo acumulada em sua trajetória pela vida. A legitimação da palavra do eu pelo outro ocorre em um processo de negociação que envolve muito mais do que um jogo linguístico-discursivo de escolha de padrões reconhecidos como eficazes. Para tanto, as pessoas agem socialmente e simbolicamente motivadas por intenções apreciativas de regulação, manipulação, conhecimento etc, do eu e do outro.

Outro aspecto emergente dessa discussão é que se orienta em direção a como os sujeitos apreendem objeto (linguagem) e o utilizam, reside nos signos, formas ideológicas. Anteriormente já discutimos essa ferramenta linguística e como acontece a sua transformação em palavras que estabelecem as falas das pessoas. Os fatos argumentados nos mostram que o modo de representação do sujeito bakhtiniano não segue um único caminho, e seu grande desafio emerge em como tipificar a dualidade entre os mundos interior e exterior materializados no discurso e que aflora como ponto chave para a constituição do sujeito dialógico. Conciliar de forma interativa a subjetividade do SER com seu aspecto genérico, coletivo e universal, já que o sujeito é construído na e pela língua(gem), nesses mundos, encontra-se em constante desafio regido pelo fato da enunciação, transmutada na fala do eu, colocar-se como pluridimensional e particular. Em suma, como o eu assimila os componentes ideológicos dispersos socialmente de forma a abarcar distintos graus de gradualidade, consciência e deslocamento, no que se refere a possuir o conhecimento efetivo quanto a questão da sua existência dependete da negociação e validação de um outro. A noção de simples dualidade entre as vozes é ultrapassada, na medida em que:

[...] essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pelo de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2011, p. 294-295).

Não podemos, nesse ponto, acreditar que o sujeito para o Círculo de Bakhtin seja, simplesmente, uma soma entre essas duas partes, pois o pressuposto referente a esse sujeito dialógico emerge da interação. Entretanto, interagir para a filosofia marxista da linguagem, não se respalda, no estabelecimento de relações equilibradas, mas no desenvolvimento linguístico-discursivo povoado por lutas ideológicas transparentes nos posicionamentos assumidos pelo eu em seus discursos, nos posicionamentos que escolhe e lhe permitem modificar seus atos e pensamentos quantas vezes seja pertinente para a sua evolução enquanto ser constituído na e pela língua(gem).

A complexidade desta noção de sujeito, nos permite atentar sobre a sua continuidade/acabamento (identidade) em relação aos horizontes de sua descontinuidade/inacabamento (fatores ideológicos, sociais, históricos, culturais etc), responsáveis pelo desenvolvimento humano em uma escala linguística-discursiva e histórico-social. As memórias que o sujeito dialógico empodera-se como suas, provém do contato com a voz do outro, com suas vivências, com o que experimenta seja pela leitura, seja pelo contato com as vivências dos outros (filmes e séries etc). Todo esse horizonte social acaba por (re)modelar a perspectiva como o sujeito processa, interpreta e atua no mundo conferindo-lhe autenticidade/alteridade para desempenhar seu papel de articulador de sentido, sendo responsável por aderir total ou parcialmente a trama ideológica aceita pelo viver em sociedade, e até mesmo negá-la por completo e (re)escrever a sua história, tendo uma apreciação distinta da validade socialmente.

Significar, no contexto dialógico e axiológico, requer pressupor que o ato performático originado de uma experiência-evento singular com a palavra seja visto por uma perspectiva tanto da parte de seu conteúdo, quanto da parte de sua forma em uma configuração representativa-volitiva. A síntese entre o ato no viés estético, sensibilidade do eu, no âmbito de sua ética efeito do todo ideológico global em mim, movimenta ativamente o sujeito para além de aclamar as verdades do seu contexto, mas o orientam, também no sentido de criá-las.

A inteligibilidade discursiva do sujeito dialógico projeta para uma inscrição total da língua(gem) no sujeito e não o contrário, na medida em que sua figurativização não neutra, não é visualizada como um produto fenomenológico. O posicionar-se desse sujeito acontece exotopicamente³² a partir de suas relações com os outros sujeitos que lhe

³² As questões exotópicas são abordadas junto com o componente cronotópico, na subseção 2.2.2.

conferem o necessário para seu acabamento (SOBRAL, 2019). Ao voltamos sobre a questão da necessidade de compreensão sobre a fluidez dialógica desse sujeito, no que se refere a possibilidades de sua dissociação interna, e/ou mesmo sua universalidade, nos deparamos com o próprio estabelecimento da identidade e existência do SER. Dizemos isso, já que ao considerar o SER-evento, Bakhtin (2017) almeja propiciar uma conexão entre o ato experienciado e o ato representado.

A avaliação social realizada pelo sujeito é mediada pela intersubjetividade, a qual moderniza os enunciados na perspectiva do seu sentido semântico e, não somente enquanto sua forma gramatical, abstrata. Quando o Círculo utiliza a intersubjetividade, e a concebe como componente intrínseco à condição de inacabamento do sujeito, permite pensar que o eu adquire a competência de efetuar julgamentos e interpretações em situações interativas do ato comunicativo, colaborando para a sua configuração organizacional. O ato, nessa perspectiva, é visto como uma instância de sentido, passando a ser além de um fenômeno linguístico-discursivo um fenômeno inscrito na história, na cultura, na sociedade.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2014a) delineiam a problemática da polissemia da palavra, uma vez que há a relativização do seu sentido por comportar duas acepções. A primeira estabelece-se pela unicidade fonética atrelada a unicidade inerente a toda significação, portanto, adere ao seu conceito dicionarizado. A segunda, compreensão pauta-se na interação instituída no contexto da enunciação. Essa dualidade gera uma simbiose entre sujeito-contexto-situação, ao ponto de esclarecer que a centralidade da enunciação, enquanto ação-vivenciada não se encontra no meio social que envolve os indivíduos, mas é fruto das posições que o sujeito ocupa em relação a seus discursos e aos discursos dos outros.

A visão de sujeito articulador, interacional, consciente, tido como mediador entre as sentidos sociais possíveis interligados aos enunciados que profere e que se posiciona de maneira que o mundo da ação humana (mundo do evento) somado ao mundo do ato realizado (vivencial), possibilitam-lhe compreender os impactos da formulação de uma teoria do sujeito bakhtiniana pautada na correspondência entre o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-em-mim. A representação da vida em sociedade pela linguagem oportuniza o estabelecimento da imagem-conceito, tida como um valor axiológico, que o sujeito atribui ao produzir e interpretar discursos. Segundo o Círculo de Bakhtin, o valor, entidade intersubjetiva-ideológica, abarca uma visão de mundo, uma posição social que

o sujeito lhe atribui e/ou lhe é atribuída pelo outro.

No capítulo intitulado *O autor e a personagem na atividade estética*³³, podemos evidenciar que o sujeito para Bakhtin (2011) enquanto inserido na experiência do ato não pode ser tido como uma simples forma de representação da realidade ideológica, já que a sua autoconsciência estabelece-se por meio do interagir com forças exteriores a si, que lhe (re)organizam de maneira a ser considerado uma experiência-evento. Como experiência-evento compreendemos o fato desse sujeito colocar-se ativamente dentro do discurso por meio das suas opiniões, papéis assumidos, atribuindo valores para o seu dito e para o dito do outro. Não se trata, simplesmente, de uma projeção subjetiva da realidade ideológica aparente, nem tampouco uma reprodução fiel de seu contexto imediato, mas um entremeio, no qual não há um equilíbrio entre essas forças que tanto categorizam, reproduzem e modificam a realidade social, quanto proporcionam uma luta constante entre o mundo interior e o mundo exterior dos sujeitos dialógicos que disfrutam do processo de (re)produzir discursos e falas que delineiam a sua existência.

A tríade sujeito-valor-sentido emanada da questão do ato estético e do ato ético em Bakhtin (2017), nos oportuniza realizar uma transposição da figura de autor-criador edificada em *Estética da Criação Verbal* (2011) para uma menção de sujeito balizado por questões axiológicas respaldadas nos seguintes aspectos: 1) o extraverbal³⁴ que corresponde aos horizontes espacial e temporal comum aos interlocutores, o que podemos nomear como unidade do visível, ou seja, a materialização dos discursos ; 2) o conhecimento, ou a compreensão comum da situação interativa comunicacional, considerada como a avaliação partilhada assinalada pela experiência que cada interlocutor adquire de forma única/singular ao longo da sua trajetória de vida, chamada pelos preceitos bakhtinianos de juízo de valor; 3) o modo de organizar os conteúdos ao logo dos textos³⁵, possibilitando que haja articulação entre os elementos verbais e não-verbais para delimitar tanto a expressividade do discurso quanto o seu sentido, temos o componente nomeado de entoação/entonação.

Os conjuntos de valores axiológicos, elementos reconhecíveis e presumíveis por

³³ O autor e o herói na atividade estética é um dos capítulos da obra intitulada *Estética da Criação Verbal*, de Bakhtin (2011).

³⁴ O componente extraverbal é entendido como componente das relações entre tempo-espço para o Círculo de Bakhtin. Portanto, esse assunto é introduzido, nessa subseção, e posteriormente é retomado na subseção 2.2.2.

³⁵ O conceito de texto para o círculo de Bakhtin encontra-se atrelado a uma manifestação espacial seja ela linguística ou não das interações realizadas entre o eu e o outro permeadas por uma temporalidade e espacialidade relativas às inquietudes ideológicas de cada época.

meio da interação com o outro aliam-se, permanentemente, a consciência do eu, tornando-se a chave para a compreensão do mundo e das relações entre o eu-para-mim e o eu-para-o-outro. O componente extraverbal conseguido pelo excedente da visão estética do eu, introduzido em “Estética da Criação Verbal”, o Círculo salienta

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo - é condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. Essa distância concreta só de mim e de todos os outros indivíduos – sem exceção – pra mim, e o excedente de minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles (desse excedente é correlativa uma certa carência, porque o que vejo predominantemente no outro em mim mesmo só o outro vê, mas neste caso isso não nos importa, uma vez que na vida a inter-relação “eu-outro” não pode ser concretamente reversível para mim) são superados pelo conhecimento, que constrói um universo único e de significado geral, em todos os sentidos totalmente independente daquela posição única e concreta ocupada por esse ou aquele indivíduo; para ele não existe tampouco a relação absolutamente irreversível “eu e todos os outros”; “eu e o outro” para conhecimento, por serem concebidos, constituem uma relação relativa e reversível, uma vez que o sujeito do conhecimento como tal não ocupa um lugar concreto na existência. (BAKHTIN, 2011, p.21-22).

O excerto acima, nos faz refletir sobre o encadeamento entre vivência e o excedente de visão, na medida em que a existência do eu é permeada pelo conhecimento de mundo do sujeito, pela definição do lugar do eu contemplador. Nos estudos bakhtinianos sobre o gênero do romance, o ato estético e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar do eu, como também da observação do sujeito artístico. A construção do homem como valor é uma junção em termos plásticos-picturais-ideológicos acumulados, ao longo da história do corpo e da mente externa (história e cultura), na interação com o corpo e mente internos (consciência). O reconhecimento do valor do eu dispensado pelo outro constitui-se na base para a formação da legitimação daquilo que é concebido como verdade estereotipada de prestígio, ou não pelo entorno social do eu.

O valor adquiri dentro da filosofia marxista da língua(gem) um aspecto conciliador entre a vertente universalista rodeada pelo fundo da economia, da cultura, da história e da sociedade, a qual pertencem um valor externo ao sujeito que depende das

esferas de poder; e a vertente idealista que considera a percepção subjetiva humana como a principal promovedora da realidade, e conseqüentemente, o valor encontra-se atrelado à interpretação imanente do eu, dos fatos do seu contexto social. Os estudos do Círculo de Bakhtin ao considerar o valor como componente de uma trama dialógica da língua(gem) acaba por desprender dele uma conotação ideológica de base materialista-marxista e histórico-social, na medida em que o sentido é um atributo social.

O juízo de valor, componente axiológico, advém da interação entre os componentes externos e internos ao sujeito que emite um ponto de vista a respeito dos enunciados produzidos, tanto por ele mesmo quanto pelos outros sujeitos que dividem com ele a existência. A concretude do ato comunicativo desdobra-se, na interface entre a eventicidade do ser, que envolve uma parte dada, generalizante e repetível, e outra irrepetível, a ser realizada, já que se constitui em um processo dialogado da comunicação. Podemos perceber que a noção de juízo de valor abarca uma concepção filosófica do SER- evento, na medida em que a organização identitária encontra-se marcada tanto pela memória compartilhada coletivamente quanto pela memória validada internamente pelo eu, conferindo-lhe o caráter de sujeito relacional e operacional.

Os estudos axiológicos, no que tange a refletirmos sobre os aspectos que compõem a formação do juízo de valor, nos estudos do círculo, nos possibilita a evidenciar o sujeito em constante inter-relação com a língua(gem) tanto em seu caráter ético quanto estético. Viver é uma necessidade humana materializada pelo uso consciente de componentes linguísticos-discursivos envoltos em uma necessitância socialmente edificada, a qual transforma e ressignifica o que vemos e o que nos olha. A formação social da consciência configura-se em um processo dialógico, na medida em que engloba dois planos circunscritos em uma realidade ideológica. O primeiro plano, o da intencionalidade necessita estar inscrito dentro de parâmetros da verdade social, já que configura-se como um aspecto do eu, que garante a apropriação do valor cultural para subtraí-lo em um nós. Não significa que o eu, a todo momento, precisa falar a verdade, em relação àquilo que diz. Mas, refere-se ao fato do eu possuir conhecimentos histórico-culturais adquiridos por meio da interação de esquemas motivacionais e interpretativos que já possuem um valor institucional predefinido, utilizando-os para atender as suas necessidades vivenciais, bem como para defini-lo enquanto pessoa existente socialmente. Quanto ao segundo plano, o da expressão permite ao eu recriar os sentidos abstraídos pelo convívio social em um dado contexto. A apropriação do conteúdo das palavras requer

considerar que as formas de experienciar a realidade são mediadas tanto por situações diretas, aquelas do cotidiano social imediato do sujeito, quanto por situações indiretas mediadas por instrumentos estéticos disponíveis nos gêneros discursivos.

Ao longo da trajetória de vida, os sujeitos pela apreensão da língua(gem) compreendem e assimilam a realidade por meio da interação verbal. O capítulo, *O problema do conteúdo, do material e da forma da criação literária*, Bakhtin (2014b) respalda uma filosofia da língua(gem) articulada aos modos de configuração e representação-criação da realidade social por meio dos gêneros artísticos e não-artísticos. A estética é vista como pilar do entendimento da consciência humana, já que vincula-se ao ato de perceber e transmitir sensações e emoções pela língua(gem) subordinadas ao contexto histórico-social que representam. O juízo de valor, por consequência aprimora-se pelo contato do eu, com formas de experienciar os padrões ideológicos aceitos em sociedade, mas que ao mesmo tempo, lhe permitam aceitá-los total ou parcialmente, e até mesmo rejeitá-los.

A constituição da consciência participativa do sujeito singular para o Círculo configura-se a partir de um sujeito genérico, o qual representa-se pelo valor universal e abstrato que se manifesta em um sujeito interativo, na medida em que eu vivencia e experimenta a língua(gem) pelas relações dialógicas que estabelece consigo mesmo, com o outro e com o contexto social. Esse sujeito teórico (sujeito genérico) não existe no mundo real, tanto que precisa manifestar-se nos hábitos, nos pensamentos de um sujeito tangível, o qual interpreta o mundo a seu redor pela inserção no cotidiano coletivo (consciência social) quanto pela possibilidade de vivenciá-lo por meio da literatura. Essa vivência mediada pela língua(gem) expressa para o Círculo o caráter participativo do sujeito, na medida em que cogita a indissociabilidade da singularidade do eu (ser-evento real) entre o conteúdo-sentido (repetível, genérico) e o ato comunicativo (realização histórica concreta). Essa perspectiva, nos faz pensar em um sujeito concreto e não potencial, uma vez que a filosofia marxista da linguagem, evidenciada pelo Círculo, enfatiza a união entre pensamento participante, não-indiferente do eu-singular a sua parte generalizante-repetível social.

Outra questão que precisa ser explicitada e que está ligada a axiologia refere-se ao conceito de entoação. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) aborda esse conceito da maneira a considerá-lo vinculado a aspectos linguístico-discursivos, quanto a aspectos afetivo-sociais, configurando a base das representações do sujeito sob a ótica

da cultura e do valor. O poder-valor -sentido advém da relação intrínseca do SER com a moldura das ideologias sociais provenientes da partilha de uma realidade relativizada pela singular existência do sujeito bakhtiniano. A palavra, enquanto objeto de voz do EU-SINGULAR, possui uma parte sonora expressiva, além do seu componente abstrato de sentido preestabelecido, mas que é recriado pelas nuances apreciativas e valorativas de um contexto social permeado pela maneira peculiar dos sujeitos atuarem e vislumbrarem o seu meio social sob o prisma da interação com o outro. Já discutimos, nas seções anteriores, os conceitos de palavra e de signo³⁶, cabe ao falarmos sobre a entoação explicitar a materialidade desse componente, enquanto orientação apreciativa determinada pela situação imediata à comunicação, bem como pelo grau de compartilhamento entre os interlocutores.

Ao partilhar atitudes e maneiras de pensar, tendo por fundo o prisma do universo social, histórico e cultural, o sujeito bakhtiniano, nos faz pensar o fator da entoação sob a problemática do estilo, parte importante a considerar em relação a compreensão e a interpretação da interação verbal e não-verbal. Para Bakhtin (2011) o conceito de entoação expressiva refere-se ao universo de diretrizes axiológicas capazes de marcar o ritmo, bem como a percepção emotiva-volitiva da situação de comunicação comum entre o eu e o outro. O Círculo considera o estilo como um fator, além do seu aspecto linguístico, já que este componente não marca a subjetividade do eu, mas elucida a inter-relação da apreensão ativa do discurso em relação a maneira como o eu atua e interpreta a situação de comunicação. Tal discernimento, nos conduz a ponderar o estilo como um fator resultante da interação de pelo menos duas pessoas, ou ainda entre uma pessoa e seu grupo social.

A visão discursiva-textual do estilo, em obras, tais como: 1) O discurso na vida e o discurso na arte; 2) Estética da Criação Verbal, em especial nos capítulos “O autor e o herói na atividade estética” e “Os gêneros do discurso”; 3) Marxismo e Filosofia da Linguagem; 4) Problemas da Poética de Dostoiévski; 5) Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance; 6) A Cultura Popular no Renascimento: o contexto de François Rabelais – potencializam o modelo arquitetônico bakhtiniano, na medida em que deslocam o padrão clássico de modelos fixos, imutáveis e cartesiano do sujeito para uma concepção do ser-língua(gem) fluído, dinâmico, cuja identidade remonta a historicidade

³⁶ Verificar as seções 2.1 e 2.2.

da vida social.

O princípio da compreensão e produção de sentido colocam o conceito de estilo no cerne das discussões axiológicas, uma vez que a construção da consciência do sujeito em Bakhtin (2010, 2011, 2014a, 2014b, 2015) abarca o ser-evento, na vivência social, seja ela mediada pelos holofotes artísticos, ou mesmo pela simplicidade do roteiro comum da existência humana. A relação tríade entre autor-herói-receptor/ouvinte/leitor, em *“O autor e o herói na atividade estética”*, nos possibilita reconhecer que em Bakhtin (2011), o estilo é apreciado como um evento social, o qual se encontra subordinado ao olhar avaliativo consentido entre o eu e o outro interposto pelo seu contexto. A entoação, portanto, abarca fatores essenciais para a seu entendimento que estão alocados em entidades exteriores a própria concepção do ato comunicativo. Tal constatação promulga uma visão circular dos componentes dialógicos que compõem o sujeito que por definição, além do que já é, pode ser um vir a ser, repleto de vozes sociais que lhe configuram um tom de alteridade e responsividade, antecipando as nuances entre o real e o presumido da sua constituição, que por conseguinte fazem parte do jogo dialógico da língua(gem).

Como o sujeito opera os recursos estilísticos e estéticos da língua(gem) em uma composição apreciativa, tanto dos próprios atos como dos atos alheios, a sequência das infinitas trajetórias de categorizar, de representar a realidade como um componente relativo às posições ocupadas pelo sujeito durante a sua existência, nos possibilita perceber que a referência do sujeito dialógico recai na maneira como cada indivíduo interage com a língua(gem). Esse aspecto precisa ser validado pelos arquétipos oriundos da relação do outro-em-mim em uma cadeia de eventos, na qual

O eu-para-mim constitui o centro da origem do ato e da atividade de afirmação e reconhecimento de cada valor, já que este é o ponto singular no qual eu responsabilmente participo no existir singular- o centro operativo, o quartel-general da minha possibilidade e do meu dever no evento do existir, já que somente do meu lugar único eu posso e devo ser ativo. A minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único). Não se trata de um valor vital supremo, que no interior do sistema, instaura para mim todos os outros valores da vida como relativos, por eles condicionados; não pretendemos construir um sistema ou um inventário de valores, logicamente unitário, com um valor fundamental no ápice – a minha participação no existir – um sistema ideal de diversos valores possíveis, nem nos propomos a fazer uma transcrição teórica dos valores históricos e realmente reconhecidos pelo ser humano, com o fim de estabelecer entre estes relações lógicas de dependência, de

subordinação, etc. – isto é, sistematizá-los. (BAKHTIN, 2017, p.122-123).

O referencial de construção da identidade do eu é estabelecido por elementos dialógicos envoltos em uma cadeia circular, na qual o experienciar se constitui no alicerce da eventicidade do SER. Esses componentes, ao mesmo tempo, em que encontram-se inseridos dentro do circuito das representações culturais/históricas/ideológicas, propiciam ao eu adquirir o aparato abstrato e genérico pertencente ao grupo social para poder, momentaneamente, adquirir o acabamento necessário para cumprir o seu papel em um instante determinado da comunicação. Esse movimento circular, entre o sujeito ético-estético, completo-incompleto, definido-indefinido pontua a operacionalidade do sujeito bakhtiniano, na medida em que a ação concreta do eu possibilita configurar-se enquanto SER social que a partir das relações que estabelece com o outro por meio da língua(gem) determina dialeticamente e dialogicamente a sua consciência sociológica. Tal feito garante apropriação e uso dos valores ideológicos que definem a relação do eu com a sua existência, e por conseguinte com a sua identidade-alteridade.

A entoação traz consigo a necessidade de pensarmos na corporificação da voz/discurso, seja por meio da linguagem verbal (fala e escrita), e/ou mesmo em termos de linguagem não-verbal (gestos, coloração, som etc) que apregoam um ritmo a como os sentidos são percebidos e atribuídos pelo sujeito. Bakhtin (2011) esclarece a avaliação social é estabelecida por meio da aquisição da consciência do eu, enquanto artefato ideológico. Essa prerrogativa situa o sujeito para o Círculo, em uma visão marxista, já que ao eu cabe existir, no mundo social, sendo uma entidade concreta, na qual sua individualidade/singularidade lhe permite ser uma soma entre as concepções de vida de um outro e de si próprio.

Como as relações dialógica e axiológicas da língua(gem) definem o ato estético/ético do sujeito em relação ao estabelecimento de sentido, nos apoiamos no texto *Para a filosofia do ato responsável* (2017), a fim de explicitar que o elo existente entre o mundo vivido e o mundo experimentado acontece por meio da tomada de responsabilidade do sujeito oportunizada pelo seu excedente de visão/conteúdo exotópico. Ao dizermos que o sujeito em Bakhtin (2017) é um sujeito responsável aderimos ao fato de que a interação entre o sensível (mundo dado) e o inteligível (apreensão do mundo) ocasiona que os atos humanos organizam-se de maneira a possibilitar que a sua realização concreta atrelada a seu conteúdo oriente-se a fazer-

sentido pela avaliação dos interlocutores. Essa avaliação pauta-se no excedente de visão do “eu”, explicitada no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014a), definida como uma posição que acontece fora de mim, ligada a fatores sociais, culturais, históricos e que para conjecturar-se como ato real, ou seja uma unidade válida de sentido precisa, também da experiência singular que cada “eu” projeta para o momento do vivido de cada ato.

Os textos mencionados, no parágrafo anterior, legitimam o estabelecimento de uma tendência a existência de uma dualidade em relação a questão da responsabilidade do ato, na medida em que para a concretude de sua existência precisa ser impulsionada tanto em direção a ética do sujeito singular quanto para às apreciações ideológicas do seu contexto social, configurando um todo entre sentido-existência-responsabilidade indissociável. A partir dessas discursões, Bakhtin (2017) propõe a cisão entre ato-tipo (ato-atividade), referente a parte genérica e repetível do discurso; e a ato-ocorrência destinado a produzir a singularidade do eu, uma vez que se encarrega da parte irrepetível da sua fala. O sujeito, nessa perspectiva, é visto como um SER no discurso, e, portanto, livre das amarras tanto do assujeitamento social quanto do cartesianismo subjetivo da existência. Os ideias do Círculo sinalizam o ato responsável, como um ato ético e estético, ao mesmo tempo em que o incorporam no processo da apreensão dos aspectos teóricos do conhecimento humano, uma vez que ao adotar um determinado posicionamento, cabe ao eu apreciar e compreender sua existência a partir dos seus atos teóricos, práticos, estéticos, cognitivos etc.

A língua(gem) como a base do sentido e da existência humana faz com que o sujeito bakhtiniano seja ao mesmo tempo fruto de sua singularidade interpretativa e vivencial do ato, como também da interação conflituosa entre o seu exterior, expressos nos fatores sociais, físicos, temporais, históricos etc, que lhe possibilitam a emergência de uma autoconsciência de si e do outro, apoiada na compreensão ativa e valorativa socialmente mediada. Viver em um mundo de linguagens significa conjecturar sobre cada acontecimento linguístico-discursivo, e que cada ato seja percebido de modo distinto por interlocutores que mesmo em um tempo e espaço similar, e/ou ainda em tempo e espaço distintos possam posicionar-se de forma a não apagar as influências externas de si, para poderem coexistir diferentes conexões interpretativas de um mesmo evento/ato.

A filosofia da linguagem bakhtiniana, ao promover o sujeito em seus aparatos social, histórico, ético e estético delineia o ato comunicativo em seu viés responsável, envolvendo o produto e o processo de sua confecção e execução em uma atmosfera a

considerar a apreciação valorativa e avaliativa de um eu sem álibi, o qual precisa responder por seus atos sem uma justificativa a priori. Quando o Círculo centraliza o objeto de análise no agir concreto do eu, parte de uma visão globalizante dos atos humanos, e desse modo acrescenta como ponto de partida uma base que considera a influência tanto de aspectos gerais quanto particulares, no âmbito da constituição do sujeito dialógico. Nesse sentido, cada sujeito manifesta sua singularidade de maneira peculiar, na medida em que o seu lugar no mundo, somente, pode ser ocupado por ele.

A frase shakespeariana “ser ou não ser, eis a questão” nos remonta a tratar de um sujeito, no qual constitui-se de uma interioridade originária a seu SER, ao mesmo tempo que sua parte exterior faz-se presente em cada ato dito e que remonta as expectativas, as identificações, as projeções, como também às frustrações, as lutas e os desequilíbrios de um “eu” inacabado que para tornar-se um sujeito acabado em si depende de um outro externo.

O conceito de acabamento é visto em *Estética da Criação verbal* (2011) como um mecanismo estético que confere ao sujeito a indissociação entre conteúdo (produto) e forma (processo), sendo, portanto considerado ao mesmo tempo o autor e o espectador do acontecimento da linguagem a que se propõe realizar. A abordagem materialista marxista do sujeito parte do pressuposto de que os fatores exteriores aos indivíduos determinam o seu interior de modo a evidenciar a dimensão do eu-para-mim e do não-eu-em-mim, a fim de conceber a associação entre cognição-ética-estética amalgamada ao processo de recepção-compreensão-resposta de um eu, que busca em seu excedente de visão as possibilidades para significar, ou seja para existir.

Apesar do eu ser considerado como um SER único no ato a que se propõe realizar/participar o seu posicionamento diante dos fatos, das ideias, dos acontecimentos da linguagem apresentados a ele, vislumbra-se de uma forma a permitir-lhe que possa aderir a distintas posições sociais para conferir-lhe autenticidade e identidade momentâneas a abarcar as necessidades imediatas de sua interação. O sujeito funcional dialógico em si, nos alude a pensarmos em sua organização conjecturada a partir da linguagem, sob dois prismas. O primeiro, considera a língua(gem) como encenação que agrega aos indivíduos uma disponibilidade de lugares sociais, de máscaras, as quais desdobram a personalidade do eu em vários papéis sociais que lhe encontram acessíveis, constituindo-se em possibilidades ideológicas a utilizar. A segunda alternativa, remete a uma posição de exterioridade em relação a si mesmo, e dessa maneira o interagir dialógico

é visto como um lugar de estranhamento, de representação, na qual há uma ruptura entre autor e espectador do ato, sendo, portanto, apreciada como palco de conflitos, bem como de harmonias, de entremeios.

A representação do sujeito para o Círculo de Bakhtin é afetada pela teia complexa que perpassa sujeito-linguagem-sentido, já que nenhum sentido é posto, mas negociado. Para Bakhtin (2011) o discurso comporta-se como uma trama que revela o sujeito dentro de três aspectos: 1) representa-se fora de si mesmo; 2) configura-se como uma troca verbal dinâmica; 3) reside na lógica do sujeito produtor dos fatos da língua e não seu mero coadjuvante.

A própria lógica entre os conceitos de acabamento versus inacabamento respalda-se no fato de que a compreensão do sujeito, em *Estética da Criação verbal* (2011), adere a uma perspectiva de um sujeito ético e estético marcado pelos aspectos dialógicos e axiológicos da linguagem que apregoam a olhá-lo sob o viés do “extraposto” a si mesmo. Nessa conjectura, o excedente da visão constitui-se em um aspecto básico para traçarmos qual é a ontologia desse sujeito, uma vez que a sua existência (seu acabamento) configura-se a partir do próprio conceito do seu inacabamento. O sujeito de compreensões subordinado a um sujeito dialógico encontra-se vinculado de forma arquitetônica a sua dimensão estética definida pelo conceito de acabamento, na medida em que o manuseio da língua(gem) em enunciados lhe permite relacionar de forma avaliativa e interpretativa as tramas ideológicas dispostas no universo social e organizá-las de modo a fazer-se inteligível para o outro, tendo por base o juízo de valor que emite.

A estruturação de uma arquitetura do sujeito aderida à concepção marxista da linguagem em Bakhtin direciona a pensarmos no fato de que o sujeito, enquanto SER é naturalmente incompleto e inacabado pelo fato de sua essência-forma-substância estar em constante transmutação-interpretação-compreensão das ideologias vigentes não de forma padronizada e unitária, mas permitindo-lhe transitar pelo universo de possibilidades, de posicionamentos, sob uma constância relativa e simultânea de (re)inventar-se a cada dia.

O acabamento, entidade estética conseguida pela responsabilidade do eu perante a sua fala, ou seja seu posicionamento ético ou não sobre aquilo que diz, origina-se em um primeiro momento da vivência do sujeito expandida pelo excedente de sua visão que lhe completa e lhe confere acabamento e autenticidade, que lhe possibilita valorar sobre o que diz o sobre o que o outro lhe diz. Falar pelos olhos dos outros eu(s), a nosso redor, ressalta que o sujeito é muito mais que um corpo que habita o universo, mas é modulado,

cingido, esculpido pela interação expressiva que estabelece com a linguagem enquanto entidade social, histórica, cultural.

A responsabilidade pelo que o “eu” diz encontra-se na interface da compreensão de que a significação, aparato técnico de manifestação do discurso interior permeado pelas normatizações impostas pelos sistemas linguísticos e discursivos. O que o eu diz reflete a interiorização das formas ideológicas do mundo exterior amalgamadas a forma como o meu mundo interior compreende, adere totalmente ou parcialmente a determinado ponto de vista e até mesmo, abre a possibilidade de pensarmos que essas mesmas ideias podem ser refutadas completamente. O entendimento do Círculo em relação a edificação de um sujeito a harmonizar as questões inerentes do estético e do teórico do SER subjazem uma unidade da cultura postulada como um dos componentes do ato. Do ponto de vista de uma filosofia moral, Bakhtin (2017) esclarece a relação bilateral entre os elementos repetíveis do ato (plano de responsabilidade espacial) e o ser-evento, cuja unidade singular manifesta-se na responsabilidade moral (ética) contribuem para a categoria do dever ser entendido amalgamado ao plano da vida real concreta, na unidade da vida tangível dos sujeitos.

A negação do dever-formal kantiano pelo Círculo desloca a responsabilidade ao palco da unidade histórica singular, permitindo considerar que a compreensão humana como um aspecto orientativo, direcionado para um SER pensante e participativo-operante, o qual não é um SER pensado, ou mesmo transcendental, mas um SER de atos realizados e responsável. A concepção de ato responsável articula-se o conteúdo-sentido (elementos repetíveis), bem como a realização do ato (elementos irrepetíveis), a fim de configurar um sujeito não-indiferente ao tocante a sua existência, visto que não podemos separar o produto do ato do seu contexto unitário singular.

O existir-evento, nessa conjectura, é apreciado como um evento moral construído de uma consciência responsável articulada aos aspectos teóricos e estéticos, bem como a vida singular. A compreensão responsiva ativa do sujeito encaixa-se à valoração da tonalidade do discurso, tendo por escopo as seguintes questões ligadas ao conceito de ato responsável: 1) unidade textual, equivalente a sintaxe e a semântica, uma vez que preconiza a construção dos elementos argumentativos (pessoa, espaço e tempo) e as categorias dos efeitos de sentido (vozes, relação entre o eu e o outro/grau de intimidade e de parceria); todos esses elementos incidem sobre a noção de como os sujeitos representam, categorizam, interpretam e (re)criam a sua realidade; 2) contexto

entoacional constitutivo refere-se à participação do outro no tocante à composição da identidade/alteridade do eu, atrelada ao cruzamento das percepções e afetos existentes entre os interlocutores, permitindo que estes possam valorar de maneira emotivo-volitiva um fato, uma ação, um pensamento etc. Essa unidade proporciona o suporte necessário a pensarmos a respeito do reconhecimento do perfil ético do sujeito, já que o Círculo explicita a vivência concreta do eu fundada em valores de afeto e emoção (questões emotivo-volitivas), como também àqueles pertencentes a classes sociais. Cabe salientar que Bakhtin (2011) discorre sobre a equivalência do contexto entoacional a expressão “exclamação emocional” fundamentada na noção de tom do discurso, voz, e consequentemente, relacionada a aceção de estilo para o pesquisador, como também na esfera de seu pertencimento; 3) relação existente entre discursos contrários são vistas para o Círculo. As ponderações bakhtinianas pautam-se que esses discursos possibilitam aos sujeitos uma posição analítica iniciada a partir dos julgamentos de temas, na qual o sujeito pode examinar a sua identidade a partir do confronto com o posicionamento contrário ao seu; e por meio desse embate, reforçar seu posicionamento, modificá-lo total ou parcialmente em relação ao discurso que lhe foi apresentado. Esse terceiro apontamento contempla a noção bakhtiniana de cadeia verbal³⁷, e ainda, assim como as noções anteriores podem ser vistas como uma proposta de operacionalização da noção de discurso, que nesse ponto, é conseguido pela aproximação de discursos contrários, gerando ao sujeito polemizar a respeito de dilemas advindos da sua própria condução de existência. A ênfase do Círculo em graus de expressividade de determinados enunciados encontra-se em consonância com o caráter circunstancial da polêmica deflagrada por pontos de vistas divergentes, apregoando, sempre a noção de discurso como um mecanismo de confronto, de resposta, de espaço discursivo em contato, não necessariamente equitativo com o discurso do outro.

Aproveitamos o momento para sintetizar as ponderações advindas dos conceitos caracterizados e apresentados, nesta seção, por meio do quadro abaixo.

³⁷ O conceito de cadeia verbal é caracterizado pelo Círculo como conjunto de formações discursivas, as quais delimitam o estado de concorrência entre os discursos em um determinado tempo-espaço discursivo.

Quadro 5 - Caracterização dos aspectos axiológicos e do ato responsável.

Componente	Definição
Axiológico	• Compõe os seguintes itens: 1) o extraverbal compreende ao horizonte espacial dos interlocutores e o contexto da situação imediata da comunicação. Portanto, corresponde ao comum e presumido do enunciado; 2) juízo de valor refere-se as crenças, valores partilhados socialmente. Convém ressaltar que essa partilha, nem sempre situa-se em plano de concordância, já que cabe ao sujeito por meio da interação apreciar os assuntos expostos e discorrer como proceder diante deles; 3) entoação ou tom valorativo permite o estabelecimento da expressão e compreensão do enunciado por meio do uso da palavra enquanto um artefato linguístico-discurso e, principalmente social. As escolhas no ritmo da voz, bem como no seu formato da escrita, no uso de elementos verbais e não-verbais, na situação comunicativa, a fim de conferir sentido ao dito, ao escrito, ao assistido, ao silenciado etc; • Convalida o sujeito dialógico, uma vez que o julgar implica que o eu assuma um posicionamento social, intersubjetivo, negociado, participativo, o qual articule os pontos do singular e do genérico como componentes da identidade, da consciência do sujeito em Bakhtin; • Vincula a noção em Bakhtin de estilo, visto que o tom do discurso (fala) marca a maneira singular de inserção do eu, mediado pelo outro de inserir-se no jogo linguístico-discursivo e social da vida. O estilo, desse modo não é subjetivo, mas intersubjetivo; • Valora bakhtiniana que abarca tanto aspectos irrepetíveis do universo linguístico-discursivo quanto aspectos singulares e irrepetíveis advindos da consciência social do eu.
Estilo	• Discorre para um tratamento da língua(gem), o qual incide no patamar das vozes sociais. Fato este que atesta a questão pluriestilística do enunciado, visto como o estilo não configura-se, somente na ordem do sujeito singular, na medida em que depende das relações dialógicas estabelecidas entre o eu, o contexto e o outro.

Estético	• Marca a atividade da literatura em categorizar a realidade, bem como possibilita por meio dos gêneros discursivos desenvolverem a sua capacidade criativa como uma marca do sujeito vir a ser, vir a fazer etc; • Baseia não no sublime de Kant³⁸, já que visa a representação do mundo, da realidade, dos anseios, da crítica, da fantasia por meio do autor e sua visão exotópicas (ver o mundo de certa distância, estar fora, posição relativa e articulada que o autor assume, mas não transcendental, já que leva em consideração a articulação com os elementos históricos e sociais); • Estabelece um aporte articulador, correspondente e de equivalência entre os interlocutores (autor, personagens, leitores) que lhes possibilita perceber e descrever sua situação, gerando uma unidade de sentido.
Ética	• Desmistifica o imperativo categórico kantiano, o qual considera a ética sob o ponto de vista do transcendental. Os estudos de Bakhtin situam esse componente em um patamar de vivência singular do eu, que necessariamente, interage com o outro não de uma maneira equitativa, mas a qual deflagra a luta de classes, componente implícito a visão marxista da língua(gem); • Pondera que ao considerar o ser-como-evento, o conceito de ética não pode ser explicitado como sinônimo de verdade universal, ou mesmo entendido como uma mera diferenciação entre certo e errado, bem e mal. • Apresenta o sujeito inserido sob uma vertente que concebe o ato enquanto atividade concreta, a caracterização da ética, em Bakhtin, pontua-se na interação entre o mundo representado pela ação do eu e o mundo representado pelos discursos (científico, religioso, político etc), alicerçando em escolhas emotivas-volitivas de um eu que se constrói de forma consciente pelas ideologias que aceita total e/ou parcialmente, e até mesmo rejeita.

³⁸ A concepção de estética para Kant encontra-se alicerçada na possibilidade de os sujeitos pensarem e experienciarem a vida por meio da capacidade de transcender os limites da experiência social, histórica e cultural. A visão estética é cerceada por questões subjetivas e universais.

Responsabilidade	• Possui um caráter ontológico, visto que resulta do eu identificado como centro arquitetônico que permanentemente encontra-se direcionado para o outro; • Assimila os componentes sociais, linguísticos-discursivos, os quais permitem que o eu atue, no mundo, sem álibi, ou seja o eu responde por seus atos sem que haja uma justificativa a priori, de caráter geral para seus atos singulares; • Permite ao eu assumir uma posição que lhe afere a sua constituição os elementos transgredientes. Esse caráter garante ao eu, mesmo que todo seu agir e pensar estão voltados para um outro, possa subverter a ordem aparente e representar, categorizar e interpretar os atos de uma maneira distinta da convencional.
------------------	---

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima procurou sintetizar os principais conceitos discorridos, nesta seção, tendo como escopo uma recapitulação sucinta entre esses parâmetros e a constituição do sujeito dialógico. Salientamos que a concepção do sujeito axiológico, ético e responsável desprende uma concepção de sujeito participativo, na medida em que é caracterizado pelos seus atos concretos, que lhe conferem um atuar no mundo de maneira a acentuar uma assinatura/identidade interligada a fatores intersubjetivos. O valor constitui-se em um dos pilares explicativos que regulam o existir humano, uma vez que proporciona aos sujeitos a capacidade de escolha consciente de um eu que por meio dos componentes éticos-estéticos partes da engrenagem do interpretar, do compreender, e do ser. Os estudos do Círculo derrubam a concepção de verdade universal, de ser subjetivo, já que encabeçam uma filosofia da língua(gem) marcada na explicitação dos papéis sociais que o sujeito adquire, ao longo da sua jornada existencial, e que portanto, o definem enquanto membro participativo da compreensão, transformação, no que tange a experienciar o mundo de maneira emotivo-volitiva, ética e de forma responsável/responsiva.

2.2.2 Uma (re)organização do sujeito bakhtiniano pelo viés do cronotopo

Essa seção possui a intencionalidade de pensarmos o sujeito dialógico de Bakhtin em uma perspectiva operatória, realizando um contraste com o modelo de sujeito cartesiano transcendental, a fim de apresentar a nossa concepção arquitetônica de um sujeito edificado pela interação verbal, tendo por base as discussões a serem realizadas sobre os tópicos tempo-espaco-sentido. Salientamos que iremos agregar esses valores ao sujeito bakhtiniano dialógico, levando em consideração os elementos necessários à interação verbal e não verbal que são atualizados pelas remodelagens sofridas aos padrões de verdade ideológica e que atendem às pressões, não somente da realidade imediata dos indivíduos, como também colocam-se ao encontro com outras formas da cultura, da sociedade e da história vigentes e aceitas.

A atualização do sujeito de forma dialógica requer uma operacionalidade em relação as suas formas de (re)organizar, retomar, rejeitar os elementos linguístico-discursivos dos enunciados. Partimos do princípio de explicitar a função mediadora da linguagem, no que se refere a discorrer sobre o estabelecimento do conhecimento

humano, enquanto tido como fonte interacional do contato, ora por vezes, desigual ou não, do eu com o outro. O dialogismo do sujeito, bem como as vozes sociais presentes em seus discursos atrelados a sua capacidade volitiva-emotiva de projetar as suas crenças, medos, (in)certezas, em suas falas e nas falas dos outros, nos fazem a traçar um modelo arquitetônico de sujeito que possa permitir instrumentalizar a relação que se estabelece do contato dos indivíduos com a língua(gem).

Nesse caso, especificamente, acreditamos que os estudos do Círculo quanto de outros pesquisadores que se propõem a elaborar um panorama do sujeito dialógico pecam por não considerar de maneira efetiva as contribuições dos elementos temporais e espaciais como fonte expressiva da arquitetura do existir humano. O cronotopo possibilita aos sujeitos reinventarem o presente pelas leituras dos textos passados e/ou contemporâneas a nós. Esse fato acontece, porque além de um tempo-espço concreto, em nosso mundo exterior imediato, ou mesmo global, cada contato com a língua(gem) nos atualiza no sentido de podermos ou não utilizar a bagagem ideológica que trazemos, bem como atualizá-la. Além do fato de que as leituras, os contatos do sujeito com outras formas de ver, atuar no mundo pela internet, livros, outras pessoas, filmes etc, aliado a atualização constante do presente pelas influências de um passado, ainda atuante, como também as nossas contantes necessidades de projeções rumo a um futuro acabam por (res)significar a arquitetura do sujeito dialógico enquanto SER atuante.

O texto intitulado *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, Bakhtin (2018) marca os estudos sobre os conceitos de tempo e espaço, nos gêneros literários. As pesquisas do Círculo conceituam esse elemento como relações tempo-espaciais produzidas artisticamente que identificam e caracterizam a identidade humana, levando em consideração o lugar que o corpo ocupa no tempo e no espaço representado nos textos. Segundo Morsoni (2015) as capacidades acionadas pelos valores do cronotopo, nos ambientes ficcionais e/ou mesmo nos textos históricos, na própria vida humana, auxiliam na eventicidade do eu, na medida em que possibilitam aos sujeitos apoderarem-se dos elementos sociais, histórico-culturais imprescindíveis para a composição da sua consciência sociológica.

Como o lugar ocupado pelo eu, não é o mesmo ocupado pelo outro, o olhar, a percepção do eu encontra-se, sempre balizada por questões exotópicas que estão imbricadas além de sua consciência individual. O sujeito cognoscente busca o conhecimento a partir de experiências de língua(gem) que lhe possibilitam adquirir os

valores ideológicos vigentes tanto na atualidade do agora, quanto do passado, do antes, para poder projetar e viver um futuro. Dentro, dessa conjectura, entra o cronotopo, na visão bakhtiniana. Bakhtin (2018) quebra a maneira transcendental do tempo e espaço kantiano, bem como dissemina a concepção de que esses elementos, na literatura ficcional e/ou no mundo real, não apenas representam o mundo, mas categorizam o agir e o pensar dos seres humanos ao longo de distintas épocas e culturas.

A literatura passa a abarcar um papel de semear os modelos, os valores que compõem determinada era e determinado gênero. Bakhtin (2018) esclarece que o cronotopo funciona como mecanismo primário de concretização de todos os elementos abstratos do romance e da vida – generalizações filosóficas e sociais, ideias, análise de causa e efeito etc – que se manifesta no enredo dos textos e nos atos concretos eu.

No caso da literatura, esta apresenta realidades possíveis, as quais recriam as nuances éticas e estéticas de um sujeito responsável que possui a possibilidade de identificar-se, bem como aprender novas maneiras de manifestar-se enquanto sujeito concreto em sua realidade social por meio da leitura de textos verbais e não-verbais. De certa maneira, os estudos do tempo-espaço explicitam vislumbrar a língua(gem) sob a óptica cronotópica, já que a própria existência humana é transfigurada para as páginas do romance, a fim de manifestar uma tendência ideológica evidenciada na apresentação do cenário, na conduta e na caracterização das personagens, como também na maneira como autor expõe a configuração da constituição dos elementos da trama narrativa.

Por constituir-se como um dos princípios da existência humana, o cronotopo serve de balizador para o registro dos afazeres cotidianos, linguísticos-discursivos e sociais do eu. Seja na vida ou na arte, pensar o cronotopo bakhtiniano requer considerar tempo-espaço-realidade de maneira relativa, na medida em que “ver”o tempo-espaço implica em pensarmos em duas questões: 1) um acontecimento é sempre uma unidade dialógica; 2) a existência de distintos significados da palavra tempo e espaço.

A primeira ponderação salienta os posicionamentos que o sujeito assume, como ressaltado na seção anterior³⁹ (responsabilidade/responsividade, axiológia, questões éticas e estéticas) por meio das memórias adquiridas de experiências lidas ou vivenciadas. A literatura, nesse caso, serve de suporte para a modelagem social humana, já que por meio das personagens seus leitores são convidados a desenvolverem valores emotivo-volitivos

³⁹ Verificar seção 2.2.1

advindos da identificação ou não com as ideologias que eles representam. A literatura enquanto acontecimento ficcional gera simulacros no eu que lhe conferem capacidade de discernimento para lidar com as situações do seu cotidiano, bem como para compreender a si mesmo e os outros que o rodeiam. A segunda questão, nos possibilita verificar que o conceito de cronotopo não é uniforme, visto que pode estar associado a ideia de periodicidade, ou ainda com a noção de historicidade. Nas duas conjecturas a noção de ideologia encontra-se implícita, uma vez que a vida representada e/ou a vida vivida demanda um posicionar-se do eu, uma escolha do que seguir ou rejeitar.

Convém ressaltar que o cronotopo bakhtiniano nasce para edificar a teoria do gênero, ou seja sua funcionabilidade, a medida em que possui significado representacional e ideacional, acionando o mundo de sentido do eu, pelas projeções, pelas respostas, proporcionando o paradoxo entre acabamento e inacabamento do SER. Os resultados das ações e reações dos sujeitos expressos, nesses textos, provém as explicações necessárias para pensamos o tempo-espaço para o círculo, não somente, como um constituinte estrutural da narrativa, ou mesmo dos gêneros, mas esses elementos são instâncias estéticas de representação do viver em sociedade.

As especulações e as formulações de possíveis respostas que movem as relações dialógicas dos sujeitos, quando atribuídas ao tempo-espaço, definem a sua identidade, já que a própria realidade imediata encontra-se articulada no cronotopo literário. O tempo artístico torna-se visível, bem como o espaço responsivo por meio do universal da vida humana, da história e da cultura expressas de maneira particular como um mecanismo de organização e de caracterização das personagens e das narrativas. Os estudos do Círculo em relação ao cronotopo evidenciam ainda a mutabilidade do tempo-espaço, uma vez que o entendimento sobre esses conceitos encontram-se subordinados ao enquadramento cognitivo humano, sofrendo influências, portanto, das transformações que imputam nos sujeitos, tendo como prerrogativas as novas necessidades sociais. O entendimento do homem vitoriano, não é o mesmo do homem do renascimento, ou ainda do homem moderno. Seus tempos e espaços são diferentes, na medida em que refletem e refratam as tendências sociais, históricas e culturais que estão sob influência exotópicas ao eu. Essas forças ideológicas contribuem para desvendar a mutabilidade da relação homem-tempo-espaço, negando o sujeito cartesiano, na concepção de sujeito dialógico bakhtiniano. Se o tempo e espaço modificam-se em decorrência da ação e do pensamento humano sobre eles, o sujeito também é modificado ao exercer essa força nesses elementos. O sujeito em

Bakhtin não é o centro das verdades universais, da razão pura, mas um sujeito dialógico, relativizado, em mediação constante com duas partes: a consciência individual e a consciência coletiva. O sujeito dialógico é concebido na e pela língua(gem) que relativiza seus posicionamentos, no tempo-espço, em conformidade com as suas necessidades relativizadas pelas mediações advindas de um outro, exterior a si. Bakhtin (2018) para sintetizar a aplicação do cronotopo na literatura atribui instâncias de classificação⁴⁰.

A classificação dos distintos cronotopos pelo Círculo, nos interessa, a fim de colaborar com o nosso intuito de colocar o cronotopo como um dos constituintes do sujeito bakhtiniano, tendo como escopo verificar como as articulações do tempo-espço contribuem para a formação da sua consciência sociológica. Nos pautamos em discorrer sobre os cronotopos de maneira a explicitar como a aquisição de visões de mundo genéricas, bem como particulares expressas pelas personagens dos textos lidos e/ou assistidos expressam as nuances da constituição humana e do seu interagir com os objetos simbólicos, podendo (re)modelar os sentidos estabelecidos pelo eu. Os modelos do passado delineiam a maneira como observamos, e somos observados, bem como atuamos e conjecturamos, no hoje, para atingirmos um futuro que, ainda não sabemos. As respostas que formulamos, a responsabilidade pelo que falamos, os anseios éticos que seguimos ou não, as emoções que sentimos edificam-se na maneira como nos apropriamos da nossa própria existência balizadas por um tempo-espço.

O quadro abaixo serve para que possam apresentar de forma breve os tipos de cronotopo bakhtiniano.

Quadro 6 – Tipos de cronotopo.

Tipos de Cronotopo	Finalidade e características
Tempo biográfico e autobiográfico	• Busca do conhecimento e do caminho da vida; • Avaliação pública-civil; • Distinção do espaço público e privado; • Representação tanto de uma prática escrita de si (eu), quanto dos feitos e fatos relevantes para a vida em sociedade;

⁴⁰ Salientamos que o objetivo dessa seção não é o de descrever os tipos de cronotopo bakhtinianos, já que nos limitamos a discorrer sobre a sua relação com a identidade do sujeito. Dessa maneira, queremos explanar sobre como o cronotopo influencia na formação da consciência do sujeito, na medida em que o tempo-espço é uma extensão do eu verificado pela maneira como escolhe seus posicionamentos e os modifica ao longo de sua existência e da sua necessidade social. O cronotopo também permite a visualização, nos textos verbais e não verbais, das nuances ideológicas características de cada período.

	• Mecanismos de conscientização do homem sobre aspectos da sua personalidade e da sua vida que encontram-se voltados para o exterior; • Representação de distintos momentos da vida humana; • Divisão em dois momentos: 1) aventuresco-heroico, típico do período renascentista que contempla três valores básicos (heroicidade, aceitação, superação do aspecto de fabula); 2) social de costume pertence ao período do romantismo e do realismo, pautando-se na vida corriqueira.
Tempo idílico	• Repetição cíclica do processo da vida; • Contraposição da vida urbana a vida idílica; • Representação dos aspectos do cotidiano (amor, velhice comida, morte etc) em congruência com os fenômenos da natureza e do campo; • Processo produtivo voltado para a categorização do trabalho individual ligado a terra e/ou artesanato; • Acentuação das posições sociais dos camponeses, dos artesões, destacando as crenças, os costumes e os valores ideológicos e linguístico-discursivos das camadas que caracterizam.
Tempo folclórico	• Origem na plenitude mitológico-popular do tempo; • Peculiaridade da “inversão histórica”, já que concentra-se na valorização do tempo futuro por meio da disseminação de ideais como justiça, perfeição, objetivo advindos de categorias extrapostas em um passado, no qual as justificativas de verdade, de explicação da vida cotidiana encontram-se baseadas no estado harmonioso do homem e da sociedade; • Acentuação das justificativas sobrenaturais; • Representação a Idade de Ouro, a Era dos heróis, do paraíso etc.
Tempo de aventura	• Estabelecimento de códigos de conduta; • Dualidade entre bem e mal; • Lugar de intervenção do acaso, dos deuses, do imprevisível, do maravilhoso, da façanha; • Jogo subjetivo com o tempo que exprime momentos lírico-emocionais, oníricos, sobrenaturais; • Representação da vida por núcleos épicos, na qual as narrativas giram em torno de feitos.
Tempo em Rabelais	• Representação do tempo coletivo; • Enredos voltados para a vida do todo social (Estado, nação etc);

	• Produtividade ideológica voltada aos questionamentos da ordem social estabelecida pela introdução do termo carnaval⁴¹; • Especificação dos ritos e festividades culturais; • Categorização das estratificações sociais; • Utilização do aspecto grotesco, da obscenidade, do riso, da acentuação dos vícios; • Representação dos sujeitos não usuais, do sexo sem a visão religiosa ou romântica; • Apresentação da morte como o fim; • Representação da vida humana de uma maneira realista, sem qualquer tipo de inocência; • Categorização das tragédias da existência, das máscaras sociais, da manipulação; • Categorização de fatores não idealista do viver; • Representação das camadas menos favorecidas socialmente, mas de uma maneira realista.
--	---

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima foi confeccionado a partir da nossa interpretação dos seguintes textos; 1) *Teoria do Romance II: as formas de tempo e de cronotopo* (2018); 2) *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance* (2014b); 3) *Estética da Criação Verbal – Caps. O todo temporal da personagem e O tempo e o Espaço na obra de Goethe* (2011); 4) *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebalais* (2010). Salientamos que os cronotopos descritos acima configuram-se as principais representações do Círculo em relação a essa temática. Também, afirmamos que esses textos discutem a existência de subgrupos de cronotopos que não serão mencionados por nós, pelo simples fato de que as nossas ponderações a respeito do cronotopo conduzem a explorá-lo com enfoque na constituição do sujeito dialógico. Nossos estudos direcionam-se para questões inerentes aos aspectos de formação da identidade do eu pela vivência mediada tanto dos textos verbais quanto não verbais. Para tanto, nos apropriamos do conceito de cronotopo como um dos mecanismos para a formação da consciência sociológica do eu, tendo em vista a apresentação de distintos pontos de vista que a leitura proporciona que se encontram imersos em um tempo-espço que reflete e refrata as ideologias vigentes.

Como nosso foco é analisar a formação do sujeito idoso, tendo como escopo o sujeito dialógico bakhtiniano, a partir da análise das transformações inerentes do contato

⁴¹ O termo carnavalização é utilizado por Bakhtin (2010, 2015) para designar a incorporação de elementos do carnaval na literatura. Para o autor, o carnaval constitui-se como um momento em que se institui a “vida às avessas”, ou seja, no carnaval rompe-se com a ordem vigente e os valores aceitos socialmente, permitindo uma série de transgressões e representações de temas marginalizados e tabus – sexo, álcool, exageros, extravagâncias etc.

com as temáticas – envelhecimento, sexualidade e morte – consideramos o cronotopo como componente da identidade torna-se fundamental. A aquisição dos conhecimentos acumulados socialmente é transmitida por meio dos diversos gêneros que circulam, em nosso cotidiano. Portanto, interagir com esses elementos garante tanto a manutenção das formas ideológicas vigentes, quanto também possibilita a sua transformação pelo contato com vários pontos de vistas, que interferem, diretamente, nas capacidades responsivas e axiológicas do eu. A assinatura do que o eu diz encontra-se balizada pela noção de cronotopo, à medida em que os sujeitos resgatam formas de pensar e de agir de um passado que são atualizadas no presente e que reverberam na construção do futuro. Ao pararmos para pensar sobre como o tema morte, por exemplo, é representado em diferentes épocas e contextos, seja em textos verbais e não verbais, e como o contato com esses textos, bem como com a opinião de outras pessoas podem afetar a maneira como o eu estabelece, organiza e utiliza esse conteúdo/informação constitui-se em uma justificativa para inserção do cronotopo enquanto unidade arquitetônica do sujeito em Bakhtin.

A extraposição de sentidos a respeito de uma mesma temática vivenciada pelo tratamento das questões cronotópicas, nos textos, direciona a refletirmos sobre como essas unidades estabelecem um vínculo com os leitores, a fim de gerar uma consciência sociológica dos assuntos abordados. Convém ressaltar que adaptamos a relação tempo-espço de Kleiman (2013) para a teoria bakhtiniana do sujeito dialógico. Dessa maneira estabelecemos as ponderações abaixo.

- As unidades cronotópicas de um texto permitem que seus leitores reconheçam a unidade cronotópica global da obra, bem como seus subgrupos;
- Os textos produzem uma impressão de vivência nos leitores, acionando mecanismos de reconhecimentos de estruturas ideológicas, conferindo para resguardar valores e/ou modificá-los pelo contato com múltiplas visões de mundo;
- O cronotopo abarca tanto um conceito narrativo quanto emotivo-volitivo, na medida em que o tempo-espço estabelece relações de verdades semelhantes as do mundo social. Fato que promove uma resposta no leitor em decorrência do estímulo advindo pela leitura;

- Temas que são considerados tabus tais como: envelhecimento, sexualidade e morte, podem ser tratados de maneira a facilitar o diálogo sobre distintas visões, aumentando o repertório dos seus leitores;
- O cronotopo possibilita aos leitores adquirirem uma memória dialógica dos fatos já apresentados que é acionada ao longo da leitura.
- A partir de valorações emotivo-volitivas genéricas os leitores organizam as formas de interpretação dos textos, gerenciando quais informações/conteúdos serão absorvidos e quais serão rejeitados.

As relações de Kleiman (2013), tecidas acima, nos possibilitam transportá-las tanto para as relações de leitura dos textos verbais e não verbais, quanto direcioná-las, também para a interação face a face que acontece entre os interlocutores no momento da comunicação, haja vista a adaptação para a teoria bakhtiniana de sujeito dialógico.

Outra questão, que o estudo do cronotopo nos apresenta, refere-se a nossa proposta de considerar o sujeito dialógico em uma perspectiva operatória pela introdução da unidade cronotópica na construção da sua identidade dialógica. Para tanto, partimos do pressuposto que os estudos bakhtinianos consideram o tempo-espço como determinante do sentido. Este fato nos possibilita pensar o cronotopo como unidade do sujeito bakhtiniano, tendo três ponderações: 1) a primeira estipula que o cronotopo deve ser considerado como um ponto de partida das experiências éticas, sociais, ideológicas vivenciadas pelo eu quando interage com os elementos do texto (cenário, personagens, figurino, focalização etc); 2) a segunda representa um resgate dos aspectos do passado em relação a memória do eu, na medida em que influencia a sua maneira de agir e de pensar sobre determinado assunto, impulsionando como a avaliação do tempo-espço presente é processada; 3) a terceira antecipa as projeções futuras sobre o fato abordado, seja pela reavaliação do posicionamento do sujeito, seja pelo fato que lhe possibilita (re)afirmar seu ponto de vista.

Ao colocar a interação com o outro em um nível acêntrico, a identidade do eu situa-se em considerar como componente valioso para a formação da consciência sociológica o conceito de exotopia. Já discutimos, anteriormente, que a consciência sociológica do eu é fruto da intersubjetividade entre fatores singulares e sociais, constituindo-se, portanto todo o alicerce para o desenvolvimento da tríade percepção-sujeito-representação. As diretrizes tempo-espço, fatores exotópicos, situam o sujeito

dialógico a considerar a relevância da sucessão de acontecimentos tanto em nível de microestruturas (contexto familiar, escolar, de trabalho etc), quanto em nível de macroestruturas (viver em sociedade) para a formação da identidade do eu. Esses acontecimentos podem ser vivenciados no mundo vivido ou experienciado. A história de vida de cada pessoa determina a maneira como cada um relaciona-se e apodera-se da língua(gem), já que a consciência sociológica que tenho de mim, como também dos fatos do mundo é um olhar externo a mim que vem do outro. Ao lermos os textos *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2017) e *Estética da Criação Verbal* (2011), percebemos que as nuances tempo-espço servem de base descritiva-explicativa para a própria constituição da dialogicidade bakhtiniana, uma vez que os conceitos dialógicos e axiológicos são interdependentes da maneira como os sujeitos se inter-relacionam com o tempo e o espaço.

A questão pauta-se não no fato de considerarmos a relatividade do sujeito pela noção de cronotopo, tendo por base tanto a noção de orperalizador dos mecanismos sociais, bem como desenvolvedor das capacidades linguísticas-discursivas, que inscrevem o sujeito nas peculiaridades da vida humana (conviver, desempenhar papéis sociais, emitir juízo de valor, desenvolver aspectos cognitivos emocionais, compreender, ensinar, aprender etc). O sujeito articular-se com o cronotopo tanto para compreender a si mesmo quanto o outro, e ainda para constituir-se enquanto pessoa singular e social.

Toda essa bagagem exotópica (tudo o que está fora do eu) circunscrita em um tempo e espaço oportuniza ao sujeito exercer seu dever social, tendo como escopo instrumentalizar o acabamento momentâneo e singular do eu para gerar sentido, e consequentemente, gerar vida e existência na e pela língua(gem). As maneiras como o SER social lida, reconhece e organiza o cronotopo incide, diretamente, na maneira que o eu responde, responsabiliza-se e assina sua identidade/alteridade perante os processos de (re)formulação de um sujeito ativo e operante. Todo contato com o outro, com os distintos contextos e ideologias modificam o sujeito, seja a fim de reforçar seu ponto de vista, seja para “abalá-lo” parcial ou totalmente, no que se refere a mostrar outras maneiras de ver, atuar e pensar sobre os fatos sociais, históricos, culturais etc, que incidem sobre a existência do eu.

A forma como os sujeitos relacionam-se com as distintas visões de mundo sobre temas do seu cotidiano, tais como envelhecimento, sexualidade e morte explicitam as formas de evolução, de transformação desses conceitos, tendo em vista gerar capacidades

responsivas e responsáveis que deem conta de entender, utilizar, e até mesmo questionar as “verdades apresentadas socialmente”.

A verdade, portanto torna-se um conceito relativizado, visto que depende da aceitação do outro para torna-se materialidade concreta. Este mesmo fato de validação do outro acontece para a existência do sujeito. O sujeito por si só é um SER inacabado, entretanto vale-se de seu acabamento fugaz para inscrever-se, na história e na cultura, o seu ponto de vista que sempre é mediado pelo outro. Ação, movimento, criatividade, diálogo, voz, subentendidos, valores explícitos e implícitos marcam o sujeito bakhtiniano subjugado ao tempo-espaço, vivendo e vivenciando a transgrediência como aporte do SER enquanto partes de um eu, que vê o mundo pelo olhar extraposto de um outro. O quadro abaixo sintetiza- a noção de cronotopo bakhtiniana.

Quadro 7– Visão bakhtiniana do cronotopo.

Conceito	Finalidade/Característica
Cronotopo	• Envolve a noção de transgrediência e não a de transcendência; • Explicita os diferentes posicionamentos que o sujeito pode ocupar, tendo em vista fatores sociais, históricos e culturais; • Expressa a mutabilidade e transformações ideológicas; • Revela a estética literária, já que possibilita o experienciar de conjecturas da vida humana; • Possibilita a compreensão e a utilização dos mecanismos axiológicos e dialógicos da língua(gem), gerando sentido(s).

Fonte: a pesquisadora.

O cronotopo, como fonte de exibição e representação dos acontecimento da vida vivida ou ficcional, promove a construção continua do sujeito em Bakhtin, uma vez que lhe permite engajar-se às diversas facetas sociais, sendo um sujeito operacional, dialógico e de consciência que gerencia a sua existência na e pela língua(gem).

3. O sujeito idoso e a (re)significação de posicionamentos

3.1 Momento I: discussões preliminares

Nesta seção, analisamos as entrevistas semiestruturadas, bem como os momentos das aulas que realizamos com os alunos da UNATI-UEM, a fim de verificar se houve modificações no sujeito idoso, percebidas pelo contato não só com as ideologias presentes nas narrativas dos mangás lidos, como também com os pontos de vista apresentados pelos outros participantes da curso. Como mostramos na seção 1, em que apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, as entrevistas foram realizadas com o conjunto de alunos em três momentos distintos, com o intuito de propiciar discussões e, com isso, conseguir que os idosos externalizassem seus pontos de vista sobre as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte. Para tanto, utilizamos a perspectiva bakhtiniana de sujeito, tendo como base os aspectos dialógicos, axiológicos e cronotópicos.

O recorte dos excertos utilizados ressalta as respostas dos participantes, como também os desdobramentos advindos da discussão em grupo dos temas da pesquisa em cada uma das perguntas norteadoras. A estrutura e organização da análise é dividida em três partes, seguindo os três momentos em que as entrevistas foram realizadas. Salientamos que as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte serviram de gatilho para que a descrevêssemos e analisássemos como os sujeitos (re)modelam ou não a sua identidade.

Começamos a análise, evidenciando o primeiro bloco de perguntas feitas aos idosos antes de iniciarmos as aulas de leitura do mangá. Dividimos a apresentação dos resultados, discutindo as ponderações dos idosos a respeito de cada questão abordada. A interferência do entrevistador foi realizada de maneira mínima, simplesmente para instigar e/ou matizar alguns momentos em que os idosos solicitaram mais explicações sobre os temas abordados.

Esse bloco é composto por quatro questões preliminares, subdivididas em questionamentos menores, que verificam: 1) o conhecimento prévio dos idosos em relação ao objeto a ser estudado – o mangá, enquanto um outro (no sentido bakhtiniano) que possibilita a eles confrontar e/ou reafirmar o seu posicionamento a respeito dos temas abordados; 2) os motivos da escolha das revistas a serem lidas e as

expectativas prévias enquanto leitores; 3) concepções pessoais a respeito dos temas – envelhecimento, sexualidade e morte – antes do contato com a leitura dos mangás; 4) definição do conceito de ideologia segundo as convicções particulares de cada idoso. Estes questionamentos nos possibilitaram traçar como esses sujeitos (re)organizam seus posicionamentos em torno das temáticas trabalhadas. Lembramos que os nomes dos idosos foram substituídos por nomes fictícios: Maria, João, Cristina, Marcos e Alessandra, como mostramos na seção metodológica. Os idosos relatam o nome da professora que é a organizadora dessa pesquisa e este não foi modificado.

Esclarecida a organização desta seção, começamos a análise e a discussão das questões. Abaixo apresentamos a primeira pergunta geradora e as considerações do grupo de idosos sobre o assunto por ela abordado.

Você já conhece o mangá? Sabe lê-lo? Quais são as características que aproximam e afastam os mangás das HQs ocidentais?

A finalidade da questão introdutória da pesquisa é verificar o conhecimento prévio dos idosos em relação ao mangá, bem como a percepção das semelhanças e das diferenças entre as HQs ocidentais e orientais.

Quadro 8 - Conhecimento prévio sobre os mangás.

⁴²Alessandra: Eu não conheço nada de mangá. Me parece que mangá é uma revista. Meus netos assistem desenhos relacionados com isso. Me lembro que eles, sempre comentam do Samurai X e de um livro da morte. Umas histórias diferentes. Sempre associei aqueles desenhos de olhos grandes.

Professora: O nome do mangá é Death note.

Alessandra: Deve ser isso mesmo... Não sei... Mas toda a história em quadrinhos tem personagem, cenário, balão. Acredito que o mangá tem isso, também. Ah, reparei que os mangás são preto e branco... Pelo menos aqueles que meus netos leem.

Cristina: Alguns modernos mangás já vem coloridos. Desculpa interromper!

Alessandra: Imagina... Não sei nada mesmo de mangá. O que sempre gostei de ler são as histórias em quadrinhos... Faz muita parte da minha infância. Hoje, parece que as crianças não leem como antigamente. Ficam no computador, no vídeo game jogando.

Cristina: Verdade, falta incentivo. Quanto ao mangá, conheço muito. Sou descendente de japonês e meus pais utilizavam o mangá do Japão pra gente poder manter o contato com o idioma, o nihongo.

⁴² Por nossa pesquisa não necessitar de aspectos específicos de elementos da língua falada, seguimos os padrões da língua escrita em nossa transcrição. Salientamos apenas que as pausas longas foram marcadas com três pontos.

Também ter conhecimento dos costumes, das tradições e da história da nossa descendência. O mangá sempre foi objeto didático, muito valorizado pela cultura japonesa. Depois, com a abertura do comércio para o mercado oriental, viralizou como objeto de massa. Nos animes e nas histórias dos mangás modernos.

Maria: Quando era jovem, vinha livros do Japão, né? Pra gente ler... Lia muito, né?

Alessandra: Agora, que a Maria está falando, me lembrei de uma fato da minha infância, quando morava em Uraí, tinha muitos descendentes de japoneses que convivia comigo. E me lembro desse livro em japonês, que eles liam muito. Esse tal de mangá. Mas, tenho a impressão... Não sei, a Maria pode falar melhor. Que os mangás antigos eram diferentes dos mangás de agora. O que você acha Maria, Cristina, João?

Maria: Você tem razão, Alessandra! Antigamente, né? Os mangás tinha mais escritas e era bem mais, né? Como posso dizer, né? Pra a educação das crianças, valores, cultura japonesa, né? Os livros vinha japonês, né? Nossos pais não queria que cultura japonesa fosse perdida.... Nossa origem, né?

Cristina: Os modernos mangás me parecem possuir muito mais temas de aventuras voltadas para o gosto da cultura ocidental. Quando eu era pequena, os mangás antigos, como a Maria falou eram com bem mais escrita e nossos pais compravam os adequados a nossa faixa etária. Um aspecto que preciso mencionar é que os mangás são divididos por gênero (masculino, feminino), faixa etária e tipos de histórias... Tenho os mangás antigos, trouxe, hoje, comigo pra mostrar... Estão em japonês... Mas é bem diferentes como podemos perceber dos modernos que a professora trouxe... Outra questão é a visão de leitura, na sociedade japonesa versus a visão de leitura da sociedade ocidental, mas especificamente a brasileira. Não temos o hábito de ler.... No Japão, independente da faixa etária, profissão, é comum ler.... Os mangás são entretenimento, mas ao mesmo tempo transmitem os valores da cultura japonesa, formas de pensar e de agir. Ah... a leitura é feita da forma inversa..

OBS: Os alunos pararam suas falas para visualizarem e compararem as revistas que Cristina trouxe com os modernos mangás da professora. Depois de alguns minutos, retomamos a conversa.

Alessandra: A Cristina é uma especialista no assunto... Nos deixa abismados com o seu conhecimento... Estava pensando... Na questão da leitura, em um país de analfabetos e de analfabetismo funcional... É complicado comparar as duas culturais... São bem diferentes... Em um país que a educação nunca foi valorizada, como a leitura pode ser desenvolvida? Ah, o mangá tem continuidade nas histórias, todo mês tem a apresentação da sequência dos fatos? Vamos ler a história até o fim?

Professora: O mangá têm histórias contínuas sim. Entretanto, somente vamos ler o primeiro exemplar de cada mangá escolhido.

Maria: Verdade, né? São livros bem grandes do Japão, né? A personagem morre... Preto e branco, né? Será que são assim, hoje, né?

Cristina: Sim, imitam o ciclo da vida.

Professora: Gente, vamos ouvir o João e o Marcos, que estão muito quietos....

Alessandra: Verdade, nos mulheres monopolizamos as falas....

João: O mangá li muito quando criança, né? Histórias de aventura... Pai sempre fazia questão de que a gente lia, né? Pra aprendê, pra não esquecê, do japão. Não leio outra coisa, né? Só jornal... não sei das como é o nome?

Professora: HQs?

João: Ahh... não li, né? Não sei falar...

Marcos: A leitura sempre fez parte de mim... Mas, ultimamente, ler ficou uma odisséia. Já que esqueço onde coloquei o livro... Qual página, e se até estou lendo alguma coisa... Bem difícil...

Professora: E o mangá? Você já leu? Leu história em quadrinho?

Marcos: Li história em quadrinho quando muito pequeno... Prefiro livro.

Alessandra: Eu estava pensando... Será que o mangá possui o mesmo fascínio que antigamente no Japão? Pelo que entendi... Ele mudou muito... Se adaptou às necessidades do seu público, que vive fora do Japão. Tem os desenhos... Como é mesmo o nome?

Cristina: Animê.

Maria: Isso mesmo, né?

Professora: O que vocês acham do que a Alessandra comentou?

Cristina: As crianças de hoje querem jogar computador, assistir tv e não ler, por isso o mangá teve que se adaptar.

Maria: Concordo, né? Tudo muito diferente, né?

Alessandra: Sim.

Cristina: As crianças não querem ficarem paradas... Não sei se não gostam de ler. Me parece que há outros recursos mais atrativos. Querem outra forma de interação.

Alessandra: Humm. Estava pensando... A leitura é algo silencioso. Algo que você faz sozinho. As crianças não têm essa paciência. Se formos comparar com o adulto, a relação com a leitura é completamente diferente.

Professora: Como era o relacionamento de vocês com a leitura?

Cristina: Eu fui professora de história ... Eu sempre fui obrigada a ler. Fazem uns dez anos que eu me aposentei. Mas, mesmo assim tínhamos recurso. Ler tv, ler jornal, ler diferentes meios... Prefiro interação com outros... O mangá é família. Me lembro da minha família reunida pra ler mangá. Meus pais incentivavam, mas eu sempre gostei das história, dos valores ensinados. Todos os dias líamos os mangás pra aprender o japonês, ficar fluentes. A língua é fixa. Aprendi pela leitura. Eu sei muito mais japonês que inglês. Ficou enraizado desde criança. O inglês eu fui fazer depois de velha.

Alessandra: Eu fui uma adolescente muito tímida. Então, eu lia bastante. Gastava bastante o meu tempo com a leitura. Na infância lia HQs. Quando fui crescendo fui tomando gosto pelos livros de romance, pelas poesias. Pelo jornal e até as revistas de fofoca.

Risos geral na sala...

Alessandra: Até hoje gosto de ler. Por exemplo, quando vou no médico aproveito para me atualizar na leitura. Também, gosto de fazer outras atividades na minha idade, exercitar o corpo também. Ah, o prazer pela leitura não dá para descrever o que a leitura pode significar na vida da gente. Agora leio muito livro sobre espiritualidade. A saúde dentro da felicidade quântica ... Parece que agora estou mais seleta. Meu olhar está diferente. Minha percepção mudou.

Marcos: Gosto de ler... Mas ultimamente prefiro ouvir músicas.. Não enxergo direito. O ouvido, ainda está bom... A memória falha...

Alessandra: Antigamente, o Marcos lia muito, mas agora ele lê de forma fragmentada. Começa um texto e não termina, vai para outro.

Maria: Lia mais quando criança, né? Agora bem pouco, né? Não enxergo muito bem, também, né? Tenho casa, marido, netos, né? Precisam minha atenção, né?

João: Hoje diferente, né? Ler não muito, né?

Fonte: a pesquisadora.

Ao indagarmos os idosos sobre o outro, o mangá, pudemos verificar quais participantes da pesquisa eram capazes de manusear e ler esse objeto antes do curso; quais idosos dispunham de discernimento sobre as diferenças e as semelhanças entre HQs ocidentais e orientais. Isso contribuiu para a disposição e a seleção dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de leitura. Contudo, a fala dos idosos revelaram outros componentes dialógicos, axiológicos e cronotópicos que os constituem enquanto sujeitos idosos.

As ponderações realizadas pelos participantes da pesquisa evidenciaram que três dos cinco idosos (Cristina, Maria e João) mostram ter conhecimentos sobre as características de leitura e composição dos mangás, devido à descendência japonesa. A composição da fala da Cristina demonstra explicitamente a sua descendência japonesa e sua compreensão sobre o mangá: “ [...] *Quanto ao mangá, conheço muito. Sou descendente de japonês [...]*”. Ao delimitar o horizonte espacial da descendência japonesa, Cristina marca o posicionamento da ancestralidade como fator de alteridade para discorrer sobre as características desse gênero. Maria e João também utilizam o fator descendência para legitimar suas falas, entretando a ancestralidade está implícita e é observável por dois mecanismos distintos. O primeiro refere-se ao uso da partícula “né” no final das suas frases, “*Maria: Como posso dizer, né?*”; “*João: Não li, né?*”. Esse traço linguístico é característico de muitos descendentes de japonês, ao falarem a língua portuguesa. O segundo é a indicação do grupo de referência social – o do imigrante japonês, que precisa do objeto mangá para prosseguir com os costumes e com as tradições dos seus antepassados: “*Maria:[...] Pra a educação das crianças, valores, cultura japonesa, né? Os livros vinha em japones, né? Nossos pais não queria que cultura japonesa fosse perdida, né? Nossa origem, né?*”; “*João: [...] Pai sempre fazia questão de que a gente lia, né? Pra aprendê, pra não esquecer, do Japão*”.

Cristina também apresenta o grupo de referência social japonês em sua composição linguístico-discursiva, entretanto seu posicionamento em relação a essa informação parte de um lugar mais acadêmico, ao considerar os mangás como elo de preservação da cultura japonesa em seu ambiente familiar. Segundo ela, esse tipo de HQ possui uma função pedagógica: “ [...] meus pais utilizavam o mangá do Japão pra gente poder manter o contato com o idioma, o nihongo. Também ter conhecimento dos costumes, das tradições e da história da nossa descendência. O mangá sempre foi objeto didático, muito valorizado pela cultura japonesa. [...] O mangá é família. Me lembro da minha família reunida pra ler mangá. Meus pais incentivavam, mas eu sempre gostei das histórias, dos valores ensinados. Todos os dias líamos os mangás pra aprender o japonês, ficar fluentes. A língua é fixa. Aprendi pela leitura”. Cristina associa o valor familiar ao mangá, situando esse artefato na atmosfera do particular, assim como Maria e João.

Os aspectos ideológicos dos mangás lidos na infância fazem parte dos valores que permitem aos sujeitos avaliarem sua vivência em sociedade. São parte intrínseca da eventicidade do SER, que possibilita a Cristina, Maria e João avaliarem as narrativas dos mangás a serem lidos no curso. O contraste estabelecido, nas falas dos idosos, entre os mangás lidos na infância e os atuais demonstra que o cronotopo constitui-se como um fator delineador do estabelecimento de juízos de valor pelos participantes da pesquisa. O antes da infância, no que se refere à finalidade e características dos mangás lidos, conduz Cristina, Maria e João a direcionarem o olhar avaliativo para as transformações e as adaptações que surgiram nos mangás modernos. Dessa forma, estabelecem uma relação contrastiva entre o antes (infância) e o hoje (velhice). Verificamos, assim, que as modificações no tempo-espço social influenciam de maneira direta nas percepções e nas finalidades outorgadas aos mangás.

Ainda pertinente à descrição das propriedades do mangá, Cristina também pontua a distinção de gênero e faixa etária que esse artefato apresenta: “ [...]Um aspecto que preciso mencionar é que os mangás são divididos por gênero (masculino, feminino), faixa etária e tipos de histórias...”. Em sua descrição composicional do gênero, Cristina menciona também o fato da leitura ser invertida nos mangás em relação à leitura ocidental, acontecendo da direita para esquerda (“a leitura é feita da forma inversa”), bem como suas histórias são construídas respeitando os ciclos da vida das personagens, seus protagonistas envelhecem: “imitam o ciclo da vida”. Maria

complementa a descrição das peculiaridades do mangá, atentando-se para a questão da ausência de coloração em suas páginas (*“Preto e branco, né?”*); ao mesmo tempo em que reforça a questão efêmera da vida das personagens, exibida, nessas histórias: *“a personagem morre...”*

Identificamos que esses participantes da pesquisa possuem escolha vocabular e composições de frases distintas, apesar de partirem do mesmo grupo social de referência: o da descendência japonesa. A formação social de Cristina situa-se no status de professora aposentada, disfrutando de escolha vocabular e organização sintática voltadas para um discurso acadêmico, o que fica evidente em suas falas. Maria situa-se na posição de dona de casa com fundamental incompleto, tendo referência social de esposa e mãe. João caracteriza-se como trabalhador autônomo, casado e com ensino fundamental incompleto⁴³. Toda essa informação a respeito da identidade desses sujeitos é evidenciada em suas falas, no valor que implicam em suas escolhas e descrições, bem como na análise que realizam e no posicionamento social que assumem para caracterizar o mangá enquanto objeto cultural e social. Ideologicamente, nas três posições percebe-se o valor de agregador de vínculo de ancestralidade direcionado ao mangá. Os relatos dos três participantes da pesquisa servem de disseminador de valores culturais, históricos e sociais da cultura japonesa, evidenciado em suas narrativas ao tratar da maneira como o mangá organizava as ações familiares, a fim de preservar a descendência japonesa; por consequência, reflete em como esses sujeitos (re)organizam ou não o seu olhar posto nas histórias dos mangás a serem lidos durante o curso.

Marcos, por sua vez, um participante da pesquisa não descendente, salienta desconhecimento do objeto mangá, ratificando que seu universo de leitura configura-se o das histórias em quadrinhos lidas na infância: *“Li história em quadrinho”*.

A participante Alessandra, também não descendente de japoneses, expressa a compressão do mangá pelo olhar do outro, que lhe serve de parâmetro para elaborar o seu imaginário sobre esse artefato cultural: *“Eu não conheço nada de mangá [...] Não sei nada mesmo de mangá” [...] Me parece que mangá é uma revista. Meus netos assistem desenhos relacionados com isso. Me lembro que eles sempre comentam do*

⁴³ Essa orientação a respeito da composição social desses participantes é encontrada na seção 1.2.2 intitulada, “Sujeitos da pesquisa”.

Samurai X e de um livro da morte... Umas histórias diferentes. Sempre associei aqueles desenhos de olhos grandes". Ao mencionar os netos como fonte de acesso ao universo do mangá, Alessandra faz incidir em sua fala a voz do outro como aparato constituinte da alteridade que atesta a sua percepção em relação a esse tipo de HQ.

As semelhanças e as diferenças entre as HQs ocidentais e os mangás também se baseiam na observação da vivência dos netos com essas revistas: “[...]Não sei... Mas toda a história em quadrinhos tem personagem, cenário, balão. Acredito que o mangá tem isso também. Ah, reparei que os mangás são preto e branco... Pelo menos aqueles que meus netos leem”. Em um outro momento, Alessandra estabelece uma associação com a sua infância em Uraí, relatando que o contato com os descendentes japoneses também contribuiu para tecer suas impressões a respeito do mangá: “[...]me lembrei de um fato da minha infância, quando morava em Uraí, tinha muitos descendentes de japoneses que convivia comigo. E me lembro desses livros em japonês que eles liam muito. Esse tal de mangá”. Para Alessandra, o mangá constitui-se em um objeto de curiosidade vivenciado pelo olhar dos outros que lhe ortogam um conhecimento superficial mediado, seja por meio de seus netos, em seu presente, seja por meio dos descendentes de japoneses, em seu passado. Esse marco das vozes do hoje e do passado permite que Alessandra delibere sobre as possíveis diferenças existentes entre os mangás atuais e os antigos, inclusive inicie uma interação com os outros participantes da pesquisa, a fim de estabelecer um parâmetro de como ela concebe o mangá: “[...]Mas, tenho a impressão... Não sei, a Maria pode falar melhor. Que os mangás antigos eram diferentes dos mangás de agora. O que você acha Maria, Cristina, João?”

Maria e Cristina respondem a Alessandra, discorrendo sobre as diferenças entre os mangás modernos e os da infância que elas liam: “*Maria: Você tem razão, Alessandra! Antigamente, né? Os mangás tinha mais escritas e era bem mais, né? Como posso dizer, né? Pra a educação das crianças, valores, cultura japonesa, né?...*”. Cristina complementa, elucidando alguns pontos de modificação presentes nos mangás modernos: “*Cristina: Alguns modernos mangás já vem coloridos. [...] Depois, com a abertura do comércio para o mercado oriental, viralizou como objeto de massa. Nos animes, e nas histórias dos mangás modernos. [...] Os modernos mangás me parecem possuir muito mais temas de aventuras voltadas para o gosto da cultura ocidental. Quando eu era pequena, os mangás antigos, como a Maria falou eram com*

bem mais escrita e nossos pais compravam os adequados a nossa faixa etária. [...] Tenho os mangás antigos, trouxe, hoje comigo pra mostrar... Estão em japonês... Mas, são bem diferentes como podemos perceber dos modernos que a professora trouxe..” Maria acrescenta, *“Maria: Verdade, né? [...] Será que são assim, hoje, né?”*. O mangá objeto das leituras da infância, segundo as falas de Cristina e Maria, passa por transformações de composição, e até mesmo de apresentação visual e temas, transformando-se de um objeto da leitura infantil dos descendentes de japoneses para um fenômeno mundial de massa. O cronotopo, percebido tanto pelos descendentes de japoneses Cristina e Maria, quanto por Alessandra, expressa as transformações e adaptações desse veículo comunicacional, que possibilita aos idosos estabelecerem a comparação entre o mangá da infância e o moderno.

A responsividade em relação ao questionamento produzido por Alessandra situa o cronotopo bakhtiniano como elemento adjacente a momentos que suscitam nos idosos um marco de um antes e um depois, do antigamente e do agora. O primeiro marco revela o posicionamento ideológico sobre os mangás e as HQs, *“Alessandra: O que sempre gostei de ler são as histórias em quadrinhos... Fazem muita parte da minha infância [...] Na infância lia HQs”*; *“Maria: Quando era jovem [...] Lia mais quando criança, né?”*; *“João: O mangá li muito quando criança, né?”*; *“Marcos: Li história em quadrinho. quando muito pequeno”*; *“Cristina: Me lembro da minha família reunida pra ler mangá [...] Ficou enraizado desde criança”*. O tempo e espaço passados incidem na conjectura saudosista que esse tipo de leitura desperta em Alessandra, Maria, João, Marcos e Cristina, destinando-se a reviver, nos idosos, situações familiares, de inocência, de simplicidade e de um passado que são transportadas para o presente por meio das recordações assimiladas pelos idosos como um ritual de passagem para a vida adulta: *“Alessandra: [...] Gastava bastante o meu tempo com a leitura. Na infância lia HQs. Quando fui crescendo fui tomando gosto pelos livros de romance, pelas poesias. Pelo jornal e até as revistas de fofoca”*.

O deslocamento do hoje da velhice para o passado da infância também gera no grupo de idosos o estabelecimento de uma comparação entre a geração da infância deles com a geração da infância atual, definindo as diferenças ideológicas em como a leitura é percebida por esses grupos sociais. A referência a geração atual, em contrapartida com a geração de infantes dos participantes, propicia aos sujeitos idosos emitirem opiniões a partir de suas crenças e da compreensão de sua própria condição

de existência balizada pelo ato de ler mangás e HQs. As sensações e as emoções que a leitura desses artefatos simbólicos provoca e provocou nos idosos são transportadas para as tratativas que realizam, tendo como ponto de referência a sua condição atual de idosos: *“Alessandra: Hoje, parece que as crianças não leem como antigamente. Ficam no computador, no vídeo game jogando. [...] As crianças não têm essa paciência. Se formos comparar com o adulto a relação com a leitura é completamente diferente.”*; *“Cristina: Verdade, falta incentivo [...] As crianças de hoje querem jogar computador, assistir tv e não ler, por isso o mangá teve que se adaptar [...] As crianças não querem ficarem paradas... Não sei se não gostam de ler. Me parece que há outros recursos mais atrativos. Querem outra forma de interação”*; *“Maria: Concordo, né? Tudo muito diferente, né?”*. O estado da infância e o da velhice exprimem a situação de comunicação imediata organizada a partir de um tempo presente comum entre os participantes da pesquisa, o da velhice, que serve de parâmetro para que os idosos façam inferências a respeito de como eles interagiam com a leitura, contrapondo com o interagir das crianças de hoje. Os posicionamentos axiológicos assumidos pelos idosos e o conhecimento e compreensão da situação compartilhada em sala de aula configuram a memória do ato de ler como gatilho para que eles pudessem estruturar opiniões sobre as relações que o grupo estabeleceu com temáticas bem mais amplas do que a solicitada pela questão geradora. O horizonte espacial é estabelecido tanto pela marca das distintas gerações que, por conseguinte, possuem maneira de tratar o ato de ler em conformidade com as ideologias presentes em cada época, quanto pelo espaço social que os sujeitos ocupam. O cronotopo é responsável, portanto, pelas formas distintas como cada geração agrega, transforma e alcança a sua relação com a leitura.

A pergunta geradora faz emergir também juízos de valor dos participantes quanto à sua própria condição de idoso e sobre as consequências e os impactos dessa condição em sua existência: *“Marcos: A leitura sempre fez parte de mim... Mas ultimamente, ler ficou uma odisséia. Já que esqueço onde coloquei o livro... Qual página, e se até estou lendo alguma coisa... Bem difícil... [...] Gosto de ler.. Mas ultimamente prefiro ouvir músicas.. Não enxergo direito. O ouvido, ainda está bom... A memória falha...”*; *“Alessandra: Agora, leio muito livro sobre espiritualidade. A saúde dentro da felicidade quântica ... Parece que agora estou mais seleta. Meu olhar está diferente. Minha percepção mudou”*; *“Maria: : Lia mais quando criança, né? Agora bem pouco, né? Não enxergo muito bem, também, né?”*; *“João: Hoje, diferente,*

né? Ler não muito, né?''. Os sujeitos Marcos, Maria, João e Alessandra pontuam as transformações de um antes para um hoje em relação à leitura, expressas nas dificuldades e/ou modificações que esse hábito sofreu com o passar dos anos. Maria e Marcos relatam a passagem do tempo a partir de uma perspectiva negativa, atrelada aos problemas físicos ocasionados pelo envelhecimento. Esse olhar demonstra uma das facetas do cronotopo que esses sujeitos idosos relacionam ao envelhecimento. Maria ainda descreve que os diferentes papéis sociais assumidos ao longo da sua trajetória de vida (mãe, esposa, dona de casa e avó) são responsáveis pelas mudanças na sua prática de leitura: “[...] *Tenho casa, marido, netos, né? Precisam minha atenção, né?*”.

Alessandra relaciona-se com o tempo-espço de maneira diferente, já que circunscreve seu juízo de valor no sentido de realocar suas escolhas de leitura. O tempo de hoje, fator que lhe configura como sujeito idoso, serviu para que Alessandra aprimorasse seu gosto pela leitura, tornando-a uma pessoa mais seletiva: “[...] *Parece que agora estou mais seleta. Meu olhar está diferente. Minha percepção mudou*. Para ela, envelhecer faz emergir situações cronotópicas que atualizam suas próprias percepções sobre o que é ser idoso de maneira positiva.

O cronotopo bakhtiniano torna-se visivelmente fundido com o contexto do hoje em contraste com o antigamente. Os verbos, alternando passado e presente, nas falas dos idosos, corroboram a função tempo-espço enquanto elo para a construção do enunciado social e representativo da imagem da passagem da infância para a velhice.

Bakhtin (2018), ao conceber o cronotopo como um fator de ordem dialógica e axiológica, não só estabelece uma relação desse componente com aspectos linguísticos-discursivos, como também abre a possibilidade de entendê-lo sob a ótica da partilha de atitudes e de formas de pensar presentes no universo social, histórico e cultural. Tais atitudes e formas são possíveis de serem verificadas pelo tom do discurso (entoação), que exprime o universo emotivo-volitivo da percepção da velhice expressa na fala dos idosos. Cristina, por exemplo, não menciona o envelhecimento e seus impactos explicitamente. Não conseguimos visualizar como se sente em ser idosa e como esse fator impacta na maneira como organiza, visualiza e apresenta a sua própria existência. Sabemos como o mangá integra a sua formação social e como, em sua infância, serviu de conexão com sua ancestralidade. Entretanto, o seu olhar posto nesse outro (o mangá) serve como ponto de ancoragem para sabermos um pouco mais a

respeito desse sujeito: *“Cristina: Eu fui professora de história ... Eu sempre fui obrigada a ler. Fazem uns dez anos que eu me aposentei.”* Essas informações nos permitem compreender as relações e os posicionamentos que se configuram em suas respostas. Entendemos, portanto, as posições sociais que assume ao elaborar as suas falas: de professora aposentada e de descendente de japonês.

Convém ressaltar que a pergunta inicial gera nos idosos a expansão da ideia central da discussão entre conhecer ou não as características do mangá e quais seriam os aspectos convergentes e divergentes em relação às HQs ocidentais para um patamar além do solicitado. Nesse ponto, destacamos que os idosos, ao se voltarem para a infância, a fim de resgatar a leitura tanto dos mangás como das HQs, apoiam o pressuposto de que o cronotopo integra de forma efetiva a formação do sujeito dialógico, na medida em que o tempo-espço é constitutivo de seu repertório de caracterização identitária do eu e do nós. As análises das falas mostram que o ambiente espacial aliado a um tempo registram e modificam os juízos de valor dos idosos em relação ao mangá, à leitura e ao envelhecimento. Esse fato, dentro do universo da constituição da identidade do sujeito idoso, sob o viés bakhtiniano da língua(gem), nos remete à questão apresentada, na seção 2 deste trabalho, sobre o corpo social de Plekhanov⁴⁴, autor que estuda a estrutura sociopolítica e a ideologia na formação social da mente. O sujeito dialógico bakhtiniano constitui-se em um sujeito perceptivo e participativo, o qual tece considerações, faz inferências, busca na memória acontecimentos marcantes e articula conhecimentos distintos, a fim de legitimar-se enquanto pessoa.

Ressaltamos também que, pela análise das falas dos idosos, percebemos uma distinção de níveis de escolaridade e de status social, marcados tanto na seleção e utilização de vocabulário, quanto na maneira de organizar as frases linguístico-discursivamente. Contudo, esses aspectos não se constituíram empecilhos para que todos pudessem evidenciar seus pontos de vista sobre o objeto mangá, bem como tecer ponderações a respeito da sua própria condição de sujeito idoso.

Terminadas as ponderações a respeito da questão um, apresentamos a questão dois, seguida das falas dos idosos que demonstram a maneira como foi realizada a escolha dos mangás a serem lidos pelo grupo. Esclarecemos que antes da escolha dos

⁴⁴ Verificar o item 2.1 deste trabalho.

mangás pelos idosos, os alunos solicitaram à professora que realizasse uma breve sinopse das histórias, a fim de auxiliá-los na tomada de decisão de qual mangá ler.

No momento de escolher o seu mangá, você se baseou no título e na capa? Achou o título importante e/ou a capa? Eles evocaram alguma expectativa do que você poderia encontrar na história? Qual?

Essa questão direcionadora possui a finalidade de verificar em quais itens (capa e/ou título dos mangás) os alunos se basearam para realizar as suas avaliações apreciativas em torno dos temas abordados nos mangás.

Quadro 9 – Escolha dos mangás.

João: Gostei da minha pela máquina humana, né? Se pudesse não ser véio, né? (risos)... Morte pra ser vida, né? Capa não chamá atenção... História sim, né?

Professora: O senhor vai ficar com o mangá Mande in Heaven?

João: Sim, né? Não ia pegá esse... Achei diferente,né? Parece bem divertido,né? Se a gente não ficá veio,né? Ninguém morre, né?

Cristina: Vou querer ler dois. Estou muito interessada em saber em todos que foram escolhidos. O do João é muito interessante, pensar nos impactos da evolução tecnológica na vida humana. Cada um tem uma peculiaridade. Nossa, como esses mangás são bem diferentes daqueles lidos na minha infância! Tem muitas, mas muitas figuras e quase não tem escrita. Pelo que entendi vamos ler em conjunto todos eles. Mas, os alunos que escolheram os seus mangás são responsáveis por fazer as apresentações. Isso?

Professora: Sim. Todos vão ler os mangás. Mas, os alunos que indicaram as leituras são responsáveis pela apresentação das características, personagens, cenário etc das suas histórias.

Maria: Legal, né? Concorro com a Cristina... Os mangás são muitos diferentes, né? Desenhos, né? Virou algo ocidental, né?

Cristina: Verdade.

Alessandra: Célia, então... Você nota que na fala da Cristina é bem articulada. Ela foi professora e tem um interesse cultural bem adiantado.. Eu não entendo nada de mangá. Escolhi o meu mangá pela explicação que você deu da história. Achei a capa pesada... O nome feridas, também é bem impactante. Acredito ser uma história densa, que fale sobre problemas de relacionamento, do dia a dia... De gente real e não uma história de ficção. Minha opinião.

Cristina: Eu... Imagina... Gosto de falar... Fui pra aula pra aprender... Pra trocar conhecimentos...

Maria: Vou falar o meu mangá... Escolhi Chobits, né? Por causa da história que a professora apresentou, né? Achei triste um adolescente se apaixonar por uma robô, né? Pensei na solidão das pessoas, né? Na

depressão, né? A capa é muito bonita e leve, né? É colorida... Diferente, né? Da história.

Cristina: Vou ler dois. A tempestade de Shakespeare, pois fiquei intrigada em como essa história vai ser apresentada em formato mangá... A capa pra mim, não está relacionada com a peça... Será que é uma adaptação? O outro é Loveless. A capa me chocou. O adolescente com a roupa rasgada, sendo agarrado por um monte de mãos. E a sinopse relacionada à pedofilia. A questão da bissexualidade. Pesada a história. Me chamou a atenção a classificação ser pra maiores de 16 anos. Você sabe por quê, Célia?

Professora: Não há no mangá cenas de nudez e sexo explícito. Por isso, a classificação para maiores de dezesesseis anos.

Maria: Nossa, né? Complicado, né?

Alessandra: Não sei... Me parece que a cultura japonesa é bem distinta da nossa em algumas questões sempre tive a impressão dessa sociedade ser mais fechada. E um mangá com essa temática para crianças choca....

Cristina: A capa choca... A temática choca... Quero ver as imagens... Falo que o mangá moderno está americanizado.

Professora: Marcos e João, querem comentar?

Marcos: As pessoas são preconceituosas quanto a questão da sexualidade. Não é algo moderno.

João: Não tenho nada pra falar, né?

Professora: Marcos, qual é o seu mangá?

Marcos: Fiquei confuso quanto as capas das revistinhas... Pra mim não condizem com a sinopse das histórias. Não sei não consigo relacionar.

Professora: Por quê as capas não condizem com as histórias?

Marcos: Parecem impressionismo, não consigo saber o que dizem... Minha cabeça começa a doer... Vou pedir pra Alessandra escolher...

Alessandra: O Marcos está cansado, trocou a medicação, hoje. Pelo que conversamos, ele quer DNA. Sempre gostou de ficção científica. Célia, posso ficar, além de Feridas, com LevelE?

Professora: Claro. Por quê escolheu mais esse mangá?

Alessandra: Vida, morte, poder, ficção científica estão presentes. Me chamou atenção esse conjunto. A capa me parece uma mulher, ou homem, sentado, olhando para o nada. Me lembrou introspecção... Não sei.. Só mesmo lendo a história para saber.

Fonte: a pesquisadora.

Antes de analisar as falas dos idosos, apresentamos a sinopse das histórias que, de certa maneira, serviu de base para que alguns idosos escolhessem os mangás que gostariam de ler. Salientamos que essa atitude deveu-se ao fato de alguns idosos

apresentarem dificuldade em selecionar os mangás a serem lidos, somente tendo a informação do título e da capa. Dessa maneira, o grupo solicitou à professora que realizasse um breve relato sobre as histórias. Convém ressaltar que foram apresentadas vinte revistas de mangás para os idosos, cujos enredos estavam em conformidade com os temas base da tese – envelhecimento, sexualidade e morte. Dentre esses mangás, as sete revistas que chamaram a atenção dos idosos, e foram escolhidas por eles, são: *Loveless*; *Dawn*; *Chobits*; *LevelE*; *Feridas*; *Zetsuen no Tempest* (*Tempestade*) e *Made in Heaven* (cf. Sinopses seção 1.3.1.1).

Essa questão geradora teve a finalidade de possibilitar que pudessemos analisar quais mangás foram escolhidos pelos alunos e quais os parâmetros que eles utilizaram para balizar seus juízos de valor durante a realização da atividade. Também, para verificar como os sujeitos idosos se relacionavam preliminarmente com as temáticas que se encontravam subjacentes ao título do mangá, imagens da capa e sinopse apresentada pela professora. Todas essas questões revelam as expectativas dos sujeitos idosos em relação as narrativas das histórias de mangás a serem lidas.

Na perspectiva dialógica, a existência humana encontra-se subordinada a língua(gem), já que esta gera no eu a formação, o planejamento e a definição de parâmetros para a criação da sua consciência dialógica, a partir do enlace com outras consciências exteriores a si. As histórias dos mangás e os demais membros da pesquisa, portanto, constituem o outro em confronto com os valores ideológicos que os sujeitos singulares trazem em sua bagagem identitária. Considerando esse ponto, começamos as análises das falas dos idosos.

A escolha de leitura do mangá *Made in Heaven* pelo sujeito João perpassa a perspectiva de curiosidade e do riso que essa narrativa lhe suscitou. A fala do João evidencia um tom humorístico conseguido pelo uso dos adjetivos “*diferente*” e “*divertido*” para categorizar o fato de a tecnologia impedir a morte, e consequentemente evitar o envelhecimento: “*Capa não chamá atenção... História sim, né?*”. Ao relacionar envelhecimento-morte, João salienta que a narrativa do mangá rompe com o padrão ideológico estabelecido socialmente atrelado a velhice, no que tange a este conceito estar agregado ao valor de fim de vida e ser visto como uma etapa na qual a morte é esperada: “*Gostei da minha pela máquina humana, né? Se pudesse não ser véio, né? ((risos))... Morte pra ser vida, né? [...] Não ia pegá esse... Achei diferente,né? Parece bem divertido,né? Se a gente não ficá véio,né? Ninguém morre,*

né?”.

Ao quebrar o ciclo entre envelhecer e morrer, a narrativa de *Made in Heaven* transgride com a ordem usual configurada para os padrões de normalidade reconhecidos pelos conceitos de envelhecimento e de morte vigentes. Esse fato modifica o preestabelecido, ao subverter a ordem natural dos acontecimentos expressos em conformidade com os fatores ideológicos vigentes de vida e de morte. Isso chama a atenção do idoso João que escolhe o mangá, a fim de verificar como se estrutura uma sociedade na qual as pessoas não envelhecem e não morrem. Para ele, esse fato torna-se algo não usual e até mesmo irônico. Percebemos, nas falas de João, a possibilidade da existência de valores distintos dos seus, já que agrega um valor positivo à expectativa de leitura desse mangá.

Alessandra demonstra que a escolha do seu primeiro mangá relaciona-se à apresentação da sinopse da história pela professora: “*Escolhi o meu mangá pela explicação que você deu da história*”. Percebemos a importância do papel que o outro exerce na interação verbal, na medida em que a identidade do eu é construída por meio de respostas ativas a um processo de interação entre eu-outro (idoso-professora-sinopse do mangá), que gera interpretação e compreensão dos elementos constituintes da narrativa de *Feridas*. Nessa mesma direção, são as posições ideológicas professor-aluno, assumidas pelos interlocutores em um cronotopo delimitado pela intencionalidade da comunicação, que possibilitam a Alessandra apagar as referências a respeito dos temas ligados à morte, tais como suicídio e assassinato, presentes na sinopse apresentada. A avaliação da capa reafirma o apagamento das questões relacionadas à morte, concentrando suas observações na interpretação do título e na densidade da história: “*Achei a capa pesada... O nome Feridas também é bem impactante. Acredito ser uma história densa, que fale sobre problemas de relacionamento, do dia a dia... De gente real e não uma história de ficção*”.

Quanto à escolha do segundo mangá, Alessandra guiou-se tanto pela narrativa (mostrada na sinopse pela professora) quanto pela capa. Sua preferência por *LevelE* encontra-se alicerçada nas emoções provocadas pela narrativa da história, que são demonstradas no contraste verificável entre a vida e a morte, o poder e a ficção científica: “*Vida, morte, poder, ficção científica estão presentes. Me chamou atenção esse conjunto*”. A narrativa da história é o outro que lhe instiga, inicialmente, a envolver-se na trama do mangá. O tom que marca as sensações do envolvimento da

idosa demonstra-se na escolha do léxico utilizado por ela: “*Vida, morte, poder, ficção científica*”.

A capa também soma-se aos aspectos emotivo-volitivos resultantes do contato com o outro. Os juízos de valor evocados pela capa possibilitam a Alessandra estabelecer as suas expectativas em relação a narrativa do mangá: “*A capa me parece uma mulher, ou homem, sentado, olhando para o nada. Me lembrou introspecção... Não sei...*”. A palavra do outro para o Círculo propicia uma atitude ideológica em relação ao mundo e ao comportamento do eu. Alessandra responde a esses outros, conferindo-lhes acabamento momentâneo, no instante do ato comunicativo, a fim de gerenciar as suas primeiras impressões sobre o enredo de *LevelE*. Depois, a idosa reavalia sua leitura inicial dos outros (a sinopse, o título e a capa), demonstrando a possibilidade de mudança de posicionamento em um momento diferente: “*Só mesmo lendo a história para saber*”.

Maria discorre que a sua simpatia por *Chobits* encontra-se vinculada à sinopse da história, que trata do relacionamento afetivo-sexual de um humano com uma robô (cf. seção 1.3.1.1), bem como às referências emotivo-volitivos que a narrativa e a capa evocam em sua consciência dialógica: “*Escolhi Chobits, né? Por causa da história que a professora apresentou, né? Achei triste um adolescente se apaixonar por uma robô, né? Pensei na solidão das pessoas, né? Na depressão, né? A capa é muito bonita e leve, né? É colorida... Diferente, né? Da história*”.

O contraste oriundo entre a narrativa e a capa (os outros do ato comunicativo) permite a Maria retomar o ponto central de *Chobits*: o relacionamento entre humanos e robôs. Maria possui um ponto de vista de que esse tipo de envolvimento é balizado por problemas existenciais humanos, como a tristeza, a solidão e a depressão. Para a idosa, a capa diverge do enredo da história, na medida em que as imagens diminuem a tensão emotivo-volitiva de um tema tabu, ao representar o aspecto romantizado da relação entre os protagonistas. Essa percepção encontra-se vinculada aos adjetivos que utiliza para descrever a capa: “*bonita*”, “*leve*”, “*colorida*” e “*diferente*”.

Ao ver-se inserida em um universo distinto dos seus padrões, Maria tenta legitimar o relacionamento das personagens sob uma ótica de que as pessoas que se submetem a esse tipo de relação, dentro da sua prerrogativa, encontram-se emocionalmente vulneráveis. Sua compreensão desse envolvimento prima pela tentativa de entender os motivos do comportamento do protagonista Rideck ao se

apaixonar por Chii, uma robô.

Marcos, por sua vez, diante de todas as revistas oferecidas, frisa que não consegue estabelecer conexão entre as capas dos mangás e as sinopses das histórias: *“Fiquei confuso quanto às capas das revistinhas... Pra mim não condizem com a sinopse das histórias. Não sei, não consigo relacionar”*. Tanta é a confusão de Marcos que ele precisa de auxílio para chegar a uma conclusão em relação a qual mangá escolher: *“Vou pedir pra Alessandra escolher”*.

O aluno compara as capas dos mangás com a escola impressionista, alegando que não consegue compreendê-las: *“Parecem impressionismo, não consigo saber o que dizem”*. Ao fazer essa alusão ao impressionismo, Marcos dialoga com a características desse movimento artístico, projetando, a partir desse outro, uma visão de que as capas são claras, luminosas, e, portanto, contraditórias em relação às sinopses dos mangás, uma vez que as narrativas apresentadas pela professora trazem temas tabus como o envelhecimento, a sexualidade e a morte. Como Marcos não consegue estabelecer uma identificação seja com a sinopse, seja com a capa, ele precisa do auxílio da esposa Alessandra. Acreditamos que a voz do outro, a esposa, serve enquanto voz de identificação nesse momento, garantindo a ligação necessária para que o idoso possa escolher sua revista de mangá: *“Pelo que conversamos, ele quer DNA⁴⁵. Sempre gostou de ficção científica”*.

Cristina, assim como Alessandra, seleciona dois mangás para ler. O primeiro é *Tempestade* que lhe desperta inquietude: *“[...] Fiquei intrigada em como essa história vai ser apresentada em formato mangá. A capa, pra mim, não está relacionada com a peça... Será que é uma adaptação?”*. Os fatores que chamam a atenção de Cristina situam-se na ordem de verificar as suas conjecturas sobre como a peça de Skekeaspere é adaptada para o mangá. Cristina, nesse primeiro contato com essa revista, não retoma as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte disponíveis na história para alicerçar a sua escolha.

Já a escolha do seu segundo mangá, *Loveless*, relaciona-se com a temática da sexualidade: *“O outro é Loveless. A capa me chocou. O adolescente com a roupa rasgada, sendo agarrado por um monte de mãos. E a sinopse relacionada à pedofilia.*

⁴⁵ No momento da escolha dos mangás Alessandra nomeia o mangá Dawn por DNA. Salientamos que o nome DNA se refere ao capítulo inicial da história. Em aulas posteriores a professora solicitou que a revista de mangá fosse referenciada pelo nome que consta na capa: Dawn.

A questão da bissexualidade. Pesada a história”. Chama a atenção nesse caso, a valoração que a idosa faz da capa do mangá, relacionando-a com a pedofilia, pois a sinopse apresentada não aborda esse assunto, somente a bissexualidade e a homossexualidade. Cristina, portanto, atribui valores em sua leitura a partir de aspectos emotivos-volitivos que a capa lhe evoca. Essas colocações, juntamente com a pergunta que digire à professora (“*Me chamou a atenção a classificação ser pra maiores de 16⁴⁶ anos. Você sabe por quê, Célia?*”), aciona a capacidade responsiva dos outros membros da pesquisa, seja por suas afirmações, seja pela pergunta dirigida à professora.

A explicação da professora não nega a existencia da pedofilia no mangá, mas se centra em responder que a revista era para maiores de 16 anos, por não haver “*cenas de nudez e sexo explícito*”. A fala de Cristina focaliza a pedofilia e a bissexualidade e as valora como uma temática difícil (“*Pesada a história*”), repercutindo nos demais participantes, que respondem ao posicionamento da colega.

As colocações de Cristina sobre o enredo de *Loveless* tratar de pedofilia desencadeia, primeiramente, as ponderações de Maria, que vão ao encontro das valorações feitas pela colega: “*Nossa, né? Complicado, né?*”. Também Alessandra se manifesta, considerando a quebra de suas expectativas quanto ao tratamento da sexualidade pela sociedade japonesa: “*Não sei... Me parece que a cultura japonesa é bem distinta da nossa em algumas questões, sempre tive a impressão dessa sociedade ser mais fechada. E um mangá com essa temática para crianças choca...*”. Alessandra parte do pressuposto que o horizonte social japonês não trabalharia com o tema pedofilia voltado para adolescentes, que ela nomeia como crianças.

Ao sair da sua posição de conforto em relação à sexualidade a partir da fala de Cristina, Maria e Alessandra situam os elementos éticos entre o permitido e o não-permitido no cerne da ontologia do sujeito e na sua constituição social partilhada sobre a pedofilia. Como o Círculo de Bakhtin recusa-se a conceber o sujeito por elementos transcendentais, a carga emotivo-volitiva aplicada a *Loveless* por Cristina é reconhecida como uma verdade que contradiz as visões de mundo validadas

⁴⁶ No momento da escolha da revista houve a informação de que o mangá *Loveless* seria destinado para maiores de dezesseis anos. Em aulas posteriores, essa informação foi retificada pela professora, pois o mangá é recomendado para maiores de dezoito anos. Ressaltamos que apesar de não abordar cenas de sexo implícitas a maneira como aborda os conteúdos sobre a sexualidade direcionam a sua classificação para adultos.

socialmente, que são revalidadas pelas idosas.

Assim, Cristina, Maria e Alessandra embasam-se em suas visões de mundo, mediadas tanto por sua consciência individual quanto pela consciência coletiva que possuem em relação a sexualidade, sendo a pedofilia um aspecto imoral abertamente delimitado por elas. As categorias de apreensão do mundo, na teoria bakhtiniana de língua(gem), encontram-se ancoradas na vida concreta dos sujeitos, e por meio das vivências e de como estes se relacionam, no nosso caso, com a sexualidade. Portanto, a posição de desconforto acontece devido às internalizações e compreensões de categorias analíticas, éticas, reflexivas e críticas que são construídas, na medida em que o sujeito vivencia situações comunicativas materializadas em seus contatos com o outro: o marido, os amigos, os filmes, os livros, o mangá etc. No caso da sexualidade, as crenças e os valores perpassam as verdades aceitáveis e não aceitáveis ideologicamente por esses sujeitos.

Marcos, diante das falas das idosas, pega a revista, olha a capa e a sinopse e afirma: *“As pessoas são preconceituosas quanto à questão da sexualidade. Não é algo moderno”*. A afirmação de Marcos responde às falas das idosas, opondo-se à valoração atribuída por elas à capa e ao enredo. Ele também coloca o preconceito em relação à sexualidade não como um fenômeno atual: *“Não é algo moderno”*. Em seu excedente de visão⁴⁷, utiliza o cronotopo a fim de demonstrar a questão atemporal a respeito do preconceito com sexualidade, como também aloca o tempo-espço em um aspecto ético. O idoso salienta que, mesmo no século XXI, a visão sobre a temática é delimitada por velhos tabus atrelados às concepções normalmente aceitas e vigentes. Marcos evidencia de maneira implícita o peso das tradições na hora de moldar as opiniões que os sujeitos possuem sobre determinado assunto.

A fala de Marcos encerra a discussão do conteúdo de *Loveless*, pois João, após a fala do colega, prefere manter-se afastado das reflexões apresentadas em relação ao mangá: *“Não tenho nada pra falar, né?”*. Ao abster-se em emitir uma opinião, João apresenta uma responsividade silenciada de efeito retardado, que poderá ou não se manifestar mais adiante, em outros momentos da entrevista. Ressaltamos que esse

⁴⁷ Como visto, a consciência compartilhada socialmente em interação com as nuances da consciência singular do eu estabelece a consciência do sujeito dialógico, uma junção intersubjetiva dos pontos de vistas ideologicamente aceitos e mediados pelas posições e valores que o eu decide assumir ao longo da sua trajetória existencial e identitária.

silêncio não significa que João é indiferente às valorações apresentadas pelos colegas na discussão do mangá. Pode, a nosso ver, indicar duas possibilidades. A primeira seria que não se sente à vontade para emitir a sua opinião ao grupo da pesquisa, uma vez que a sua visão de mundo pode ser diferente daquelas compartilhadas na interação comunicativa da sala de aula. A segunda possibilidade indicaria que o silêncio significa observação e internalização do diferente para, posteriormente, assim que se sentir confortável, emitir a sua valoração sobre os fatos apresentados. Bakhtin/Volochionov (2014a) consideram a consciência do eu de maneira relativista, uma vez que, pela sua capacidade inata de interagir, os sujeitos são capazes, se quiserem, de modificar as suas opiniões pelo contato com o outro. A resposta a um questionamento, à necessidade de posicionar-se deriva de momentos situados, tanto na parte singular do sujeito quanto em fatores externos, como por exemplo na história, na cultura e nos outros.

Outra questão que observamos no diálogo entre os participantes da pesquisa é que a interação do outro-para-mim não é marcada somente em torno das discussões provocadas pela peculiaridade de *Loveless*. O sujeito idoso ativa seu caráter participativo-responsivo por meio do emprego do estilo pictórico, no momento de retomar as vozes de outros participantes da pesquisa na sua resposta. Verificamos esse fato quando os idosos justificam as suas escolhas pela fala da professora e também, quando respondem os questionamentos levantados pelos outros durante o debate sobre pontos de inquietação do enredo do mangá. Quando os idosos retomam, parcial ou totalmente, as falas alheias, eles trazem para o seu discurso os valores que os colegas possuem das temáticas abordadas. Percebemos nas fala de Maria e Cristina esse mecanismo: “*Maria: Legal, né? Concordo com a Cristina... Os mangás são muitos diferentes, né? Desenhos, né? Virou algo ocidental, né?*; “*Cristina: Verdade*”. A interação verbal em Bakhtin é conseguida por meio de processos de produção de sentido em situações de comunicação que por sua vez compõem a enunciação dentro dos parâmetros sociais. Quando Maria reafirma o dito de Cristina e vice e versa, ambas concondam não somente com o fato em si, mas com toda a carga emotivo-volitiva e ideológica expressa no ato enunciativo. Portanto, o sentido é um fator social mediado pelas interações realizadas entre os participantes no momento do ato comunicativo, como também pelos outros (revistas de mangás) que compõem essa situação.

Ao colocar os sujeitos idosos em situações não usuais relacionadas as temáticas envelhecimento, morte e sexualidade, geramos discussões e reflexões a respeito, nesse

momento, de como esses sujeitos se sentem em relação à imagem da capa e ao enredo da história, como também ao posicionamento dos outros participantes da pesquisa. Como o agir humano e seus pensamentos encontram-se alicerçados pela língua(gem), segundo a teoria bakhtiniana de sujeito dialógico, os acontecimentos processados pelo eu, seja em seu cotidiano social vivido, seja lido, no nosso caso, nas páginas das revistas dos mangá, direcionam os idosos a agirem como um sujeito situado socialmente, respondendo aos atos comunicativos de outros, que podem se confrontar com as suas concepções ideológicas. Ressaltamos que há internalização nos sujeitos idosos de preconstructos sociais e ideológicos a respeito das temáticas envelhecimento, sexualidade e morte. Esses preconstructos lhes permitiram realizar a avaliação responsável diante dos fatos apresentados, dentro de categorias éticas, sociais e históricas etc, as quais impregnam o seu agir e o seu pensar ao longo da interação verbal.

No que tange à escolha dos mangás, podemos dizer que cada sujeito, ao desenvolver essa tarefa, utilizou critérios de seleção variados: o interesse pela sinopse, pela capa e opiniões dadas pelos outros membros da pesquisa. Ao assumirmos as diretrizes analíticas bakhtinianas para balizar a nossa análise, percebemos que o ato de escolher configura-se como um mecanismo de participação responsável, já que explicita o diálogo enquanto artefato social que rege as trocas simbólicas entre os sujeitos na e pela língua(gem). Nesse ponto da conversa, inclusive, há questionamentos sobre o que seria adequado o mangá abordar em sua narrativa. Essa atitude nos remete a questões extraverbais apontadas pelo Círculo, como o conhecimento de mundo partilhado pelos interlocutores, chamado de unidade do visível. No caso do mangá *Loveless*, a interpretação da capa estabelece a quebra da expectativa a respeito da faixa etária de leitura desse gênero, pois segundo manifestado por Cristina e confirmado por Alessandra e Maria, a apresentação do conteúdo e da forma de abordagem da sexualidade abre espaço para um debate a respeito da responsabilidade didática dos mangás. A partir desse fato são estabelecidos questionamentos comparativos entre os mangás atuais e os antigos, como também reflexões sobre a cultura da sociedade japonesa quanto à sexualidade.

Ao refletirmos sobre a importância do cronotopo para a constituição da identidade do sujeito idoso, os fatores tempo-espço possibilitam acionar o juízo de valor partilhado socialmente. Este fato permite que os sujeitos reconheçam,

interpretem, modifiquem, rejeitem, ou não os padrões ideológicos aceitos e, até mesmo, adaptem-se a formas de pensar e de agir não usuais. Bakhtin/Volochínov (2014a) explicitam que as crenças do eu são formadas pelas posições que o sujeito ocupa, ao longo das suas experiências cotidianas com a língua(gem). Portanto, a verdade socialmente construída é correlata com as verdades singulares que cada sujeito acredita em um momento situado por um tempo-espço. É possível que diante de determinadas circunstâncias, o sujeito acredite em uma verdade. O contato com outras verdades expressa pelos “outros” pode a nosso ver modificar a verdade singular do eu, seja a fim de reafirmá-la totalmente ou parcialmente, ou mesmo refutá-la. Os sujeitos idosos possuem conhecimentos de mundo, vivências internalizadas que marcam as suas origens, a maneira como relacionam com os outros e como internalizam novas ideias e atitudes. As escolhas desses sujeitos são balizadas por momentos históricos, sociais, políticos e ideológicos expressos em nível micro (em casa, na escola, no trabalho), ou em nível macro (cidade, país, mundo), os quais marcam o sujeito em um tempo-espço. Para a teoria marxista da linguagem as escolhas dos sujeitos não são subjetivas e/ou transcendentais, pois elas o situam o socialmente.

Nessa perspectiva, interpretar o sujeito idoso como um sujeito cronotópico implica pontuarmos que a orientação da identidade do eu subjaz a fatores de ordem social, histórica e cultural, demonstradas, em nosso corpus, no momento em que os alunos emitiram opiniões, utilizando estratégias linguístico-discursivas para interagir uns com os outros. Ao buscarem legitimar suas visões de mundo, os idosos entrelaçaram tanto a experiência individual quanto coletiva em comportamentos éticos e morais balizados por ideologias que emergem do seu horizonte social verificado pelos juízos de valor e pela entoação de suas falas. Como feito por Cristina, indagações, alusões e hipóteses são criadas, demonstrando as expectativas dos idosos em torno do objeto de leitura: as histórias dos mangás.

Percebemos no diálogo suscitado pela questão geradora que os idosos, de modo geral, se mostraram dispostos a discutir os temas da pesquisa, já que compartilharam suas visões de mundo sobre os pontos levantados a partir da escolha dos mangás. Acreditamos que essa disposição quanto a tratativa dos temas acima mencionados, aliada a uma capacidade expressiva considerável marcam a transgrediência do que se espera do sujeito idoso, tendo em vista os aspectos negativos relacionados a essa faixa

etária por uma sociedade que cultua a juventude e o novo. Os idosos demonstram articulação linguístico-discursiva e clareza de pensamento ao responderem a pergunta, inclusive trazendo outros elementos para as discussões.

A seguir, iniciamos a análise da questão geradora três, a qual possui a finalidade de explicitar as visões de mundo dos sujeitos idosos em relação as temáticas da pesquisa antes da leitura dos mangás escolhidos.

Em relação às temáticas (morte, envelhecimento, sexualidade etc) qual a sua opinião sobre esse assunto antes de ler a revista de mangá?

A análise da pergunta acima foi descrita em três blocos organizados a partir das temáticas – envelhecimento, sexualidade e morte. As considerações sobre esses posicionamentos iniciais serão a base para estabelecermos as comparações com outros momentos de debate sobre os mesmos assuntos, ou seja, durante e após o curso de leitura. Começamos a nossa análise pelas questões provenientes das discussões sobre envelhecimento

Quadro 10 - Concepções de envelhecimento antes da leitura dos mangás.

Envelhecimento

Alessandra: Não sei... Quando você perguntou sobre envelhecimento me veio a questão da demência. Nós fomos em uma palestra, aqui atrás da biblioteca. Minha filha trabalha com recolhimento de pessoas de rua. Achei interessante pra entender, pra lidar com a gente mesmo, com pessoas que nós gostamos ... Pra ajudar. O esquecimento faz parte da nossa rotina. Não lembrar mais das coisas, nomes, compromissos... Limitações de rapidez, de locomoção... A vida passa a ser vivida de forma diferente, pois não somos mais os mesmos.

Cristina: Não tenho essa visão de envelhecimento. Acredito que com o passar dos anos vamos ter mais tempo para aproveitar a vida. Passear, viajar. E quando éramos mais jovens não tínhamos esse tempo.

Alessandra: Mas, Cristina, você não concorda comigo que como passar dos anos, o nosso corpo não é o mesmo. A nossa mente não é a mesma. Temos algumas limitações. O tempo passa devagar, pois não fazemos as mesmas coisas que fazíamos antigamente, pois estamos cansados. Tem os problemas de saúde.

Cristina: Entendo, você. Mas, me sinto com muito vigor para viver a vida. Problemas de saúde sempre vão existir, independente, da idade.

Maria: Não é fácil, né? Não tem o mesmo ânimo pra fazer o serviço, né? Tudo muito lento, né? Os outros não olham pra você do mesmo jeito, né? Da mesma maneira, né? Vamos indo, né? Filhos tem cada um a sua vida, né? Cuidamos dos netos, né?

João: Continúa trabalhando, né?

Marcos: Medo, solidão e angústia. Defino a velhice assim...

Fonte: a pesquisadora.

Posicionamentos sobre o envelhecimento antes da leitura dos mangás

No nosso processo analítico para cada temática escolhemos discorrer sobre as respostas de cada idoso para que possamos verificar a possibilidade de mudança de posicionamentos a respeito dos temas.

Alessandra responde as indagações sobre envelhecimento por meio da interligação com a demência: *“Não sei... Quando você perguntou sobre envelhecimento me veio a questão da demência”*. Para embasar a sua visão sobre envelhecimento, Alessandra recorre a uma palestra que participou e ao trabalho da filha: *“[...] Nós fomos em uma palestra, aqui atrás da biblioteca. Minha filha trabalha com recolhimento de pessoas de rua”*. A idosa recorre aos outros (palestra e ao trabalho da filha) para apresentar um conceito fora do ordinário sobre o que é o envelhecimento. Ao abordar essa temática sobre a perspectiva da demência, a idosa coloca em evidência sua preocupação com esse assunto e o interrelaciona com o esquecimento, as limitações de locomoção, as situações que vivencia em seu dia a dia: *“[...] O esquecimento faz parte da nossa rotina. Não lembrar mais das coisas, nomes, compromissos... Limitações de rapidez, de locomoção”*. A valoração do envelhecimento correspondendo a demência, feita pela idosa, extrapola o campo do individual, atribuindo seu juízo a respeito da velhice à todos os sujeitos ao utilizar o pronome “nós” (nossa rotina). É importante resaltar que Alessandra é esposa de Marcos que, como já mencionamos, foi diagnosticado com Alzheimer. Assim, o processo de envelhecimento é visto não somente sobre o que acontece consigo mesmo, mas com as pessoas próximas: *“[...]Achei interessante pra entender, pra lidar com a gente mesmo, com pessoas que nós gostamos”*. Alessandra volta o olhar sobre a velhice, tendo por parâmetro as vivências pessoais sobre esse fato.

Relacionamos a fala de Alessandra com as questões da formação do sujeito dialógico em Bakhtin (2017), já que este pensador concebe este conceito a partir da ação prática dos sujeitos no mundo. Todas as experiências de Alessandra, fizeram com que ela, ao ser perguntada sobre sua visão de envelhecimento relacionasse com

situações corriqueiras do seu dia a dia, evidenciando aspectos negativos (esquecimentos, limitações) em relação a sua condição de sujeito idoso. Ao considerar a consciência dialógica uma ação no mundo, os estudos do Círculo de Bakhtin direcionam a pensarmos em um sujeito em constantes adaptações diante das novas necessidades sociais. Bakhtin (2017) explicita que a experiência vivida constitui-se parte fundamental para a compreensão da identidade dos indivíduos. Dessa maneira, o SER evento único e irrepetível é compreensível por meio da diferença entre todas as versões do sujeito do passado atrelada ao sujeito do presente e ao sujeito do futuro. Alessandra expressa o envelhecimento pela passagem do tempo seja com expressões que indicam as transformações tempo-espaciais (*“a vida passa a ser vivida de forma diferente; [...] não somos mais os mesmos; [...] com o passar dos anos nosso corpo não é o mesmo; [...] o tempo passa de vagar”*), seja pela própria descrição da velhice marcando um antes e um depois percebidos nas palavras (*“esquecimento, limitações, estar cansado, problemas de saúde”*). O sujeito bakhtiniano configura-se como uma junção das percepções a respeito da velhice que encontram-se dispersas no meio social, bem como pela internalização dessas concepções externas e si e sua (re)modelagem interna, mostrando como cada pessoa vivencia o processo de envelhecimento. Alessandra utiliza o cronotopo como aspecto valorativo para marcar o peso da passagem do tempo-espço em relação a como descreve e percebe o envelhecer, formando uma consciência participativa de um sujeito que age no mundo.

Maria incide na mesma perspectiva negativa em relação ao envelhecimento abordada por Alessandra, marcando a tríade valor-tempo-espço: *“ Não é fácil, né? Não tem o mesmo ânimo pra fazer o serviço, né? Tudo muito lento, né?”*. Outra questão, apontada explicitamente por Maria refere-se ao olhar do outro em relação a velhice: *“[...] Os outros não olham pra você do mesmo jeito, né? Da mesma maneira, né? Vamos indo, né? Filhos tem cada um a sua vida, né? Cuidamos dos netos, né?”*. O olhar do outro, na descrição da idosa, em relação ao envelhecimento, é tido sob a perspectiva de quem é observado e julgado, ficando explícito no tom da sua fala. O sujeito bakhtiniano realiza-se no mundo concreto, no mundo construído na e pela língua(gem), e portanto o seu horizonte social/espacial possível encontra-se no espaço-tempo permeados pelos valores, julgamentos e percepções de um outro que lhe atribui uma identidade social. O que é ser velho para a sociedade está refletido nas falas da Maria e da Alessandra. A memória social funde-se a memória singular do eu, que

concebe a sua existência pelo viés da carga emotivo-volitiva estabelecida pelo olhar extraposto do outro. A vida para Maria, e conseqüentemente, a sua concepção sobre a velhice está intrínseca os outros (filhos, netos) que lhe organizam o sentido da sua existência, quanto lhe direcionam o olhar que lhe faz (re)afirmar que já não é mais a mesma, e que seu valor enquanto sujeito foi alterado pelo passar do tempo-espço.

Marcos define a velhice por meio da sequência de palavras: “*Medo, solidão e angústia. Defino a velhice assim...*”. A visão apresentada encontra-se em conformidade com as questões negativas verificadas pela passagem do tempo-espço. O idoso imprime a tonalidade de sofrimento expressa na carga emotivo-volitiva das palavras que escolhe para caracterizar o envelhecimento (medo, solidão, angústia). O sujeito relacional bakhtiniano parte das aprendizagens advindas da vivência que adquire pela mediação da língua(gem) e as traduz por meio das escolhas lexicais que estabelece ao revitalizar as emoções que a condição da velhice lhe proporcionou. A velhice também é encarada como uma passagem de solidão, e possivelmente de não compreensão pelos outros sociais, uma vez que externaliza as angústias de Marcos em relação às modificações ocorridas ao longo do tempo-espço.

Em contraponto a essas três visões a respeito do envelhecimento temos as concepções do João e da Cristina. João responde transgredindo o valor de limitações impostos por Alessandra, Maria e Marcos quando conceitua o envelhecer: “*Continuá trabalhando, né?*”. Ao relacionar o envelhecimento com trabalho, o idoso valoriza a continuidade do sujeito pelo valor que contribui para a sociedade. Normalmente, o esperado na velhice seria a aposentadoria, usufruir do descanso merecido pelo trabalho prestado. João quebra com essa expectativa ao afirmar que envelhecer é continuar trabalhando. O negar a improdutividade feito por João pode indicar que esse sujeito quer retardar a passagem do tempo-espço por meio de manter-se ativo no mercado de trabalho, e conseqüentemente, negar o envelhecimento como um processo natural.

Cristina, também subverte as expectativas, no que se refere a visão sobre envelhecimento, uma vez que discorda das visões pessimistas apresentadas por Alessandra, Maria e Marcos, tendo como base um valor de passagem de tempo-espço atrelado aos benefícios da terceira idade: “*Não tenho essa visão de envelhecimento. Acredito que com o passar dos anos vamos ter mais tempo para aproveitar a vida. Passear, viajar. E quando éramos mais jovens não tínhamos esse tempo*”. A passagem do tempo-espço é visto como fator que proporciona desfrute da vida, e não como

marcador de limitações. Cristina rebate as afirmações de Alessandra com respeito aos problemas de saúde, ressaltando que esses tipos de problemas sempre vão existir, subentendendo que é algo que não possa ser atrelado unicamente a uma faixa etária: “[...]Mas, me sinto com muito vigor para viver a vida. Problemas de saúde sempre vão existir, independente, da idade”.

Percebemos que as ponderações sobre o conceito de envelhecimento para os participantes da pesquisa apresentam distintas cargas emotivo-volitivas. Tal fato possibilita a divisão em dois momentos sobre o envelhecimento. A primeira abordagem carrega a apreciação mais pejorativa a respeito dessa fase da vida. Nessa visão são levantadas questões inerentes a passagem tempo-espço marcadas por um fundo ideológico que preza por acentuar as limitações conscientes do processo de envelhecer. Nessa conjectura, os idosos descreveram o envelhecimento a partir da sua experiência e das percepções advindas do olhar do outro, externo a si, que julga, avalia e delimita o que é ser idoso por meio dos estereótipos sociais. Essa visão é apresentada pelos sujeitos Alessandra, Maria e Marcos.

O segundo momento apresentado pelos idosos em relação ao envelhecimento pauta-se na negativa dos indicativos da passagem do tempo-espço, no que se refere a modificações físicas, psicológicas e até mesmo, relacionadas com a questão da produtividade. A necessidade de identidade modela-se para primar a continuidade, o vigor do trabalho, a juventude, tendo como escopo a relação transgrediente da velhice, como vemos nas falas da Cristina e do João.

O quadro abaixo sintetiza as visões de mundo apresentadas pelos sujeitos da pesquisa em relação ao conceito de envelhecimento antes de lerem os mangás.

Quadro 11 – Síntese das concepções de envelhecimento antes da leitura dos mangás

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre envelhecimento
Maria	Ressalta a visão de mundo negativa da passagem do tempo-espço, pontuando o olhar do outro de maneira a evidenciar as mudanças ocorridas nesta etapa de vida;
João	- Apresenta transgrediência em relação ao que se espera da velhice ao relacioná-la com continuar trabalhando; - Apresenta o valor de idoso ativo comercialmente; - Não menciona aspectos da passagem de tempo-espço de maneira pejorativa em relação ao processo de envelhecer.
Cristina	Quebra com a expectativa negativa da passagem do tempo-espço em relação ao envelhecimento, na medida

	em que considera que o presente é o melhor momento para usufruir dos frutos do passado.
• Marcos	• Atrela o envelhecimento a um processo de sofrimento, uma vez que escolhe as palavras (medo, solidão e angústia) para representar como se sente em relação a ser velho.
• Alessandra	• Apresenta suas visões de mundo a respeito do envelhecimento acentuando a suas experiências (ser-evento), bem como marca o tempo-espaço com limitações e incertezas. • Atrela envelhecimento a questão da demência, na medida em que olha para o seu momento presente como um lugar que reflete as suas vivências pessoais.

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima nos permite perceber como cada sujeito expõe a sua visão a respeito do envelhecimento, tendo por base a sua vivência em relação a essa etapa de vida. Percebemos visões que compactuam com concepções limitantes e negativas a respeito do processo de envelhecer, nos sujeitos Alessandra, Maria e Marcos. Contudo, Cristina e João, nos fazem perceber um cenário, no qual o idoso é ativo, afastando-se das concepções ideológicas de envelhecimento atreladas aos conceitos de incapacidade e de improdutividade. Salientamos como cada idoso conceitua esse processo é parte inerente da sua visão de mundo a respeito do objeto discutido o envelhecimento. Acolhemos todas as visões de mundo apresentadas pelos idosos de maneira a propiciar-lhes um ambiente, no qual se sentissem à vontade para expressar seus juízos de valor sobre essa temática. Na sequência apresentamos, no quadro abaixo, as visões de mundo dos idosos a respeito da sexualidade.

Quadro 12 – Visões sobre a sexualidade antes da leitura dos mangás.

<u>Sexualidade</u> Cristina: Não sei pra mim está muito ligada a questões éticas e morais. Como os corpos são vistos e controlados. Alessandra Em qual sentido a sexualidade, Célia você quer que falamos? Professora: Como você entende a sexualidade? Alessandra: Bem... Penso de duas formas. Uma sexo. O sexo não é o mesmo na terceira idade ((risos)). O desejo se transforma. Temos outras prioridades. Fui na ginecologista, e ela me perguntou sobre a minha vida sexual. Eu respondi: faz tempo que eu não sei o que é isso... ((risos))... Outro, o sexo nas questões de sociedade. Homossexualidade. Sobre isso cada pessoa, a meu ver, tem o direito de escolher sua preferência sexual. Pelo menos, eu penso, assim. Professora: O que vocês acham?
--

Maria: A pessoa é a pessoa, né? Escolhe o quer, né?

Professora: E a sua sexualidade?

Maria: Normal, né? Sou casada, né?

Professora: Quer falar mais alguma coisa?

Maria: Não, né?

Professora: João? Marcos?

João: Também casado, né?

Professora: E sobre a questão da homossexualidade, levantada pela Alessandra?

João: Estranho, né? Dois homens se beijando, né? Não gosto, né?

Cristina: Tem muito preconceito em relação a homossexualidade. Lembrando que se refere a homem-homem, mulher-mulher. Acho, particularmente, que cada pessoa deve ter o direito de decidir com quem se relaciona.

Alessandra: Célia, quero fazer uma observação. Posso?

Professora: Claro.

Alessandra: No meu ver, temos que ter cuidado pra não ficar na frase do politicamente correto e esquecer que têm pessoas que pensam diferente e que podem pensar diferente disso.

Professora: Algo mais? Não? Mas, temos ainda que escutar a opinião do Marcos?

Marcos: Sexo é bom e cada um tem o seu.

Professora: Alguém quer comentar mais alguma coisa?

Todos: Não.

Fonte: a pesquisadora.

Análise conceito sexualidade antes da leitura dos mangás

No que tange ao conceito de sexualidade os idosos trouxeram questões interessantes, na medida em que expandiram as discussões para além da visão micro relacionada ao sexo. Convém ressaltar que ponderaram sobre a visão macro da sexualidade, no que tange para além dos aspectos singulares do eu, já que foram levantadas questões referentes à homossexualidade. Salientamos que novamente as respostas dos idosos ultrapassam as expectativas da questão geradora. Outro aspecto que gostaríamos de mencionar é que cada idoso teve a liberdade para expressar o seu juízo de valor a respeito da sexualidade.

Começamos a análise discutindo o conceito de sexualidade exposto por Cristina, o qual transgride a expectativa de sexo para a terceira idade, uma vez que relaciona esse conceito com a visão foucaultiana de controle de corpos: “*Não sei pra mim está muito ligada a questões éticas e morais. Como os corpos são vistos e controlados*”. A idosa envolve em sua apreciação sobre sexualidade conceitos éticos e morais que se embasam, implicitamente, em Foucault. Cristina marca o seu ponto de vista pela voz foucaultiana que ressoa em sua fala para conferir-lhe alteridade. Ao apoderar-se desse expoente filosófico, a idosa converge a ideia de sexualidade a controle e a prerrogativas éticas e morais aceitas em relação a como o sexo é visto pela sociedade ocidental e quais são os fatores que são permitidos ou não, tendo como escopo ideologias de repressão a sexualidade. Todos esses fatos encontram-se subentendidos em sua fala. O sexo ainda é um tema delicado para ser discutido publicamente, mesmo em pleno século XXI seja pelas questões religiosas e éticas alicerçadas a sua visão. O sujeito bakhtiniano confronta na formação da sua identidade questões éticas para constituir-se em um SER responsável. Para o Círculo, o sujeito responsável é um sujeito responsivo que adere total, parcial, ou ainda, não adere às normas ideológicas vigentes. A voz social do sujeito bakhtiniano é composta por elementos que pode reiterar quando lhe convém a voz do outro para legitimar a sua fala. A alteridade, portanto garante ao sujeito ser escutado pelo empoderamento que tal fato lhe possibilita. Cristina utiliza a voz de Foucault para auxiliá-la a emitir o seu juízo de valor sobre a sexualidade, colocando a discussão desse conceito em um nível social e não singular.

Maria e João discorrem sobre a sexualidade sobre o viés do *casamento*: “*Maria: Normal, né? Sou casada, né? ; “ João: Também casado, né?*”. Ao abordarem a concepção de sexualidade sob esse enfoque, esses sujeitos mostram a sexualidade balizada pelas instituições família e religião. Tanto que fora desse horizonte espacial, o casamento, o sexo é subentendido como não permitido. A voz que ressoa nas falas de Maria e João são das esferas religiosa e familiar. As pressões oriundas das instituições exotópicas ao sujeito bakhtiniano (família, religião, escola, governo etc) servem de alicerce para o fomento da regulação social exercida pelas ideologias disseminadas, nesses ambientes, que se entrelaçam a consciência sociológica do eu. A intersubjetividade é um fator organizador da identidade dos sujeitos para o Círculo, visto que há a fusão não perfeita, não igual das ideias exteriores ao eu, com a sua

própria concepção de sexualidade. Na perspectiva intersubjetiva nos deparamos com o sujeito dialógico, permeado, nos casos de Maria e João pela instituição do casamento e pelas leis que imperam como reguladoras da conduta sexual impostas pela vertente religiosa.

Alessandra levanta as questões sobre sexualidade a partir de suas vivências, ressaltando que sexo para a terceira idade é diferente, pois, segundo ela, esse grupo possui outras preocupações: *“Bem... Penso de duas formas. Uma o sexo. O sexo não é o mesmo na terceira idade ((risos)). O desejo se transforma. Temos outras prioridades. Fui na ginecologista, e ela me perguntou sobre a minha vida sexual. Eu respondi: faz tempo que eu não sei o que é isso... ((risos))... ”*. O sexo marca um antes e um depois na vida desse sujeito idoso. Tanto que as expressões (*“faz tempo que não sei o que é isso; o sexo não é o mesmo na terceira idade”*), exploram o cronotopo tanto em seu viés narrativo quanto emotivo-volitivo, visto que o tempo-espaco estabelece relações presumidas entre o sexo antes da terceira idade e na terceira idade por meio de um valor que abarca sexo e envelhecimento, definido ironicamente por Alessandra: *“[...] faz tempo que não sei o que é isso”*.

Alessandra também discorre sobre a questão de sexo na sociedade mencionando a homossexualidade, sendo solicita a visão de que cada pessoa tem o direito de escolher a sua opção sexual: *“[...] Outro, o sexo nas questões de sociedade. Homossexualidade. Sobre isso cada pessoa, a meu ver, tem o direito de escolher sua preferência sexual. Pelo menos, eu penso, assim ”*. A partir da abordagem da idosa sobre a homossexualidade os sujeitos Maria, Cristina e Marcos validam as concepções da Alessandra: *“Maria: A pessoa é a pessoa, né? Escolhe o quer, né?”*; *“Cristina: Tem muito preconceito em relação a homossexualidade. Lembrando que se refere a homem-homem, mulher-mulher. Acho, particularmente, que cada pessoa deve ter o direito de decidir com quem se relaciona”*; *“Marcos: [...] cada um tem o seu”*. Por sua vez, João manifesta uma visão de estranhamento ao fato apresentado: *“Estranho, né? Dois homi beijando, né? Não gosto, né?”*.

Percebemos que os posicionamentos de Maria, Alessandra, Cristina e Marcos partem do ponto de vista da abrangência da relação da sexualidade para além da visão ideológica de casais heterossexuais. João demonstra um posicionamento mais conservador em relação a sexualidade, reforçando a questão mencionada por ele de sexo atrelado ao casamento e as questões religiosas.

Marcos possui uma concepção de sexualidade atrelada a um fator de prazer: “*Sexo é bom e cada um tem o seu*”. Percebemos na fala do idoso que o controle sobre as concepções sexuais é estabelecido pelo próprio sujeito que define as suas escolhas por meio de padrões mais flexíveis relacionados a esse tema.

Salientamos que a temática sexualidade ainda é um aspecto que causa um relativo desconforto em alguns sujeitos, na medida em que os ideias preconcebidos de valor proibido ou delimitado pelo viés do casamento-religião encontram-se presentes, nas falas da Maria e do João. Entretanto, como pudemos observar Maria é mais flexível quanto a considerar outras formas de sexualidade além da convencional, já que é solícita em relação à homossexualidade, assim como Marcos, Alessandra e Cristina. Quanto a sexualidade na terceira idade, a Alessandra é a única idosa que discorre abertamente sobre esse fato.

O quadro abaixo sintetiza as visões dos idosos sobre a sexualidade antes das leitura dos mangás.

Quadro 13 – Síntese das concepções sobre a sexualidade antes da leitura dos mangás.

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre sexualidade
Maria	- Atrela a concepção de sexualidade ao casamento, explorando esse conceito sob o viés da legitimação da religiosidade (fator subentendido à concepção do sexo permitido e legitimado por essa instituição); - Apresenta visão flexível, assim como Alessandra, Cristina e Marcos, no que tange a sexualidade sob a perspectiva homossexual.
João	- Atesta a visão de sexualidade atrelada ao casamento e a legitimação religiosa como Maria; - Quanto a questão referente a homossexualidade apresenta conceito conservador ao realizar a tratativa sobre essa questão.
Cristina	- Utiliza a voz da filosofia de Foucault para caracterizar a sexualidade como um mecanismo de controle dos corpos; - É solícita em relação a liberdade de escolha sexual;
Marcos	Incorpora a visão de liberdade sexual.

Alessandra	- Utiliza marcadores cronotópicos para expressar um antes e um depois em relação às questões sexuais na terceira idade; - Transpõe a questão geradora, já que estabelece a discussão a respeito da homossexualidade. - É favorável a liberdade sexual.
--	--

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima, nos possibilita visualizar de forma ampla as perspectivas apresentadas pelos participantes da pesquisa em relação a sexualidade. Percebemos que os idosos superaram as expectativas em relação à discussão sobre essa temática, à medida em que se dispuseram a falar sobre subassuntos relacionados a esse tema, como o caso da homossexualidade. Notamos, certa timidez em alguns idosos, mas nada que prejudicasse o andamento das discussões. Novamente, há a apresentação de distintas visões de mundo abordadas pelos idosos sobre esse tema: 1) sexualidade como controle; 2) sexualidade na terceira idade; 3) sexualidade enquanto delimitação de um status social, legitimada pelo casamento e pelo viés realigioso; 4) sexualidade como mecanismo de escolha individual.

A seguir disponibilizamos as discussões sobre a temática morte realizada pelos idosos antes da leitura dos mangás.

Quadro 14 – Concepções sobre a morte antes da leitura dos mangás.

<u>Morte</u> Cristina: Não estamos acostumados a lidar com a morte, já que somos ensinados a valorizar a vida. Alessandra: Não sei se é essa a questão. Se formos analisar a morte, pra nós da terceira idade, está mais próxima que nunca. É algo que temos que lidar. Não somos mais jovens, e o passar do tempo cobra na saúde e na maneira como nos vemos e somos vistos. A morte tem haver com a religiosidade. Cada religião vê o fim da vida de uma maneira diferente e isso faz com que as pessoas, também veja, a morte de distintas maneiras. Não sei dizer se é o fim de tudo, ou não. Mas, sei que é algo natural e que precisamos estar preparados. Maria: Não gosto de falar sobre esse assunto,né? Prefiro viver o presente, né? Marcos: Escuridão e vazio. João: Todo mundo morre,né? Não pensá nisso, né? Vive hoje, né?
--

Fonte: a pesquisadora.

Análise do conceito de morte antes da leitura dos mangás

Em relação a temática morte os idosos trouxeram interessantes perspectivas sobre esse assunto que ultrapassaram as expectativas da questão geradora.

Cristina inicia as discussões sobre a temática morte, afirmando não estar preparada para lidar com esse assunto: *“Não estamos acostumados a lidar com a morte, já que somos ensinados a valorizar a vida”*. Cristina ao colocar em pauta as questões sociais sobre a morte e a vida reflete a maneira como a realidade é criada e organizada, tendo por base sistemas normativos de condutas e de pensamentos permitidos e aceitos pelas ideologias dominantes. Se pensarmos na questão da singularidade do sujeito explicitada pelo Círculo, no que tange ao pensamento participativo, compreendemos que cada sujeito parte da interação com aspectos ideológicos genéricos dispersos em seu meio social que servem de base para a formação da consciência dialógica. Portanto, ao realizar comentários sobre a organização social da morte, Cristina utiliza a sua categoria de vivência mediada por generalizações e singularidades em estado de necessitância umas das outras, ao afirmar a premissa de que todos não se encontram preparados para lidar com a morte.

Alessandra estabelece uma relação com a morte como final da etapa de vida, e por conseguinte acredita que esse final está muito mais próximo da terceira idade: *“Não sei se é essa a questão. Se formos analisar a morte pra nós da terceira idade está mais próxima que nunca. É algo que temos que lidar. Não somos mais jovens, e o passar do tempo cobra na saúde e na maneira como nos vemos e somos vistos. A morte tem haver com a religiosidade. Cada religião vê o fim da vida de uma maneira diferente e isso faz com que as pessoas, também veja, a morte de distintas maneiras. Não sei dizer se é o fim de tudo, ou não. Mas, sei que é algo natural e que precisamos estar preparados”*. Alessandra responde as questões levantadas por Cristina de que não estamos preparados. Entretanto, Alessandra afirma que a própria condição de idoso marca um pensar na morte como uma realidade inevitável. O cronotopo é visto por Alessandra como algo que contribui para que cada vez mais a morte esteja perto de atingir o seu propósito, o fim. A idosa ainda concebe a morte como um fator que se encontra vinculado a aspectos religiosos. Fato que nos permite apreciar que cada pessoa poderá apresentar uma visão distinta a respeito de como conceitua morte. Ao final da sua fala ratifica que a morte é um aspecto natural da existência.

Bakhtin/Volochínov (2014a) ressalta que os sujeitos são compostos pela relação que estipulam entre vivência-sentido, na medida em que a interpretação dos fatos do mundo são realizados por meio dos juízos de valor que cada pessoa estabelece sobre um determinado assunto. A memória apresentada na interface entre os componentes do mundo e as visões particulares dos idosos estabelece a inter-relação entre o social e o individual. A junção destes dois componentes possibilita que cada idoso possa elaborar a sua concepção sobre a morte. Alessandra marca a religiosidade como um aporte externo aos indivíduos que os modificam, tendo como escopo as interpretações singulares que realizam sobre esse assunto, quando conceitua a morte.

Maria e João, de certa maneira, possuem uma visão parecida em relação ao conceito da morte: “*Maria: Não gosto de falar sobre esse assunto, né? Prefiro viver o presente, né?*”; “*João: Todo mundo morre, né? Não pensá nisso, né? Vive hoje, né?*”. Ambos não querem falar abertamente sobre esse assunto e preferem não pensá-lo. Essa evasão em relação a morte pode significar que Maria e João não se sentem à vontade para falar sobre esse assunto, já que a morte lhes causa desconforto, por isso preferem viver o presente e apartar da sua mente essa realidade que um dia vai acontecer. O posicionamento que adotam é negar a possibilidade de pensar e vivenciar a morte.

Marcos trata a morte em seu aspecto sombrio, ao empregar os adjetivos: “*Escureidão e vazio*”. A morte, nessa perspectiva é apreciada como o fim de toda a existência e por isso traz um tom pessimista e melancólico. No quadro abaixo, condensamos as impressões dos idosos a respeito da temática morte.

Quadro 15– Síntese das concepções sobre a morte antes da leitura dos mangás.

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre morte
• Maria	• Prefere não falar sobre esse assunto e considera melhor viver o presente.
• João	• Compartilha do juízo de valor apresentado por Maria.
• Cristina	• Acredita que as pessoas não estão preparadas para a morte e por isso é mais fácil, simplesmente, falar sobre a vida; • Não generaliza a morte como um aspecto atrelado à terceira idade.
• Marcos	• Descreve a morte com uma tonalidade sombria e pessimista.
• Alessandra	• Acredita que a velhice aproxima a morte e, dessa maneira, os idosos precisam estar preparados para essa etapa natural da vida;

	• Manifesta que a caracterização do conceito morte é perpassado por questões religiosas.
--	--

Fonte: a pesquisadora.

Na temática da morte o comportamento linguístico-discursivo dos sujeitos indica três caminhos motivacionais e interpretativos a serem percorridos. Acreditamos que os idosos, em um primeiro momento, situam a morte como fuga em relação a sua condição de sujeito idoso. Dizemos isso, uma vez que há idosos, como o caso dos sujeitos Maria e João, que não querem dialogar sobre esse assunto, uma vez que preferem enfatizar o viver presente. Situamos no mesmo patamar a justificativa de falta de preparo social para lidar com o assunto, como vimos na fala de Cristina.

A morte, também é vista como um fator de sofrimento, já que os idosos utilizam adjetivos com conotações negativas para expressarem os sentimentos provocados por esse assunto. Fato este expresso na fala de Marcos.

E, por último a morte é concebida como fator natural balizado pela instituição social religiosa. Notamos que essa associação morte-religiosidade aparece de maneira eclética, já que o sujeito idoso Alessandra indicada que cada pessoa tem a sua religião e por consequência vai possuir uma visão sobre a morte. Alessandra também associa a concepção de morte à velhice de uma maneira bem realista, já que a composição morte-envelhecimento para a idosa é inevitável e natural.

Notamos, de uma maneira geral, que a discussão sobre a temática morte mexe com os idosos no sentido de deixá-los mais sensíveis e saudositas em relação a sua própria condição de existência.

Prosseguimos com a análise, tendo por foco verificar como os idosos percebem e categorizam o conceito de ideologia antes da leitura dos mangás. Abaixo, segue a última questão geradora dessa primeira parte de perguntas.

Como você conceituaria a palavra ideologia?

Esta questão geradora possui a finalidade de delimitar as visões que os sujeitos idosos trazem a respeito do conceito ideologia. A análise das falas dos idosos serviram de fator comparativo para que pudéssemos verificar como cada sujeito interpreta e externaliza as ideologias apresentadas nos mangás lidos. Ressaltamos também que durante o curso de leitura precisamos abordar o conceito de ideologia, visto que trabalhamos com essa concepção para a apresentação dos assuntos inerentes a construção do sentido das narrativas dos mangás, bem como apresentação das personagens.

Quadro 16– Concepções sobre o conceito de ideologia.

Cristina: Valor padronizado que se refere ao ético e moral aceitos pelos os que estão no poder.
Alessandra: Digamos assim: é você ter um plano de vida, uma maneira de agir e de pensar pra que sua vida faça sentido. Pelo menos é o que eu acho. Ter um ideal de vida bem estruturado. Não é uma coisa provisória. Todo um projeto de vida que faz da sua vida ter sentido.
Maria: Acho que é isso o que a Alessandra falou, né?
João: Modo de vivê, né?
Marcos: Uma força invisível.

Fonte: a pesquisadora.

Cristina incide o seu ponto de vista sobre a ideologia baseada em demandas advindas das esferas éticas e morais situadas em uma atmosfera de poder e dominação dos que detém o controle social. A ideologia é vista como uma força institucional que domina a liberdade individual: “*Valor padronizado que se refere ao ético e moral aceitos pelos os que estão no poder*”. A ideologia para a idosa não é considerada um fator de ordem singular, mas social que se encontra vinculada a questões de poder.

De certa maneira, Marcos compactua com a essência sobre ideologia exposta por Cristina, uma vez que a caracteriza como sendo: “*Uma força invisível*”. Ambos, os sujeitos atestam para uma concepção de ideologia como um espaço público que detém o controle coercitivo dos indivíduos. Essa visão transcendental da ideologia aproxima-se da concepção Kantiana de imperativo categórico que por sua vez considera a vontade e a formação da consciência dos indivíduos como um fator subjugado as verdades sociais ideológicas aceitas. Dessa maneira, o sujeito é transcendental, uma vez que o seu dever ético está embasado nas leis universais de conduta impostas. Fato este que destoa da concepção bakhtiniana de sujeito interativo,

social que utiliza as visões ideológicas aceitas para balizar as suas condutas éticas e morais, e não como fonte delimitante transcendental da sua identidade, já que pode escolher segui-las ou não.

Alessandra apresenta uma visão de ideologia ligada ao projeto de vida expresso na manifestação do agir e do pensar de cada pessoa: *“Digamos assim: é você ter um plano de vida, uma maneira de agir e de pensar pra que sua vida faça sentido. Pelo menos é o que eu acho. Ter um ideal de vida bem estruturado. Não é uma coisa provisória. Todo um projeto de vida que faz da sua vida ter sentido”*. Portanto, a ideologia para esse sujeito possui um caráter subjetivo, que se define pelas escolhas que as pessoas fazem ao longo da vida. Maria e João compactuam com essa prerrogativa: *“Maria: Acho que é isso o que a Alessandra falou, né?”*; *“João: Modo de vivê, né?”*.

As falas de Cristina e Marcos incidem sobre a materialidade concreta da finalidade da ideologia enquanto artefato de controle social, na medida em que a consideram cerceada por elementos do simbolismo da ética e da moral vigentes. Por conseguinte, a ideologia incorpora estereótipos sociais, formas de agir e de pensar, situados em uma consciência coletiva que se manifesta no cotidiano dos indivíduos por meio das especificidades da interação social, que para eles acontece de uma maneira transcendental. Os sujeitos, nessa visão são assujeitados a uma força exercida pelas instituições sociais.

A outra vertente reflexiona sobre a ideologia como o modo operante dos sujeitos, tendo como escopo a interpretação subjetiva dos fatos externos. Este ponto de vista expresso por Alessandra, Maria e João parte, portanto da escolha individual, direcionando como cada sujeito estabelece o seu projeto de vida. Nessa perspectiva a concepção de ideologia é reduzida a casos particulares da consciência do eu e do seu psiquismo.

Essas duas vertentes caracterizam a ideologia de uma maneira contrária a vertente bakhtiniana, uma vez que a ideologia para o Círculo projeta a identidade do eu pela interação entre a consciência individual e a consciência coletiva, permitindo aos indivíduos aderirem totalmente, parcialmente e/ou não aderir às estruturas ideológicas. Não se constitui, desse modo, em um matriz de assujeitamento dos indivíduos, e nem em uma escolha puramente subjetiva, já que é fruto da intersubjetividade entre os aspectos sociais e a consciência individual dos sujeitos. A

ideologia, na perspectiva bakhtiniana é resultante das lutas de poder entre as distintas classes sociais, e conseqüentemente entre os diferentes posicionamento que o sujeito assume mediado por forças externas a si, que interagem com a organização da consciência dialógica do eu. Portanto, para o Círculo a ideologia configura-se como escolhas que podem ou não ser modificadas, à medida em que os sujeitos entram em contato com as novas maneiras de pensar e de agir.

As falas dos idosos nos permitiram perceber como esses sujeitos caracterizam e utilizam as concepções ideológicas aceitas socialmente. A construção da realidade para o Círculo centra-se na assertiva de refletir quanto refratar as ações e os pensamentos aceitos socialmente. A consciência do eu, portanto, é fruto da interação verbal que os sujeitos realizam ao longo da sua trajetória de vida. As distintas estruturas ideológicas absorvidas, ou não pelos sujeitos, seja em uma conversa com amigos, na leitura, nos estudos etc, seja em um ambiente acadêmico orientam as acepções linguístico-discursivas, axiológicas e dialógicas do eu, dentro de um espaço-tempo atual, o qual repercute tanto um passado quanto é palco de transformações de um presente que reverbera em um futuro que, ainda está por vir. Finalizamos, dessa maneira a análise do primeiro bloco de questões.

3.2 Momento II: as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte durante a leitura dos mangás

Na seção II da análise abordamos seis questões direcionadoras realizadas com os alunos, durante o curso de leitura dos mangás, que esmiuçaram a maneira como cada aluno interpreta, percebe e (re)processa os temas abordados – envelhecimento, sexualidade e morte entrelaçados as tramas narrativas das histórias⁴⁸. Para fins de

⁴⁸ Inicialmente abordamos as seis questões com os alunos. Entretanto, ao longo da transcrição das falas dos idosos percebemos que em suas respostas havia repetições de elementos. Esse fato aconteceu na questão dois, referente a apresentação dos subtemas dos mangás lidos que foi apresentada pelos idosos, na questão um, a qual aborda as temáticas das revistas. Também houve repetições das respostas dos idosos quando solicitados a categorizarem as condutas das personagens que se apresentavam de maneira distinta das suas concepções valorativas (questão três). Essa apresentação foi transposta para a questão cinco, na qual os idosos deveriam relatar situações marcantes dos mangás lidos. Diante desse fato suprimimos da análise as questões dois e cinco. Para maior esclarecimento verificar o item 1.4 As entrevistas semiestruturadas. Outro aspecto que precisa ser evidenciado é em relação às revistas de mangás analisadas nas respostas dos alunos nesta seção. Optamos por retirar da análise as revistas de mangá *Tempestade* e *LevelE* devido ao fato da dificuldade dos idosos em apresentarem em suas falas

esclarecimentos apresentamos de maneira sucinta as quatro questões utilizadas na análise. A primeira questão geradora discorre sobre a apresentação dos assuntos abordados pelos mangás escolhidos pelos alunos. Verificamos como os alunos organizaram os conteúdos relacionados com os temas da tese e teceram as suas ponderações. Na segunda questão geradora foi solicitado que os alunos identificassem e caracterizassem os personagens principais dos mangás lidos, em conformidade com as ideologias por eles assumidas e disseminadas. Na terceira questão, os idosos foram convidados a refletirem sobre os comportamentos suscitados pelos personagens dos mangás que destoam das condutas ideais, e/ou mesmo legitimadas pelos sujeitos idosos. A quarta questão e última esclarece o posicionamento dos idosos, no que tange aos temas envelhecimento, sexualidade e morte em relação contrastiva com os seus juízos de valor, ressaltando os aspectos convergentes e divergentes. Salientamos, também que como nesta seção os temas da pesquisa encontram-se diluídos, nas visões de mundo apresentadas pelos idosos durante as discussões oriundas das questões geradoras, tivemos a necessidade de escrever, ao final da última questão, uma sistematização das ideias dos idosos para melhor visualização e interpretação dos dados gerados nesta fase da pesquisa.

As respostas foram divididas em conformidade com a leitura das cinco revistas de mangás escolhidas pelos idosos. Começamos as ponderações sobre a primeira questão geradora, desse bloco, que versa sobre a apresentação do assunto principal da revista de mangá.

Cada história de Mangá possui um assunto principal abordado (fato narrativo que se apresenta ao leitor). Qual é o assunto da sua revista de Mangá? Como ele é apresentado?

Essa questão possui a finalidade de verificar como os alunos realizaram os recortes dos temas abordados nas revistas de mangás lidas, explicitando os relatos dos idosos em relação a como apresentam as narrativas dos mangás. Ressaltamos que todos

os regates dos temas de base: envelhecimento, sexualidade e morte. Salientamos que trabalhamos com esses componentes no curso de leitura.

os idosos leram as revistas de mangás, entretanto havia um aluno responsável pela apresentação inicial do mangá por ele escolhido.

Quadro 17 – Assuntos abordados no mangá *Loveless*.

<u>Loveless</u> Cristina: Estava pensando em como narrar as minhas histórias. Na minha época tinha aquelas novelas de rádio, com sonoplastia....((risos)) Maria: Verdade, né? Eu lembro,né? Cristina: Sim... Eu fiquei imaginando. Têm os desenhos que têm muitas informações. Eu particularmente não gosto. Tem as onomatopeias... Alessandra: A revista da Cristina. Como é o nome em inglês? Professora: <i>Loveless</i>. Cristina: Conta a história de um menino do ensino fundamental Ritsuka que tem seu irmão assassinado em circunstâncias misteriosas. O garoto descobre que seu irmão Semei é homossexual e que tinha um caso com o professor da escola. O Ritsuka tenta descobrir quem é o assassino do seu irmão, mas acaba sendo seduzido pelo namorado do irmão. Alessandra: A Cristina estava contando a história, e eu estava me perguntando: esse tipo de conteúdo choca a gente até hoje. Pedofilia, bissexualidade. Muito diferente! Vou deixar claro, que pra mim cada pessoa tem a liberdade de escolher com quem se relaciona. Agora, a pedofilia é um crime e não um tipo de amor, que me parece que o mangá quer colocar. Não sei se entendi direito?! Professora: Alguém quer comentar? Cristina: Acredito que o mangá de hoje como o de antigamente tem a função pedagógica. Apesar de chocar a maneira como acontece essa história, serve pra como posso dizer... Instigar a reflexão sobre o assunto.... Pedofilia é crime, com certeza. Mas, e homossexualidade e bissexualidade, também são crimes? Temos um assassinato por preconceito! Maria: Pedofilia crime, né? Estranho esse mangá, né? Professora: João e Marcos? João: Tudo putaria, né? Marcos: Estou com dor de cabeça. Não sei opinar... É uma história... que tenta fazer a sociedade refletir sobre a sexualidade, mas as pessoas não quer opinar sobre esse assunto, pois é, ainda hoje, tabu. Alessandra: O Marcos acordou meio indisposto, hoje.

Fonte: a pesquisadora.

A primeira questão geradora da segunda parte da pesquisa possui a finalidade de realizar um levantamento a respeito dos juízos de valor expostos pelos idosos ao lerem *Loveless*. Como os sujeitos idosos realizam os recortes dos assuntos principais trabalhados nas revistas dos mangás, na hora de expor suas considerações sobre os temas envelhecimento, sexualidade e morte. Dividimos a análise das repostas dos

idosos por revista lida. A primeira a ser comentada é *Loveless*. A temática que sobressai nas suas narrativas é a sexualidade em diferentes formatos, homossexualidade, bissexualidade, trabalhadas no curso de leitura. Inclusive, a história de *Loveless* disponibiliza aos alunos entrarem em contato com questões referentes a pedofilia de forma implícita.

Cristina, a responsável pela apresentação do mangá para os demais alunos do curso, realiza um recorte do enredo, iniciando a sua apresentação do protagonista da história Ritsuka, um aluno do ensino fundamental, envolto em uma trama de assassinato e pedofilia: “*Conta a história de um menino do ensino fundamental Ritsuka que tem seu irmão assassinado em circunstâncias misteriosas. O garoto descobre que seu irmão Semei é homossexual e que tinha um caso com o professor da escola. O Ritsuka tenta descobrir quem é o assassino do seu irmão, mas acaba sendo seduzido pelo namorado do irmão*”. Cristina resgata os elementos do enredo de *Loveless*, colocando como horizonte social questões sobre pedofilia e homossexualidade, servindo de gatilho para as discussões do grupo de idosos a respeito destas temáticas. A idosa ainda parte de ponderações entoativas que evidenciam o suposto romance de um aluno do ensino fundamental com um professor. Fato não comprovado em *Loveless*. O sujeito dialógico e percipiente, em Bakhtin/Volochínov (2014a), especifica como o contar (diálogo) ao outro detalha um fato por meio do qual há a seleção de vocabulários em uma organização que relativiza as pressões sofridas entre a consciência individual e a consciência coletiva, na medida em que a história precisa ser narrada respeitando a ordem espaço-temporal dos fatos. Mas ao mesmo tempo permite a pessoa que conta, Cristina enfatizar determinados pontos da história que evidenciam os valores axiológicos que a idosa assume no momento do narrar. Portanto, a maneira como Cristina extrapola o enredo de *Loveless* faz com que entendamos que haja um envolvimento amoroso entre professor e aluno, caso que não se encontra no enredo do mangá. Cristina se refere a Beloved intitulado no mangá como “amigo” de Semei, irmão de Ritsuka, como professor. Entretanto, esta personagem pela história do mangá é caracterizada como amigo e não como professor. A questão da pedofilia não aparece de maneira explícita na história. Contudo, a idosa a interpreta nas condutas advindas de Beloved, amigo do irmão de Ritsuka.

Cristina, ainda discorre sobre a função pedagógica do mangá e por isso vai tratar de questões tidas como tabus sociais (homossexualidade, bissexualidade e

pedofilia): “Acredito que o mangá de hoje como o de antigamente tem a função pedagógica. Apesar de chocar a maneira como acontece essa história, serve pra como posso dizer... Instigar a reflexão sobre o assunto.... Pedofilia é crime, com certeza. Mas, e homossexualidade e bissexualidade, também são crimes? Temos um assassinato por preconceito!”. Ao recuperar o valor da sexualidade como controle dos corpos mencionado, na primeira parte das entrevistas semiestruturadas, Cristina instiga os alunos a refletirem criticamente sobre a ideologia da sexualidade não usual presente no mangá. Realçar assassinato por preconceito, tendo como pano de fundo a sexualidade evoca a pensar a exotopia em conexão com a ideologia imposta sobre a sexualidade em contraponto com a ideologia das minorias que não se encaixam nos padrões socialmente aceitos, e por isso são agredidas, desrespeitadas e discriminadas. O não álibi para o Círculo confere aos sujeitos possuírem o direito de escolha em qual posicionamento tomam por certo, mesmo que este não esteja em conformidade com os valores aceitos socialmente. Portanto, a responsividade assumida diante de um posicionamento ideológico direciona Cristina a polemizar a sexualidade em seu viés preconceito a homofobia, mexendo com o grupo de idosos, uma vez que estes precisam responder a este fato apresentado.

Em resposta ao posicionamento de Cristina, Maria, João e Alessandra manifestam-se, tendo como base a carga emotiva-volitiva de indignação, e reafirmando o desconforto em relação a esse tipo de conteúdo, verificado na primeira parte da análise das questões semiestruturadas, no que se refere a escolha dos mangás lidos. Entretanto, esse desconforto parte de posições distintas. Maria responde a Cristina reafirmando a pedofilia como crime, ao mesmo tempo em que acredita ser estranho os conteúdos ideológicos de *Loveless*, no que se refere a sexualidade atrelada a questões de homossexualidade e bissexualidade: “*Pedofilia crime, né? Estranho esse mangá, né?*”. O estranhamento de Maria está envolto as suas próprias concepções de sexualidade apresentadas, no momento I da análise, antes da leitura dos mangás. Ao considerar a sexualidade como parte do casamento, Maria direciona seu olhar avaliativo para *Loveless*, tendo como escopo os padrões de relacionamento heterossexual embasados em cunho religioso. Tudo o que se referir ao sexo e não estiver neste universo para Maria é considerado como fatos estranhos.

João utiliza a frase: “*Tudo putaria, né?*”. Acreditamos que o idoso, nesse momento possa ter externalizado seu enfado em relação ao enredo de *Loveless*. João

assim como Maria parte da construção da concepção sobre sexo em uma visão do casamento, de uma instituição que legitima a sexualidade por meio da religiosidade. Contudo, mesmo tendo essa base em comum, João e Maria possuem ainda posicionamentos distintos em relação a visão ideológica da sexualidade no mangá. Acreditamos que João realiza reflexões sobre o enredo de *Loveless*, tendo um posicionamento mais conservador e por isso estravaza a sua apreciação emotivo-volitiva. Não entendemos o estranhamento de Maria, no mesmo patamar do apresentado por João, haja vista que em situações anteriores, Maria se posiciona flexível ao pensamento de outras formas de sexualidade além do tradicional heterossexual.

Alessandra parte de uma conjectura de estranhamento em relação a pedofilia e bissexualidade, achando desconfortável um mangá tratar sobre essa temática, uma vez que a sua visão em relação a sociedade japonesa deriva dos preceitos de considerá-la uma sociedade mais rígida que a sociedade brasileira, e portanto, esses temas não seriam pertinentes para serem trabalhados em uma revistas de mangá segundo a idosa: “[...]esse tipo de conteúdo choca a gente até hoje. Pedofilia, bissexualidade. Muito diferente!”. Como o enredo de *Loveless* quebra com essa expectativa em relação ao tratamento da sexualidade, Alessandra faz questionamento sobre o posicionamento do mangá em relação a apresentação da pedofilia, “Agora, a pedofilia é um crime e não um tipo de amor, que me parece que o mangá quer colocar. Não sei se entendi direito?! ”⁴⁹. Alessandra em sua tratativa com a sexualidade, em *Loveless*, deixa claro o seu posicionamento inicial de flexibilidade em relação a homossexualidade, visto no momento I da análise. Durante a leitura dos mangás, a idosa volta afirmar essa conjectura: “[...]Vou deixar claro, que pra mim cada pessoa tem a liberdade de escolher com quem se relaciona”. Observamos que mesmo que Alessandra não se sinta em conformidade com as questões de homossexualidade e bissexualidade, já que o enredo lhe produz estranhamento (“[...]esse tipo de conteúdo choca a gente até hoje”), a idosa situa suas falas em um posicionamento de compreensão e reflexão em relação ao conteúdo ideológico do mangá, no que se refere a homossexualidade e

⁴⁹ Salientamos que em nenhum momento, o enredo de *Loveless* realiza apologia à pedofilia, não considera como um tipo de amor, já que ressalta o crime que é cometido de maneira sucinta e silenciosa por parte de pessoas que estão próximas as crianças e aos adolescentes, servindo para alertar a população em geral a respeito dessa temática.

bissexualidade. Entretanto, pedofilia é crime.

Marcos amplia o horizonte espacial e social em relação a sexualidade, uma vez que a discussão sobre pedofilia, homossexualidade e bissexualidade é encarada como um fator necessário, entretanto segundo a visão do aluno a sociedade não está preparada para falar sobre esses temas: “[...] *É uma história... que tenta fazer a sociedade refletir sobre a sexualidade, mas as pessoas não quer opinar sobre esse assunto, pois é, ainda hoje, tabu*”. A expressão (ainda hoje tabu) situa as questões relativas a sexualidade utilizada por Marcos na unidade cronotópica de atemporalidade, uma vez que segundo o idoso essas questões sempre foram e são, até hoje, taxadas como algo proibido, impróprio, um tabu.

Em relação ao primeiro mangá lido, *Loveless*, o impacto emotivo-volitivo do enredo nos alunos é percebido pelo estado de indignação/estranhamento em relação a trama envolta a questões de pedofilia, bem como as diferentes formas de sexualidade apresentadas. Todos os idosos são unânimes em relação a pedofilia ser considerada um delito. Entretanto, em relação a abordagem ideológica do mangá, esta trouxe estranhamento, no que se refere a apresentação de distintas formas de sexualidade tanto para Alessandra quanto para Maria e João. Mesmo que esse estranhamento seja manifestado de maneira diferente entre os idosos, conforme explicitamos na análise individual das suas falas. Ao pararmos para pensar sobre a formação da consciência dialógica humana, segundo o modelo de sujeito bakhtiniano, esta encontra-se situada em fatores exteriores ao sujeito que legitimam os modelos de valoração que cada indivíduo traz por base para realizar as sua apreciação ideológica da trama da narrativa. Como cada idoso (re)organiza o conteúdo ideológico da sexualidade, em *Loveless*, determina a maneira como (re)processa as informações em decorrência do papel social apreciado por ele no momento da comunicação, das experiências vividas socialmente, e das escolhas de aceitar ou não as diferentes maneiras de pensar e de agir expressas no mangá.

Percebemos que a atualização do sujeito em Bakhtin/Volochínov (2014a) visa o desenvolvimento do viver social, da vida em sua prática cotidiana, que no caso dos idosos marca um antes e um depois com o acréscimo em seu repertório, no que se refere a discutir as diversas facetas da sexualidade apresentadas em *Loveless*. Em um primeiro momento, os idosos relatam que o enredo do mangá lhes causa estranhamento. O causar estranhamento em uma faceta dialógica do discurso emerge

a transgrediência em que a interação possibilita, quando o sujeito dialógico entra em contato com formas linguísticas-discursivas e emotivo-volitivas subjacentes a sexualidade em sua nuances: homossexualidade e bixessualidade. Esse componente extraverbal conseguido pelas diversas vozes que emanam das personagens, do enredo, do cenário do mangá permite que o sujeito idoso saia do seu patamar de conforto ideológico e seja confrontado com situações de comunicação que precise refletir e interpretar sobre os componentes sociais e ideológicos que não lhe são corriqueiros. Os estudos do Círculo em Bakhtin marcam que o pensamento individual não existe fora da expressão potencial ideológica do nós. Bakhtin (2017) discorre que a formação da personalidade dialógica humana é um fator intersubjetivo.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2014a) a tomada de consciência dialógica do eu é desenvolvida em dois níveis balizados pelos sistemas ideológicos. O primeiro nível, o inferior remonta a interpretação mais rudimentar do eu, levando em considerações seus padrões pessoais de vida, sempre imersos em uma roupagem social, acomodando novos conteúdos e informações. Os idosos manifestam esse nível por meio do estar em choque com as informações novas trazida a eles pelas ideologias do mangá. O segundo nível, chamado pelo Círculo de superior, o eu já regula o conhecimento adquirido e por meio desse novo conhecimento norteia seu potencial criativo, crítico e autônomo. Os idosos manifestam, esse nível por meio da criticidade e da reflexão advindas do pensar a sexualidade como um componente natural da vida, e dessa maneira, são solícitos as formas de amor universal, já que afirmam que cada pessoa tem o direito de manifestar a sua sexualidade. A pedofilia como não faz parte da sexualidade é vista por eles como um delito. Gostaríamos de deixar expresso, que nossa pesquisa direciona realizar as tratativas das falas dos idosos de uma maneira a respeitar as suas conjecturas, e por conseguinte, adere a considerar que cada integrante do grupo de leitura pudesse manifestar as suas concepções sobre as temáticas abordadas de uma maneira livre e respeitosa. Dessa maneira, cada idoso foi acolhido ao emitir o seu juízo de valor em relação aos assuntos abordados.

No que tange as manifestações valorativas do eu, estas refletem os juízos de valor emitidos e emanados dos sujeitos idosos, demonstrando a maneira como cada um interpreta e externaliza os temas discutidos. Não gostar de determinado assunto, acreditar que a bissexualidade seja algo diferente, ficar chocado, como também estranhar a história constituem em exemplos do sujeito dialógico, participativo em

funcionamento dentro da cena enunciativa. Cada fala e cada ato comunicativo implicam um valor dialógico, cujo centro de construção de sentido recai no uso da língua(gem). A realidade social encontra-se cerceada por elementos normativos da conduta e do pensamento humano localizados no excedente de visão de cada sujeito, e como cada idoso lida com isso, reflete e refrata as ideologias sociais validadas ou rejeitadas por eles quando expressam o seu ponto de vista sobre determinado assunto.

Na sequência apresentamos as falas dos idosos em relação ao mangá Chobits. Como os idosos organizam, assimilam os assuntos apresentados neste mangá.

Quadro 18 – Assuntos abordados no mangá Chobits.

<u>Chobits</u> Maria: O nome do meu mangá é Chobits, né? Conta a história de Hideck, um estudante, que se muda para Tóquio pra prestar vestibular, né? E encontra uma persocon, né? Professora: Persocon? Maria: É isso. O amigo dele, falou que queria ter também, uma persocon, né? Ele não tinha condições. Ele falou pra amigo que morava sozinho longe dos pais e não tinha como comprar uma persocon, né? Daí, de repente ele tava pensando nisso, né? Ficou lá, né? Até que achou uma moça no lixo. Ele falou: nossa será que é assassinato, né? Ele foi ver, né? Ele falou: que orelha diferente, né? Viu que era uma persocon, né? Pensou que não teria problema em catar, né? Pegou. Carregou aquele troço pesado, né? E foi para a casa, né? Daí ele foi ligar, né? Ele apertou, não sei aonde, né? Apertava, não ligava, né? Tá quebrado, né? ((risos)). Aí, depois, acho que funcionou sozinho, né? Ela ligou sozinha, né? Acho... Depois, eu não sei, né? Tava enrolado com faixa, né? Não sei se depois sozinha ela se desenrolou, né? E começa as aventuras para descobrir quem é Chii. Ele se apaixona por ela, né? E ela por ele... Menino e robô começam relacionamento, né? Alessandra: Esse mangá é muito bonito... As imagens e a história são leves... A Chii e o Rideck são muito meigos... Senti fluir a história quando estava lendo... Cristina: Mas, o fundo moral dele é pesado: relacionamento entre robô e humano. Um tipo de amor diferente. Fico pensando que estamos caminhando pra isso. A geração de agora passa mais tempo na frente do computador do que se relacionando com pessoas de verdade. Alessandra: Concorro nesse aspecto com o que a Cristina falou. Mas, acho que a história quis mostrar a leveza do primeiro amor. Se não fosse a sinopse da história, não saberia que a Chii é uma máquina. Ela passa por uma humana, uma adolescente qualquer. Maria: Estando, né? Pessoa... Substitui, né? Outra pessoa... Por robô, né? Marcos: As vezes as pessoas se sentem tão sozinhas que não têm amigos, não têm com quem conversar que acabam ficando vulneráveis a se apegar a coisas que não são boas. João: Estranho tudo isso, né?
--

Fonte: a pesquisadora.

O enredo de *Chobits* está envolto as seguintes questões discutidas durante o curso de leitura: 1) a sexualidade no relacionamento entre humanos e robôs. Inclusive discutimos com os alunos sobre a série de robôs persocons serem fabricadas com o

intuito de atender intimamente seus donos; 2) questões envoltas a como o envelhecimento é representado na história, já que a série persocons, sendo um robô sempre está com a aparência jovem, permitindo seus usuários sempre terem relacionamentos pautados nas superficialidades das aparências, uma vez que os robôs nunca morrem, envelhecem, ou mesmo querem discutir a relação. São portanto, ideias para satisfazer os desejos de seus donos; 3) dentro do tema envelhecimento trabalhamos as questões da indústria de beleza e a necessidade dos corpos cumprirem um padrão sempre jovial; 4) como os robôs não morrem, seus proprietários podem disfrutar da sua companhia infinita, já que não adoecem, sofrem acidentes; o máximo de transtorno que ocasionam é a substituição de uma peça por outra, ou ainda seu dono pode, simplesmente, descartá-los como o caso da Chii que foi encontrada no lixo.

O mangá *Chobits* é apresentado por Maria, que em sua narrativa preza por direcionar a sua fala em pormenorizar os recortes do enredo que acredita ser relevantes para a compreensão das questões abordadas no mangá. Para tanto, utiliza as vozes da personagem principal Rideck apresentadas em um discurso indireto para compor a legitimidade de seu relato, “ [...] *Ele falou pra amigo que morava sozinho longe dos pais e não tinha como comprar uma persocons, né? [...] Ele falou: nossa será que é assassinato, né? / Ele falou: que orelha diferente, né?*”. A ênfase recai em contar a narrativa em uma perspectiva de elucidar como Hideck encontra a Chii, e partir desse ponto começam a relacionar-se amorosamente: “[...] *E começa as aventuras para descobrir quem é Chii. Ele se apaixona por ela, né? E ela por ele... Menino e robô começam relacionamento, né?*”. Maria, apresenta o enredo com naturalidade, como se fosse uma história de amor adolescente qualquer, sem resgatar os pontos trabalhados sobre envelhecimento, sexualidade e morte nas aulas de leitura. A partir dessa apresentação os demais sujeitos da pesquisa começam a expor suas impressões a respeito do enredo do mangá.

Alessandra assume uma perspectiva de visualizar o enredo de *Chobits* de maneira romantizada atenuando a carga sexual deste mangá: “[...] *Mas, acho que a história quis mostrar a leveza do primeiro amor. Se não fosse a sinopse da história, não saberia que a Chii é uma máquina. Ela passa por uma humana, uma adolescente qualquer*”. Dentro desse universo do primeiro amor adolescente, Alessandra justifica sua percepção ao relatar os valores emotivo-volitivos que *Chobits* despertou nos momentos de leitura, “*Esse mangá é muito bonito... As imagens e a história são leves...*

A Chii e o Rideck são muito meigos... Senti fluir a história quando estava lendo...". Toda a carga emotiva do enredo, no que tange as questões sobre envelhecimento, sexualidade e morte encontram-se dispersas em um recorte valorativo realizado por Alessandra que preza pelo tom da ingenuidade, do primeiro amor, e consequentemente pelo olhar atravessado pelo viés da idealização romântica.

Cristina ao colocar-se na discussão quebra com a carga romantizada de *Chobits* mencionada por Maria e Alessandra, já que apresenta o fundo moral da história: *"Mas, o fundo moral dele é pesado: relacionamento entre robô e humano. Um tipo de amor diferente"*. A utilização do adjetivo "diferente" por Cristina possui a entoação em relação ao envolvimento amoroso, e carrega implicitamente as questões sexuais apontadas no mangá. O uso ainda do adjetivo "pesado" pela idosa acentua que a história não é nada ingênua. Cristina também estabelece a relação cronotópica entre geração atual e o impacto da tecnologia na composição dos relacionamentos humanos: *"[...] Fico pensando que estamos caminhando pra isso. A geração de agora passa mais tempo na frente do computador do que se relacionando com pessoas de verdade"*. Cristina utiliza o cronotopo de maneira a enfatizar a relação negativa que a geração atual preconiza com a tecnologia, no que se refere a menosprezar as relações presenciais. A idosa enfatiza o fato da geração atual preferir estar em relações virtuais. Depois que Cristina explicita seu posicionamento, Alessandra e Maria respondem a essas colocações. Alessandra não nega a existência do fundo sexual em *Chobits*, mas prefere prestigiar o lado romantizado da história: *"Concordo nesse aspecto com o que a Cristina falou. Mas, acho que a história quis mostrar a leveza do primeiro amor."*. Maria apresenta uma movência em relação a maneira como percebe o enredo de *Chobits*, visto que em um primeiro momento em sua narrativa idealiza a história de maneira romântica como Alessandra. Contudo, com o contato com os posicionamentos de Cristina há uma modificação, tendo em vista que passa a considerar o envolvimento entre humanos e robôs estranho: *"Estranho, né? Pessoa... Substitui, né? Outra pessoa... Por robô, né?"*. João também adere ao posicionamento de Maria: *"Estranho tudo isso, né?"*.

Marcos tenta explicar os motivos pelos quais as pessoas se aproximam e/ou preferem confraternizar com máquinas ao invés de desenvolverem relacionamentos com os humanos: *"As vezes as pessoas se sentem tão sozinhas que não têm amigos, não têm com quem conversar que acabam ficando vulneráveis a se apegar a coisas"*

que não são boas”. A reflexão de Marcos centra-se em traçar justificativas para explicar o comportamento de Rideck.

Chobits com toda a sutileza introduz os idosos a refletirem sobre a ótica do relacionamento humano com robôs, do uso de máquinas para a satisfação de desejos sexuais. Em um enredo de implícitos, de uma atmosfera ingênua, os idosos são envolvidos a vislumbrarem uma realidade, na qual os persocons não morrem, ou envelhecem.

Essa distopia com o mundo vivido dos idosos e o mundo do mangá causa movimentos de interpretação nos alunos que os fazem reconhecer e/ou rejeitar os esquemas emotivos-volitivos e ideológicos que permeiam a história. As memórias dialógicas são ativadas, a fim de que os sujeitos idosos possam emitir uma resposta valorativa sobre o ato comunicativo explicitado neste mangá. Há ainda, a questão da moralidade interposta na trama de amor entre Chii e Rideck. A visão do que é certo ou errado, do que é válido ou não perpassa a responsabilidade do sujeito bakhtiniano. Não são as visões universais e transcendentais que fazem as escolhas dos sujeitos pelo que é certo ou não. As instituições (família, Estado, religião etc) os outros sujeitos e como cada indivíduo escolhe se aceita ou não os padrões sociais possibilitam como cada um reaja de maneira distinta ao enredo do mangá. O dever-moral-ético de cada sujeito é baseado nos parâmetros que estabelece como referência para fazer as suas ponderações, seus julgamentos, e a partir disso os idosos realizam valorações a respeito da trama de *Chobits*. Percebemos que este mangá causa controversas em relação as concepções de sexualidade entre os idosos da pesquisa, já que como explicitado acima, possuem distintas visões sobre este fato. Outra questão que nos surpreende é que os idosos em nenhum momento tocam sobre a questão do não envelhecimento da personagem Chii e da indústria da beleza em relação ao esteriótipo do que é valorizado por belo, e de como a longevidade é encarada ideologicamente neste mangá. As questões que perpassam a morte também são apagadas nas falas dos idosos.

A seguir nos deparamos com as discussões oriundas da revista de mangá *Feridas* em relação aos assuntos abordados durante o curso de leitura.

Quadro 19 – Assuntos abordados no mangá Feridas.

Feridas

Alessandra: Muito como posso dizer... Intrigante essa história. A minha, eu levei para o consultório do meu médico pra ler, enquanto espera ser atendida. A secretaria do médico faz letras na UEM, e ficou encantada com a história e com os mangás. Pediu para tirar xerox da revistinha e, ainda, perguntou se podia participar das aulas. Então, as aulas expliquei são para alunos da UNATI e não são abertas a outros cursos. Tinha que compartilhar com vocês esse fato. Bem, adorei a minha história. O título é Feridas. Conta a história de duas crianças, e uma delas tem o poder de absorver as feridas, as dores tanto físicas quanto emocionais das pessoas. E a medida que o menino vai absorvendo vai ficando doente. Gente, os nomes em japonês são difíceis de lembrar ((risos))... Vou continuar desse jeito.

Professora: Os nomes das personagens são Asato e Keiko.

Alessandra: Legal, é isso mesmo. Não lembrava mais. Ah, é o Asato que tem esse poder. Ao longo da história, os dois garotos descobrem, também que Asato pode transferir as dores físicas e emocionais de uma pessoa para outra. Essa transferência permite a Asato escolher quem vive e quem morre. Não sei, uma espécie de justiceiros. E os dois combinam que vão se vingar do pai do Keiko pelos inúmeros maus tratos que sofreram. O mangá é diferente ao dar poder a duas crianças sobre a vida e a morte das pessoas. O Asato é órfão e não tem família. Vive em abrigos. Os meninos se conhecem na escola.

Maria: Muito sofrimento, né? Fiquei triste de ler, né? Os adultos fingem não ver a violência que as crianças sofrem, né?

Cristina: O relacionamento do Keiko com o pai me fez pensar sobre o que esse mangá gostaria de trazer pras pessoas. Não sei... Pensei na normalidade da violência doméstica, no silêncio imposto pras pessoas mais frágeis mulheres e crianças... Na banalidade da vida, sendo a morte considera um alívio, uma libertação do sofrimento.... Em questionarmos sobre o que leva as pessoas a se matarem?

Alessandra: Como assim? A finalidade?

Cristina: Tem a história de maus tratos, de abandono, de poderes sobrenaturais. Fiquei pensando... A classificação é mais quatorze de acordo com a revista. Deve servir para conscientizar as crianças sobre a violência doméstica. Quem deveria proteger que são os mais velhos não fazem esse papel. Falar sobre suicídio e assassinato não são fáceis, ainda mais com crianças.

Alessandra: Lendo o mangá percebi que, em vários momentos, os meninos pensam em tirar a sua própria vida por não aguentar mais os sofrimentos. Lembrei da questão do suicídio. Quantas pessoas entram em desespero, porque não encontram mais a saída para seus problemas e buscam na morte a solução. Muito triste! Falta de família e de amor. Os adultos fingem não verem o sofrimentos dos meninos.

Maria: Verdade, né? Essa geração de hoje, né? Têm muitos suicídios, né? Família ausente, né? Falta amor, né?

Cristina: Não podemos esquecer que as crianças, também, planejam a morte do pai de Keiko... Um assassinato, mas que na visão, principalmente de Keiko seria justiça. Lembrei do caso dos Estados Unidos que os adolescentes fazem chacina nas escolas! Precisamos trabalhar questões que são caras a sociedade: violência, suicídio. Só que não estamos preparados para fazer isso, já que tudo é tabu...

João: Não tá certo, né? Não matá, né?

Marcos: Feridas abre a porta pra vermos a morte como escapismo aos problemas.... O psicológico fica abalado por não ser aceito, não ser protegido, não ser valorizado.... As vezes me sinto assim... Como Feridas.... Não sei o que acontece comigo... As vezes não consigo lembrar de coisas simples... Depois estou bem... É uma montanha russa...

Fonte: a pesquisadora.

Feridas é um mangá diferente, cujos protagonistas principais são dois adolescentes marcados pela tragédia em sua existência. Trabalhamos a morte em uma perspectiva de suicídio e de assassinato, fatos que emergem de maneira implícita nessa história. Questões delicadas que envolvem como as pessoas lidam com as suas emoções, e com as situações que lhe causam, não somente a dor física, mas a dor emocional, a dor da alma. O ser diferente, sentir-se excluído, não aceito, muitas vezes levam as pessoas a atentarem contra si mesmas. Esse universo de violência doméstica ao vulnerável, no caso do mangá, foi explorado por nós para além das páginas desta história, à medida em que trabalhamos questões pertinentes a violência aos idosos, às mulheres e às pessoas em geral. Fatos que abordamos durante o curso de leitura. A leitura do mangá também nos proporcionou trabalhar com o regate e a valorização da vida. Da importância do diálogo, do acolhimento, da busca por ajuda profissional quando não estamos nos sentindo bem. Salientamos que o final do mangá é surpreendente, já que as personagens conseguem superar todo o sofrimento e transformam os pensamentos de morte em uma nova vida.

Todo esse trabalho teve respaldo a permitir que os idosos pudessem refletir sobre esses assuntos delicados de uma maneira a promover o respeito em relação as opiniões individuais. Tivemos como meta deixar um ambiente de acolhimento, e principalmente, fazer com que os idosos se sentissem à vontade para manifestar ou não o que pensam sobre os temas trabalhados.

Alessandra começa a apresentação de *Feridas*, marcando o tema morte em uma trama de violência doméstica, tendo por pano de fundo um ambiente místico: “*Conta a história de duas crianças, e uma delas tem o poder de absorver as feridas, as dores tanto físicas quanto emocionais das pessoas. E a medida que o menino vai absorvendo vai ficando doente. [...] Essa transferência permite a Asato escolher quem vive e quem morre. Não sei uma espécie de justiceiros. E os dois combinam que vão se vingar do pai do Keiko pelos inúmeros maus tratos que sofreram. O mangá é diferente ao dar o poder a duas crianças sobre a vida e a morte das pessoas*”. A temática morte encontra-se especificada dentro do horizonte espacial de justiça, em um primeiro momento por Alessandra. Mesmo que essa situação seja incomoda para a idosa, já que relata os fatos de *Feridas* com voz embargada. O sujeito responsável ético bakhtiniano é entendido como um sujeito de escolhas, portanto o ser ético vincula-se à complexidade da vida, na medida em que (re)afirma e/ou (re)modela suas convicções ao longo da sua vivência

comunicativa. Alessandra emprega a palavra “justiceiros”, marcando um juízo de valor dentro do padrão de honra e de honestidade, apesar desta justiça poder ser feita pelos protagonistas da história. Não significa que Alessandra seja a favor do assassinato, mas que ao assumir o papel social de mãe, de avó, e até mesmo de mulher para expressar a sua compreensão diante dos fatos apresentados no mangá, acaba por colocar-se na posição dos personagens que sofrem violência doméstica.

A segunda visão sobre morte, Alessandra abarca o assunto do suicídio ocasionado pelo sofrimento ao extremo. Fato que o mangá não aborda diretamente, mas é subentendido pela idosa. Alessandra tenta entender os motivos que levam as pessoas a cometerem tal ato: *“Lendo o mangá percebi que, em vários momentos, os meninos pensam em tirar a sua própria vida por não aguentar mais os sofrimentos. Lembrei da questão do suicídio. Quantas pessoas entram em desespero, porque não encontram mais a saída para seus problemas e buscam na morte a solução. Muito triste!”*. As interpretações que a idosa realizou da história do mangá a levaram a refletir sobre os desdobramentos do sofrimento na vida das pessoas de uma maneira geral. Alessandra ainda em suas colocações realiza indagamentos sobre o papel dos adultos na história e de acordo com o seu entendimento não propiciam o suporte necessário às persoangens: *“Falta de família e de amor. Os adultos fingem não verem os sofrimentos dos meninos”*.

Alessandra em seu relato inicial sobre a sua concepção a respeito da morte a sinaliza como um fato inevitável, portanto natural e que de certa maneira para ela está mais próximo das pessoas mais idosas. Também agrega o valor da religiosidade para balizar o seu juízo de valor de que cada pessoa possa possuir uma concepção distinta sobre esse tema. Ao entrar em contato com a narrativa de *Feridas*, a idosa tenta entender os motivos, fazer reflexões sobre as condutas das personagens adultas da história, a fim de colocar-se no lugar do outro que sofre. A morte é valorada pela idosa em sua relação morte-sofrimento.

Maria é a primeira a manifestar-se, trazendo para a discussão as suas ponderações emotivo-volitiva ao ler o mangá: *“Muito sofrimento, né? Fiquei triste de ler, né?”*. Outra questão é que Maria reafirma as ponderações sobre o comportamento das personagens adultas do mangá: *“Os adultos finge não ver a violência que as crianças sofrem, né?”*. Maria também responde a questão do suicídio levantada por Alessandra: *“Verdade, né? Essa geração de hoje, né? Têm muitos suicídios, né?”*

Família ausente. Né? Falta amor, né?”. A idosa utiliza o cronotopo para marcar que segundo as suas convicções a taxa de suicídio é mais elevada na atual geração devido a ausência familiar.

Cristina realiza suas ponderações sobre assassinato e suicídio, resgatando dentro da sua memória social questões que envolvam esses assuntos em situações cotidianas. Além deste fato, a idosa reitera a função pedagógica dos mangás para justificar a inserção destes temas nas revistas: “[...] *Lembrei do caso dos Estados Unidos que os adolescentes fazem chacina nas escolas! Precisamos trabalhar questões que são caras a sociedade: violência, suicídio. Só que não estamos preparados para fazer isso, já que tudo é tabu...*”. A partir dessa conjectura pedagógica, Cristina assume seu posicionamento de professora para explicitar a importância do diálogo sobre as temáticas abordadas em *Feridas*.

Cristina ainda discorre sobre a função pedagógica dos mangás: “*O relacionamento do Keiko com o pai me fez pensar sobre o que esse mangá gostaria de trazer para as pessoas [...] Não sei..Pensei na normalidade da violência doméstica, no silêncio imposto pras pessoas mais frágeis mulheres e crianças... Na banalidade da vida, sendo a morte considera um alívio, uma libertação do sofrimento.... Em questionarmos sobre o que leva as pessoas a se matarem? [...] Deve servir pra conscientizar as crianças sobre a violência doméstica*”. A idosa chama a atenção para os temas do mangá, no que se refere à violência doméstica e seus desdobramentos. Além deste fato, Cristina abarca questões que colocam a morte em seu contraponto com a ausência de vida dentro dos relacionamentos humanos abusivos. Convém ressaltar que a morte foi expressa por Cristina, em sua fala inicial, como sendo uma situação inevitável que não pode ser controlada e que não estamos preparados para lidar com ela. Dessa maneira, a idosa assume um posicionamento de reflexão sobre esse assunto ao ler *Feridas*, já que passa a acreditar que esse tema precisa ser discutido para promover a importância da vida. Cristina coloca a morte em sua concepção da necessidade de valorizar a vida.

O posicionamento de João direciona-se contrário a morte em seu viés de assassinato: “*Não tá certo, né? Não matá, né?*”. Ao resgataremos as primeiras impressões de João a respeito do tema morte, o idoso assume um papel evasivo e escapista, preferindo viver o presente e não pensar sobre essa temática. Quando expressa seu juízo de valor sobre *Feridas*, o idoso recorta a morte em ausência de vida

provocada por um outro.

Marcos resgata a temática morte para o olhar do idoso, visto que em suas colocações demonstra como o enredo do mangá mexe com o seu viés emotivo-volitivo: “*Feridas abre a porta pra vermos a morte como escapismo aos problemas.... O psicológico fica abalado por não ser aceito, não ser protegido, não ser valorizado.... As vezes me sinto assim... Como Feridas.... Não sei o que acontece comigo... As vezes não consigo lembrar de coisas simples... Depois estou bem... É uma montanha russa...*”. Em suas colocações sobre a morte, Marcos reprocessa os medos e as incertezas a respeito da sua vida e as coloca em um patamar de identificação com o enredo do mangá, no que se refere a questão de ser diferente. A identificação feita pelo idoso com a morte em seu viés negativo pauta-se em não se sentir compreendido. A morte é vista pelo idoso como mecanismo de ausência do sofrimento.

A construção da consciência dialógica do eu perpassa pelos caminhos da expriementação tanto na vida vivida pelos sujeitos quanto na vida experienciada pela leitura dos mangás. Como cada idoso reage, interpreta a narrativa de *Feridas*, deixando a tona as marcas da língua(gem) na construção da sua própria identidade, haja vista que suas concepções ideológicas dos fatos apresentados emergem do (res)significar, (re)interpretar das situações do seu cotidiano que são abordadas nas páginas dos mangás lidos.

A seguir apresentamos as discussões sobre os temas do mangá *Made in Heaven*, explicitando os posicionamentos dos idosos.

Quadro 20 – Assuntos abordados no mangá *Made in Heaven*.

Made in Heaven

João: Mangá, né? Diferente do gibi de antigamente, né? O homi foi atropelado... O rapaz foi pra hospital, né? O médico falô que ele vive de novo... Daí ele lembrô que foi atropelado... Aí, médico disse que está num experimento, né? Enfermeira disse que ele tá bom, né? E aí ele encontrô um amor, né? Mas ela não é igual ele, né? Ela morre e ele não, né? Eles começa a pensá na situação, né? Eu esqueci, né? ((risos))

Cristina: Não sei, mais se o problema central é a questão do Reiji ser um experimento. Não morrer e não envelhecer implica em consequências negativas para Reiji, não poder ter relações sexuais com seu amor e consequentemente não ter filhos. Não passar a sua descendência. Pra um homem não poder fazer sexo, dar prazer para a sua parceira é algo perturbador para a sua masculinidade. O Reiji não se sente homem!

Alessandra: Isso mesmo, Cristina. Ele não pode morrer, ou envelhecer, e seu amor sim. Ela não quer essa situação de viver com alguém que não envelhece ou morre, e ao mesmo tempo ela duvida da parte humana dele. Gente, os nomes em japonês das personagens são um desafio pra mim. Ela quer

engravidar, ter filhos...

Maria: Acho estranho não envelhecer, né? Porque é algo natural, né?

João: Memória não mesma, né? Pra falá do mangá, né?

Marcos: Não tenho nada a dizer.

Fonte: a pesquisadora.

Made in Heaven é um mangá que trabalhamos as questões do envelhecimento, sexualidade e morte. Os idosos foram levados a refletirem sobre o envelhecimento na perspectiva de Reiji um experimento humano, não consentido, já que a personagem central sofre um acidente e torna-se um humano com partes robóticas ou um robô com partes humanas? Fato este que acabou lhe privando o direito de envelhecer, e consequentemente morrer e até mesmo de reproduzir-se. Todos os dias passam sempre iguais, sem qualquer mudança até que conhece Cheburashika, seu grande amor impossível. O que Reiji sente mais falta é sentir o toque das pessoas, sensação que também lhe foram retiradas pela imortalidade. Sempre jovem e sozinho. Esse mangá nos abriu o leque para também debater como os avanços científicos e tecnológicos colaboram para a questão da longevidade, mas a qual preço?

O responsável pela apresentação desse mangá ao grupo é o João que começa seu relato frisando em como o Reiji se tornou um experimento devido a um acidente que sofreu, e passa a desafiar as leis naturais, já que não envelhece ou morre: “*Mangá, né? Diferente do gibi de antigamente, né? O homi foi atropelado... O rapaz foi pra hospital, né? O médico falô que ele vive de novo... Daí ele lembrô que foi atropelado... Aí, médico disse que está num experimento, né? Enfermeira disse que ele tá bom, né? E aí ele encontrô um amor, né? Mas ela não é igual ele, né? Ela morre e ele não, né? Eles começa a pensá na situação, né? Eu esqueci, né? ((risos))*”. João mescla em sua narrativa o uso do discurso direto e indireto, além de ressaltar a diferença entre os atuais mangás e os da sua infância. O envelhecimento e a morte são focalizados na visão de João em torno da realização do experimento que causa a personagem a ausência desses processos. Antes da leitura dos mangás João manifesta distanciamento em relação a sua atual condição de idoso, uma vez que define envelhecimento como trabalho. Se pararmos para pensar o mangá que escolheu *Made in Heaven*, o protagonista principal não envelhece e não morre. João em suas crenças e valores preza por uma terceira idade produtiva, tanto que prefere não discorrer sobre as questões do

envelhecimento e da morte, já que para ele o que importa é viver o presente. Percebemos que esses temas são difíceis de serem abordados pelo idoso. A sexualidade é estabelecida no plano romântico. Fato que vai ao encontro com a sua concepção de sexualidade atrelada ao casamento.

Cristina explora os temas da morte e do envelhecimento em torno das consequências negativas da realização do experimento: *“Não sei, mais se o problema central é a questão do Reiji ser um experimento. Não morrer e não envelhecer implica em consequências negativas para Reiji [...]”*. Posteriormente, a idosa apresenta o tema da sexualidade atrelado as questões da descendência e da masculinidade: *“[...] não poder ter relações sexuais com seu amor e consequentemente não ter filhos. Não passar a sua descendência. Pra um homem não poder fazer sexo, dar prazer para a sua parceira é algo perturbador para a sua masculinidade. O Reiji não se sente homem!”*. As ponderações da idosa a respeito do mangá ultrapassam o enredo, à medida em que as impressões atribuídas a personagem constituem-se uma interpretação singular dos fatos apresentados. Cristina é uma idosa bem desenvolvida e adora problematizar as questões ideológicas dos mangás. Em *Made in Heaven* não é diferente. A idosa adota uma postura liberal ao discorrer sobre as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte, uma vez que o seu juízo de valor parte em utilizar a voz social de professora, não casada que mesmo na terceira idade é extremamente ativa para realizar as suas valorações. Cristina incide nas questões relativas a sexualidade, realizando uma avaliação a partir da perspectiva da masculinidade e da transmissão de descendência que não se encontram de maneira implícita na história do mangá.

Alessandra não nega os fatos apresentados por Cristina, entretanto realiza os seus apontamentos a partir da perda da humanidade de Reiji e não da sua masculinidade: *“Isso mesmo, Cristina. Ele não pode morrer, ou envelhecer, e seu amor sim. Ela não quer essa situação de viver com alguém que não envelhece ou morre, e ao mesmo tempo ela duvida da parte humana dele. [...] Ela quer engravidar, ter filhos...”*. A perda da humanidade de Reiji de acordo com a visão de Alessandra é estabelecida por outra personagem, Cheburashika. Alessandra evidencia que o fato de Reiji não ser mais humano não é somente por causa do experimento a que ele foi submetido. Mas, a perda da identidade humana é determinada pelo outro (Cheburashika), que passa a ver ele de uma maneira não humana: *“[...] ela duvida da parte humana dele”*. Alessandra coloca em evidência as perspectivas de Cheburashika,

ou seja da mulher em relação a sexualidade como uma realização pessoal, tendo por base a constituição da família, ter filhos, envelhecer e morrer. Fatos que extrapolam o explícito no enredo deste mangá, já que a idosa projeta em Cheburashika as suas percepções singulares sobre a sexualidade atrelada à maternidade e ao casamento. Alessandra apresenta as situações que delimitam o envelhecimento, a sexualidade e a morte como aspectos naturais a existência humana, e a retirada desses fatores inválida a própria condição de ser considerado humano.

Maria ao discorrer sobre a narrativa de *Made in Heaven* enfatiza o tema do envelhecimento: “*Acho estranho não envelhecer, né? Porque é algo natural, né?*”. As outras temáticas morte e sexualidade são silenciadas, já que não aparecem explicitamente em sua fala. Quando Maria caracterizou preliminarmente o envelhecimento ressaltou aspectos negativos da passagem do tempo em relação a condição física limitante, como também em relação ao olhar dos outros (netos, filhos etc) que passam a vê-la de maneira diferente. Quando adentra na história de *Made in Heaven*, o faz pelo uso do adjetivo (estranho e natural) para tecer ponderações sobre essa temática. O estranho é não envelhecer, pois considera que o processo do envelhecimento deve ser visto como algo natural. Pudemos perceber que há movência da idosa em relação a esse tema, haja vista que a partir da leitura do mangá aliada as discussões apresentadas pelos colegas do curso, a idosa explicita uma concepção de envelhecimento e morte centrada na internalização da naturalização desse processo.

Marcos não discorre sobre os assuntos de *Made in a Have*: “*Não tenho nada a dizer*”. A responsividade de Marcos aparece de efeito retardado. O idoso provavelmente, está internalizando as discussões advindas do enredo do mangá, bem como as propostas pelos colegas do curso para manifestar o seu juízo de valor posteriormente. O silêncio para o Círculo de Bakhtin é visto como (res)significação da consciência sociológica do sujeito, uma vez que o contato com as novas maneiras de pensar e de agir das histórias do mangá possibilita ao idoso (re)organizar, ou não as suas valorações sobre os fatos apresentados.

Made in Heaven abala a estrutura usual dos temas envelhecimento, sexualidade e morte, já que possibilita aos idosos ingressarem, nessas temáticas, confrontando-as com as visões de mundo que já trazem sobre esses assuntos. Ao conduzirem os idosos sobre a possibilidade de não envelhecimento e não morte, o mangá possibilita a esses sujeitos refletirem sobre a condição de idoso, tendo como pano de fundo os avanços

tecnológicos e científicos. Todos esses temas permitiram aos sujeitos (re)organizassem a sua consciência sociológica a partir do confronto com os outros (mangás e participantes da pesquisa). Bakhtin/Volochínov (2014) explicita que o empate dialógico é o ponto primordial para que os sujeitos possam construir a sua realidade sobre os fatos tanto do mundo vivido quanto experimentado. O mangá ao tecer a ponte entre experiências verossímeis, mesmo que ambientadas em situações fictícias, permite aos idosos estabelecerem pontos de identificação, de conflito que garantem que em cada página lida possam ter o contato com as ideologias que mesmo distintas das suas possibilitam que eles possam ou não (res)significar seus posicionamentos tanto em nível linguístico-discursivo quanto em nível emotivo-volitivo. Salientamos que mesmo que essa modificação seja realizada, a fim de negar a estrutura ideológica sugerida, nas histórias dos mangás, para afirmar a própria. Esse movimento por si só, já expressa a movência do sujeito. Portanto, a movência de posicionamentos ideológicos, axiológicos e cronotópicos é entendida por nós, tendo como pano de fundo a base bakhtiniana, como esse movimento é estabelcido entre o contato-história- interpretação-análise constitui-se o cerne do sujeito dialógico para o Círculo. A movência é percebida dentro da modificação dos parâmetros linguístico-discursivos do sujeito quando este precisa (re)organizar seus juízos de valor sobre os temas abordados.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá Dawn.

Quadro 21 – Assuntos abordados no mangá Dawn.

<u>Dawn</u> Marcos: Esse é meu. Célia, eu posso ler o texto que escrevi. A Alessandra me incentivou a escrever, porque eu lia e esquecia da história. Professora: Lógico! Alessandra: O Marcos gostou muito de ler o mangá.... Por isso, Célia, incentivei ele escrever a história para não esquecer... Uns dias ele está bem e outros não... Marcos: O mangá a história de um laboratório que tem uma mordida de rato. Surge a peste de novo e mata as pessoas. O homem muda e vira mostro. Alessandra: Célia, vou organizar, ok! Professora: Parabéns, Marcos! Pode Alessandra. Alessandra: Esse mangá é de terror-suspense. Deixa eu ver, o nome da personagem... ((risos)) Tenho

dificuldade em lembrar... Nagasawa, esse é o nome... Ele trabalha em um laboratório... Parece que faz pesquisas.. E um dia, ele é mordido por um rato que tem a peste negra modificada. Depois, disso, aparentemente, ele está bem. Mas, sua personalidade começa mudar. Fica agressivo, tem pensamentos destrutivos... Esse mangá é terror, bem sombrio... Na minha época tinha as revistas de terror, eu tinha a necessidade de pegar, mas eu tinha nojo de por a mão... ((risos)). Os desenhos eram nojentos... Muito feios... Lembrei disso.

Cristina: O Nagasawa sofre metamorfose... Aos poucos ele vai transformando, mas não por fora e sim por dentro.... Os desenhos são escuros e parece um... Um frenesi... Como se ele lutasse contra, mas não consegue parar a transformação... E começa a cometer crimes... Os crimes são contra a ideologia dominante de perfeição ilusória, que destruíram as instituições família e religião. Contra uma sociedade que tenta aprisionar a natureza humana própria de cada pessoa. Tem os zombis. Não sei, fala da crise existencial humana, das aparências... Preciso refletir melhor. Difícil de entender!

Maria: Fiquei com medo, né? Fala também da peste negra, né? O rato estava contaminado, né? Nagasawa quer matar todos, né?

João: Confuso, né? Não existe, né?

Fonte: a pesquisadora.

Os temas trabalhados em *Dawn* envolvem uma atmosfera do que o que é sonho é o que é fantasia. Temos ainda a percepção de Nagasawa de uma realidade distorcida após ser mordido por um rato que tem a peste negra modificada. Em um ambiente que o leitor não sabe o que é delírio ou realidade aspectos como a morte por assassinato encontram-se dispersos em uma trama sem as legitimações usuais da sociedade no que se refere as normativas que regem o viver e o morrer. A morte marca um rito de passagem de um Nagasawa antes de transformar-se e depois da sua transformação. Esse fato conduz a personagem ao universo das crises existenciais humanas, na qual há uma discrepância entre ser e parecer. Paramos para refletir somos bons ou maus? Essa dicotomia é empegada por quê? A crise existencial humana também é um tema muito explorado no mangá.

O responsável pela apresentação do mangá *Dawn* é o Marcos, nesse dia em específico, Alessandra sua esposa nos relatou troca de medicação para tratamento inicial de Alzheimer. Acreditamos que esse fato impactou na construção do relato do idoso a respeito da história do mangá. Marcos começa com uma narrativa confusa, apresentando fragmentos do enredo: “*O mangá a história de um laboratório que tem uma mordida de rato. Surge a peste de novo e mata as pessoas. O homem muda e vira mostro*”. Marcos marca o rito de mudança da humanidade da personagem do mangá: [...] *O homem muda e vira mostro*. O adjetivo mostro nos chamou a atenção por dois motivos. O primeiro motivo é que a morte, neste mangá, encontra-se balizada pela questão do assassinato. Nagasawa começa a matar as pessoas depois que foi mordido

pelo rato. Marcos sinaliza “mostro” para ponderar sobre a conduta da personagem, emitindo portanto um juízo de valor sobre esse fato. O segundo motivo é que não exclui a primeira hipótese em relação a conduta da personagem de matar as pessoas, mas consegue agregar um outro ponto a essa questão: a mudança de comportamento desumanizou Nagasawa. Percebemos duas questões suscitadas pelo adjetivo monstro: 1) Nagasawa é um monstro, porque mata as pessoas; 2) Nagasawa virou um monstro, porque foi desumanizado pela transformação.

Alessandra em sua apreciação do enredo evidencia a metamorfose sofrida pelo protagonista: “[...] *ele é mordido por um rato que tem a peste negra modificada. Depois, disso, aparentemente, ele está bem. Mas, sua personalidade começa mudar. Fica agressivo, tem pensamentos destrutivos...*”. A idosa utiliza as palavras (agressivo e destrutivo) para marcar as modificações na personalidade de Nagasawa. Alessandra continua a sua fala voltando-se para memórias de sua infância, resgatando o cronotopo (“na minha época”) como gatilho que serve de alicerce para os aspectos emotivo-volitivos que a leitura e o contato com o gênero terror lhe proporcionaram: “*Na minha época tinha as revistas de terror, eu tinha a necessidade de pegar, mas eu tinha nojo de por a mão... ((risos)). Os desenhos eram nojentos... Muito feios... Lembrei disso*”. Percebemos que a senção que o mangá desperta em Alessandra é tanto de curiosidade quanto de nojo, aspectos axiológicos que o contato com a narrativa lhe proporcionam. Bakhtin (2017) salienta que ao viés da construção dos sentidos perpassa, necessariamente, por conjecturas emotivo-volitivos experienciadas pelos sujeitos e que são (re)ativadas pelos cronotopos. O papel do tempo-espço abarca para a constituição dialógica dos sujeitos muito mais que o contexto da situação mediada, ele é fruto de todo o conhecimento intersubjetivo que os indivíduos carregam. O cronotopo, portanto é o elo que ativa, resgata e (re)modela a visão do sujeito, visto que lhe permite unir juízos de valor de um passado a um presente e projetá-los para um futuro.

Cristina, por sua vez, reforça as transformações a respeito da personalidade do protagonista da história: “*O Nagasawa sofre metamorfose... Aos poucos ele vai transformando, mas não por fora e sim por dentro.... Os desenhos são escuros e parece um... Um frenesi... Como se ele lutasse contra, mas não consegue parar a transformação... E começa a cometer crimes...*”. A mudança na personalidade do protagonista é retratada pela idosa por meio da palavra “metamorfose”. Além desse fato, Cristina utiliza a apreciação visual dos desenhos da história (“*Os desenhos são*

escuras e parece um... Um frenesi...”) para expressar a sequência da transformação de Nagasawa. Em seguida, a idosa marca seu juízo de valor a respeito do conteúdo ideológico que ela atribui aos crimes cometidos pela personagem: “*Os crimes são contra a ideologia dominante de perfeição ilusória, que destruíram as instituições família e religião. Contra uma sociedade que tenta aprisionar a natureza humana própria de cada pessoa*”. Para entendermos as colocações de Cristina a respeito do enredo do mangá, nos alicerçamos em seu horizonte espacial que configura-se na quebra do papel atribuído ao idoso, haja vista que tece ponderações intelectualizadas sobre como percebe e interpreta a narrativa. A escolha lexical, a entoação, a maneira como Cristina coloca a sua visão de mundo a respeito dos temas abordados em *Dawn* situam a sua posição social: de mulher, de professora, de pessoa independente que foge dos padrões impostos socialmente. A transformação da personagem do mangá é vista por Cristina como uma ruptura aos padrões de moralidade impostos pelas instituições família e religião. A idosa ainda ressalta que essas instituições sociais são as responsáveis por aprisionar a natureza humana. Ressaltamos que Cristina não utiliza a noção convencional de certo ou errado para tentar justificar as ações da personagem e/ou mesmo marcar um valor a transformação. A idosa questiona a imposição dos papéis sociais que as instituições sociais impõem às pessoas. Esses fatos extrapolam o enredo do mangá. Cristina ainda menciona que o mangá aborda o ser humano em crise: “[...] *Não sei, fala da crise existencial humana, das aparências...*”.

Maria e João expressam os tons emotivos-volitivos que a narrativa do mangá lhes causou: “*Maria: Fiquei com medo, né? Fala também da peste negra, né? O rato estava contaminado, né? Nagasawa quer matar todos, né?*”; “*João: Confuso, né? Não existe, né?*”. Maria esboça medo pelas transformações de Nagasawa. Esse medo pode ser relacionado ao medo diante da quebra da personalidade da personagem, da aparência, da crise existencial e da história ser diferente do habitual para ela. No mesmo patamar temos João que atribui o adjetivo confuso para valorar sobre o enredo do mangá.

Dawn abre as portas para pensarmos na crise existencial humana em seus aspectos voltados para o envelhecimento, a sexualidade e a morte. Em como cada pessoa vive seu processo de transformação. Acreditamos que este mangá serviu para que os idosos olhassem para a sua própria condição de pessoa, de idoso, de esposa, de esposo etc para poder transpor o enredo para a sua vida. A existência humana é

permeada por relações dialógicas que segundo Bakhtin/Volochínov (2014a) servem de palco para os embates existências humanos, já que por meio da leitura os sujeitos atualizam os seus juízos de valor sobre os fatos do mundo vivido e vienciado.

Encerradas as discussões sobre essa questão, apresentamos a próxima questão geradora que discorre a respeito das ideologias das personagens dos mangás.

Fale sobre as personagens principais do seu Mangá (nome, descrição física e psicológica, papel social). Podemos dizer que cada uma representa simbolicamente alguma ideologia? Qual? Comente.

A finalidade dessa pergunta geradora é de verificar como os idosos reconhecem as ideologias presentes nos mangás e as identificam, tendo como parâmetros os temas – envelhecimento, sexualidade e morte. A ideologia revela o modus operante das personagens e o que elas ativam nos idosos de identificação total ou parcial, e até mesmo repúdio às suas condutas, já que permite uma resposta consciente aos padrões impostos socialmente, seja em formato de ideologia dominante, seja em formato de ideologia contestadora. As personagens também ao refletirem e/ou refratarem as maneiras de pensar e de agir socialmente personificadas, no enredo dos mangás, acionam por meio da verossimilhança como os indivíduos experimentam em um tempo-espço da leitura que é transportado para um tempo-espço atual os dilemas, as ações e as atitudes e os valores ideológicos sobre determinados assuntos, permitindo aos sujeitos que atualizem ou reforcem as suas visões de mundo. Trabalhamos como a conduta das personagens, suas vestimentas, as formas de agir e de pensar, o cenário, a focalização, os quadrados e as sarjetas, enfim todo o aparato de construção da realidade verossímil dos mangás influi na percepção das ideologias manifestadas nessas histórias. Abaixo deixamos a transcrição e a análise das falas dos idosos para cada revista de mangá lida.

Quadro 22 – Ideologias identificadas nos personagens do mangá Loveless.

Loveless

Cristina: Gente... Loveless está me surpreendendo. Acredito que vocês estejam também, assim... O Semei, irmão do Ritsuka, me chamou atenção: a forma como ele é descrito no mangá: “Amado por todos”. Eu lembrei, nessa parte, que ele poderia ser prostituto... ((risos))... O mangá é de formato erótico sutil. Parece que a todo tempo o Ritsuka precisa ser igual ao Semei para ser aceito e amado. O comportamento dos amigos, o ambiente induzem o Ritsuka a gostar de homens como o irmão. Tem uma passagem na escola que ele (Ritsuka) conhece uma amiga e fica de namorico com ela. Mas, a todo momento “aquele amigo mais velho” do Semei, tenta seduzir ele para o seu mundo. O professor, sutilmente pega na mão, pega no cabelo, diz que ele precisa ser livre, que pode gostar de quem quiser, leva ele pra passar, dá livros sobre homossexuais. Muito complicado isso! Representa a ideologia homossexual e erótico sutil. Tudo nas entrelinhas... Não sei... O que vocês acham? E olha que sou uma idosa moderna. Mas, esse mangá serve para pensarmos que as situações que parecem inocentes não são. Ah, as personagens que possuem orelha de gato não fizeram sexo. É isso mesmo que eu entendi, Célia?

Professora: Sim. O mangá para diferenciar quem ainda não foi iniciado sexualmente, marca as personagens com orelha de gato. Percebam que o Beloved, namorado do Semei, não tem orelha de gato e o próprio Semei, também não apresenta. O Ritsuka tem.

Alessandra: Não tinha percebido isso... Adoro os comentários da Cristina ..Mas, acho que ainda tem temas que são tabus, como é o caso de Loveless. Falar sobre sexualidade, sexo precisa ser feito. Até mesmo pra esclarecimento das crianças. E sem falar, que falar de sexualidade para terceira idade, também é tabu. A maioria das pessoas pensam que somos assexuais. Não deixamos de ser homens, mulheres que tem necessidades, estamos vivos e não mortos. A ideologia seria de quê? Sexo livre?

Maria: Acho o mangá de hoje muito pesado, né? De assuntos bem perigosos, né? Quando as crianças lê pode achar que é normal, né? E não é, né? Pais precisam saber o que filhos lê, né? Ficar atentos, né? Conversar, né?

Marcos: Ideologicamente tudo é possível e também é impossível. Somos o que os outros validam. Vivemos em uma castração mental. A memória não é mais a mesma. Sempre o sexo teve, mas agora só é mais escancarado.

João: Não é certo, né? Isso tudo, né? De incentiva, né? Homem com homem, né? Complicado, né? Vai sofrer, né?

Fonte: a pesquisadora.

Cristina inicia a demanda da atividade, tecendo comentários sobre as condutas de Semei, irmão de Ritsuka: “ [...] O Semei, irmão do Ritsuka, me chamou atenção a forma como ele é descrito no mangá: “Amado por todos”. Eu lembrei, nessa parte, que ele poderia ser prostituto...((risos))...”. A idosa tece ponderações singulares sobre a sua visão de mundo da personagem descrita por ela que ultrapassam o enredo do mangá. Cristina ainda incide seu juízo de valor apreciando a carga sexual contida em Loveless: “ [...] Representa a ideologia homossexual e erótico sutil. Tudo nas entrelinhas...”. O enredo do mangá gera de acordo com Cristina que haja margem para os subentendidos, levando os seus leitores a extrapolar o que de fato está escrito no mangá.

Outro aspecto que nos chama a atenção é a transposição realizada por Cristina a respeito do “amigo do irmão” para professor: “[...] *aquele amigo mais velho*” do Semei, tenta seduzir ele (Ritsuka) para o seu mundo. O professor, sutilmente pega na mão, pega no cabelo, diz que ele precisa ser livre, que pode gostar de quem quiser, leva ele pra passar, dá livros sobre homossexuais”. No enredo de *Loveless* o amigo do Semei, irmão do Ritsuka, não exerce a função social de professor. Acreditamos que a idosa utiliza a conotação de professor para indicar que o amigo do irmão de Ritsuka o inicie no universo de descobertas sobre a sua sexualidade. Portanto, a nomenclatura de professor utilizada pela idosa não encontra-se alida ao exercício do magistério em uma instituição, mas ao fato de o amigo ser visto como um “professor” dos aspectos de senso comum, dos aspectos da vida, dos aspectos das descobertas sexuais.

Cristina expressa que a conduta das personagens do mangá lhe possibilita experienciar situações não usuais em seu cotidiano, pontuando uma atmosfera que privilegie formas não convencionais de sexualidade: “[...] Parece que a todo tempo o Ritsuka precisa ser igual ao Semei para ser aceito e amado. O comportamento dos amigos, o ambiente induzem o Ritsuka a gostar de homens como o irmão”. Ao refletirmos sobre as ponderações de Cristina percebemos que a idosa constrói seu juízo de valor, tendo por base as suas experiências intersubjetivas dos fatos apresentados. Para a idosa o ambiente “induz” Ritsuka ao envolvimento homossexual. Para o Círculo de Bakhtin, a realidade nunca é dada, mas percebida de maneira cronotópica. Cristina emite seu juízo de valor a respeito das ideologias das personagens do mangá, respondendo de maneira a polemizar as nuances ideológicas sobre a sexualidade. Também explicitamos que ao realizar as suas colocações axiológicas sobre *Loveless*, Cristina coloca-se no papel social de “*idosa moderna*” para expressar como organiza, interpreta e avalia as ideologias sobre a sexualidade presentes neste mangá. Esse papel social de “*idosa moderna*” legitima ser vista não pelos predefinido de idoso que não está aberto as novas formas de sexualidade, mas incide no fato de que ela esteja além das expectativas para o seu nicho social. O teor de *Loveless* expresso por Cristina, em suas falas, nos faz a pensar que a expressividade relacionada a polêmica a respeito da sexualidade abordada no mangá é estabelecida pela interpretação que a idosa imputa a esse tema por meio de suas valorações pessoais. Cristina, em sua fala, nada mais prova que o tom do seu enunciado é uma resposta a um enredo de subentendidos, de implícitos, deixando claro que entoação é um conceito análogo a expressividade, bem

como ao estilo. A resposta de Cristina é uma resposta aos aspectos emotivos-volitivos proporcionados pelas ideologias das personagens nesse mangá que a idosa interpreta segundo a sua visão de mundo. Cristina para finalizar ainda menciona uma sutil constatação a respeito da sexualidade expressa no mangá: “[...] *Ah, as personagens que possuem orelha de gato não fizeram sexo*”. Essa fala ressalta a interpretação visual realizada por Cristina, no que tange ao mangá marcar os não iniciados sexualmente pela presença das orelhas de gato.

Alessandra adota uma postura reflexiva, na medida em que considera a temática da sexualidade complexa, mas que precisa ser trabalhada entre crianças e entre idosos: “[...] *Mas, acho que ainda tem temas que são tabus, como é o caso de Loveless. Falar sobre sexualidade, sexo precisa ser feito. Até mesmo pra esclarecimento das crianças. E sem falar, que falar de sexualidade para terceira idade, também é tabu*”. Alessandra ainda questiona qual seria a ideologia do mangá: “[...] *Sexo livre?*”. A pergunta realizada pela idosa apresenta um tom provocatório, uma vez que ela se coloca enquanto mulher, que tem desejos e que independente de estar na terceira idade projeta as pressões sociais sobre envelhecimento e sexualidade em sua fala: “[...] *A maioria das pessoas pensam que somos assexuais. Não deixamos de ser homens, mulheres que tem necessidades, estamos vivos e não mortos*”. Ao compararmos as colocações de Alessandra com as suas concepções sobre a sexualidade antes da leitura dos mangás, percebemos que, agora, Alessandra se posiciona como mulher que tem desejos sexuais. Em contrapartida, antes de ler o mangá, a sexualidade era vista pelo viés da maternidade e de certa maneira pelo casamento. O contato com o enredo do mangá instiga a idosa a ponderar sobre a sexualidade na terceira idade, fato que excede a narrativa da história.

Maria considera a sexualidade de *Loveless* como um ponto que merece atenção, haja vista a maneira como o mangá apresenta esse tema: “[...] *Acho o mangá de hoje muito pesado, né? De assuntos bem perigosos, né? Quando as crianças lê pode achar que é normal, né? E não é, né? Pais precisam saber o que filhos lê, né? Ficar atentos, né? Conversar, né?*” Quando Maria valora o mangá de hoje como (“pesado, de assuntos bem perigosos”) em relação ao mangá do passado (da sua infância) estabelece uma relação cronotópica, já que marca as transformações em relação a abordagem dos temas sobre a sexualidade. Como o mangá é um veículo da verossimilhança que tanto reflete quanto refrata as ideologias sociais, ele se atualiza, conforme as necessidades

vigentes. Maria apresenta antes da leitura dos mangás, a caracterização da sexualidade na vertente do casamento, todo o conteúdo ideológico que se constitui fora desse horizonte espacial, lhe causa desconforto. Fato este que podemos perceber em toda a sua fala que expressa o seu papel social de mãe e de avô ao se preocupar com o que as crianças possam ler a respeito da sexualidade.

Marcos parte de um entendimento da ideologia da sexualidade em *Loveless* em uma perspectiva filosófica. O idoso não teve problemas para falar a respeito dessa temática, e diante das ideologias presentes, no mangá, expressa uma visão do sexo cronotópica, na qual a sexualidade ainda hoje é vista sobre o peso dos tabus sociais: “[...] *Vivemos em uma castração mental. A memória não é mais a mesma. Sempre o sexo teve, mas agora só é mais escancarado*”.

João centra-se em considerar a ideologia da sexualidade, tendo um embasamento que retoma a sua visão inicial sobre essa temática: “*Não é certo, né? Isso tudo, né? [...]*” Essa cisão entre o permitido e o não permitido vai ao encontro com o horizonte espacial de homem heterossexual, casado, na qual a sexualidade é definida pelos pilares do casamento e da religiosidade. O sujeito dialógico bakhtiniano expressa a sua responsabilidade por meio das escolhas que realiza, da ação que desempenha em resposta a outros atos comunicativos. João continua respondendo a *Loveless* em um patamar a (re)afirmar o seu posicionamento inicial sobre a sexualidade.

Loveless permite a abertura para que os idosos pensassem sobre a homossexualidade e a bissexualidade sem as amarras das convicções ideológicas clássicas impostas sobre esse tema. Percebemos que cada idoso reage a sexualidade expressa no mangá de maneira como consegue processá-la e interpretá-la, tendo como parâmetros as suas valorações pessoais. O mangá permitiu aos idosos refletirem sobre a sexualidade fora do patamar de conforto, atuando como sujeitos ativos, críticos e autônomos ao emitirem seus posicionamentos diante de um enredo tão polêmico, seja para confirmá-lo total e/ou parcialmente, seja ainda para refutá-lo.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá Dawn.

Quadro 23 – Ideologias identificadas nos personagens do mangá Dawn.

Dwan

Alessandra: Como a atmosfera do mangá é um laboratório, os personagens trabalham nesse ambiente. São pesquisadores que buscam curas pra doenças, mas que modificaram a sociedade, organização. A cura não é benéfica, bem... Depende do ponto de vista... Tive que refletir muito. Não conseguia... Da pessoa não ser ela mesma... Li Dawn como pra baixo em inglês, sufocado... A personalidade dele muda...

Cristina: Pensei na ideologia das descobertas médicas que podem ser boas e ruins. São boas porque aumentam a longevidade. Mas, podem causar a mortalidade acidental caso alguma doença seja modificada e escape do laboratório. Como o caso que conta a história. Complexo esse mangá é bem filosófico, já que quebra com várias barreiras ((risos))... Lembrei do Vampiro e do psicopata. Das pessoas que aparentam ser uma coisa e não são. Fiz uma pesquisa! Da metformose que ele sofre. Tem momento leves e engraçados que misturam cenas bem pesadas de morte... Acho que ele é um vampiro e não se lembra do que fez.

Maria: É o Nagasawa, né? Vai se transformado ao longo da história, né? Começa a ouvir vozes, né? Ficar agressivo, né? Quer matar as pessoas, né?

Marcos: Parece filme de terror!

João não quis manifestar a sua opinião.

Fonte: a pesquisadora.

Alessandra começa o seu relato apresentando um recorte sobre as questões científicas relacionadas ao bem estar social com tonalidade irônica para identificar a ideologia do mangá: *“São pesquisadores que buscam curas pra doenças, mas que modificaram a sociedade, organização. A cura não é benéfica, bem... Depende do ponto de vista...”*. Vemos que a idosa retoma implicitamente a temática da morte inserida em descobertas científicas não benéficas para a humanidade. Na sequência Alessandra afirma a dificuldade que teve no momento de conseguir expressar o seu juízo de valor sobre as ideologias identificadas nas personagens do mangá: *“[...]Tive que refletir muito. Não conseguia...”*. Alessandra também marca a questão da crise existencial como uma temática presente no mangá: *“[...] ... Da pessoa não ser ela mesma... Li Dawn como pra baixo em inglês, sufocado... A personalidade dele muda...”*. A idosa identifica duas ideologias presentes no mangá: 1) descobertas científicas não benéficas; 2) crise existencial humana.

Cristina retoma a ideologia dos avanços científicos como um aspecto ambíguo mencionado por Alessandra: *“Pensei na ideologia das descobertas médicas que podem ser boas e ruins. São boas porque aumentam a longevidade. Mas, podem causar a mortalidade acidental caso alguma doença seja modificada e escape do*

laboratório. Como o caso que conta a história”. A idosa ainda marca a complexidade do mangá, uma vez que expressa a sua conotação filosófica: “[...] *Complexo esse mangá é bem filosófico, já que quebra com várias barreiras ((risos))...*”. Outro aspecto que evidenciamos é que Cristina projeta sua visão de mundo singular para tecer seus comentários sobre a ideologia da personagem principal de Dawn (Nagasawa): “[...] *Lembrei do Vampiro e do psicopata. Das pessoas que aparentam ser uma coisa e não são. Fiz uma pesquisa! Da metaformose que ele sofre. Tem momento leves e engraçados que misturam cenas bem pesadas de morte... Acho que ele é um vampiro e não se lembra do que fez*”. Cristina particulariza as ações de Nagasawa pelos adjetivos “psicopata e vampiro”, realçando as superficialidades das relações sociais entre ser e parcer. A idosa também explicita o enredo do mangá, tendo focos de leveza e cenas humorísticas que contrastam com cenas pesadas de morte. A morte é retomada pelo viés tanto de uma realidade de aparências (psicopata) quanto por uma visão da fantasia (o vampiro), como também por avanços científicos contrários a promoção da vida, fato mencionado por Alessandra e confirmado por Cristina.

Maria e Marcos ficam nas ideologias superficiais apresentadas no mangá, sem se aprofundarem na temática morte. Cada qual traz uma peculiaridade em relação as valorações que realiza. Maria menciona os feitos de Nagasawa depois que é mordido pelo rato: “*É o Nagasawa, né? Vai se transformado ao longo da história, né? Começa a ouvir vozes, né? Ficar agressivo, né? Quer matar as pessoas, né?*” A idosa apresenta uma sequência das ações da personagem que expressa a sua transformação, terminando na morte de pessoas para representar as ideologias presentes no mangá. Maria evidencia uma ruptura entre um antes (da mordida) e depois (da mordida), caracterizando a ideologia como sequências de fatos da vida da personagem. O círculo de Bakhtin conceitua a ideologia como um fenômeno situado socialmente. Como os fatores ideológicos inserem-se na ordem dos aspectos intersubjetivos do eu e estes são pormenorizados na singularidade das escolhas dos sujeitos. Escolher refere-se em aderir total e/ou parcialmente a uma ideologia, ou mesmo rejeitá-la. A ideologia, portanto está situada em um cronotopo (tempo-espço) e acima de tudo, possibilita às pessoas desempenharem papéis sociais e tecerem juízos de valor sobre os fatos apresentados.

Marcos relata os aspectos emotivos-volitivos experimentados quando leu o mangá: “*Parece filme de terror!*”. O idoso em sua fala deixa entrever o seu juízo de

valor que a narrativa do mangá lhe proporciona quando a compara a um filme de terror. Dessa analogia podemos inferir que a história do mangá, bem como as suas personagens estão envoltas em uma atmosfera não usual para Marcos.

João não quis participar das discussões somente ficou ouvindo os fatos. O silêncio do idoso pode ser entendido como uma responsividade de efeito retardado, uma vez que ele, em um primeiro momento, precisa internalizar as ideologias apresentadas no mangá para posteriormente poder manifestar o seu juízo de valor sobre os fatos abordados.

Dawn não é um mangá fácil para que os idosos possam expressar seu juízo de valor, já que apresenta uma narrativa repleta de situações que afloram a crise existencial humana em suas nuances entre o ser e o parecer. O cronotopo como suporte da construção do enredo da narrativa, possibilita o reconhecimento de estruturas linguísticas-discursivas e emotivo-volitivas que são responsáveis pela produção e interpretação dos sentidos. A verossimilhança da história encontra-se no fato de que é comum às pessoas terem crises existências por conta de algum fato que lhes causa uma ruptura em alguma estrutura identitária seja na esfera pessoal, seja na esfera profissional. No que se refere a interpretação valorativa das ideologia, cada idoso possui a sua peculiaridade de visão de mundo e de juízo de valor para expressar como teceu as suas ponderações sobre a história do mangá. Estes fatos acabam possibilitando aos idosos (re)modelarem a sua maneira de pensar e de agir e/ou reforçar as suas conjecturas, principalmente, quando confrontados em uma sociedade, na qual a crise existencial humana está presente.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá Chobits.

Quadro 24 – Ideologias identificadas nos personagens do mangá Chobits.

Chobits

Maria: Os personagens são Chii a persocon, né? E Rideck estudante, né?. Ideologia é o amor impossível entre eles, né?

Alessandra: Achei isso mesmo.

Cristina: Só complementaria a questão das relações de gênero. Como o Hideck trata a Chii, a meu ver gente, é muito, mas muito machismo. Como objeto sexual que atende seus prazeres. Não acho que isso seja amor. Precisamos perceber o papel que as mulheres desempenham nas relações sexuais. Na maioria, submissas a atender os desejos dos companheiros. O mangá não é tão inocente como vocês pensam.

João: Normal, né?

Marcos: Achei o mangá bem divertido.

Fonte: a pesquisadora.

As ideologias trabalhadas em *Chobtis* foram a sexualidade atrelada a tecnologias para a promoção do prazer, tendo em vista o papel feminino nas relações amorosas. Também abordamos a questão do não envelhecimento e consequentemente a protagonista da história não morre, já que Chii sempre terá a mesma aparência jovem. *Chobits* empolga os idosos por meio de suas páginas coloridas, das personagens desenhadas com uma fluidez e uma luminosidade conseguida pelo traço leve. Toda essa atmosfera idílica seduz os leitores a ingressarem em um universo que parece ingênuo, mas nem tudo o que parece é. Os idosos precisam ser atentos para perceberem o que está implícito no enredo de *Chobtis* em relação aos temas envelhecimento, sexualidade e morte.

Maria apresenta a ideologia de *Chobits* em uma perspectiva que considera o romance romântico: “*Os personagens são Chii a persocon, né? E Rideck estudante, né?. Ideologia é o amor impossível entre eles, né?*”. Alessandra responde confirmando a representação romântica do amor: “*Achei isso mesmo*”. Maria e Alessandra interpretam a história, ressaltando o amor em sua inocência idílica. Há o apagamento das questões relacionadas ao envelhecimento, a sexualidade e a morte expressas na narrativa do mangá.

Marcos e João não discorrem sobre a ideologia do mangá, mas sobre as impressões que a leitura da história lhes causou: “*João: Normal, né?*”; “*Marcos: Achei o mangá bem divertido*”. Maria, Alessandra, Marcos e João partem de um olhar em relação ao mangá inocente, na medida que ou relatam sobre o amor romântico da história, visto nas perspectivas de Maria e Alessandra ou expressam as valorações sobre o que o enredo lhes causou, no caso de João e Marcos.

Cristina, em contrapartida, menciona uma sexualidade distinta entre gêneros – masculino e feminino – que está presente nas entrelinhas do enredo de *Chobits*, “*[...] Como o Hideck trata a Chii, a meu ver gente, é muito, mas muito machismo. Como objeto sexual que atende seus prazeres. Não acho que isso seja amor. Precisamos perceber o papel que as mulheres desempenham nas relações sexuais. Na maioria, submissas a atender os desejos dos companheiros. O mangá não é tão inocente como*

vocês pensam”. Cristina salienta que *Chobits* apresenta uma ideologia de gênero que marca os papéis distintos entre homens e mulheres em um relacionamento. Ao empoderar-se do horizonte espacial feminista, Cristina posiciona-se como uma idosa a frente do seu tempo, que tem consciência do papel da mulher, tendo como pano de fundo uma sociedade histórica e cultural patriarcal. Cristina desempenha ainda um papel discursivo reflexivo em relação a contrastar com as visões romantizadas apresentadas pelos outros integrantes, Maria, Alessandra, João e Marcos, no que tange a polemizar os aspectos ideológicos implícitos no mangá. Cristina chama a atenção para as questões naturalizadas de submissão feminina nos relacionamentos amorosos.

Os reguladores ético-morais acabam por direcionar a maneira como os idosos relacionam-se com os conteúdos ideológicos de *Chobits*, seja reforçando o seu ponto de vista, seja revendo as suas visões.

As ideologias de *Chobits* constituem-se em um desafio para a maioria dos idosos, na medida em que evidencia os mecanismos naturalizados a respeito dos padrões de relacionamentos entre homens e mulheres. Os olhos dos idosos legitimam as situações que se encontram dentro dos critérios aceitos e normatizados pela visão de mundo que carregam sobre os temas abordados no mangá. Toda ideologia que seja diferente e/ou contestatória a esses padrões precisa de tempo e de espaço para poder ser aceita. Em *Chobits*, os idosos são convidados a saírem do seu patamar de conforto ao pensarem de forma distinta as questões que envolvam envelhecimento, sexualidade e morte.

A seguir trazemos as discussões das falas e dos comentários dos idosos a respeito do mangá *Made in Heaven*.

Quadro 25 – Ideologias identificadas nos personagens do mangá *Made in Heaven*.

Made in Heaven

João: Reiji e Cheburashika, né? Amor, né? Mas, ele é mostro, né?

Alessandra: Não concordo que ele seja um monstro. Mas, uma pessoa que foi modificada sem o seu consentimento. O Reiji apresenta bom coração. Ele, a todo momento, está preocupado em não machucar a sua namorada. Esqueci o nome... ((risos)).

Professora: Cheburashika.

Alessandra: Acredito que aqui precisamos pensar nas questões que o experimento traz para o Reiji: ele não pode envelhecer, ou morrer e não pode amar. Se formos considerar isso pra uma pessoa: será que seria válido não envelhecer e perder o seu amor?

Maria: Verdade, ele não teve culpa, né? Foi uma vítima, né?

Cristina: Estava pensando.... A Alessandra diz várias coisas interessantes, mas o Reiji não fica com a Cheburashika, porque ela quer um companheiro pra vida, envelhecer juntos e constituir uma família com filhos. O Reiji não pode dar isso a ela. Ideologia que o desenvolvimento médico não pode agradar a todos. Toda a modificação tem seu preço.

Marcos: Vocês não ficaram tentados a ser como o Reiji? Eu sim, sem ser doente.

Alessandra: Não. Estou bem assim. Não quero não morrer. Já pensou, você não envelhecer e todos que você ama, sim?

Maria: Não, né?

João: Quem sabe, né?

Fonte: a pesquisadora.

Made in Heaven é um mangá que a tecnologia modifica a humanidade, transformando um humano em máquina, permitindo que ele não envelheça, não morra e não tenha sensibilidade na hora das relações sexuais, sem mencionar o fato que máquinas não tem filhos. O dilema moral, e conseqüentemente, a ideologia abordada, nesse mangá, refere-se ao fato: até que ponto as conseqüências do não envelhecer são aceitáveis? *Made in Heaven* tem como pano de fundo o envolvimento entre um humano modificado e uma mulher que querem ser felizes, mas esse ideal de felicidade foi roubado em prol do desenvolvimento científico.

João apresenta aos personagens ressaltando a história de amor entre Reiji e Cheburashika: “*Reiji e Cheburashika, né? Amor, né?*”. Entretanto, esse amor não é normal, uma vez que João considera Reiji um monstro: “*Mas, ele é mostro, né?*”. Ao considerar a protagonista como um mostro, João simboliza a perda de humanidade que a personagem sofre ao transformar-se em uma máquina.

Alessandra não concorda com o fato apresentado por João de Reiji ser um monstro, visto que menciona que a transformação da personagem não foi consentida: “*Mas, uma pessoa que foi modificada sem o seu consentimento. O Reiji apresenta bom coração*”. Alessandra atribui qualidade positiva a personagem “bom coração”, justificando que sua condição não é um fato que tenha transformado sua essência. A idosa ainda perpassa as questões a respeito do envelhecimento e da morte ao considerar que a ideologia de *Made in Heaven* abrange as discussões que levam os idosos a refletirem sobre as conseqüências do não envelhecimento. Inclusive utiliza uma indagação para interagir com os outros participantes da pesquisa: “[...] *Se formos*

considerar isso pra uma pessoa: será que seria válido não envelhecer e perder o seu amor?”. A questão lançada por Alessandra serve de base para que os idosos pudessem refletir em sua condição de idoso, como também no oposto na ausência de idosos. Alessandra responde a sua pergunta, explicitando a sua valoração pela pessoa idosa em que se tornou: “[...] Não. Estou bem assim. Não quero não morrer. Já pensou, você não envelhecer e todos que você ama, sim?”.

Cristina responde positivamente aos fatos acrescentados por Alessandra, já que emite um juízo de valor sobre o conteúdo das suas falas: *“Estava pensando... A Alessandra diz várias coisas interessantes”*. Contudo, acrescenta a visão do outro, Cheburashika, como aporte ideológico para a resposta à pergunta de Alessandra, já que vê empecilhos em não envelhecer, *“ [...] O Reiji não fica com a Cheburashika, porque ela quer um companheiro pra vida, envelhecer juntos e constituir uma família com filhos. O Reiji não pode dar isso a ela”*. Cristina enfatiza que os questionamentos advindos do não envelhecimento e suas consequências partem das expectativas de Cheburashika e não de Reiji, ressaltando o papel do outro (namorada de Reiji) para a construção ideológica em torno do envelhecimento em *Made in Heaven*. A idosa menciona a ideologia presente no mangá como sendo: *“ [...] Ideologia que o desenvolvimento médico não pode agradar a todos. Toda a modificação tem seu preço”*. Cristina reflete sobre o valor que o não envelhecimento traz para a vida da personagem.

Maria concorda com as ponderações de Alessandra: *“Verdade, ele não teve culpa, né? Foi uma vítima, né?”*. Não há por parte da aluna aprofundamento nas questões ideológicas sobre envelhecimento, fator que trabalhamos na história. Observamos que antes da leitura dos mangás, Maria em seu relato sobre envelhecimento respondeu de maneira a enfatizar a passagem do tempo e suas consequências negativas. Entretanto, ao deparar-se com uma trama, cujo protagonista principal não envelhece, Maria acredita que Reiji é uma vítima por não envelhecer. De certa maneira, Maria considera o envelhecimento um processo natural que tem seus pros e contras.

Marcos ao falar da ideologia a respeito do envelhecimento e da morte resgata uma das perguntas feitas pela professora aos idosos no decorrer da leitura do mangá, como também realizada por Alessandra: *“Vocês não ficaram tentados a ser como o Reiji?”*. Marcos legitima a sua fala pela apropriação das vozes da professora e da

Alessandra, a fim de centrar-se no grande dilema moral do mangá, e diante disso acaba por responder a esse questionamento, escolhendo ser como Reiji, caso pudesse: “*Eu sim, sem ser doente*”. Reiji para Marcos simboliza a possibilidade de volta a juventude, antes do Alzheimer. Dessa maneira, Marcos como um sujeito percipiente de escolhas, não se importaria em não poder envelhecer, uma vez que em suas concepções sobre envelhecimento levanta aspectos negativos referentes a essa etapa de vida. João responde aos questionamentos com um talvez: “*Quem sabe, né?*”. Já Maria posiciona-se contrária a ideia lançada por Marcos: “*Não, né?*”.

As ideologias presentes no mangá fazem o processo inverso com os idosos, na medida em que não discorrem sobre os aspectos negativos da velhice, mas possibilitam que eles reflitam sobre as consequências de não envelhecer, fato apresentado pelo protagonista da história. A caracterização do conceito de envelhecimento para cada idoso é algo singular, e partir das suas vivências internalizadas com as vivências dos outros, histórias dos mangás e participantes da pesquisa, permitem que o sujeito idoso possa (res)significar-se a cada assunto discutido.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá *Feridas*.

Quadro 26 – Ideologias identificadas nos personagens do mangá *Feridas*.

Feridas

Alessandra: As crianças são Asato e Keiko. Asato é uma criança tão doce, tão pura. Já Keiko tem seu coração endurecido, porque vivenciou muita coisa ruim. Estava pensando que a ideologia é superação das feridas psicológicas, físicas por parte das crianças. No começo da leitura estava bem apreensiva, mas o final é surpreendente! As crianças não se suicidam, e não cometem o assassinato contra o pai de Keiko. Asato transforma o ressentimento de Keiko, ensinando ele a perdoar... Tanto que absorve todas as dores de Keiko. Eu chorei! Me emocionei profundamente!

Maria: Chorei também, né? Muito emocionante, né?

Cristina: Redenção... Essa seria a ideologia do mangá. A transformação de uma escuridão de sofrimento pela libertação da dor. Gente olha tudo o que aprendemos com essas crianças ao longo da leitura do mangá. Como Asato se coloca diante do suicídio e ensina Keiko a que essa fuga do sofrimento não é válida, o mesmo ocorre com o planejamento do assassinato. Reforço que os mangás são livros para serem trabalhados na escola, devido a sua função pedagógica.

Marcos: Não entendo como duas crianças modificaram o sofrimento. É tão difícil pros adultos. Acho que sofrer, não sei, faz parte da gente.... a Célia, falou pra gente falar nas aulas do preconceito. Eu vivo isso todos os dias... Cada vez que eu não lembro das coisas, das pessoas, de tudo, elas me olham com... Como se não fosse eu... Fosse outra coisa..

João: Nada pra falar, né?

Fonte: a pesquisadora.

Feridas foi um dos mangás que mais mobilizaram os idosos sentimentalmente, seja porque são pais, mães, avós e ao trabalhar com maus tratos infantis provocou neles reações valorativas bem emotivas. Ao possuir protagonistas envolvidos na temática morte em seus subtemas implícitos – suicídio e assassinato – o mangá abarca situações delicadas para uma sociedade ocidental que finge proteger os mais vulneráveis. *Feridas* apresenta a superação da morte provocada pelo desespero, da morte ilícita pela fuga do sofrimento, já que nos ensina que os momentos difíceis são passageiros. Abordamos, também os maus tratos, a questão do preconceito com os idosos, já que *Feridas* serviu de estopim para que pudéssemos ir além da temática morte, já que houve discussões a respeito de valoração da vida. Desenvolvemos reflexões a respeito desses assuntos, levando em consideração os limites de cada um ao realizar as suas valorações sobre essas temáticas.

Alessandra com a voz embargada começa seu relato apresentando a personalidade dos protagonistas: “*As crianças são Asato e Keiko. Asato é uma criança tão doce, tão pura. Já Keiko tem seu coração endurecido, porque vivenciou muita coisa ruim*”. A descrição das personagens por Alessandra serve para que possamos posteriormente entender o desenlace da história, como também para a apresentação do enredo de superação da morte por suicídio e por assassinato implícitos na narrativa: “[...] *Estava pensando que a ideologia é superação das feridas psicológicas, físicas por parte das crianças. No começo da leitura estava bem apreensiva, mas o final é surpreendente! As crianças não se suicidam, e não cometem o assassinato contra o pai de Keiko. Asato transforma o ressentimento de Keiko, ensinando ele a perdoar...*”. A idosa ainda resalta a carga emotivo-volitiva que o enredo lhe proporcionou: “*Eu chorei! Me emocionei profundamente!*”.

Maria limita-se a relatar o valor emotivo-volitivo que a história lhe causou: “*Chorei também, né? Muito emocionante, né?*”. João, por sua vez, prefere não se manifestar, “*Nada pra falá, né?*”. A emocionalidade de Maria e o silêncio de João ressaltam a resposta dada pelos idosos às pressões ideológicas de *Feridas*.

Marcos posiciona-se, relatando a sua identificação com o enredo do mangá: “*Não entendo como duas crianças modificaram o sofrimento. É tão difícil pros adultos. Acho que sofrer, não sei, faz parte da gente.... a Célia, falou pra gente falar nas aulas do preconceito. Eu vivo isso todos os dias... Cada vez que eu não lembro das*

coisas, das pessoas, de tudo, elas me olham com... Como se não fosse eu... Fosse outra coisa...". Marcos resgata o trabalho que realizamos com os alunos para que eles pudessem falar sobre os preconceitos que sofrem e/ou sofreram por serem idosos. Essa temática do preconceito excede o enredo de *Feridas*, mas durante as aulas de leitura sentimos a necessidade de realizá-la para resgatar a autoestima e a identidade da pessoa idosa.

Feridas, assim como os outros mangás possibilita aos idosos que estes extrapolem o enredo das histórias, já que em seus relatos permeiam situações da vida vivida e vivenciada por eles. Percebemos que a visão a respeito dos assuntos que implicam o tema morte é complexo de ser trabalhado, na medida em a carga emotivo-volitiva relacionada a esse assunto desperta nos idosos emoções e sentimentos interligados a sua própria condição de existência. Portanto, o cronotopo dos mangás, das aulas de leitura carregam aspectos ideológicos e responsivos que possibilitaram aos idosos realizarem movimentos de interpretação, reflexão e valoração, tendo como escopo o confronto com os medos, as incertezas a respeito da temática morte.

Encerradas as discussões sobre essa questão. Apresentação a próxima questão geradora que discorre a respeito das atitudes das personagens dos mangás lidos estarem, ou não, em conformidade com as concepções individuais dos idosos a respeito dos temas trabalhados.

Os personagens do seu mangá apresentam, no decorrer da história, alguma atitude diferente daquilo que esperamos inicialmente deles, em função de sua profissão ou apresentação inicial? Quais são as características que aproximam com as suas convicções e quais são as características que afastam delas? Comente.

Essa questão geradora possui a finalidade de instigar os alunos a refletirem sobre as condutas das personagens. Para tanto, os idosos são convidados a partir dos seus conhecimento de mundo emitirem juízos de valor sobre os fatos apresentados nas histórias dos mangás lidos. Para o Círculo de Bakhtin a responsabilidade assumida pelos sujeitos diante das escolhas realizadas, ao longo da sua existência, confere uma assinatura, a qual garante compreendermos a formação da identidade sociológica de cada indivíduo, tendo como escopo os aspectos dialógicos, axiológicos e cronotópicos

da língua(gem). Abaixo deixamos a fala dos idosos e as análises das suas valorações.

Quadro 27 – Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Loveless.

Loveless

Alessandra: Esse mangá me perturbou..((risos)) Fiquei, também pensando no relacionamento do Ritsuka com a mãe e com os outros personagens mais velhos: professora, “amigo do irmão”. O relacionamento entre a mãe deveria ser próximo, ainda mais, porque eles perderam um membro da família. E ela, a todo momento, se fecha e só pensa no filho morto e compara Ritsuka, a todo momento, com Semei. Ela deixa o filho depressivo e está imerso em um ambiente tóxico. Quem cuida da família é um adolescente. A professora tem uma atitude erótica. Uma atmosfera bem tóxica a meu ver. A mãe não quer saber com quem ele se relaciona, se está bem. Não orienta seu filho e deixa ele livre pra ser presa fácil do “amigo do Semei”, o pedófilo. Complicadas as situações mostradas.

Cristina: Acredito que esse seja um dos mangás mais polêmicos que lemos. Mas, o professor me incomoda. Esperamos que os educadores estejam dentro de uma conduta ética e moral ilibada. E o envolvimento com aluno menor é crime. Sem falar que não acho que seja bom para a reputação de qualquer professor se envolver com qualquer aluno. Já vi alguns escândalos desse no meu meio de trabalho!

Maria: Ah, né? A mãe que não cuida do Ritsuka, né? Os professores, né? Que não protegem, né? Os amigos, né?

Marcos: Tudo o que é sexo incomoda. O mangá vai incomodar inteiro pras pessoas.

João: Tudo, né? Tudo não tá certo, né?

Fonte: a pesquisadora.

Alessandra, Maria e Cristina pontuam que a parte da conduta que mais as incomodou está relacionada com a questão do comportamento de outras personagens com o Ritsuka, seja a família, os amigos e os professores. Alessandra começa sua narrativa, tomando a posição social de mãe e de avó para manifestar a sua indignação com as condutas dos outros personagens para com o Ritsuka: *“Esse mangá me perturbou..((risos)). Fiquei, também pensando no relacionamento do Ritsuka com a mãe e com os outros personagens mais velhos: professora, “amigo do irmão”. Ao utilizar a palavra “pertubou” a idosa delimita que em seu juízo de valor as pessoas que deveriam proteger Ritsuka são as que o colocam em situações de risco: “[...] Ela deixa o filho depressivo e está imerso em um ambiente tóxico. [...] A professora tem uma atitude erótica. Uma atmosfera bem tóxica a meu ver. A mãe não quer saber com quem ele se relaciona, se está bem. Não orienta seu filho e deixa ele livre pra ser presa fácil do “amigo do Semei”, o pedófilo. Complicadas as situações mostradas.”* Além de

mentonar o incomodo em relação ao comportamento das personagens com o Ritsuka, a idosa ainda retoma a questão referente a pediafilia.

Maria reafirma os posicionamentos sociais de Alessandra, ratificando que o que mais lhe incomoda é a conduta dos outros personagens em relação ao protagonista do mangá: “Ah, né? A mãe que não cuida do Ritsuka, né? Os professores, né? Que não protegem, né? Os amigos, né?”. A visão analítica que predomina em Alessandra e em Maria, tende a focalizar as atitudes dos personagens, tendo como base o núcleo familiar e a partir disso, traçam o que seja considerado esperado ou não a ser realizado por eles no decorrer da narrativa.

Cristina também explicita que a atitude que mais lhe incomoda refere-se ao papel que os outros personagens desempenham na vida de Ritsuka: “[...]Mas, o professor me incomoda. Esperamos que os educadores estejam dentro de uma conduta ética e moral ilibada. E o envolvimento com aluno menor é crime. Sem falar que não acho que seja bom para reputação de qualquer professor se envolver com qualquer aluno”. Cristina como já dissemos anteriormente extrapola o enredo de *Loveless*, já que não há envolvimento amoroso, na narrativa do mangá, entre aluno e professor. A idosa particulariza uma situação vivenciada e a confronta com a sua interpretação da história.

Marcos e João aderem a um posicionamento ideológico de que tudo relacionado a *Loveless* é digno de ser considerado polêmico e incomodar. Entretanto, os dois alunos não o fazem a partir da mesma visão. Marcos salienta que, em *Loveless*, as condutas das personagens incomodam, porque refletem indicações sexuais não usuais, e esse tema, ainda é considerado um tabu perante a sociedade, “Tudo o que é sexo incomoda. O mangá vai incomodar inteiro pras pessoas.”. Marcos se abstrai de avaliar as condutas das personagens de uma maneira geral, considerando o valor do outro, neste caso, a sociedade para embasar seu ponto de vista, no que se refere às questões sobre sexualidade abordadas no mangá. João, por sua vez, frisa seu desconforto com o enredo do mangá: “Tudo, né? Tudo não tá certo, né?”.

Os idosos analisam as condutas das personagens de *Loveless* com base em suas experiências cotidianas vividas e vivenciadas, como também pelo papel social que assumem no momento de realizarem as suas colocações. Dessa maneira, a responsabilidade engajada em suas escolhas se estabelece como uma assinatura identitária que cada sujeito mostra nos juízos de valor que tece sobre o considera

adequado ou não.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá Chobits.

Quadro 28 – Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Chobits.

<u>Chobits</u>
Maria: O mangá é muito lindo , né? A Chii tem feições angelicais, né? Uma coisa que me incomoda, né? É Rideck apaixonar pela robô e não ter uma namorada, né? Humana, né? Cristina: Concordo coma Maria, mas tem outra coisa que me incomoda enquanto feminista... ((risos))... Não deixei de ser professora, e de história. Como o Rideck trata a Chii. Tem uma passagem, na página 22, em que o Rideck fala pra Chii que quando ele chegar em casa ela tem que dizer: Bom dia! E várias outras passagem, desse mesmo estilo. Isso me incomodou muito, em relação como a mulher é representada, nesse mangá, que de inocente não tem nada. Maria: Verdade, né? Alessandra: A Cristina faz umas observações muito pertinentes e bem inteligentes. Concordo com as duas. Sabe que estava refletindo sobre as questões da tecnologia na vida humana. Parece que, cada vez mais, estamos a mercê da tecnologia para tapar buracos emocionais. Isso me incomodou! Tenho netos e sempre ficamos de olho naquilo que eles estão vendo na internet. O menino substitui um relacionamento com a colega humana de faculdade por uma robô, me incomodou, apesar de considerar o mangá bem leve de ser lido. João: Falta, né? Do que fazer, né? Tinha que trabalhá, né? Estudante tinha que trabalhá né? Pra pará de namorar com robô, né? Tem muito tempo livre, né? Marcos: Não tenho nada pra dizer.

Fonte: a pesquisadora.

Maria e Alessandra partem do princípio que o relacionamento entre Rideck e a Chii, uma robô, incomoda as idosas. Cada idosa emite seu juízo de valor, tendo uma peculiaridade a declarar a respeito dessa conduta: “*Maria: [...] Uma coisa que me incomoda, né? É Rideck apaixonar pela robô e não ter uma namorada, né? Humana, né?*”; “*Alessandra: [...] Parece que, cada vez mais, estamos a mercê da tecnologia para tapar buracos emocionais. Isso me incomodou! [...] O menino substitui um relacionamento com a colega humana de faculdade por uma robô, me incomodou, apesar de considerar o mangá bem leve de ser lido*”. Maria e Alessandra em suas falas expressam a inconformidade em relação homem-máquina-envolvimento-amoroso. Em relatos anteriores, as idosas apresentavam uma visão mais romantizada dos fatos da narrativa. Entretanto, no decorrer das aulas percebemos que tanto Maria quanto Alessandra apesar de continuarem acreditando que a história de Chobits é fluída

(*“Maria: O mangá é muito lindo , né? A Chii tem feições angelicais, né?”*; *“Alessandra: [...] apesar de considerar o mangá bem leve de ser lido.”*) percebem as cargas ideológicas implícitas, no que tange ao envolvimento amoroso entre humano e robô. Alessandra ainda ressalta o seu papel social de avô e de mãe preocupada a respeito de como seus netos utilizam a tecnologia: *“[...] Tenho netos e sempre ficamos de olho naquilo que eles estão vendo na internet”*. A idosa menciona também a sua preocupação com a questão da tecnologia substituir os relacionamentos da vida real: *“[...] mercê da tecnologia para tapar buracos emocionais.”*.

Cristina concorda com os fatos apresentados por Maria e ainda insere, na discussão, a questão de como a mulher é tratada dentro de um relacionamento: *“Concordo com a Maria, mas tem outra coisa que me incomoda enquanto feminista...((risos))... Não deixei de ser professora, e de história. Como o Rideck trata a Chii. Tem uma passagem, na página 22, em que o Rideck fala pra Chii que quando ele chegar em casa ela tem que dizer: Bom dia! E várias outras passagens, desse mesmo estilo. Isso me incomodou muito, em relação como a mulher é representada, nesse mangá, que de inocente não tem nada”*. Cristina assume como em outros momentos do curso de leitura a posição social de professora para realizar as suas apreciações axiológicas. A idosa enfatiza a naturalização das posições desiguais entre homens e mulheres dentro dos relacionamentos amorosos, colocando o enredo de Chobits como sendo algo não inocente.

João demonstra seu descontentamento em razão do relacionamento entre Rideck e Chii: *“Falta, né? Do que fazer, né? Tinha que trabalhá, né? Estudante tinha que trabalhá, né? Pra pará de namorar com robô, né? Tem muito tempo livre, né?”*. Quando o idoso emite a sua apreciação volitivo-emotiva da conduta de Rideck, ele coloca a questão do tempo e a sua utilização. Para o idoso Rideck deveria aproveitar melhor o seu tempo. Marcos prefere não se manifestar nesta questão: *“Não tenho nada pra dizer”*. Acreditamos que a recusa em discorrer sobre a pergunta geradora refere-se a uma indisposição do aluno.

De uma maneira geral, os idosos se sentem incomodados com o relacionamento amoroso entre humanos e máquinas. O mangá discorre sobre a existência do envolvimento sexual entre as pessoas e os persocons (robôs com aparência humana). Bakhtin (2017) explicita que a formação da consciência sociológica dos indivíduos encontra-se permeada pelos processos de referenciação da realidade absorvida, nas

esferas sociais, e consequentemente interligada a como cada sujeito realiza a valoração axiológica dos fatos no mundo vivido ou vivenciado. Quando cada idoso emite um juízo de valor sobre a conduta das personagens do mangá, o fazem por meio de pontos de referência conseguidos a partir da intersubjetividade entre o seu valor singular e o valor socialmente aceito. É nesta junção não igualitária, mas combativa que nasce o sujeito dialógico bakhtiniano.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá *Made in Heaven*.

Quadro 29 – Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá *Made in Heaven*.

<u>Made in Heaven</u> João: Não sei dizer, né? Faz tempo que li, né? O médico, né? Que fez a experiência, né? Alessandra: Estava pensando, quando o Reiji abre mão de casar com a namorada dele por amor de verdade. Se pararmos pra pensar ele foi altruísta, porque não considerava que seria bom pra ela ter um relacionamento com ele. Ele não envelheceria, não poderia ter filhos. Foi uma conduta que eu não esperava dele, achava que ele iria casar e não contar o que aconteceu com ele pra namorada. Ah, também tem a conduta do médico que não deveria ter feito o experimento com o Reiji. Cristina: Pensar que, agora, é um humano que virou máquina. A substituição da humanidade por ser um robô. Incomoda não envelhecer e não morrer. Marcos: Parecemos uma metamorfose ambulante.... Maria: A conduta do médico, né?
--

Fonte: a pesquisadora.

Em *Made in Heaven*, o humano é transformado contra a sua vontade em uma máquina que não envelhece, não morre e não pode reproduzir-se. Entretanto, somente Cristina considera em sua fala que se sentiu incomodada pelo fato de Reiji não envelhecer e não morrer: “*Pensar que, agora, é um humano que virou máquina. A substituição da humanidade por ser um robô. Incomoda não envelhecer e não morrer*”. Acreditamos que em decorrência da construção dos aspectos de envelhecimento e de morte trabalhados, durante as aulas de leitura do mangá, Cristina naturaliza essas temáticas como características da identidade humana. Percebemos que Cristina (res)significa o seu posicionamento em relação aos temas envelhecimento e morte, à medida em que ratifica-os como parte inerente da vida.

Maria, João e Alessandra consideram como conduta inadequada, o fato do médico ter feito um experimento sem o consentimento de Reiji: “*Maria: A conduta do*

médico, né?”; “João:[...] O médico, né?Que fez a experiência, né?”; “ Alessandra: “[...]Ah, também tem a conduta do médico que não deveria ter feito o experimento com o Reiji”.Os idosos não mencionam em suas falas as questões relacionadas ao envelhecimento, a sexualidade e a morte explicitamente. Se pararmos para pensar na superfície do texto, temos a ênfase à conduta inadequada do médico como aporte a uma situação incomoda que parte de um processo de relações emotivo-volitivas acionadas, ao longo da situação de compreensão e interpretação, que o sujeito realiza para que possa ser estabelecido o sentido, tendo como base um valor ideológico aceito socialmente.

Alessandra ainda pormenoriza, em sua fala, a questão de como Reiji a surpreendeu de maneira positiva e inesperada: “ [...] quando O Reiji abre mão de casar com a namorada dele por amor de verdade. Se pararmos pra pensar ele foi altruísta, porque não considerava que seria bom pra ela ter um relacionamento com ele. Ele não envelheceria, não poderia ter filhos. Foi uma conduta que eu não esperava dele, achava que ele iria casar e não contar o que aconteceu com ele pra namorada”. Alessandra direciona o seu olhar, tendo como base a conduta do Reiji, valorizando a sua sinceridade em contar a namorada que é um humano modificado.

Marcos responde ao enredo do mangá, tendo por base as transformações ocorridas com Reiji no decorer da narrativa: “*Parecemos uma metamorfose ambulante*”.

Os idosos ao explicitarem as condutas que são diferentes das que eles consideram usuais para os personagens de *Made in Heaven*, fazem a partir do seu universo de crenças legitimadas socialmente e situadas em um horizonte social que legitima ou não as ideologias das narrativas dos mangás. Os idosos da pesquisa situam-se em uma determinada geração que carrega características específicas do período do espaço-tempo que representam. Dessa maneira, cada idoso reage às condutas dos personagens de *Made in Heaven* de maneira a evidenciar o que lhes causa estranheza a partir de como (re)processam o enredo da história.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá *Feridas*.

Quadro 30 – Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Feridas.

Feridas Alessandra: Acredito que o que mais é diferente são como os adultos do mangá tratam as crianças. Eles deveriam cuidar delas e não fazem. O pai do Keiko é um monstro, bate na criança. A professora da escola e os avós fingem não saber de nada. Ninguém liga pras crianças. Cristina: Sim, a Alessandra tem razão. Mas, uma conduta que eu não esperava era dos meninos, mesmo com tudo o que ocorreu com eles pensarem em assassinato e suicídio. É bem pesado pensar que crianças possam ter vontade de fazer isso. Maria: Sim, né? A Alessandra e a Cristina tem razão, né? Família, né? E escola não protegem os meninos, né? E tem o assassinato e o suicídio, né? Alessandra: Bem lembrado Cristina... Quantas crianças sofrem de depressão e não sabemos e depois acontece uma tragédia. Quantas crianças sofrem maus tratos e querem matar os pais... Ótimas reflexões nos mangás.... Marcos: Muito triste esse mangá que fala de suicídio e assassinato... As crianças precisam ser protegidas e não deixadas de lado... Precisam ser ouvidas... Todas as pessoas precisam ser ouvidas.. João: Tudo estranho, né? Suicídio e assassinato não são coisas certas, é?

Fonte: a pesquisadora.

Alessandra começa as discussões, primeiramente, enfatizando as atitudes omissas dos adultos em relação as condições de maus tratos vivenciadas pelas crianças: *“Acredito que o que mais é diferente são como os adultos do mangá tratam as crianças. Eles deveriam cuidar delas e não fazem. O pai do Keiko é um monstro, bate na criança. A professora da escola e os avós fingem não saber de nada”*. O papel social atribuído pela idosa aos adultos da história recai a considerar a constituição do sujeito dialógico pelo viés dos princípios éticos e morais que balizam as relações humanas. Bakhktin/Volochínov (2014a) explicitam que toda a construção de sentido encontra-se permeada por relações de poder que delimitam o que é esperado dos papéis sociais assumidos pelo indivíduo ao longo da sua trajetória de vida. O papel social constitui-se como um ponto de referência, que gera no eu expectativas em como o outro irá se portar permeado por um contexto social. Portanto, tudo que foge ao predeterminado, aos estereótipos aceitos causa nos sujeitos estranhamento. Os pais, a professora e os avós são figuras de autoridades que quando ligadas às crianças possuem um aporte de lhes proporcionar proteção, carinho e cuidado. Alessandra marca que no mangá, esse cuidado é negligenciado.

Cristina por sua vez, além de concordar com os fatos apresentados por Alessandra, complementa relatando a questão das crianças apresentarem

comportamento não esperado para a idade: “ *Sim, a Alessandra tem razão. Mas, uma conduta que eu não esperava era dos meninos, mesmo com tudo o que ocorreu com eles pensarem em assassinato e suicídio. É bem pesado pensar que crianças possam ter vontade de fazer isso*”. Cristina responde afirmativamente as colocações de Alessandra, como também aproveita para discutir o comportamento dos protagonistas da história. Acreditamos que a idosa ao valorar as crianças o faça a partir do horizonte social de associá-las a pureza e a inocência. Quando trabalhamos o mangá chamamos a atenção para os sentimentos das pessoas, em como cada uma se sente e como merece ser ouvida e acolhida. O mangá apresenta a voz das crianças em um atmosfera de violência e maus tratos que gera o aparecimento da morte em seu aspecto não natural. Fato que leva os idosos a pensarem sobre a importância do desenvolvimento de ambientes de diálogo, os quais todos possam expressar o seu juízo de valor sem qualquer discriminação. Também foram levados a refletir sobre como cada um de nós reage de maneira distinta às narrativas dos mangás lidos. Pois, enquanto sujeito dialógicos cada pessoa traz consigo um conhecimento de mundo que é partilhado no momento em que utiliza a língua(gem).

Maria responde as colocações tanto de Cristina quanto de Alessandra reforçando seus julgamentos: “ *Sim, né? A Alessandra e a Cristina tem razão, né? Família, né? E escola não protegem os meninos, né? E tem o assassinato e o suicídio, né?*”. Marcos e João também manifestam as suas valorações, tendo por base os juízos de valor apresentados por Cristina, Alessandra e Maria: “ *Marcos: Muito triste esse mangá que fala de suicídio e assassinato... As crianças precisam ser protegidas e não deixadas de lado; João: “Tudo estranho, né? Suicídio e assassinato não são coisas certas, né?”*”. Marcos ainda ressalta que todas as pessoas precisam ser ouvidas: “[...] *Todas as pessoas precisam ser ouvidas..*”.

Cada idoso baseia-se em sua concepção de mundo para poder traçar escolhas de condutas que lhe são estranhas, ou não. Os pontos de divergência explorados pelos idosos recaem a pensarmos que a constituição sujeito dialógico bakhtiniano baliza-se por questões éticas constituídas pelo ponto de interseção entre os fatores externos (leis, família, estado, religião etc) que exercem pressão na singularidade do eu. Os mecanismos ideológicos servem de pilar para que cada pessoa internalize os padrões de conduta e de pensamento aceitos. Ressaltamos que este aceitar pode ser total, parcial, ou mesmo o eu pode rejeitar os valores validados socialmente, a fim de por

meio dos mecanismos linguísticos-discursivos e emotivo-volitivos possa exercer a sua responsividade/responsabilidade a cada escolha, a cada posicionamento que emite. Feridas abre espaço para que os idosos sejam confrontados com a morte em seu vés não natural, aflorando como que cada idoso assume os papéis sociais de pais, mães, avós, relatando por meio das suas falas os juízos de valor que emitiram sobre os fatores idelógicos apresentados no mangá.

A seguir trazemos as discussões das falas, dos comentários dos idosos a respeito do mangá *Dawn*.

Quadro 31 – Comparativo das condutas das personagens e visões de mundo dos idosos no mangá Dawn.

Dwan Alessandra: A cada página lida é um susto ((risos))... Danw promete... ((risos))... Bem, Célia, estava pensando na minha resposta. Poderia falar na conduta de Nagasawa, fiz uma cola com o nome das personagens pra não esquecer ((risos))... Pensei... Pensei e decidi que é o próprio Nagasawa... Como ele se transforma... Como ele mata... Como ele finge não se lembrar.... Muito confuso e denso de ler! Cristina: Interessante a análise da Alessandra. Gostei. Mas o que me incomoda é o que percebi para além. Lembra da pesquisa que fiz sobre vampiros e psicopatas. Nós temos vampiros até hoje e que não são aqueles que chupam sangue. Mas sugam a nossa alma, energia. Acabei de ler o livro da Ana Beatriz. Ela é psicóloga e fez muitas pesquisas. Precisamos trabalhar com “Mentes perigosas”. Fala do perfil do psicopata: frio, calculista, disimulado, mentiroso e sedutor. Essas pessoas não têm consciência. Maria: Não sei o que pensar, né? Parece tudo fora do lugar no mangá, né? João: Tem que ter família e religião, né? Se não as pessoas... Vão se perdê, né? Marcos: Não sei, Célia estou com pensamento confuso. Não consigo responder. Posso tomar água? Professora: Claro. Marcos fique à vontade. Alessandra: O Marcos acordou hoje indisposto, não lembrava mais de alguns amigos que nos visitaram, ontem....

Fonte: a pesquisadora.

Dawn, nos instiga a pensar quem está certo? O que é correto? Será que podemos utilizar certo e errado para classificar as condutas de uma personagem tão atípica quanto Nagasawa? Essas questões foram abordadas com os idosos e diante desse panorama distópico realizaram as suas ponderações. A distopia no mangá acontece, porque a personagem principal após ser mordido por um rato comete assassinatos e não se lembra do que fez.

Alessandra inicia as avaliações em uma tonalidade humorística: “A cada

página lida é um susto ((risos))... Danw promete... ((risos))...”. As palavras “susto e promete” utilizadas pela idosa antecipam a atmosfera de suspense do mangá. Na sequência Alessandra relata a conduta de Nagasawa ressaltando o que para ela é diferente: “ [...] *Pensei... Pensei e decidi que é o próprio Nagasawa... Como ele se transforma... Como ele mata... Como ele finge não se lembrar....*”. A idosa utiliza a palavra “finge”, a fim de caracterizar que para ela a transformação da conduta da personagem é consciente. Alessandra ainda enfatiza que durante a leitura achou a história “confusa e densa”: “ [...] *Muito confuso e denso de ler!*”.

Cristina responde as colocações observadas por Alessandra: “*Interessante a análise da Alessandra. Gostei*”. Contudo, a idosa extrapola a questão geradora, uma vez que evidência as suas interpretações sobre o comportamento do protagonista da história: “ [...] *Mas o que me incomoda é o que percebi para além. Lembra da pesquisa que fiz sobre vampiros e psicopatas. Nós temos vampiros até hoje e que não são aqueles que chupam sangue. Mas sugam a nossa alma, energia. Acabei de ler o livro da Ana Beatriz. Ela é psicóloga e fez muitas pesquisas. Precisamos trabalhar com “Mentes perigosas”. Fala do perfil do psicopata: frio, calculista, disimulado, mentiroso e sedutor. Essas pessoas não têm consciência*”. O percurso da construção do sentido para Cristina encontra-se nos aspectos emotivos-volitivos que a psiquê da personagem lhe despertou ao ler a história. Ao realizar a comparação com o vampiro e com o psicopata, a idosa coloca em patamar de similitude os traços peculiares apresentados na conduta de Nagasawa com os expressos nesses esteriótipos (vampiro e psicopata). Quando tece ponderações sobre o vampiro, o faz a partir de uma visão que alude ao vampirismo emocional: “*Nós temos vampiros até hoje e que não são aqueles que chupam sangue. Mas sugam a nossa alma, energia*”. A idosa ainda se apropria da voz do outro uma psicóloga para poder descrever a personalidade de Nagasawa comparando-a a um psicopata: “ [...] *frio, calculista, disimulado, mentiroso e sedutor. Essas pessoas não têm consciência*”. Cristina cita também o livro “*Mentes Perigosas*” para legitimar os juízos de valor que realiza sobre o teor ideológico presente no mangá. Cristina excede o que está explícito no mangá durante as suas colocações, uma vez que suas associações emotivo-volitivas apresentam sua interpretação singular da narrativa.

Maria diante dos fatos ideológicos apresentados na narrativa expressa uma valoração de que a ideologia vinculada em *Dawn* não está em conformidade com os

padrões aceitos e legitimados por ela: *“Não sei o que pensar, né? Parece tudo fora do lugar no mangá, né?”*. A idosa utiliza a expressão “Parece tudo fora do lugar” para designar as inquietações que o enredo lhe provocou. Bakhtin (2011) salienta que a produção verbal do sujeito constitui-se em um processo de assimilação da palavra dos outros (instituições, amigos, filmes, mangás etc) que no decorrer da nossa existência nos legitimam enquanto pessoa pertencente a um tempo-espço de uma geração, de um nicho social, de um gênero, de uma raça etc.

João delimita as suas inquietações, tendo por bases os pilares da família e da religião: *“Tem que ter família e religião, né? Se não as pessoas... Vão se perdê, né?”*. O idoso assim como os demais participantes da pesquisa compõe a sua fala a partir das palavras do outro. As instituições demarcadas pelo idoso (família e religião) representam um universo ideológico que orienta as percepções dos sujeitos sobre os assuntos que povoam a vida em sociedade, á medida em que interferem dialogicamente em como agimos e pensamos. As situações do mangá servem de gatilho para ativar a memória social dos idosos para que estes possam expor seus juízos de valor sobre os assuntos debatidos. Marcos, por sua vez, está indisposto e não comenta sobre a questão geradora.

Encerradas as discussões, apresentamos a próxima questão geradora, que discorre a respeito dos conceitos envelhecimento, sexualidade e morte apresentados, nos mangás lidos, e como estes divergem ou convergem das visões de mundo dos idosos.

Os assuntos ideológicos abordados (envelhecimento, sexualidade e morte etc) representam visões de mundo sobre as realidades verossímeis narradas nas histórias. Como essas visões de mundo da sociedade japonesa divergem ou convergem em relação as visões de mundo ocidentais para o mesmo fato abordado? Ou ainda, como essas categorizações assemelham-se ou divergem das suas crenças e valores sociais?

Essa questão possui o intuito de desenvolver nos idosos o confronto entre os temas – envelhecimento, sexualidade e morte - vistos sob a ótica das ideologias expostas nos mangás lidos durante o curso de leitura e os juízos de valor que o grupo

da pesquisa já apresenta. Essa comparativa possibilitou a imersão dos idosos em uma dijunção entre a realidade expressa nos mangás e as verdades que esses sujeitos já trazem enraizadas em suas maneiras de pensar e de agir. Nessa questão geradora os alunos fizeram apontamentos gerais e não estão especificados por temas da pesquisa.

Quadro 32 – Discussão sobre os temas envelhecimento, sexualidade e morte durante a leitura dos mangás

Cristina: Célia, acredito que o primeiro que nos chama a atenção são como os temas são discutidos nos mangás. Não é usual pra gente falar de morte, envelhecimento, e principalmente sexualidade. Lembra que logo que você perguntou no início do curso sobre as características dos mangás, que eu respondi a função pedagógica. Então, esses temas são representados pra gente pensar sobre eles, refletir em distintas situações. São mangás importados e com traduções adaptadas. Percebi isso lendo a capa. Eles fogem daquelas historinhas de aventura (Dragon Ball, Naruto) comum que os adolescentes ocidentais estão acostumados a ler. Deveria ser feito uma iniciativa, nas escolas, pra trabalhar com os esses mangás para uma promoção de uma educação efetiva que prepare os alunos para viver, não somente envelhecer, casar, ter filhos e morrer. Sabe, ser engajado. Mas, duvido que a escola esteja preparada para falar com propriedade sobre essas temáticas.

Alessandra: Conheci os mangás pelos netos e, agora, me aprofundi na leitura de mangás. Bem diferentes daqueles que eu imaginava ler. Gostei muito! Pelo menos eu pensava que as histórias dos mangás, como posso dizer, por serem de uma sociedade japonesa que não iriam trabalhar, dessa maneira, com os temas que a Celia apresentou pra gente. Vou tentar explicar. Sempre achei a sociedade japonesa, na minha visão gente, uma sociedade fechada e que esses temas fossem bem mais fechados. Eu aprendi tanto com as aulas de leitura que estou muito contente em participar. Célia, a maneira como as histórias são contadas, os personagens, o cenário. Tudo que aprendemos em ler imagem como você sempre diz. Esses temas nos fizeram pensar. São apresentados de forma bem diferente do que estamos acostumados. Pensar uma sociedade sem família e igreja, a sexualidade de Loveless. São bem diferentes mesmo. Eles falam de tabus! E na minha opinião não estamos acostumados a falar sobre isso. Ainda mais a nossa geração! Ah, o mangá é uma novidade para o idoso. Nos precisamos de novidade para alimentar o nosso cérebro.

Maria: Esses mangás, né? Diferentes dos temas, né? De antigamente, né? Não tinha nada disso, né? Falavam, né? Da cultura, né? Em como deveríamos nos comportar, né? Li um de como a mulher se comportava no casamento, né? Não tinha essas temas, né? Fiquei curiosa, né? Por isso fui pras aulas, né?

Marcos: Não sei... Somos o que somos... Sempre foi tabu.

João: Diferente, né? Mangá... virô, né? Massa, né? Não lia... Esse tal de temas, né? Como diz, né? Não é o mesmo mangá, né?

Fonte: a pesquisadora.

Nesta questão geradora, os alunos ficaram livres para realizarem as discussões, de uma maneira geral, sem que abordássemos os temas de maneira específica. Acreditamos que essa organização facilitou para que cada idoso pudesse expressar o seu juízo de valor em relação aos mangás lidos, bem como ao curso de leitura.

Cristina começa seu relato evidenciando a originalidade dos mangás ao abordarem as temáticas da tese: *“Célia, acredito que o primeiro que nos chama a*

atenção são como os temas são discutidos nos mangás. Não é usual pra gente falar de morte, envelhecimento, e principalmente sexualidade”. Cristina resgata também a função pedagógica dos mangás apresentada por ela, na primeira parte das entrevistas semiestruturadas: “[...] Lembra que logo que você perguntou no início do curso sobre as características dos mangás, que eu respondi a função pedagógica”. E a partir desse fato, a idosa recupera cronotopicamente a diferença entre os mangás lidos em sua infância e os atuais, como também frisa que as revistas lidas no curso diferem das histórias de aventuras popularizadas entre os adolescentes: “ [...] São mangás importados e com traduções adaptadas. Percebi isso lendo a capa. Eles fogem daquelas historinhas de aventura (Dragon Ball, Naruto) comum que os adolescentes ocidentais estão acostumados a ler”.

Cristina ainda valoriza a questão de um ponto de vista acadêmico, utilizando a sua posição social de professora, a fim de refletir sobre o potencial didático-pedagógico dessas narrativas: “[...] Deveria ser feito uma iniciativa, nas escolas, para trabalhar com os esses mangás para uma promoção de uma educação efetiva que prepare os alunos para viver, não somente envelhecer, casar, ter filhos e morrer. Sabe, ser engajado. Mas, duvido que a escola esteja preparada para falar com propriedade sobre essas temáticas”. As reflexões de Cristina partem de um posicionamento intelectualizado, uma vez que o universo da academia fica registrado em suas colocações, na escolha lexical, bem como na utilização dos mangás como instrumento pedagógico. Mesmo aposentada como ela disse, em outros momentos do curso, não deixou de ser professora, de ser uma idosa moderna. Cristina marca que os temas envelhecimento, sexualidade e morte encontram-se presentes nas narrativas dos mangás e que cabe a escola propiciar discussões sobre estas temáticas para que possa promover o desenvolvimento de uma educação que prepare os alunos para a vida em sociedade. Outro ponto que nos chama a atenção refere-se a colocação que a idosa realiza: “[...] Mas, duvido que a escola esteja preparada para falar com propriedade sobre essas temáticas”. Cristina ressalta que mesmo, nos dias atuais, a escola ainda possui paradigmas em relação aos conteúdos que circulam na esfera acadêmica. Percebemos que a idosa não delimita a sua fala quanto ao solicitado pela pergunta geradora, haja vista que tece ponderações sobre como os mangás e os temas trabalhados no curso deveriam ser utilizados nas escolas.

Alessandra responde à pergunta geradora final dessa parte, realizando uma

retrospectiva, contrapondo as suas expectativas iniciais com o processo que vivenciou durante o curso de leitura dos mangás: *“Conheci os mangás pelos netos e agora me aprofundei na leitura de mangás. Bem diferentes daqueles que eu imaginava ler. Gostei muito! Pelo menos eu pensava que as histórias dos mangás, como posso dizer, por serem de uma sociedade japonesa que não iriam trabalhar, dessa maneira, com os temas que a Celia apresentou pra gente. Vou tentar explicar. Sempre achei a sociedade japonesa, na minha visão gente, uma sociedade fechada e que esses temas fossem bem mais fechados”*. Alessandra em sua fala retoma a questão de que foi apresentada ao mangá pelos netos, os outros que lhe proporcionam visibilidade sobre este objeto exótico. Diante desse primeiro contato, Alessandra ressalta a sua expectativa de como seria realizada a tratativa dos temas da tese. A idosa atrela uma visão de mundo conservadora diante da sociedade japonesa que foi sendo modificada ao longo da leitura das histórias dos mangás.

O rompimento com o seu juízo de valor a respeito das temáticas trabalhadas acontece quando a idosa começa a ter contato com as histórias dos mangás: *“[...] Esses temas nos fizeram pensar. São apresentados de forma bem diferente do que estamos acostumados. Pensar uma sociedade sem família e igreja, a sexualidade de Loveless. São bem diferentes mesmo. Eles falam de tabus!”*. A idosa cita explicitamente o mangá Loveless, ressaltando a temática da sexualidade como um dos pontos mais peculiares trabalhados. Alessandra ao utilizar a expressão (*“Pensar uma sociedade sem família e igreja”*) delimita que em alguns mangás notou que não havia o fio condutor destas instituições para delimitar a maneira de pensar e de agir das personagens. Percebemos também que a idosa utiliza essa expressão como parâmetros de emissão de juízo de valor em relação aos temas discutidos. Alessandra expressa a inovação dos mangás ao trabalhar com os temáticas consideradas tabus sociais. Para a idosa o mangá constitui-se em uma novidade necessária para a sua geração, haja vista que lhe permite pensar e discutir sobre assuntos não usuais: *“[...] Ah, o mangá é uma novidade para o idoso. Nos precisamos de novidade para alimentar o nosso cérebro”*.

Maria assim como Alessandra realiza uma retrospectiva. Entretanto, a faz a partir da sua visão de mundo de descendente de japonês que ao final do curso compara os mangás lidos com os da sua juventude: *“Esses mangás, né? Diferentes dos temas, né? De antigamente, né? Não tinha nada disso, né? Falavam, né? Da cultura, né? Em como deveríamos nos comportar, né? Li um de como a mulher se comportava no*

casamento, né? Não tinha essas temas, né?”. O cronotopo serve de aporte valorativo que caracteriza as ideologias aceitáveis de uma época, e consequentemente marca a movência das maneiras de pensar e de agir que são refletidas e refratadas socialmente. Maria ainda menciona a questão da curiosidade como um aporte motivacional para frequentar o curso de leitura: “[...] *Fiquei curiosa, né? Por isso fui pras aulas, né?*”.

João, outro descendente de japonês, também marca o cronotopo como mecanismo comparativo entre o mangá lido no curso e o lido na infância: “*Diferente, né? Mangá... virô, né? Massa, né? Não lia... Esse tal de temas, né? Como diz, né? Não é o mesmo mangá, né?*”. O idoso marca em sua fala que o cronotopo atua no sentido de transformação, uma vez que houve atualização das histórias dos mangás às necessidades da sociedade. O cronotopo bakhtiniano é responsivo, uma vez que carrega as ideologias da sociedade em uma determinada época, podendo ser resgatado, transformado, e ainda atualizado, conforme o momento específico social.

Marcos descreve que a leitura dos mangás serviu para (re)afirmar as suas convicções de que os temas envelhecimento, sexualidade e morte ainda são tabus para a sociedade atual: “*Não sei somos o que somos... Sempre foi tabu*”. A passagem do cronotopo para Marcos evidencia a não movência da tratativa dos temas abordados socialmente. O idoso utiliza a palavra “sempre” como reforçador do valor de tabu.

As discussões sobre as temáticas nos mangás lidos, nos mostraram que os idosos, de uma maneira geral, estão solícitos a abertura de novas experiências dialógicas proporcionadas pelas narrativas das histórias.

Maria é mais flexível a aceitação das novas visões sobre os temas exibidos nos mangás. João, por sua vez, apresenta resistência em tratar os assuntos, já que prefere ratificar os juízo de valor enraizados por ele. Percebemos que apesar deste fato o idoso, em alguns momentos do curso, move o seu juízo de valor sobre os temas apresentados, seja na própria (re)organização das suas convicções, seja em uma leve inclinação a aderir a um pensamento, ou mesmo a uma ação distinta da sua. Cristina constitui-se em uma idosa engajada socialmente e que manifesta as suas opiniões, sendo aberta a experimentar novas formas de pensar e de agir. Alessandra e Marcos se posicionaram de uma maneira a ampliar a sua visão de mundo a respeito dos temas trabalhados no curso.

Ao finalizar a análise desse segundo momento das entrevistas semiestruturadas, sentimos a necessidade de evidenciar de uma maneira geral os posicionamentos

ideológicos, axiológicos e cronotópicos que os idosos assumiram no decorrer do desenvolvimento das atividades. Resgatamos também a maneira como os temas foram apresentados ao grupo, tendo o pano de fundo as histórias dos mangás.

Sentimos esta demanda devido as peculiaridades dos temas e a diversidade das visões ideológicas abordadas durante as leituras das revistas de mangás. O compilado, abaixo, explicita temas e subtemas e estabelece um recorte sobre os juízos de valor emitidos pelos idosos no decorrer das leituras das revistas. Iniciamos as discussões pelas temáticas, e posteriormente, apresentamos uma tabela discriminando a essência da visão dos idosos sobre os temas, envelhecimento, sexualidade e morte, realizada durante o curso de leitura. Ratificamos também que os idosos sempre foram incentivados a participarem das discussões e que quando não quiseram manifestar as suas opiniões estes momentos foram respeitados e acolhidos. O curso de leitura teve o objetivo de promover um ambiente sadio para debater temas não usuais, e dessa maneira, fosse um espaço que priorizasse o respeito aos distintos juízos de valor apresentados pelos idosos.

A temática envelhecimento foi abordada nos subtemas: ausência do idoso enquanto fator representativo de um nicho social; ausência de envelhecimento pela eterna juventude, tendo por base a realização de experimentos científicos; questões da beleza na terceira idade; preconceitos sobre o processo de envelhecimento. Percebemos que sobre algumas questões os idosos não emitiram juízo de valor explícito, já que preferiram debater pontos específicos relacionados a temática.

A temática sexualidade foi abordada, tendo os seguintes parâmetros: homossexualidade, bissexualidade e diferenças sexuais em relação ao gênero (papel dos homens e das mulheres); relação sexual entre máquina e humanos, com a finalidade de suprir carências afetivas. A pedofilia apareceu nas discussões do mangá *Loveless*, trazida por Cristina. A sexualidade foi uma das temáticas mais difíceis de serem trabalhadas, haja vista as concepções tradicionais enraizadas sobre este assunto, que o vinculam aos pilares da religião e do casamento.

A temática morte foi abordada, tendo em vista os seguintes assuntos: assassinato; suicídio; ausência da morte (eterna juventude). Na questão do suicídio promovemos debates para a valorização dos sentimentos, das expressões e da busca por ajuda quando não nos sentimos bem. Debatesmos ainda sobre a valorização da vida e do respeito aos diferentes estágios do desenvolvimento humano, sendo um dos pilares

a velhice. Esse tema sempre esteve atrelado com a temática do envelhecimento, haja vista as discussões promovidas pelos idosos. Deixamos os alunos à vontade para emitirem seus juízos de valor.

É importante frisar que promovemos um ambiente de respeito ao silêncio, à diversidade de opiniões e à pessoa do idoso. Deixamos claro que toda a participação seria válida e que se eles quisessem não se manifestar não haveria problema. Dessa maneira as palavras liberdade, equidade e respeito foram tomadas não somente em seu significado simbólico, mas em ações que permitessem que os idosos se sentissem acolhidos durante o curso.

O quadro síntese desta unidade apresenta uma visão geral de cada sujeito em relação aos seus posicionamentos ideológicos, axiológicos e cronotópicos assumidos durante as discussões dos temas da tese. As valorações evidenciadas, abaixo, refletem a nossa interpretação da fala dos idosos, tendo por base o esmiuçar do juízo de valor que emitiram durante o curso de leitura.

Quadro 33 – Síntese das percepções dos sujeitos idosos em relação as temáticas – envelhecimento, sexualidade e morte – durante a leitura dos mangás.

Participantes da Pesquisa	Contato com as visões ideológicas sobre a morte	Contato com as visões ideológicas sobre o envelhecimento	Contato com as visões ideológicas sobre sexualidade
Maria	- Possui dificuldade ao posicionar-se diante dessa temática no que se refere aos subtemas – assassinato e suicídio. - Prefere esquivar-se da temática relatando outros pormenores da narrativa. Entretanto quando este assunto é levantado por um outro participante da pesquisa mostra-se solicita em relação a abordagem valorativa que concebe a morte como um processo natural da vida; - Parte de uma perspectiva contrária a uma sociedade sem idosos, no que se refere a longevidade eterna (ausência da morte e do envelhecimento). O estranhamento que apresenta naturaliza o envelhecimento e a morte.	- Internaliza as modificações em relação a pensar o envelhecimento, não somente, em seu aspecto negativo e começa a tecer uma valoração da velhice enquanto representação social natural; - Concorda com as versões apresentadas pelos outros participantes da pesquisa, confirmando um posicionamento contrário a ausência da velhice.	- Apresenta uma visão de mundo romantizada em relação a esse tema; - Mostra visão flexível as formas de homossexualidade e bissexualidade, apesar de considerá-las um fator estranho diante de sua concepção; - Identifica as bases do casamento e da religião para tecer as suas ponderações sobre essa temática.
João	- Sente-se desconforto com a ausência da morte pela eterna juventude; - Incomoda-se ao pensar na morte; - Reflete no fundo uma negação à velhice, na medida em que o aluno expressa com um tom leve e descontraído que lhe atrai a ideia de não envelhecer e consequentemente não morrer; - Expressa contradição nos posicionamentos que assume ao longo do curso.	- Possui um posicionamento irônico em relação a não existência de idosos, ou de qualquer modificação na estrutura física dessa faixa etária; - Vislumbra com ironia a possibilidade de não envelhecimento e consequentemente da inexistência da morte pela eterna juventude; - Expressa contradição nos posicionamentos que assume ao longo do curso.	Resistente em relação as formas de sexualidade que não seja representativa do padrão de normalidade imposta pelas instituições (família e religião).

• Cristina	• Posiciona-se de uma maneira reflexiva problematizando o assunto, abordando de maneira academicista devido a seu papel social de professora; • Levanta os tabus de morte por suicídio e assassinato; • Reflexiona de maneira a como a morte é ideologicamente apresentada nos mangás.	• Posiciona-se de uma maneira reflexiva problematizando o assunto, abordando de maneira academicista devido a seu papel social de professora; • Resgata o aspecto de envelhecimento enquanto mecanismo natural do processo de existencial humano; • Posiciona-se em uma vertente de valorização do sujeito idoso; • Direciona seu olhar a problematização da visão do idoso nos mangás.	• Posiciona-se de uma maneira reflexiva problematizando o assunto, abordando de maneira academicista devido a seu papel social de professora; • Evidencia a diferença de gêneros nas questões sexuais; • Solicita o uso dos mangás em sala de aula, enquanto objeto didático, no que se refere a prevenção da pedofilia e esclarecimento sexual; • Visão de liberação de uma sexualidade sem os padrões religiosos e familiares. • Apresenta flexibilidade quanto as formas de homossexualidade e bissexualidade e liberação sexual.
• Marcos	• Flexível ao debate dessa temática em seu subtemas; • Naturaliza esse processo, ao mesmo tempo em que também é flexível a inexistência da morte pelos desenvolvimentos científicos relacionados à longevidade.	• Envelhecimento é visto tanto como um processo negativo quanto positivo; • As ideologias dos mangás acabaram propiciando uma reflexão sobre o próprio processo de envelhecimento.	• Não apresenta qualquer tipo de resistência a apresentação das diferentes formas de sexualidade.
• Alessandra	• Considera a morte em uma perspectiva religiosa; • Parte de princípio natural a existência; • Posiciona-se contrária a ausência da morte.	• Encara o envelhecimento como um processo mediado entre suas expectativas e as dos outros; • Naturaliza o processo de envelhecer, à medida em que a idosa interpreta as ideologias presentes nos mangás lidos;	• Flexibilidade de pensamento em relação às outras formas de sexualidade; • Adapta a discussão dessa temática em distintas perspectivas;

	• Posiciona-se flexível ao tratar dos subtemas relacionados a essa temática.	• Possui a consciência de que o envelhecimento é um artefato socialmente construído, e portanto, implica em um processo inevitável à vida humana.	• Apresenta nas discussões a sexualidade pelo viés do idoso.
--	--	---	--

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima apresenta a visão geral dos posicionamentos assumidos pelos idosos durante a realização do curso de leitura. É possível observar a sistematização das nuances da movência das visões de mundo apresentadas pelos participantes da pesquisa, haja vista o confronto com as novas visões de mundo abordadas pelas histórias dos mangás lidos. Os idosos mais flexíveis as modificações são Maria, Alessandra e Marcos. João e Cristina já apresentam estruturas valorativas próprias ao realizarem o curso e cada um se (res)significa de maneira distinta. Cristina possui posicionamentos abertos e flexíveis as discussão não usuais trazidas pelas histórias dos mangás. João, por sua vez, ratifica seus posicionamentos, ao mesmo tempo em que apresenta valorações contraditórias sobre as temáticas. Acreditamos que o enredo dos mangás lidos mexe com o idoso no sentido de lhe proporcionar, não somente o contato com visões de mundo diferente das suas, uma vez que conduz João a refletir e emitir juízo de valor sobre elas.

Os idosos em contato com os temas envelhecimento, sexualidade e morte, no enredo das histórias, puderam tanto ratificar seus juízos de valor quanto modificá-los total ou parcialmente, conforme sentissem a necessidade de absorção ou não das novas estruturas ideológicas apresentadas. O simples fato de estarem abertos a participarem do curso de leitura, a discutirem os temas, e mesmo em alguns momentos a silenciarem-se diante de alguns questionamentos, significa uma abertura dos sujeitos em relação a saírem do seu patamar de conforto e experimentarem as novidades trazidas pelos mangás. Convém ressaltar que as temáticas envelhecimento e morte foram atreladas conjuntamente pelos idosos ao emitirem juízo de valor, ou seja ao falar da ausência de envelhecimento relacionavam com a ausência de morte. Percebemos que todos valorizaram o processo de envelhecer como uma etapa natural, assim como a morte. Maria e João, por exemplo, antes da leitura dos mangás, preferiam não pensar na morte e durante o curso foram convidados a discutirem sobre esse assunto.

O sujeito dialógico bakhtiniano constitui-se por meio da língua(gem), sendo a sua própria condição de existência humana, uma vez que esta coloca as pessoas em contato com maneiras de pensar e de agir distintas das suas, seja em situações cotidianas (conversas, idas ao supermercado etc), seja em ambientes acadêmicos. Isso é facilmente demonstrado, quando Alessandra extrapola a temática da sexualidade e a relaciona com a visão do idoso. Estes ambientes de trocas simbólicas possibilitam a

atualização do eu. Esta atualização pode ser para reforçar os valores por ele apresentados, ou mesmo para atualizá-los. Fato que percebemos quando João emite seu juízo de valor sobre os subtemas referente a sexualidade e ainda utiliza como parâmetros as instituições familiar e religiosa. A movência encontra-se no escopo do sujeito mesmo que este ratifique posicionamentos, como no caso do João, já que o idoso entra em contato com o novo de uma maneira que (re)modele a sua visão de mundo para apreciá-lo e discutí-lo, ainda que (re)afirme suas conjecturas. Mas, precisamos refletir que mesmo esse (re)afirmar posicionamentos mexe com o eu, á medida em que ao tomar a palavra do outro, em um contexto situado a modifica, a fim de (re)passá-la de uma geração a outra, ou mesmo adaptá-la as suas necessidades. Esse repasse pode modificar o eu, ocasionando que este reveja suas convicções de uma maneira total e/ou parcial.

3.3 Momento III: o (res)significar do sujeito pós-leitura dos mangás

Esse momento caracteriza-se por uma única questão feita aos alunos após o término do curso de leitura dos mangás. Possui a finalidade de evidenciar como os alunos percebem as modificações ocorridas ou não em razão do contato com as ideologias (valores representativos) presentes nos mangás lidos, tendo por base a análise apreciativa dos temas – envelhecimento, sexualidade e morte.

As discussões ocasionadas, durante a realização do curso de mangá, sobre as temáticas (envelhecimento, sexualidade e morte etc) modificaram a sua visão particular sobre esses temas de alguma maneira? Comente.

Esta questão geradora discorre se os alunos conseguem externalizar linguisticamente e discursivamente as mudanças em seu juízo de valor a respeito dos temas de base. Nesta seção, apresentamos a discussões por temáticas para que possamos visualizar melhor os posicionamentos assumidos pelos idosos.

Quadro 34 – Discussão sobre o tema sexualidade após a leitura dos mangás.

Sexualidade

Cristina: Acredito que a leitura dos mangás possibilitou conversarmos sobre temas que, de certa maneira, são incômodos pra sociedade. Pelo menos eu percebi o quanto os mangás modernos evoluíram seja em questão de desenhos e narrativa. Me identifiquei muito com todas os temas. Acho que os cursos da Unati são diferentes dos usuais – bordado, pintura, origami, ginástica. Tem a hora do café com literatura, um curso de um professor aposentado da UEM, que fala de literatura. Discutimos as obras. Muito parecido com o seu. Eu gosto muito. Principalmente, pelo fato de que no meu tempo, eu tive que me rebelar contra todas as atitudes impositivas daquilo que era esperado que eu fizesse. Não casei, fui estudar. Não tive filhos, viajei um monte. Adoro namorar na minha idade. Não estou morta. Sou bem feliz e agradeço muito a oportunidade de participar do curso de leitura dos mangás. Hoje, faço questão de colocar os mangás como uma das minhas leituras. Falar de sexo sem se tornar vulgar ou erotizar é muito proveitoso para a evolução da nossa mente. Cito Loveless para consolidar o fator libertação, temos que falar sobre pedofilia, avisar as crianças e os adolescentes. Fazerem eles pensarem sobre homossexualidade e bissexualidade em uma visão de respeito. Falta muito isso na educação.

Alessandra: Eu não sou tão articulada quanto a Cristina, mas gostei muito de ler os mangás. O curso me surpreendeu. Saber como ler os mangás, entender os significados dos balões, dos desenhos é muito legal. Não leio da mesma maneira. Os temas que a Célia falou com a gente, também me fizeram ver eles de maneira diferente. Cada mangá trouxe as suas contribuições nas minhas percepções. Modificaram a pensar esses temas diferente do que eu estava acostumada a pensar. Não sei se o mangá me modificou tão profundamente as minhas crenças. Mas, me fez pensar nelas de uma maneira que eu não iria pensar. Isso é certo. Loveless como Cristina falou, foi primordial para isso. No começo achei, confesso Célia, bem mais, bem estranho. Depois entendi a importância da gente falar sobre esses assuntos, de não termos vergonha de falar.

Marcos: Eu não quero que o curso acabe... Aqui me sinto bem. Posso ser eu.

Professora: E as suas crenças sobre a sexualidade, se modificaram pela leitura dos mangás? Que bom que você gostou do curso! Fico muito feliz!

Marcos: Tudo que me toca é diferente agora, porque eu sou diferente.

Maria: Leitura muito boa, né? Gostei muito, né? Não sei, né? Acho que não sei, né? Fico indecisa de falar sobre a modernidade de Loveless, né? Mas acho importante, né? Discutir, né?

João: Não, né? Ler não muda ninguém, né? Imagina, né?

Fonte: a pesquisadora.

Cristina inicia a sua apreciação valorativa sobre a temática da sexualidade apresentada nos mangás, colocando primeiramente sua posição de “pessoa diferente” em relação ao padrão de conduta esperado para ela, na época de sua juventude, bem como na época atual, tomando o mangá como um reforçador para a sua concepção: *“Acredito que a leitura dos mangás possibilitou conversarmos sobre temas que de certa maneira são incômodos pra sociedade. Pelo menos eu percebi o quanto os mangás modernos evoluíram seja em questão de desenhos e narrativa. Me identifiquei muito com todas os temas”*. Cristina posiciona-se em uma atitude axiológica que implica quebrar os padrões socialmente esperados em relação a sexualidade, principalmente

no que tange ao papel atribuído a mulher: “ [...] *Principalmente, pelo fato de que no meu tempo, eu tive que me rebelar contra todas as atitudes impositivas daquilo que era esperado que eu fizesse. Não casei, fui estudar. Não tive filhos, viajei um monte. Adoro namorar na minha idade. Não estou morta.*”. O cronotopo aparece em sua fala como constituinte de uma identidade feminina que rompe com os padrões sexuais esperados, seja no passado, ou mesmo no momento atual. A escolha da palavra “rebelar”, implica resgatarmos o posicionamento de Cristina, antes da leitura dos mangás, no que tange a sexualidade. A aluna a define como controle dos corpos. No final do curso, a idosa retoma esse controle, explicitando as quebras ideológicas que teve que realizar ao longo da sua jornada enquanto pessoa e enquanto mulher. Percebemos, na fala de Cristina que o cronotopo é a marca não somente de uma tempo-espaço físico, mas ideológico que constitui-se em um fator de diálogo identitário das pessoas, já que serve de base para a construção dialógica dos sujeitos, e no caso de Cristina marca a quebra de expectativas em relação aos papéis femininos no universo da sexualidade. Como Cristina parte da visão do idoso ativo fisicamente e intelectualmente, ao apropriar-se das ideologias de *Loveless* para tornar legítima a sua assinatura sobre a importância da discussão da sexualidade, no ambiente escolar, a idosa evidencia o seu papel de pessoa engajada: “[...] *Hoje, faço questão de colocar os mangás como uma das minhas leituras. Falar de sexo sem se tornar vulgar ou erotizar é muito proveitoso para a evolução da nossa mente. Cito Loveless para consolidar o fator libertação, temos que falar sobre pedofilia, avisar as crianças e os adolescentes. Fazerem eles pensarem sobre homossexualidade e bissexualidade em uma visão de respeito. Falta muito isso na educação.*”.

Alessandra incide sobre o tema sexualidade, relatando as transformações que foram percebidas por ela com a leitura dos mangás. Não há explicitamente a marcação de uma modificação em relação a concepção desta temática, já que a aluna relata uma transformação de perspectiva, na maneira de pensar sobre os temas abordados: “[...] *Os temas que a Célia falou com a gente, também me fizeram ver eles de maneira diferente. Cada mangá trouxe as suas contribuições nas minhas percepções*”. Alessandra ainda pontua que não sabe expressar se de fato a leitura dos mangás modificou as suas crenças, mas a fez olhar e pensar diferente para as temáticas: “[...] *Não sei se o mangá me modificou tão profundamente as minhas crenças. Mas, me fez pensar nelas de uma maneira que eu não iria pensar. Isso é certo.*”. Alessandra ao

apresentar suas colocações a respeito da temática sexualidade ainda resgata as vozes ideológicas do mangá *Loveless* e da Cristina, a fim de enfatizar a importância da discussão desse assunto: “[...] *Loveless* como Cristina falou, foi primordial para isso. No começo achei, confesso Célia, bem mais, bem estranho. Depois entendi a importância da gente falar sobre esses assuntos, de não termos vergonha de falar”. Alessandra em sua valoração emotivo-volitiva de *Loveless* evidencia as nuances de sua movência em relação as suas concepções preconcebidas de sexualidade. Sua assinatura identitária reflete flexibilidade argumentativa e de pensamento ao emitir juízo de valor sobre esse tema ao longo do curso de leitura. Alessandra demonstra em sua base inicial a anulação da sexualidade seja pela velhice, seja pela maternidade. Entretanto, mesmo em situações em que a sexualidade evidenciou-se, nas narrativas dos mangás de maneira distinta da usual, como no caso da homossexualidade e bissexualidade, a idosa mostrou-se adepta á liberdade de expressão e disposta a debater o assunto.

Maria não relata explicitamente, a modificação em relação as suas concepções sobre a sexualidade depois da leitura dos mangás. A idosa somente menciona a importância da discussão da temática: “*Leitura muito boa, né? Gostei muito, né? Não sei, né? Acho que não sei, né? Fico indecisa de falar sobre a modernidade de Loveless, né? Mas acho importante, né? Discutir, né?*”. Apesar, deste momento, Maria não marcar a sua movência em relação a concepção de sexualidade, percebemos que ao longo do curso de leitura dos mangás, a idosa apresentou flexibilidade de pensamento em relação a abordar essa temática, no que se refere a pontuar a importância do respeito aos valores de mundo diferentes dos seus.

Marcos apresenta em seu relato que houve modificação das suas crenças: “*Tudo que me toca é diferente agora, porque eu sou diferente*”. Marcos, antes, durante e após o curso de leitura, sempre apresentou uma visão aberta ao debater sobre esse tema.

João demonstra que a leitura dos mangás contribuiu para reforçar as suas concepções sobre a sexualidade: “*Não, né? Ler não muda ninguém, né? Imagina, né?*”. João ao longo da trajetória de leitura dos mangás e na finalização do curso ratifica seu juízo de valor em relação a sexualidade.

O quadro abaixo disponibiliza de maneira sucinta as concepções dialógicas, axiológicas e cronotópicas dos idosos em relação a sexualidade depois do curso.

Quadro 35 – Concepções sobre a sexualidade após o curso de leitura.

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre sexualidade
Maria	- Solicita a empatizar-se com outras formas de sexualidade; - Não altera a base religiosa e familiar para tecer suas ponderações, apesar de mostrar-se flexível para ouvir e debater outras ideias, além das suas.
João	- Resistente a formas de sexualidade diferentes dos padrões usuais; - Não altera a base religiosa e familiar para tecer suas ponderações.
Cristina	- Rompe com os padrões socialmente aceitos de sexualidade, seja em relação ao esperado para os idosos, seja ao papel da mulher nos relacionamentos; - Expande a sua visão sobre a sexualidade para além do debate com os idosos e evidencia a necessidade desse tema estar presente na esfera escolar.
Marcos	Mantém a visão liberal sobre a sexualidade.
Alessandra	- Parte de bases familiares e religiosas para definição do sexo que vão se tornando, ideologicamente modificáveis pela apreensão de outras possibilidades ideológicas; - Volta-se para refletir sobre a sexualidade na terceira idade; - Solicita a formas de sexualidade não usuais.

Fonte: a pesquisadora.

A análise das falas dos idosos sistematizada, no quadro acima, no que tange à sexualidade, nos possibilita verificar que os idosos Cristina e Marcos consolidam as suas visões liberais em relação ao sexo, e a sexualidade. Para esses idosos, os mangás serviram de pilar de expansão as suas concepções.

As idosas Alessandra e Maria possuem movência relativa, na medida em que cada uma desloca de forma diferente o seu centro de base romântica, familiar e religiosa em relação ao sexo, e conseqüentemente em relação ao papel das mulheres no casamento e na sexualidade. Alessandra marca a transformação de sua concepção enquanto mulher, mãe e esposa que, também possui desejos. Antes da leitura dos mangás, Alessandra discorre que o passar do tempo influi negativamente em sua sexualidade, bem como as questões da maternidade no casamento. A aluna demonstra que as discussões sobre essa temática implicam em uma nova possibilidade de pensar

a sexualidade enquanto fator de sua individualidade e identidade. Maria apesar de apresentar flexibilidade de pensamento em relação a outras formas de sexualidade e ser solícita a outras visões de mundo sobre esse tema, tende de certa maneira a trazer em um primeiro plano a família e a religião como pilares de base. Mas, a idosa salienta também que apesar do estranhamento causado pelas formas ideológicas distintas das suas concepções, a leitura dos mangás, serviu para que ela pudesse pelo menos refletir sobre essa temática fora dos padrões habituais.

João é o idoso mais resistente, no que tange a modificar as suas concepções sobre sexualidade, haja vista que as bases familiar e religiosa encontram-se fortemente enraizadas em seu juízo de valor.

A seguir trazemos as discussões das falas dos idosos a respeito das concepções que apresentaram sobre o envelhecimento após a leitura dos mangás.

Quadro 36 – Discussão sobre o tema envelhecimento após a leitura dos mangás.

Envelhecimento

Alessandra: Vou falar por mim. Não gostava de me ver no espelho de ver que o tempo tinha passado. Acho que pensar em sociedades sem a velhice me fez ver o quanto ela é importante pra nossa sociedade. Célia, falta valorização da pessoa idosa. Os mangás nos mostraram o caos de sociedades que não valorizaram as contribuições que nós idosos trazemos. Os mangás serviram pra isso, pra eu ver a minha importância, pra eu ver que a beleza existe, que sou capaz de aprender cada dia... De me modificar... Quero o curso sobre Freud em mangás que você prometeu, heim? Já estou com saudades. Adoro meus cabelos brancos!

Maria: Eu não pensava na velhice, né? Fui pensar no curso, né? Contribui sim, né? Somos importantes, né?

Marcos: Envelhecer não é bom. Juro que fiquei tentado a ser um experimento jovem ((risos)). Mas, somos importantes...

João: Não, né? Trabalho, né? Como leitura pode mudar pessoa, né? Não muda, né?

Cristina: Eu sempre tive uma visão diferente da usual em relação ao processo de envelhecimento. O mangá serviu para reforçá-la.

Fonte: a pesquisadora.

Alessandra começa seu relato acentuando a modificação da sua percepção a respeito dessa temática, uma vez que a leitura dos mangás a fez perceber a importância da velhice tanto em um contexto pessoal quanto social: “ [...] Não gostava de me ver no espelho de ver que o tempo tinha passado. Acho que pensar em sociedades sem a velhice me fez ver o quanto ela é importante pra nossa sociedade. Célia, falta valorização da pessoa idosa. Os mangás nos mostraram o caos de sociedades que não

valorizaram as contribuições que nós idosos trazemos. Os mangás serviram pra isso, pra eu ver a minha importância, pra eu ver que a beleza existe, que sou capaz de aprender cada dia... De me modificar...”. O contato com o outro, o mangá e os participantes da pesquisa possibilitou o resgate da pessoa idosa para Alessandra, a partir da aceitação das limitações que a idade impõe, mas ao mesmo tempo fez a idosa perceber que o conceito de beleza é relativo, que o idoso precisa ser visto como um sujeito ativo dentro do seu meio social. Em um primeiro momento, Alessandra manifesta-se a partir de um tempo-espço limitante em relação a concepção de envelhecimento que foi se transformando a medida em que esteve em contato com as situações não usuais apresentadas nos mangás.

Maria marca a modificação em relação a sua experiência da velhice, no que se refere a percebê-la de maneira diferente em relação a sua concepção inicial: *“Eu não pensava na velhice, né? Fui pensar no curso, né? Contribui sim, né? Somos importantes, né?”*. Maria posicionava-se, em um primeiro momento, de maneira a valorizar os aspectos negativos do processo de envelhecimento. Com o decorrer da leitura apresentou movência para pensar a velhice, tendo escopo a sua ausência dentro das narrativas dos mangás. Este fato, segundo a aluna, propiciou para que ela tivesse uma perspectiva distinta da demonstrada inicialmente e pudesse, assim valorizar-se enquanto pessoa idosa.

Marcos em relação as tratativas dos temas expostos, no mangá, sempre apresentou empatia. Quanto a sua concepção de envelhecimento o idoso antes da leitura dos mangás apresentava-se em uma postura a evidenciar os aspectos negativos dessa etapa de vida. No pós leitura, em um tom humorístico, o idoso ainda visualiza o envelhecimento como uma etapa não tão boa: *“Envelhecer não é bom. Juro que fiquei tentado a ser um experimento jovem. Mas, somos importantes”*. Marcos apesar de considerar o envelhecimento em seu estado negativo, aspecto apresentado antes do curso de leitura dos mangás, foi desenvolvendo, ao longo do contato com as histórias, a importância social do idoso para a constituição identitária da sociedade, como também a sua importância enquanto pessoa idosa. A expressão “somos importantes” simboliza a (re)descoberta da sua imagem, da sua autoestima enquanto pessoa idosa.

João em seu relato considera que a leitura dos mangás não modifica as pessoas: *“Não, né? Trabalho, né? Como leitura pode mudar pessoa, né? Não muda, né?”*. Entretanto, na análise das suas falas, durante a leitura do curso de mangá, João

demonstra estranhamento em uma sociedade que não existe o idoso, e consequentemente é contrário a juventude eterna. Convém ressaltar que a fala do idoso, neste momento, não apresenta indicativo de mudança da sua concepção sobre envelhecimento. Entretanto, os debates durante o curso sobre essa temática nos permitiram visualizar as contradições na fala do idoso, no que tange a essa temática. A apropriação volitivo-emotiva que realiza de situações, as quais o idoso encontra-se ausente marca uma movência relativa diante do seu posicionamento inicial. O movimento-estranhamento-(re)organização-(re)validação para Bakhtin (2011) esclarece que a movência de posicionamentos dos sujeitos é vista como um dos aspectos da responsividade do eu, que precisa ser atualizada a cada contato com as formas ideológicas distintas ou não das suas concepções. A atualização consiste, não somente no seu repertório ideológico, como também nas formas de refutar, ou mesmo afirmar total e/ou parcialmente uma estrutura ideológica

Cristina parte de uma posição que o mangá serviu de reforçador para suas concepções de envelhecimento, que segundo a idosa são distintas das usuais: *“Eu sempre tive uma visão diferente da usual em relação ao processo de envelhecimento. O mangá serviu para reforçá-la”*. Cristina sempre se apresentou como um sujeito idoso dinâmico e moderno, e as ideologias dos mangás possibilitaram que ela externalizara a sua jovialidade, bem como os seus posicionamentos axiológicos de sujeito ativo fisicamente e ideologicamente.

O quadro abaixo disponibiliza de maneira sucinta as concepções ideológicas, axiológicas e cronotópicas dos idosos em relação ao envelhecimento depois do curso de leitura dos mangás.

Quadro 37 – Concepções sobre o envelhecimento após o curso de leitura.

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre o envelhecimento
• Maria	• Parte de uma visão reflexiva do idoso, tendo como parâmetro o seu reconhecimento valorativo;
• João	• Resgata a visão inicial de envelhecimento; • Não legitima de maneira positiva o envelhecimento, mas ao mesmo tempo não legitima uma sociedade sem esse processo;

	• Apresenta contradições ao posicionar-se diante de possibilidade de não envelhecer.
• Cristina	• Reforça as suas concepções de envelhecimento como um momento da vida, na qual o idoso constitui-se como um ser ativo socialmente e intelectualmente.
• Marcos	• Resgata a sua autoestima enquanto sujeito idoso, apesar de considerar o processo de envelhecimento ainda uma etapa dolorosa.
• Alessandra	• Autoaceita a imagem de si enquanto pessoa idosa pela (res)significação do processo de envelhecimento; • Volta-se para a redescoberta da beleza da terceira idade, tendo como ponto de ancoragem as narrativas dos mangás.

Fonte: a pesquisadora.

O quadro acima, nos permite visualizar a evolução das visões de mundo apresentadas pelos idosos, no que se refere à temática envelhecimento. Acreditamos que as concepções iniciais sobre esse tema encontram-se atreladas a carga ideológica negativa atribuída a essa etapa de vida pela sociedade de uma maneira geral. A mudança cronotópica é vivenciada pelos idosos seja em seus corpos físicos, seja em suas percepções emotivo-volitivas desse momento. Notamos que os idosos expressam, primeiramente, a autoimagem que possuem de si mesmos para efetuarem as suas valorações sobre o envelhecimento. Percebemos, de uma maneira geral, que todos os idosos da pesquisa em graus distintos apresentam movência em sua visão inicial sobre essa temática. Alessandra, Maria e Marcos não negam os aspectos negativos atrelados ideologicamente ao envelhecer. Entretanto, esses idosos relatam que em contato com as ideologias presentes, nas narrativas dos mangás, puderam experienciar maneiras distintas de encarar, perceber e vivenciar esse processo. A questão que mais nos chamou a atenção refere-se ao resgate da autoestima desses idosos, a identidade de sujeito idoso atrelada a compreensão e naturalização dessa etapa de vida.

Os idosos Cristina e João apresentam uma visão de envelhecimento atrelada a

fatores de continuidade da sua jovialidade e da juventude. Sabemos que ambos os idosos possuem distintos juízos de valor sobre esse fato. João atrela envelhecimento a continuidade de sua força laboral; já Cristina, por sua vez, vincula a sua concepção aos aspectos positivos: ter mais tempo para disfrutar os momentos de lazer. O curso de leitura dos mangás provoca em Cristina continuar pensando o envelhecimento como um momento natural da vida humana e que precisa ser disfrutado. João mesmo negando, que o contato com as ideologias presentes nos mangás lidos, o modificou estranha as sociedades que não apresentam idosos em sua caracterização. Inclusive apresenta contradições na maneira que emite seu juízo de valor sobre os assuntos abordados sobre envelhecimento durante o curso de leitura. Aspecto que nos possibilita perceber uma movência relativa do idoso.

A seguir trazemos as discussões das falas dos idosos a respeito das concepções que apresentaram sobre a morte após a leitura dos mangás

Quadro 38 – Discussão sobre o tema morte após a leitura dos mangás.

Morte Alessandra: Vou abrir as discussões novamente ((risos)). Fiquei pensando na possibilidade apresentada nos mangás de não morrer. Não queria isso. Já pensou que tédio tudo sempre igual. Não iria suportar. No suicídio, algo tão difícil. Nunca tinha parado pra pensar nisso. No mangá discutimos muito sobre a morte em vários assuntos que não foram fáceis... Na velhice se acentuam todas as tendências... Se você prestar atenção é assim que funciona... A pessoa que tem uma docilidade e encara a doença como uma forma de se purificar. Ela não fica assim agressiva. Agora se a pessoa que é mais egoísta e as vezes, ela vê o outro saudável e ela vai ficando doente, ela se deixa levar pela inveja ... Aí ela fica espinhosa e quer estragar a vida da pessoa saudável. As vezes a pessoa fica mau humorada, porque a dor deixa ela mau humorada. Não é todo mundo que fica doente, assim. Tem gente que aceita a doença. Maria: Não gosto de pensar na morte, né? Comecei a refletir, né? No curso, né? João: Não, né? Vivo presente, né? Marcos: Eu queria não morrer. Viver para sempre. Cristina: Gente, acho que a morte, nos mangás, vai muito além de morrer ou de viver. É um aspecto bastante difícil de ser falado. Como já disse: não estamos acostumados a falar sobre esse tema. Mas, o mangá serviu para refletirmos sobre a possibilidade de não morrer, e assim sermos eternos. Na morte em questões de assassinato e suicídio que envolvem crianças. Para mim, modificou a possibilidade de falar sobre esse assunto. Acho muito proveitoso para o nosso crescimento enquanto pessoa, falar sobre a morte.

Fonte: a pesquisadora.

Alessandra inicia as discussões ressaltando que a leitura dos mangás possibilitou pensar em subtemas relacionados a morte que normalmente não faria: “[...] Fiquei pensando na possibilidade apresentada nos mangás de não morrer. Não

queria isso. Já pensou que tédio tudo sempre igual. Não iria suportar. No suicídio, algo tão difícil. Nunca tinha parado pra pensar nisso. No mangá discutimos muito sobre a morte em vários assuntos que não foram fáceis.” Pensar em uma sociedade que não existe a morte, e/ou mesmo refletir sobre a morte em uma perspectiva não usual tocam a base volitiva-emotiva da idosa a externalizar sentimentos e emoções oriundos do contato com as ideologias dos mangás e com as visões de mundo dos participantes da pesquisa. Em sua visão inicial, Alessandra manifesta bases ideológicas ligadas a religião e que a morte está mais próxima das pessoas idosas. O contato com as ideologias dos mangás possibilitou Alessandra afirmar-se enquanto sujeito idoso e pensar na morte fora dos critérios que a consideram como um fim inevitável ao envelhecer. A leitura abriu a possibilidade para idosa encarar a morte como um processo natural da vida. Alessandra ainda em sua fala atrela morte a doença, deixando a sua opinião sobre esse fato: “ [...] ... *Na velhice se acentuam todas as tendências... Se você prestar atenção é assim que funciona...A pessoa que tem uma docilidade e encara a doença como uma forma de se purificar. Ela não fica assim agressiva. Agora se a pessoa que é mais egoísta e as vezes, ela vê o outro saudável e ela vai ficando doente, ela se deixa levar pela inveja... Aí ela fica espinhosa e quer estragar a vida da pessoa saudável.*” Podemos perceber que Alessandra em sua fala utiliza a tríade envelhecimento-morte-doença para relatar a maneira como o envelhecimento pode ou não acentuar as características psicológicas das pessoas quando estas ficam em contato com a possibilidade da morte pela doença. A idosa ainda ressalta que é na velhice que há a acentuação da personalidade, ainda mais quando os indivíduos encontram-se enfermos.

João e Maria preferem não falar, em um primeiro momento, abertamente sobre a morte. Ao longo da leitura dos mangás, tiveram que discutir essa temática nos subtemas – assassinato, suicídio, e ausência da morte. Maria, nesta seção, afirma que os mangás possibilitaram pensar na temática morte como uma maneira de refletir sobre as formas de pensar e de agir distintas das suas, contribuindo para que pudesse perceber a importância do papel do idoso no que se refere a construção da sua identidade: “*Não gosto de pensar na morte, né? Comecei a refletir, né? No curso, né?*”. João, por sua vez, esclarece que o mangá não modificou a sua visão sobre essa temática: “*Não, né? Vivo presente, né?*”. Convém ressaltar que durante o curso de leitura, quando houve as discussões sobre a temática morte, o aluno manifestou pensamento flexível, no que

se refere a refletir sobre o processo do não envelhecimento, e consequentemente em uma perspectiva de ausência da morte. Acreditamos que a resistência de João ao afirmar seus posicionamentos iniciais (viver o presente e não pensar na morte) faça parte do processo de construção dialógica do eu, visto que para Bakhtin/Volochínov (2014a) toda nova estrutura apreendida pelo sujeito precisa primeiro causar um ponto de ruptura e/ou convergência com as estruturas anteriores. As ideologias presentes, em nosso entorno social seja imediato ou não, acabam por propiciar ao sujeito dialógico decidir se vai observá-las ou rejeitá-las, e ainda em como vai aderir aos novos preceitos que lhe são apresentados. Escolher faz parte da construção dialógica do eu.

Marcos, no início da pesquisa, apresenta uma visão pessimista em relação ao tema morte, com as discussões dos mangás acreditamos que ainda considere difícil a tratativa desta questão. Entretanto, o contato com as ideologias presentes nas histórias lhe possibilitou externalizar suas concepções emotivo-volitivas sobre esse assunto. Em sua fala o idoso deixa explícito o duelo existencial entre vida e morte: *“Eu queria não morrer. Viver para sempre”*. Se compararmos com as outras seções da pesquisa, acreditamos que Marcos ainda apresenta os preconceitos iniciais em relação a morte, pois se posiciona favorável, no que se refere às questões da juventude eterna verificadas nas narrativas dos mangás. Também percebemos que em relação a sua fala, antes da leitura dos mangás, Marcos apresenta a morte como um mecanismo de escapismo da sua dor de ser idoso. Nesta última etapa da pesquisa, Marcos desloca morte-dor, para a relação não-morte-eternidade. O deslocamento da valoração do conceito de morte pode ser visto como um mecanismo de internalização das novas maneira de pensar e de agir sobre essa temática, à medida em que o idoso (re)modela seu horizonte social por meio das interpretações, das seleções de conteúdos e as (re)organiza, em conformidade com a sua necessidade comunicacional.

Cristina evidencia o reforço positivos dos mangás em relação a sua concepção inicial de morte, no que se refere a considerá-la muito além do dilema (vida e morte): *“Gente, acho que a morte nos mangás vai muito além de morrer ou de viver. É um aspecto bastante difícil de ser falado. Como já disse: não estamos acostumados a falar sobre esse tema”*. A idosa acredita que as ideologias presentes nos mangás serviram de suporte emotivo-volitivo para que a partir das discussões sobre esse tema possibilitassem que tanto ela quanto os outros participantes da pesquisa pudessem

refletir e expressar as suas concepções: “[...] *Para mim, modificou a possibilidade de falar sobre esse assunto. Acho muito proveitoso para o nosso crescimento enquanto pessoa, falar sobre a morte*”. A modificação expressa por Cristina marca a possibilidade de discutir abertamente sobre essa temática.

O quadro abaixo disponibiliza de maneira sucinta as concepções ideológicas e axiológicas dos idosos em relação a morte depois do curso.

Quadro 39 – Concepções sobre a morte após o curso de leitura.

Participantes da Pesquisa	Visões de mundo apresentadas sobre morte
Maria	Parte de uma visão reflexiva do idoso, sobre a morte estando aberta a falar sobre o assunto. Esse fato não era verificado em sua concepção inicial.
João	- Resgata a visão inicial de morte atrelada a sua negação pela tríade morte-trabalho-juventude; - Desloca a sua concepção da morte, a medida que avança a leitura dos mangás, no que tange a emitir juízo de valor contraditório a longevidade eterna, e possível ausência da morte.
Cristina	Aprimora o seu juízo de valor sobre a importância da discussão da morte, tendo como ponto de ancoragem a leitura dos mangás.
Marcos	- Resgata a visão de morte como algo sombrio, com fundo pessimista; - Começa a internalizar a morte como um processo natural.
Alessandra	Reflexiona sobre a morte como um processo natural.

Fonte: a pesquisadora.

As reflexões conseguidas por meio das discussões da temática morte possibilitaram a todos os idosos recapacitarem de maneira distintas as suas concepções, na medida em que o contato com as ideologias dos mangás lidos e o contato com as ideologias dos participantes da pesquisa foi sendo estabelecido. As visões a respeito da morte sempre encontraram-se atreladas as concepções de envelhecimento. Portanto, percebemos que à medida em que os idosos aceitavam a sua identidade de sujeito idoso, houve a modificação da concepção sobre a morte.

Considerações Finais

O curso de leitura dos mangás ofertado, na UNATI-UEM, entre os anos de 2015 e 2016, nos possibilitou verificar a movência ou não dos sujeitos idosos, tendo como parâmetro o sujeito dialógico bakhtiniano. Tivemos um grupo de cinco idosos, os quais nomeamos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa: Alessandra, Cristina, Maria, João e Marcos.

Os idosos quando em contato com as ideologias presentes nos mangás lidos, bem como com os outros participantes da pesquisa e com a professora puderam experienciar de maneira distinta do habitual as temáticas envelhecimento, sexualidade e morte. Os mangás, enquanto objeto ideológico exótico, permitiram que trabalhássemos estes temas, levando os idosos a (res)significarem as suas concepções ideológicas, axiológicas e cronotópicas sobre os temas abordados. Salientamos que durante o curso consideramos os momentos individuais de cada participante da pesquisa e desenvolvemos uma atmosfera de acolhimento e de respeito as diferentes opiniões manifestadas por eles.

Para que pudéssemos analisar os sujeitos idosos, tendo como escopo a língua(gem), utilizamos as entrevistas semiestruturadas e o curso de leitura de mangás, em três momentos distintos. O primeiro momento é marcado pela externalização da visão inicial dos idosos antes da leitura dos mangás sobre os temas da tese. O segundo momento aconteceu, durante a realização do curso de leitura dos mangás, e nos serviu para operacionalizar a verificação da movência total, parcial e/ou não movência dos idosos. O terceiro momento desenvolvido, após o curso de leitura, contribuiu para que os idosos pudessem confrontar a sua visão inicial sobre os temas discutidos e externalizassem as suas valorações a respeito de como (re)modelaram ou não os seus juízos de valor.

Ao abordarmos a temática envelhecimento os idosos apresentam-se solícitos, de uma maneira geral, a manifestarem seus juízos de valor. A grande maioria utilizou como parâmetro inicial a bagagem ideológica advinda da sua visão de mundo do envelhecimento, tendo por escopo o levantamento de aspectos negativos sobre essa etapa. As alterações em seus posicionamentos aconteceram por meio do contato com o outro o mangá e os participantes da pesquisa. Ressaltamos que a movência é percebida em diferentes níveis de apropriação dos valores do outro nas falas dos idosos.

Os dois sujeitos idosos em que observamos menor movência são Cristina e João.

A temática sexualidade foi uma das mais difíceis de ser trabalhadas devido aos idosos representarem uma geração, a qual sexo não é assunto de discussão. O mangá enquanto o outro bakhtiniano serviu de base conceitual, tendo como escopo dois princípios: 1) o primeiro sucinta estranhamento e de não usualidade em falar sobre o assunto; 2) o segundo parte da sexualidade como um proponente de rupturas ideológicas em relação ao conceito tradicional por proporcionar contato com outras concepções, tais como a homossexualidade e a bissexualidade. Dos cinco idosos participantes da pesquisa, percebemos a movência de quatro em relação a considerar outras formas ideológicas para a categorização da sexualidade. Um dos idosos, o João (re)afirma seu posicionamento, tendo reforçado as bases ideológicas tradicionais expressas em sua valoração.

Em relação à temática morte, ressaltamos que a discussão sobre este assunto foi um dos mais emotivos, uma vez que o posicionamento inicial apresentado pelos idosos considera a morte como o fim, especialmente para a terceira idade. O contato com os outros da pesquisa (mangá, participantes) possibilitou que percebêssemos a movência de todos os idosos em relação a esse tema. As discussões sobre a morte impactaram inclusive na percepção a respeito do envelhecimento, contribuindo para o desenvolvimento da valorização do sujeito idoso, enquanto ser percipiente e ativo em seu meio social

Quanto à reconfiguração do sujeito dialógico pelo viés do cronotopo, as análises das falas dos idosos evidenciaram a utilização deste mecanismo tempo-espço como um delimitador das ideologias personificadas em estruturas valorativas enraizadas na concepção e na definição das temáticas discutidas durante o curso. O cronotopo envolve-se na base exotópica da constituição do sujeito, à medida em que resgata os esquemas dialógicos aceitos total e/ou parcialmente pelos idosos e demonstra quais são rejeitados. O tempo-espço incide, portanto, diretamente na apreciação e na organização dos aspectos axiológicos, possibilitando legitimação identitária.

Por fim acreditamos que nosso trabalho aponta para o desenvolvimento de futuras pesquisas que envolvam os sujeitos idosos, bem como o cronotopo como constituinte do sujeito dialógico bakhtiniano.

Referências

ARANHA, V. C. *A representação social do envelhecimento e os determinantes afetivo-emocionais: semelhanças e conflitos entre idosos e não idosos usuários do HCFMUSP*. Dissertação Mestrado em Psicologia, Faculdade de Saúde Pública a Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebalai*. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. */Volochínov. Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014a.

_____. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014b.

_____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

_____. *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

BATEMAN, J. A. *Multimodality and Genre: a foundation for the systematic analysis of multimodal documents*. New York: PALAGRAVE USA, 2011.

BRAIT, B. *Interação, gênero e estilo*. IN: PRETI (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: HUMANITAS, 2002.

_____. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. IN: BRAIT (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

_____. *Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana*. IN: BRAIT (org.). *Bakhtin conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2017.

Brasil. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências* [texto na Internet]. Brasília; 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm, acesso em: 24 jul.2015.

_____. Lei 10.741 Estatuto do Idoso. 2003 out 1. Pub DO 1(1), [Out 3 2003]. Brasília; 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm, acesso em: 24 jul.2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. 448 p

BAZZA, A. B. *Subjetivação no discurso do idoso em contexto de estudos na unati- uem'* 19/02/2016 134 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE – UEM

BAZERMAN, C. Teoria da ação letrada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CACHIONI, M. *Quem educa o idoso: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Alínea, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CLAMP. *Chobits*. São Paulo: JBC, 2015.

CLOT, Y. Psicologia. IN: BRAIT, B. Bakhtin outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. IN: BRAIT, B. Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. Campina (SP). Editora UNICAMP, 2013.

DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. The SAGE handbook of qualitative research. London: Sage, 2011.

FINATO, M. S. S. *A universidade aberta a terceira idade e as redes de apoio afetivo e social do idoso*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático (pp.64-89). Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI M. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. 8ª ed. São Paulo: Cortez; 1988.

GERGEN, M. & GERGEN, K. *Qualitative inquiry: Tensions and transformations*. Em N. Denzin & Y.S. Lincoln (orgs.), *Handbook of qualitative research* (p. 1025-1046). London: Sage Publications Inc, 2000.

GRAVETT, P. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, set. 2010. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2018.
- HAGUETTE, T.M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HALLIDAY, M.A.K; MATHIESSEN, C. *Halliday's introduction a functional grammar*. New York: Arnold-USA, 2013.
- HOSSNE, WS; VIEIRA S. *Experimentação com seres humanos: aspectos éticos*. In: Segre M, Cohen C (org.) *Bioética*. São Paulo, EDUSP. 1997. p.127-146.
- KIYOHARA, H. *Feridas*. São Paulo: JBC, 2015.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11 ed. Campinas: Pontes, 2013.
- KOUGA, Y. *Loveless*. São Paulo: New Pop, 2014.
- KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. New York: Arnold, 2010.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LUYTEN, S. B. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Hedra, 2001.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. IN: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARINS, L. C. *MULTILETRAMENTOS E (RE)INCLUSÃO SOCIAL: CONVERGÊNCIAS ENTRE O CÂNONE SHAKESPEARIANO E A TELENÓVELA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR DA TERCEIRA IDADE VIA TRADUÇÃO*. 27/01/2014 169 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE
- MINAYO, M.C. *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. IN: MINAYO, M.C. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001 p.03-31.
- MOLINÉ, A. *O grande livro dos mangás*. São Paulo: JBC, 2004.
- MORAGAS, RM. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas; 1997.
- MORSONI, G. S. *O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski*. IN: BEMONG,

Nele (org.). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo: Parabola Editorial, 2015.p.118-140.

PALMA, L. T. S. *Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida*. Passo Fundo: UPF, 2000.

PASCUAL, C. P. *A sexualidade do idoso vista com novo olhar*. São Paulo: Loyola, 2002.

POLLA, D. *Objetivação e subjetivação do sujeito idoso pelas lentes da mídia contemporânea'* 11/10/2013 1101 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL DA UEM

PRETI, D. *A Linguagem dos Idosos*. São Paulo, Contexto, 1991.

RAMA, A. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004

REY, G. *Pesquisa qualitativa em psicologia*. Caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

RIBEIRO, E. A. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p. 129-148, maio de 2008.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSE, M. V. F. P. de.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

SAKURAI, A. *Made in Heaven*. São Paulo: New Pop, 2012.

SANTOS, S. R. et al.. *Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da Escala de Flanagan*. Revista Latino-americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, v. 10, n. 6, p. 757-764, 2002.

SHIRODAIRA, K; SANO, A; SAIZAKI, R. *Zetsuen no Tempest (Tempestade)*. São Paulo: JBC, 2015.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

_____. A concepção do sujeito. In: SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p.47-59.

_____. Estética da criação verbal. IN: BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e*

polifonia da linguagem. São Paulo: Contexto, 2015. p.167-187.

_____. Ato/Atividade e evento. IN: BRAIT, B. *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2017. p.11-36.

_____. A filosofia primeira de bakhtin: roteiro de leitura comentado. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

TAAM, R. *A educação do idoso: Uma questão contemporânea*. IN: Altoé, A. (org.). *Temas de educação contemporânea*. Cascavel/Paraná: Edunioeste, 2008, p. 45-56.

_____. *A educação não formal do Idoso em universidades da Terceira Idade e Centros de convivência*. In: Park, M. B., Groppo, L.A. (org.). *Educação e Velhice*. Holambra/SP: Setembro, 2009, p.39-49.

_____. *A UNATI na RENAD: A inclusão das Universidades Abertas à Terceira Idade na Rede Nacional de Atenção ao Direito do idoso*. Cadernos de Pesquisa Pensamentos Educacional, da Universidade Tuiuti, 2012 [no prelo].

TOGASHI, Y. *LevelE*. São Paulo: JBC, 2013.

TRIVINOS, A.N.S. *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UEDA, S. *Dawn*. Mirandópolis – SP: Editora Sampa, 2004.

VALSECCHI, I. M. *Práticas discursivas de objetivação/subjetivação do/sobre o idoso na internet*. 29/08/2019 97 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE – UEM

VELLAS P. *As oportunidades da Terceira Idade*. Tradução de Claudio Stieljes e Regina Taam. Maringá (PR): Eduem, 2009.

VYGOSTKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.